



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN**

**DANIEL ALVARES LOURENÇO**

**TIPOGRAFIA PARA LIVRO DE LITERATURA INFANTIL:**  
Desenvolvimento de um guia com recomendações tipográficas para designers

**CURITIBA**  
**2011**

**DANIEL ALVARES LOURENÇO**

**TIPOGRAFIA PARA LIVRO DE LITERATURA INFANTIL:**

Desenvolvimento de um guia com recomendações tipográficas para designers

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal do Paraná, desenvolvido pelo mestrando Daniel Alvares Lourenço, sob orientação do Prof. Dr. Antonio Martiniano Fontoura.

**CURITIBA  
2011**

Catálogo na publicação  
Sirlei do Rocio Gdulla – CRB 9ª/985  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Lourenço, Daniel Alvares

Tipografia para livro de literatura infantil: desenvolvimento de um guia com recomendações tipográficas para designers/  
Daniel Alvares Lourenço. – Curitiba, 2011.  
284 f.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Martiniano Fontoura  
Dissertação (Mestrado em Design) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Literatura infanto-juvenil - Impressão - Leitura. 2. Literatura infanto-juvenil - Projeto gráfico (Tipografia). I. Título.

CDD 745.2



Universidade Federal do Paraná  
Setor de Ciências Humanas Letras e Artes  
Departamento de Design  
Programa de Pós Graduação em Design | PPGDesign

## TERMO DE APROVAÇÃO

**Daniel Alvares Lourenço**

Tipografia para livro de literatura infantil: desenvolvimento de guia com recomendações tipográficas para designers

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre em Design, no Programa de Pós-Graduação em Design, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Profª. Dra. Solange Galvão Coutinho  
Universidade Federal de Pernambuco  
Examinadora externa

Profª. Dra. Laís Cristina Licheski  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Examinadora convidada

Profª. Dra. Carla Galvão Spinillo  
Universidade Federal do Paraná  
Examinadora interna

Prof. Dr. Antônio Martiniano Fontoura  
Universidade Federal do Paraná  
Presidente e examinador interno

Curitiba, 25 de março de 2011.

Profª. Dra. Carla Galvão Spinillo  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação  
em Design | UFPR

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço aos professores da Universidade Federal do Paraná que de alguma forma influenciaram nas minhas decisões durante o mestrado.

Um agradecimento especial a professora Carla Spinillo que desde o começo me ajudou e teve paciência para sentar comigo e me aconselhar e que esta participando da minha defesa. Ao professor Marconi que reforçou minha idéia para fazer o que eu estava com vontade e a professora Maristela que de algum modo me mostrou como é apaixonante dar aula e fazer pesquisa.

Agradeço ao meu orientador Fontoura. Também faço aqui um agradecimento especial à professora Laís Licheski que participou de minha qualificação e da minha defesa e a professora Solange Coutinho que se dispôs a vir de tão longe (Recife) para participar da minha banca de mestrado.

Agradeço meus pais, meu irmão, meus cachorros, Pingo e Melão, aos meus tios, primos, avós desencarnados e a minha avó ainda viva.

Agradeço aos meus amigos de mestrado e de recreação Rafael, Reinaldo e Silmara. Ao Gerson por estar sempre de bom humor na secretária e nos acalmar. A salinha de recreação do mestrado com computadores de brinquedo.

Agradeço ao Marcus, Edson, Lili, Tássia, Terezinha, Renata, Noam, Christy, Larissa, Carol, Pai Maneco, Preto Velho e Romeu.

Agradeço à minha paciência por aguentar sentadinho lendo muitas e muitas coisas para escrever esta dissertação.

Agradeço o pessoal da Revista Crescer e do lobby do Sítio do Pica Pau Amarelo.

Agradeço a Bolsa auxílio de Mestrado da Araucária que me ajudou muito para fazer o mestrado.

Agradeço a Luciana Facchini e ao Daniel Bueno, que se dispuseram a responder ao meu questionário.

Agradeço a comida do R.U., que conseguiu me manter em forma e a simpatia das “tias da comida”.

Agradeço a todos que participaram do experimento!

Muito obrigado a todos que de algum modo me ajudaram!

Ser criança,  
é poder viver a infância.  
Ser criança,  
é ter direito a uma moradia de qualidade,  
para que elas possam crescer com dignidade.  
Ser criança,  
é ter direito a um saudável alimento,  
para que elas possam ter um bom crescimento.  
Ser criança,  
é ter direito a uma boa educação,  
para um dia ser um bom cidadão.  
Ser criança,  
é viver em harmonia com os pais,  
para que elas possam viver em paz.  
Ser criança,  
é poder ser feliz,  
porque elas são o futuro do nosso país.

**Patrícia Dayanne**

## RESUMO

LOURENÇO, Daniel. TIPOGRAFIA PARA LIVRO DE LITERATURA INFANTIL: Desenvolvimento de um guia com recomendações tipográficas para designers. CURITIBA, 2011. Dissertação (Mestrado em Design de Sistemas de Informação) – Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.

Esta pesquisa tem como prioridade desenvolver um guia com recomendações tipográficas sobre as necessidades das crianças em início de aprendizagem da leitura, considerando os aspectos da legibilidade. Este foi construído para auxiliar designers que atuam na área de editoração do livro de literatura infantil. O problema da pesquisa se centra na criação do guia e se este pode servir de auxílio para a diagramação e escolha tipográfica dos livros. Em relação à parte metodológica, foi realizado um experimento para validação do guia, com designers. Consistiu na realização de uma tarefa: primeiramente, diagramaram uma página de um livro infantil, e, logo após fizeram a leitura do guia para realizarem a diagramação da mesma página. Ainda responderam um questionário com perguntas mistas, onde apontaram aspectos referentes ao guia. Com o experimento realizado, chegou-se a conclusão de que o guia realmente facilitou os designers na diagramação e na escolha tipográfica para os livros voltados para as crianças, além do que se trata de um material de apoio e inovador tanto para pesquisadores quanto para designers do mercado editorial.

**Palavras-chave:** Legibilidade. Livro de literatura infantil. Leitura.

## **ABSTRACT**

LOURENÇO, Daniel. *TYPOGRAPHIC FOR CHILDREN'S BOOKS: Development of a guide with typographical recommendations for designers*. CURITIBA, 2011. Dissertação (Mestrado em Design de Sistemas de Informação) – Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.

*This research priority is the development of a guide with typographical recommendations about the needs of children in early learning of reading, considering the aspects of legibility. This was built to help designers working in the field of children's book publishing. The research problem focused on the creation of the guide and if it can serve as an aid to choose typography and the diagramming of books. In relation to the methodological part, an experiment was conducted with designers to validate the proposed guide. This experiment was consisted of a task: first, designers were requested to diagram a page of a children's book, and later (soon) after read the guide, they were requested to diagram the same page. In addition answered a questionnaire with mixed questions where indicated aspects related to the guide were presented. With the experiment it was possible to conclude that guide facilitated designers in diagramming and choose typeface for books geared to children. Besides the guide constitute a support and innovative material for researchers and designers of the publishing industry.*

**Key-words:** *Legibility. Children book. Reading.*

## LISTA DE TABELAS

|  |          |
|--|----------|
| Tabela 01: Produção e Vendas do Setor Editorial no ano de 2006.....                            | pág.60   |
| Tabela 02: Parâmetros tipográficos para livros infantis, recomendados por BURT, 1959.<br>..... | pág. 106 |

## LISTA DE QUADROS

|  |          |
|--|----------|
| Quadro 01: Síntese das pesquisas em relação ao uso das serifas.....  | pág. 105 |
| Quadro 02: Diferencial Semântico utilizado no questionário dos participantes.....                                | pág. 194 |
| Quadro 03: Diferencial Semântico utilizado no questionário dos participantes.....                                | pág. 196 |
| Quadro 04: Diferencial Semântico utilizado no questionário dos participantes. ....                               | pág. 197 |
| Quadro 05: Quadro com a síntese das características tipográficas utilizadas pelos participantes do Grupo 1. .... | pág.206  |
| Quadro 06: Quadro com a síntese das características tipográficas utilizadas pelos participantes do Grupo 2. .... | pág. 206 |
| Quadro 07: Diferencial semântico da pergunta 3 do participante 3. ....   | pág.212  |
| Quadro 08: Diferencial semântico da pergunta 4 do participante 3. ....   | pág.214  |
| Quadro 09: Diferencial semântico da pergunta 6 do participante 3. ....   | pág.214  |
| Quadro 10: Diferencial semântico da pergunta 3 do participante 8. ....   | pág.223  |
| Quadro 11: Diferencial semântico da pergunta 4 do participante 8. ....   | pág.224  |
| Quadro 12: Diferencial semântico da pergunta 6 do participante 8. ....   | pág.225  |

## LISTA DE FIGURAS

|   |         |
|---|---------|
| Figura 01: Desenho esquemático da delimitação do tema. ....   | pág. 25 |
| Figura 02: Desenho esquemático da metodologia do projeto de pesquisa. ....  | pág. 27 |
| Figura 03: Mapa mental da dissertação.....  | pág. 32 |
| Figura 04: Desenho esquemático sobre as diferenças culturais entre os adultos e as crianças. ....   | pág. 36 |
| Figura 05: do livro “Um Garoto chamado Rorbeto”, escrito por Gabriel Pensador e ilustrado por Daniel Bueno. Exemplo do hibridismo entre imagem e texto..... | pág. 37 |
| Figura 06: Gustav Dore. Contos da Mamãe Gansa.....  | pág. 39 |
| Figura 08: Jonathan Swift. Viagens de Gulliver.....   | pág. 39 |
| Figura 09: Batle of the Boyn.....   | pág. 40 |
| Figura 10: Irmãos Grimm. “A Bela Adormecida”.....   | pág. 40 |
| Figura 11: John Tenniel. Alice no país das Maravilhas.....  | pág. 41 |
| Figura 12: Poesias Infantis.....  | pág. 42 |
| Figura 13: Monteiro Lobato. Narizinho Arrebitado.....   | pág. 43 |
| Figura 14: Ana Maria Machado. Bisa Bisa Bel.....  | pág. 43 |
| Figura 15: Beatrix Potter. The Peter Rabbit.....  | pág. 44 |
| Figura 16: E.H. Shepard. Ursinho Pooh.....  | pág. 44 |
| Figura 17: Eva Furnari. A Bruxinha Atrapalhada.....   | pág. 45 |
| Figura 18: Graça Lima. Cadê.....  | pág. 45 |
| Figura 19: Nelson Cruz. O Caso do Saci.....   | pág. 46 |
| Figura 20: Roger Mello. A Flor do lado de lá.....   | pág. 46 |
| Figura 21: Desenho esquemático do relacionamento entre o livro de literatura infantil, professor e a criança.....   | pág. 51 |
| Figura 22: Desenho esquemático do interesse das crianças pelo livro literário infantil.....   | pág. 53 |
| Figura 23: Livro para crianças muito pequenas.....  | pág. 55 |
| Figura 24: Desenho esquemático sobre a composição editorial.....  | pág. 56 |
| Figura 25: Aspectos de criação do livro de literatura infantil.....   | pág. 57 |
| Figura 26: Diagrama sobre a produção de livros literários no Brasil.....  | pág. 61 |
| Figura 27: Mapa mental sobre a seção 2 da pesquisa.....   | pág. 64 |
| Figura 28: Desenho esquemático sobre a história social da leitura.....  | pág. 68 |
| Figura 29: Esquema do processo de leitura.....  | pág. 69 |
| Figura 30: Esquema do processo de leitura e suas implicações.....   | pág. 72 |

|  |          |
|--|----------|
| Figura 31: Esquema do processo da percepção da leitura.....  | pág. 75  |
| Figura 32: Esquema do processo da leitura no ensino.....   | pág. 78  |
| Figura 33: Mapa mental da seção 3 dessa pesquisa.....  | pág. 81  |
| Figura 34: Desenho esquemático para desenvolvimento da seção 4 desta pesquisa.....   | pág. 82  |
| Figura 35: Imagem representativa de entreletras (pequeno, normal e grande).....  | pág. 86  |
| Figura 36: Imagem representativa de entrelinha.....  | pág. 86  |
| Figura 37: Imagem representativa de entrepalavras (pequeno, normal e grande).....  | pág. 87  |
| Figura 38: Imagem representativa das diferenças entre a legibilidade e a leiturabilidade.....                                  | pág. 89  |
| Figura 39: Diferença entre o a e o g “adulto” (primeiro) e o a e o g “infantil” (segundo).....                                 | pág. 91  |
| Figura 40: Modificações dos caracteres infantis nas tipografias.....   | pág. 92  |
| Figura 41: Diferenças que as crianças visualizam em relação ao “a”.....  | pág. 92  |
| Figura 42: Exemplo da tipografia <i>Avant Garde Gothic</i> , e como não existe uma boa diferenciação entre as letras.....      | pág. 93  |
| Figura 43: Imagem ilustrativa de alguns exemplos de serifas. Estas foram desenvolvidas por Aldo Novarese, 1956.....            | pág. 94  |
| Figura 44: Exemplo da fonte criada por William Caslon IV em 1816.....  | pág. 95  |
| Figura 45: Fonte tipográfica <i>Frutiger Std e Helvética Std</i> .....   | pág. 95  |
| Figura 46: Exemplo de espelhamento.....  | pág. 98  |
| Figura 47: Exemplo de similaridade.....  | pág. 98  |
| Figura 48: Exemplo de imprecisão.....  | pág. 99  |
| Figura 49: Família Tipográfica <i>Sassoon Primary Infant</i> .....   | pág. 100 |
| Figura 50: <i>Times Roman e Times itálico</i> .....  | pág. 100 |
| Figura 51: <i>Helvética</i> .....  | pág. 101 |
| Figura 52: Imagem do uso da tipografia nos quatro formatos no livro “ <i>Sheepless Night</i> ”.....                            | pág. 101 |
| Figura 53: Imagem das características tipográficas relacionadas à altura-x, ascendentes e descendentes.....                    | pág. 102 |
| Figura 54: Imagem da tipografia com serifa, <i>Century</i> e da tipografia sem serifa, <i>Gill Sans</i> .....                  | pág. 102 |
| Figura 55: Uma comparação entre as três famílias tipográficas sem serifa que são utilizadas nos primeiros anos de leitura..... | pág. 103 |
| Figura 56: Mau exemplo de quebra de linha.....   | pág. 108 |
| Figura 57: Mau exemplo de comprimento de linha.....  | pág. 108 |
| Figura 58: Exemplo sobre um bom comprimento de linha.....  | pág. 109 |

|  |          |
|--|----------|
| Figura 59: Exemplo sobre um bom comprimento de linha.....  | pág. 109 |
| Figura 60: Separação lógica das palavras.....  | pág. 110 |
| Figura 61: Texto para crianças no final do terceiro ano escolar.....   | pág. 110 |
| Figura 62: Exemplo de ascendentes e descendentes.....  | pág. 112 |
| Figura 63: Exemplo de proporções.....  | pág. 112 |
| Figura 64: Fonte tipográfica <i>Escolar Portugal</i> .....   | pág. 113 |
| Figura 65: Fonte tipográfica <i>Escolar Brasil</i> .....   | pág. 113 |
| Figura 66: Exemplo das formas arredondadas da fonte <i>Escolar Portugal</i> .....                                  | pág. 113 |
| Figura 67: Exemplo da ascendente e descendente da fonte <i>Escolar Portugal</i> .....                              | pág. 114 |
| Figura 68: Fabula. Exemplo da tipografia <i>Fabula</i> .....   | pág. 114 |
| Figura 69: Desenho esquemático que representa a parte manuscrita da tipografia <i>Sassoon Primary Infant</i> ..... | pág. 116 |
| Figura 70: Desenho esquemático que representa a “exit stroke”.....   | pág. 116 |
| Figura 71: Desenho do a da tipografia <i>Sassoon</i> .....   | pág. 117 |
| Figura 72: Exemplo das junções da fonte <i>Escolar Portugal</i> .....  | pág. 117 |
| Figura 73: Exemplo dos ritmos regulares da fonte <i>Escolar Portugal</i> .....                                     | pág. 118 |
| Figura 74: Fonte tipográfica <i>Tcl Cotona</i> , desenvolvida no Chile.....  | pág. 118 |
| Figura 75: Junção dos caracteres da Fonte tipográfica <i>Tcl Cotona</i> , desenvolvida no Chile.....               | pág. 119 |
| Figura 76: Tipografia <i>Grafito</i> .....   | pág. 119 |
| Figura 77: Exemplo das ligaduras da Tipografia <i>Grafito</i> .....  | pág. 120 |
| Figura 78: Exemplo dos espaços entreletras utilizados na pesquisa de Walker.....                                   | pág. 122 |
| Figura 79: Exemplo dos espaços entrepalavras utilizados na pesquisa de Walker, em 2005.....                        | pág. 123 |
| Figura 80: Exemplo dos espaços entrelinhas utilizados na pesquisa de Walker, em 2005.....                          | pág. 124 |
| Figura 81: Exemplo de bom espaço entreletras, entrepalavras e entrelinhas.....                                     | pág. 125 |
| Figura 82: Desenho esquemático sobre diagramação infantil.....   | pág. 127 |
| Figura 83: Desenhos sobre diagramação infantil.....  | pág. 127 |
| Figura 84: Desenhos sobre diagramação infantil.....  | pág. 128 |
| Figura 85: Parágrafo rimado do livro <i>Um Garoto Chamado Rorbeto</i> .....  | pág. 130 |
| Figura 86: Página do livro <i>Eram 3</i> do autor Guto Lins.....   | pág. 130 |
| Figura 87: Linha de base ou linha de x.....  | pág. 132 |
| Figura 88: Exemplo de linhas desalinhadas.....   | pág. 132 |
| Figura 89: Exemplo de linhas arco-íris.....  | pág. 133 |
| Figura 90: Exemplo de linhas de extensão oscilante.....  | pág. 133 |
| Figura 91: Exemplo de linhas mistas.....   | pág. 134 |

|  |          |
|--|----------|
| Figura 92: Exemplo de linhas icônicas.....   | pág. 134 |
| Figura 93: Exemplo de linhas em perspectiva.....   | pág. 135 |
| Figura 94: Exemplo de linhas mostruário.....   | pág. 135 |
| Figura 95: Exemplo de linhas invertidas.....   | pág. 136 |
| Figura 96: Mapa mental relacionado à seção 4 da pesquisa.....  | pág. 139 |
| Figura 97: Capa da primeira versão do guia tipográfico.....  | pág. 141 |
| Figura 98: Exemplo das páginas da primeira versão do guia.....   | pág. 142 |
| Figura 99: Exemplo dos robôs utilizados para a composição do guia tipográfico.....   | pág. 143 |
| Figura 100: Exemplo de imagem utilizada no guia com recomendações tipográficas.....  | pág. 144 |
| Figura 101: Exemplo de imagem utilizada no guia com recomendações tipográficas.....  | pág. 144 |
| Figura 102: Texto antes do aperfeiçoamento do guia.....  | pág. 154 |
| Figura 103: Texto depois do aperfeiçoamento do guia.....   | pág. 155 |
| Figura 104: Página introduzida no guia.....  | pág. 156 |
| Figura 105: A figura do topo é como o texto se apresentava antes da correção do guia. E a de baixo é depois das correções.....             | pág. 157 |
| Figura 106: A figura demonstra as diferenças entre legibilidade e leiturabilidade....  | pág. 158 |
| Figura 107: A figura demonstra as diferenças entre o antes e o depois sobre o uso de serifas.....  | pág. 159 |
| Figura 108: A figura demonstra as diferenças entre o antes e o depois sobre aspectos da diagramação.....                                   | pág. 160 |
| Figura 109: Página introdutória da análise dos livros infantis.....  | pág. 161 |
| Figura 110: Capa do livro “Lampião e Lancelote”.....   | pág. 162 |
| Figura 111: Ilustração do livro “Lampião e Lancelote”.....   | pág. 163 |
| Figura 112: Exemplo do uso da tipografia no livro “Lampião e Lancelote”.....   | pág. 163 |
| Figura 113: Exemplo de ascendentes e descendentes no livro “Lampião e Lancelote”.....  | pág. 164 |
| Figura 114: Exemplo dos espaçamentos no livro “Lampião e Lancelote”.....   | pág. 165 |
| Figura 115: Outro exemplo do uso da tipografia no livro “Lampião e Lancelote”.....   | pág. 165 |
| Figura 116: Capa do livro “Um Garoto chamado Rorbeto” de Gabriel O Pensador.....   | pág. 166 |
| Figura 117: Composição de página do livro “Um Garoto chamado Rorbeto” de Gabriel O Pensador.....   | pág. 167 |
| Figura 118: Tamanho dos ascendentes e descendentes da tipografia utilizada no livro “Um Garoto chamado Rorbeto” de Gabriel O Pensador..... | pág. 168 |

|   |          |
|---|----------|
| Figura 119: Relação entre os espaçamentos da tipografia utilizada no livro “Um Garoto chamado Rorbeto” de Gabriel O Pensador..... | pág. 168 |
| Figura 120: Composição de página do livro “Um Garoto chamado Rorbeto” de Gabriel O Pensador.....                                  | pág. 169 |
| Figura 121: Capa do livro “Carvoeirinhos” de Roger Mello.....   | pág. 169 |
| Figura 122: Página interna do livro “Carvoeirinhos” de Roger Mello.....   | pág. 170 |
| Figura 123: Página interna do livro “Carvoeirinhos” de Roger Mello.....   | pág. 171 |
| Figura 124: Texto da página do livro “Carvoeirinhos” de Roger Mello.....  | pág. 171 |
| Figura 125: Ascendentes e descendentes da fonte tipográfica do livro “Carvoeirinhos” de Roger Mello.....                          | pág. 171 |
| Figura 126: Espaçamentos da fonte tipográfica do livro “Carvoeirinhos” de Roger Mello.....  | pág. 172 |
| Figura 127: Entrelinhas da fonte tipográfica do livro “Carvoeirinhos” de Roger Mello.....   | pág. 172 |
| Figura 128: Capa do livro “Na Noite Escura” de Bruno Munari.....  | pág. 172 |
| Figura 129: Página do livro “Na Noite Escura” de Bruno Munari.....  | pág. 173 |
| Figura 130: Parte do texto do livro “Na Noite Escura” de Bruno Munari.....  | pág. 174 |
| Figura 131: Entrelinhas do texto “Na Noite Escura” de Bruno Munari.....   | pág. 174 |
| Figura 132: Ascendentes e descendentes do texto “Na Noite Escura” de Bruno Munari.....  | pág. 174 |
| Figura 133: Entreletras e entrepalavras do texto “Na Noite Escura” de Bruno Munari.....   | pág. 175 |
| Figura 134: Capa do livro “Os Dez Amigos” de Ziraldo.....   | pág. 176 |
| Figura 135: Páginas do livro “Os Dez Amigos” de Ziraldo.....  | pág. 177 |
| Figura 136: Espacejamentos da tipografia do livro “Os Dez Amigos” de Ziraldo.....   | pág. 178 |
| Figura 137: Capa do livro “Cacoete” de Eva Furnari.....   | pág. 178 |
| Figura 138: Exemplo de fonte caligráfica do livro “Cacoete” de Eva F.....   | pág. 179 |
| Figura 139: Página ilustrada do livro “Cacoete” de Eva Furnari.....   | pág. 180 |
| Figura 140: Exemplo de fonte fantasia do livro “Cacoete” de Eva Furnari.....  | pág. 180 |
| Figura 141: Mapa conceitual da seção 5 da pesquisa.....   | pág. 183 |
| Figura 142: Ilustrações para serem utilizadas no experimento.....   | pág. 188 |
| Figura 143: Folha que os participantes receberão no experimento.....  | pág. 190 |
| Figura 144: Desenho esquemático sobre como o experimento foi realizado.....   | pág. 200 |
| Figura 145: Primeira versão da página diagramada do participante.....   | pág. 209 |

|  |          |
|--|----------|
| Figura 146: Escolha tipográfica da primeira versão da página diagramada do participante 3..... | pág. 210 |
| Figura 148: Exemplo dos caracteres infantis utilizado pelo participante 3.....                 | pág. 210 |
| Figura 149: Exemplo da “quebra” de conteúdo da linha.....                                      | pág. 211 |
| Figura 150: Exemplo dos ascendentes e descendentes da tipografia do participante 3.....        | pág. 211 |
| Figura 151: Exemplo dos espaçamentos da fonte do participante 3.....                           | pág. 212 |
| Figura 152: Texto ultrapassou o limite da ilustração.....                                      | pág. 212 |
| Figura 153: Segunda versão da página diagramada do participante 3.....                         | pág. 214 |
| Figura 154: Escolha tipográfica da segunda versão da página diagramada do participante 3.....  | pág. 216 |
| Figura 155: Exemplo de bom uso da linha.....   | pág. 217 |
| Figura 156: Exemplo de bom uso da linha.....   | pág. 217 |
| Figura 157: Exemplo dos ascendentes e descendentes da tipografia do participante 3.....        | pág. 217 |
| Figura 158: Exemplo dos espaçamentos da fonte do participante 3.....                           | pág. 218 |
| Figura 159: Exemplo dos espaçamentos entrelinhas do participante 3 na segunda tarefa.....      | pág. 218 |
| Figura 160: Primeira versão da página diagramada do participante.....                          | pág. 220 |
| Figura 161: Escolha tipográfica da primeira versão da página diagramada do participante 8..... | pág. 221 |
| Figura 162: Exemplo dos caracteres infantis utilizado pelo participante 8.....                 | pág. 221 |
| Figura 163: Exemplo da “quebra” de conteúdo da linha.....                                      | pág. 222 |
| Figura 164: Exemplo dos ascendentes e descendentes da tipografia do participante 8.....        | pág. 222 |
| Figura 165: Exemplo dos espaçamentos da fonte do participante 8.....                           | pág. 223 |
| Figura 166: Texto ultrapassou o limite da ilustração.....                                      | pág. 223 |
| Figura 167: Segunda versão da página diagramada do participante 8.....                         | pág. 225 |
| Figura 168: Escolha tipográfica da segunda versão da página diagramada do participante 8.....  | pág. 227 |
| Figura 169: Diferenciação entre os caracteres infantis.....                                    | pág. 227 |
| Figura 170: Exemplo de bom uso da linha.....   | pág. 227 |
| Figura 171: Exemplo dos ascendentes e descendentes da tipografia do participante 8.....        | pág. 228 |
| Figura 172: Exemplo dos espaçamentos da fonte do participante 8.....                           | pág. 229 |
| Figura 173: Mapa conceitual da seção 6 desta pesquisa.....                                     | pág. 231 |

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....   | 18 |
| 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....   | 18 |
| 1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA .....   | 24 |
| 1.3 VISÃO GERAL DO MÉTODO .....   | 26 |
| 1.4 JUSTIFICATIVA.....  | 28 |
| 1.5 ESTRUTURAÇÃO DA DISSERTAÇÃO .....                                       | 29 |
| <br>  |    |
| <b>SEÇÃO 2- A CRIANÇA E O LIVRO DE LITERATURA INFANTIL</b> .....            | 33 |
| 2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....   | 34 |
| 2.2 A CRIANÇA COMO COMPONENTE ESTRUTURAL DA SOCIEDADE .....                 | 34 |
| 2.3 O SURGIMENTO DO LIVRO INFANTIL E A PREOCUPAÇÃO COM O PÚBLICO ALVO ..... | 37 |
| 2.4 O LIVRO DE LITERATURA INFANTIL COMO CONHECIMENTO .....                  | 47 |
| 2.5 O INTERESSE PELO LIVRO INFANTIL .....                                   | 51 |
| 2.6 COMPOSIÇÃO EDITORIAL DO LIVRO INFANTIL .....                            | 53 |
| 2.7 ASPECTOS DA CRIAÇÃO DO LIVRO INFANTIL .....                             | 56 |
| 2.8 DESIGN EDITORIAL DO LIVRO INFANTIL NO BRASIL.....                       | 58 |
| 2.9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | 62 |
| <br>  |    |
| <b>SEÇÃO 3 - A IMPORTÂNCIA DA LEITURA</b> .....                             | 65 |
| 3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....   | 65 |
| 3.2 HISTÓRIA SOCIAL DA LEITURA.....   | 66 |
| 3.3 O QUE É LEITURA E COMO É COMPREENDIDA?.....                             | 69 |
| 3.4 A PERCEPÇÃO DA LEITURA .....  | 73 |
| 3.5 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO ENSINO .....                                | 76 |
| 3.6 FASES DA LEITURA.....   | 78 |
| 3.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | 80 |
| <br>  |    |
| <b>SEÇÃO 4 - TIPOGRAFIA</b> .....   |    |
| 4.1 TIPOGRAFIA VOLTADA PARA CRIANÇAS .....                                  | 84 |
| 4.2 LEGIBILIDADE E LEITURABILIDADE .....                                    | 85 |

|   |     |
|---|-----|
| 4.2.1 Legibilidade .....  | 85  |
| 4.2.2 Leiturabilidade.....  | 88  |
| 4.3 CARACTERÍSTICAS TIPOGRÁFICAS .....  | 90  |
| 4.3.1 Caracteres infantis.....  | 91  |
| 4.3.2 Serifa.....   | 93  |
| 4.3.2.1 Aspectos favoráveis e desfavoráveis em relação ao uso de serifa na tipografia em livros infantis..... | 96  |
| 4.3.3 Tamanho da tipografia e o tamanho da linha .....  | 106 |
| 4.3.4 Ascendentes e Descendentes.....   | 111 |
| 4.3.5 Estilo Caligráfico .....  | 115 |
| 4.3.6 Espaçamentos (entreletras, entrepalavras e entrelinha).....   | 120 |
| 4.3.6.1 Entreletras e entrepalavras .....   | 121 |
| 4.3.6.2 Entrelinhas .....   | 124 |
| 4.3.7 Diagramação dos livros literários infantis.....   | 126 |
| 4.3.7.1 Tipografia como imagem .....  | 129 |
| 4.3.7.2 A linha.....  | 131 |
| 4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | 136 |

## **SEÇÃO 5 – CRIAÇÃO DO GUIA COM RECOMENDAÇÕES TIPOGRÁFICAS**

|   |            |
|---|------------|
| <b>PARA LIVROS DE LITERATURA INFANTIL.....</b>  | <b>140</b> |
| 5.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....   | 140        |
| 5.2 GUIA COM RECOMENDAÇÕES TIPOGRÁFICAS.....  | 140        |
| 5.3 QUESTIONÁRIOS COM OS DESIGNERS DA ÁREA DE EDITORAÇÃO DE LIVROS LITERÁRIOS INFANTIS.....                   | 182        |
| 5.4 ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO.....  | 182        |
| 5.5 CORREÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DO GUIA COM RECOMENDAÇÕES TIPOGRÁFICAS PARA LIVROS DE LITERATURA INFANTIL..... | 182        |
| 5.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | 182        |

## **SEÇÃO 6 – EXPERIMENTO PARA VALIDAÇÃO DO GUIA COM RECOMENDAÇÕES TIPOGRÁFICAS PARA LIVRO DE LITERATURA INFANTIL**

|                           |     |
|---------------------------|-----|
| .....                     | 184 |
| 6.1 CONTEXTUALIZAÇÃO..... | 184 |
| 6.2 EXPERIMENTO.....      | 185 |

|   |            |
|---|------------|
| 6.3 RESULTADOS DO EXPERIMENTO E ANÁLISE DESSES RESULTADOS ....                                  | 199        |
| 6.3.1 Análise Geral dos Participantes do Experimento .....                                      | 201        |
| 6.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | 228        |
| <b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>   | <b>231</b> |
| <b>8. REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>236</b> |
| <b>APÊNDICE A- Guia Tipográfico.....</b>  | <b>243</b> |
| <b>APÊNDICE B- Questionários respondidos pelos designers sobre o guia .....</b>                 | <b>267</b> |
| <b>APÊNDICE C- Modelo de questionário utilizado para realizar o experimento .</b>               | <b>272</b> |
| <b>APÊNDICE D- Resultado das páginas diagramadas dos participantes do<br/>experimento .....</b> | <b>274</b> |

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Esta pesquisa teve como prioridade criar um guia com recomendações tipográficas sobre as necessidades dos leitores iniciantes, ou seja, crianças em início de alfabetização ou com pouca experiência de leitura. Este foi construído para auxiliar designers gráficos, mais especificamente os que atuam na área da editoração do livro de literatura infantil, sendo assim, abordou aspectos relacionados com questões de legibilidade e posteriormente apontou características importantes do desenho tipográfico.

É importante ressaltar que este material de apoio resultante dessa pesquisa foi chamado primeiramente de **manual<sup>1</sup> tipográfico**. Entretanto, com a realização dos questionários com designers sobre a aplicação deste material (que será relatado posteriormente na seção 5 desta dissertação), notou-se um aspecto negativo em relação ao termo **manual tipográfico**.

Pôde-se apontar como aspectos negativos sobre o uso do termo manual, foi que de imediato causou a sensação de limitação, ou seja, um “bloqueio” criativo sobre um assunto que desperta uma grande liberdade na criatividade, neste caso a escolha tipográfica e diagramação do livro literário infantil.

Os entrevistados apontaram que um manual é mais enfático, e que não deixa margens para possíveis interpretações. Sendo assim, como o intuito do material criado nessa pesquisa é de fazer recomendações tipográficas para facilitar a escolha tipográfica e diagramação dos livros infantis, e não impor regras para escolha tipográfica e diagramação, sentiu-se a necessidade de mudar o termo do material para **guia<sup>2</sup> com recomendações tipográficas**.

Outra prioridade importante desta pesquisa foi a compilação de diversos estudos existentes sobre a leitura das crianças, mais especificamente sobre as

---

<sup>1</sup> Manual é livro de pequeno formato com o essencial de uma ciência ou de uma arte que acompanha algum equipamento explicando o funcionamento deste. (WIKCIONÁRIO, 2011)

<sup>2</sup> Livro ou publicação contendo instruções, ensinamentos e conselhos de diversas naturezas. (WIKCIONÁRIO, 2011)

necessidades das crianças em relação às características tipográficas, ou seja, se a escolha tipográfica interfere no rendimento da leitura.

Observou-se nos estudos brasileiros que existe uma deficiência e que não se tem uma devida discussão em relação à tipografia na produção de livros para esta faixa etária, conseqüentemente existe a precariedade de materiais em relação ao uso da tipografia nos livros infantis. Sendo assim, foi importante destacar a necessidade de se buscar novos conhecimentos, ou caminhos para enriquecimentos nessa área (tipografia para livros literários infantis).

Além da deficiência em relação às discussões e a precariedade do uso de tipografia nos livros de literatura infantil, é importante destacar o que Letícia Rumjanek, em sua dissertação de Mestrado realizada no ano de 2009 na Universidade Estadual do Rio de Janeiro aponta:

Além da quantidade de estudos reduzidos, na época (se refere ao curso de graduação em que desenvolveu uma família tipográfica), senti certa dificuldade em ter acesso às informações específicas, presentes em artigos e livros, entre outros. A partir da constatação do número reduzido de estudos sobre tipografia voltados para livro infantil, especialmente daqueles realizados no Brasil, senti necessidade de retornar ao tema e realizar um estudo comparando a influência dos desenhos tipográficos sobre a leitura feita por crianças em processos de alfabetização. (RUMJANEK, 2009, p. 4).

Portanto, é importante destacar os poucos estudos na área e principalmente a dificuldade de se encontrar materiais de qualidade em língua portuguesa que apontem para a utilização da tipografia na construção do livro de literatura infantil.

Quando se trata do assunto tipografia, a primeira questão a ser abordada para seu entendimento e embasamento é sobre a leitura.

De acordo com Silva e Fontana (2003), a leitura é uma atividade permanente da condição humana, uma habilidade a ser adquirida desde cedo e treinada em várias formas. Lê-se para entender e conhecer, para sonhar, viajar na imaginação, por prazer ou curiosidade. Lê-se para questionar e resolver problemas.

O indivíduo que lê participa de forma efetiva na construção e reconstrução da sociedade e de si mesmo, enquanto ser humano na sua totalidade. Na sociedade moderna grande parte das atividades intelectuais e profissionais gira em torno da língua escrita, ter o domínio desta habilidade garante o exercício de cidadania, o acesso aos bens culturais e a inclusão social. (Ibid.)

Antes de estudar as questões da tipografia e suas características foi importante destacar o livro de literatura infantil, ou seja, qual a sua importância e qual o papel do designer no desenvolvimento deste material que contribui no ensino e conseqüentemente na aprendizagem das crianças.

Lourenço (2007) aponta que por meio da materialidade do livro e de sua apresentação palpável e visível, o livro estimula sentido e sensações no seu público, especialmente na criança, e para elas o livro não representa apenas um suporte de idéias para ser admirado, é também um objeto a ser apalpado, rabiscado, amassado e etc. Desse modo, é justificado o sucesso entre o público infantil dos volumes ilustrados, dos livros com relevo, dos livros com partes para dobrar e muitos outros.

Vale destacar a importância dos livros infantis atualmente. Uma criança hoje recebe uma carga de informações muito grande e intensa. Deste modo, cabe ao designer uma solução específica para cada projeto, o desenho “perfeito” foi deixado para trás, e o desenvolvimento de um estilo próprio passou a ser um aspecto extremamente importante a se desenvolver. (Ibid.)

Outros aspectos que foram estudados durante esta pesquisa e que fazem parte do processo do ato de ler foram legibilidade<sup>3</sup> e uma introdução a leiturabilidade<sup>4</sup>. É importante destacar que a legibilidade juntamente com os aspectos tipográficos são o foco desta pesquisa e a leiturabilidade foi tratada com menos profundidade.

Esta visão superficial da leiturabilidade se deve ao fato de que este assunto está relacionado com a parte de cognição da leitura e compreensão do texto, como será explicado mais a frente, ou seja, nesta pesquisa não se pretende aprofundar neste assunto, porém se tratam de aspectos importantes para o escopo e a compreensão do estudo.

Pode se afirmar portando que o ato de ler é um dos aspectos mais importantes quando se trata do assunto tipografia. E este se torna mais importante quando quem está lendo é uma criança. Para Binns (1989, apud RUMJANEK 2008), a condição mínima para um texto ser lido é de que este seja legível. Neste caso, ele considera tipografia legível como sendo grande e distinta o suficiente para um leitor que seja capaz de distinguir entre palavras ou letras.

---

<sup>3</sup> O termo legibilidade será mais aprofundado na seção 4 desta pesquisa.

<sup>4</sup> O termo leiturabilidade será explicado na seção 4 desta pesquisa. Serão apontadas diferenças importantes entre legibilidade e leiturabilidade.

Quando se aponta o termo legível fica claro que este se trata de um dos aspectos da legibilidade, sendo assim, é necessário destacá-lo. Entretanto somente mais a frente nessa pesquisa é que o termo será definido com mais precisão.

Existem muitas incertezas sobre o que trata a legibilidade, muitos autores divergem de opiniões e as informações costumam ser pouco precisas, como será visto mais a frente. Espera-se chegar a um conceito adequado para legibilidade. Em relação à questão da leiturabilidade, por se tratar de um termo novo, muitos autores sequer abordam este assunto.

Para Rumjanek (2009), o uso do termo legibilidade, além de representar uma categoria mais específica, pode ser considerado uma palavra que engloba as muitas categorias que objetivam avaliar a leitura de um texto.

Entretanto, Strunck (1999) destaca que a tipografia está envolvida em todos os aspectos que possam tornar o texto mais eficaz, transmitindo a mensagem definida pelo escritor, sempre se baseando no propósito ao qual esta se destina, seguindo aspectos da legibilidade e leiturabilidade.

Pode-se afirmar então que um dos aspectos da legibilidade esta relacionado a uma categoria de avaliação de uma boa ou ruim leitura de um texto, no sentido tipográfico, ou seja, para a tipografia possibilitar a eficácia de um texto, deve seguir os aspectos da legibilidade e leiturabilidade.

Em relação à leiturabilidade, Niemeyer (2003) aponta que se trata de uma qualidade que torna possível o reconhecimento do conteúdo da informação em um suporte quando ela está representada por caracteres em agrupamentos com significação, como textos corridos.

Sendo assim, pode-se afirmar que a leiturabilidade se trata do reconhecimento da informação de um texto, ou seja, de sua **compreensão**. Esta informação fica mais clara quando Manoel (2003) afirma que a leitura não é apenas decodificação, mas apreensão de um sentido, de uma informação que está dada no texto. O texto não é unicamente um produto, mas apresenta significados.

Assim, o leitor não apenas apreende o sentido que está no texto, mas atribui sentidos a ele (cria, faz associações), compreende o texto. A leitura é o momento crítico da constituição de um texto, um momento privilegiado do processo de interação verbal, uma vez que é nele que se desencadeia o processo de significação. (Ibid.)

Como já citado acima existe uma discordância de opiniões entre os pesquisadores para definir legibilidade e leiturabilidade. E muitas vezes causam confusão de compreensão dos termos.

Para discutir sobre este assunto e embasar sobre os dois termos, Baines e Haslam (2005) citam um exemplo de como não criar confusão com os termos leiturabilidade e legibilidade. Se a pergunta for: **você reconhece a letra?** E a resposta for sim, então ela é legível; no entanto se a pergunta for: **você pode ler e entender a página?** Se a resposta for sim é porque o texto apresenta boa leiturabilidade.

Até agora se questionou sobre a tipografia de forma mais generalizada, mas quando se trata de um público mais específico como as crianças, as preocupações e os cuidados são maiores. Abaixo alguns apontamentos iniciais sobre o uso da tipografia nos livros infantis e a importância de uma boa escolha tipográfica. “Para se produzir um livro infantil, e que seja feita à escolha certa da tipografia, cabem as regras do design, adequação e legibilidade para o público definido. (...) As crianças preferem caracteres grandes e espessos (...). (ARAÚJO, 1986, p.350)”.

Sassoon e Willians (2000) apontam que as necessidades das crianças para o início da leitura correspondem em princípio com as necessidades que elas apresentam com o manuscrito.

Entretanto, Walker e Reynolds (2003), afirmam que as crianças são menos sensíveis a mudanças no visual das letras, palavras e sentenças do que muitos podem imaginar. O fato é que a criança está apta a usar seu recente conhecimento adquirido na leitura para decifrar uma variedade de formas de letras. Isto indica que as crianças são mais adaptáveis do que muitos professores acreditam.

Quanto às diversidades tipográficas, Walker (1992), afirma que o contato com os diversos tipos existentes nos anos de aprendizagem escolar, fará com que a criança fique mais confortável e segura ao se deparar com as possibilidades existentes à apresentação do texto em várias situações.

Apesar de estes autores apontarem para a diversidade tipográfica como um fator positivo para as crianças, é importante destacar que existem muitos aspectos da tipografia (o uso de serifas, entreletras, entrepalavras, tamanho da linha e outros) que devem ser considerados e analisados separadamente para conduzir para uma boa leitura feita pelas crianças. Estes aspectos foram discutidos ao longo da pesquisa.

Sendo assim, para poder criar um guia para designers sobre o uso da tipografia em livros de literatura infantil, foi necessário estudos mais aprofundados sobre a construção do livro de literatura infantil, da leitura e sua percepção, além do papel do designer para sua conclusão.

Desta forma, o problema da pesquisa centra na construção de um guia com recomendações tipográficas voltado para designers, ou seja, sobre as questões de verificar como se dá a relação da tipografia na construção do livro infantil, mais precisamente nos livros de literatura, considerando que a criança necessita para estímulo à leitura, de um material pertinente com os princípios da legibilidade, levando em conta as características dos desenhos tipográficos.

O **problema** de pesquisa acima exposto leva à seguinte questão: **A criação de um guia com recomendações para a escolha tipográfica e diagramação de livros literários infantis constitui uma forma de benefício para o trabalho dos designers que atuam nesse segmento de mercado?**

Esta pesquisa tem como **objetivo principal** criar um guia com recomendações tipográficas sobre os livros de literatura infantil, para auxiliar tanto os designers gráficos em geral como os que já atuam no seguimento de editoração infantil, considerando os impactos da tipografia, particularmente dos aspectos relacionados à legibilidade e as características dos desenhos tipográficos.

Sendo assim, além da criação de um produto (guia com recomendações tipográficas), essa pesquisa apresenta também como prioridade a compilação de diversos estudos sobre a leitura e o uso tipográfico nos livros literários infantis. Entretanto, não apenas se trata de um material de apoio para designers que atuam no mercado como também para pesquisadores que desejam se aprofundar nessa área de estudo.

Outros aspectos que foram discutidos e que apresentam grande importância para a conclusão da pesquisa são os **objetivos específicos**.

O primeiro deles se trata de determinar no referencial teórico quais são as condições ideais de legibilidade em relação aos projetos de obras literárias voltados ao público infantil. Para isso será estudado cada aspecto tipográfico separadamente para descobrir por meio de outras pesquisas como esses aspectos podem interferir na leitura realizada pelas crianças.

Seguindo adiante outro objetivo que se relaciona com o primeiro é a investigação de como estes aspectos tipográficos funcionam e apresentam relações

um com os outros para proporcionar uma leitura com maior legibilidade para as crianças.

Após a conclusão da construção do guia tipográfico, espera-se estabelecer parâmetros e recomendações para os designers que atuam no segmento de projeto gráfico para obras literárias infantis. Este objetivo tem como justificativa auxiliar estes profissionais e conseqüentemente beneficiar a leitura das crianças.

Sendo assim, após a compilação do referencial teórico, esperava-se conseguir realizar estes objetivos e atingir o que se espera de cada um citado acima.

## 1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Para realizar esta pesquisa foram estudados primeiramente os assuntos que envolvem questões sobre o livro de literatura infantil, da leitura, características tipográficas e a construção de um guia com recomendações tipográficas para auxiliar os designers gráficos e designers que atuam no segmento de editoração dos livros de literatura infantil. Ou seja, foram discutidos a importância de cada elemento e como eles se relacionam no livro literário infantil. Após estes estudos foram abordados os aspectos tipográficos em relação à legibilidade e como estes aspectos auxiliam na leitura dos textos e conseqüentemente na leitura das crianças.

Também foram estudadas as características tipográficas tais como: ascendentes e descendentes, o uso de serifas, entrelinhas, entreletras, e outras. Além disso, é importante destacar que estes aspectos foram essenciais para desenvolver o guia para os designers. Este guia foi desenvolvido, a partir de materiais já existentes, ou seja, pesquisas realizadas com crianças e que obtiveram resultados satisfatórios.

Portanto, este guia foi construído de forma que fosse prático e dinâmico para auxiliar rapidamente os designers no momento da diagramação do livro infantil, principalmente em relação ao desenvolvimento do projeto gráfico e escolha tipográfica.

No centro do desenho esquemático apresentado a seguir (Figura 01), está o problema da pesquisa, que é em relação à construção do guia com recomendações tipográficas sobre livro de literatura infantil voltado para designers que atuam neste

segmento de mercado, ou seja, se a construção desse material de apoio será importante para os designers como auxílio para diagramação de livros. E se essa pesquisa enriquecerá de alguma forma o universo acadêmico já que se trata de uma compilação de muitos estudos que abordam tipografia para livros literários infantis.

Logo após foram analisados três assuntos importantes para se chegar a este guia, ou seja, a importância do livro de literatura infantil relacionando-o com o ato de leitura e o uso da tipografia nos livros literários infantis. A importância da leitura com a tipografia, ou seja, aspectos relacionados com a legibilidade dos textos de literatura infantil juntamente com as características dos desenhos tipográficos.

Sendo assim, para se chegar ao ponto central da pesquisa, a construção de um guia com recomendações tipográficas para o livro de literatura infantil, foram realizados estudos aprofundados nos três campos relacionados abaixo: livro de literatura infantil, leitura e tipografia, e os aspectos relacionados com estes tópicos.

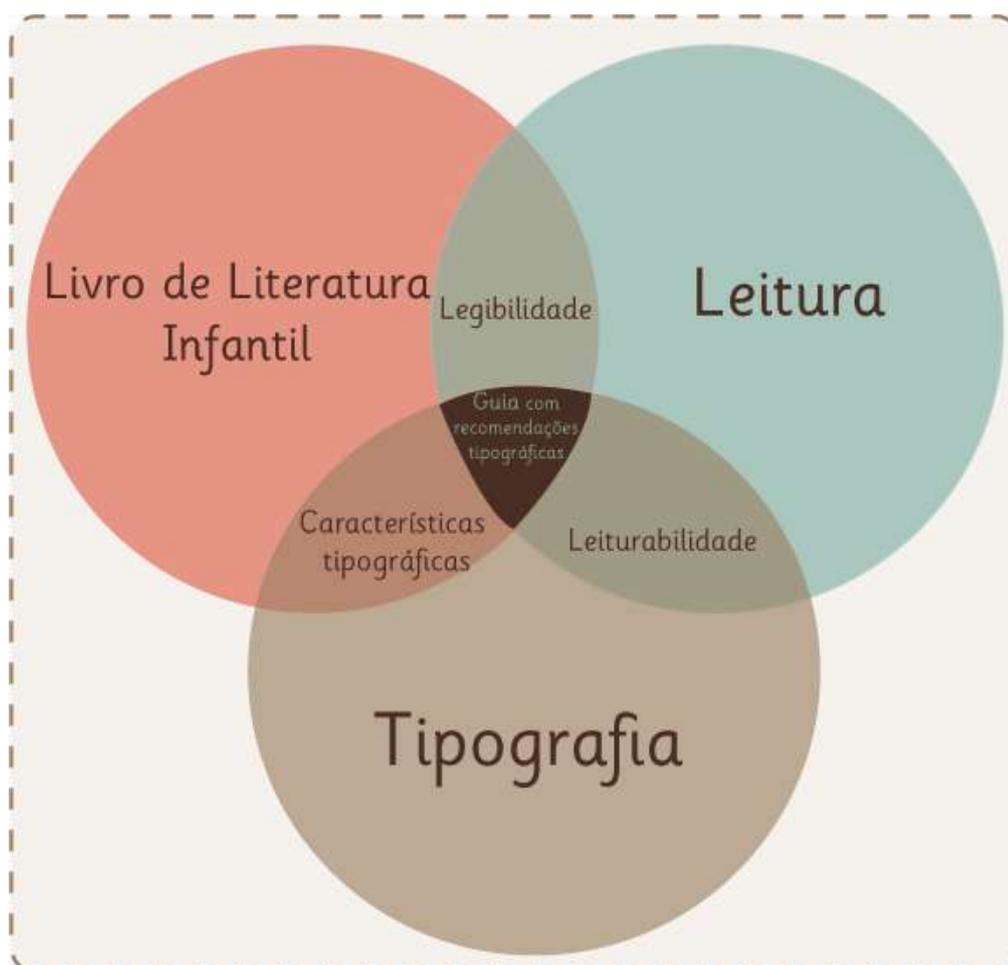


Figura 01: Desenho esquemático da delimitação do tema. (Fonte: DO AUTOR)

### 1.3 VISÃO GERAL DO MÉTODO

Este trabalho pode ser considerado uma proposta de pesquisa **aplicada**, pois de acordo com Silva e Meneses (2000) objetiva gerar conhecimentos para a aplicação prática dirigidos para a solução de problemas, ou seja, a partir da compilação de diversas pesquisas existentes espera-se gerar um material (guia) para facilitar a diagramação e escolha tipográfica dos livros infantis.

É uma pesquisa **qualitativa**, quanto sua forma de abordagem, pois o ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é um instrumento chave.

É **descritiva**, já que os dados foram analisados indutivamente. Na pesquisa descritiva o autor aponta que os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente, sendo assim, o processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (Ibid.)

Esta pesquisa visa verificar as relações das crianças com os livros de literatura infantil (diagramação e o uso da tipografia). Além disso, envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados como questionários e observação sistemática.

Por fim trata-se de um **delineamento experimental**, pois consistiu em determinar um objeto de estudo, selecionar as variáveis capazes de influenciá-lo, definir as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto (GIL, 1999).

Para a realização da presente pesquisa, foi necessário fazer um levantamento bibliográfico sobre o tema, bem como, a realização de análise sobre o uso da tipografia, da adequação da diagramação para a construção do livro infantil. Desta investigação esperava-se obter informações suficientes para se estabelecer critérios e parâmetros para a análise e avaliação dos aspectos tipográficos e de diagramação de obras literárias infantis.

Num segundo momento foi construído o guia com recomendações tipográficas, de forma simples e prática, com explicações sobre os aspectos que influenciam o designer na diagramação dos livros infantis a partir dos estudos apontados nesta pesquisa.

Após a geração do guia, foram propostos questionários com perguntas abertas para designers que atuam neste segmento do mercado (editoração do livro de literatura infantil) para aperfeiçoamento do material desenvolvido nesta pesquisa.

Logo após, foi realizado o experimento com designers gráficos e designers atuantes na área de editoração de livros infantis. Esse experimento consistiu em testes, como a diagramação de uma página de um livro literário infantil e questionários que foram respondidos após a realização do teste para se saber qual a opinião dos designers em relação ao material apresentado a eles.

Após a investigação teórica e a realização do experimento foi realizado o fechamento do trabalho de pesquisa, analisando os resultados, concluindo e estabelecendo as devidas recomendações e parâmetros para novos projetos.

Abaixo um desenho esquemático (Figura 02) que representa a parte metodológica desta pesquisa.



Figura 02: Desenho esquemático da metodologia do projeto de pesquisa. (Fonte: DO AUTOR)

## 1.4 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa apresenta diversos pontos imprescindíveis para o enriquecimento dos estudos dentro do universo da tipografia voltada para livros literários infantis.

Um dos aspectos que é importante destacar é a falta de publicações sobre o assunto (tipografia para livros literários infantis) em português. Além das publicações, faltam pesquisas feitas com crianças no Brasil. Essa pesquisa ficou somente com o intuito de compilar estudos e trabalhos existentes para se criar um material de qualidade, cujos estudantes, designers de mercado e pesquisadores possam vir enriquecer seu conhecimento.

É importante destacar também que no mercado brasileiro não existe um material específico sobre tipografia voltado para o livro de literatura infantil com intuito de auxiliar designers que atuam neste segmento de mercado, ou até mesmo, um livro que aborde profundamente os aspectos tipográficos e a diagramação dos livros de literatura infantil. Mesmo quando encontrados estudos sobre este assunto no exterior não estão compilados em uma única publicação e sim em diversos materiais.

Sendo assim, designers que atuam na editoração do livro de literatura infantil não encontram materiais em língua portuguesa sobre este assunto. Quando encontram estão em outras línguas, e não estão compilados em um único volume e sim separados em diversas pesquisas, dificultando a busca de um material completo e de fácil acesso.

Além disso, o tema é relevante, pois seu estudo evidencia a importância da leitura e da literatura para formação do intelecto infantil, ou seja, como a leitura de livros literários é um fator determinante para a educação infantil e para a formação social das crianças.

A investigação sobre o tema permite identificar as implicações da tipografia e do projeto gráfico na melhoria da qualidade visual e na legibilidade dos textos infantis, ou seja, como o designer pode melhorar a qualidade da diagramação e escolha tipográfica dos livros infantis contribuindo para a leitura das crianças.

Para finalizar o resultado da pesquisa servirá como referência a designers gráficos que buscam por “respostas” quando trabalham com diagramação. Além de

uma compilação de dados, esta pesquisa objetiva estabelecer parâmetros para novos projetos gráficos.

## 1.5 ESTRUTURAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

A dissertação está dividida em introdução e mais seis seções:

Na **introdução** foi realizada uma contextualização sobre os assuntos que vão ser discutidos ao longo do documento. Também foram definidos: a pergunta de pesquisa, os objetivos, geral, específicos, a delimitação do tema, a visão geral do método e a justificativa da pesquisa.

Na **seção 2** tem-se a base para iniciar o estudo desta pesquisa, a criança e o livro de literatura infantil. Primeiramente foi discutido como os pesquisadores deveriam levar em consideração as necessidades das crianças. Também foram apontados aspectos do livro infantil como: seu surgimento, sua importância para as crianças e a composição editorial do livro infantil. Também foram apontados os aspectos para criação do livro infantil e quais são os interesses das crianças pelo livro literário. Este capítulo tem como objetivo apontar a importância do livro de literatura como um objeto de conhecimento para as crianças e servir como escopo para o assunto principal dessa pesquisa que se relaciona com a escolha adequada da tipografia e a diagramação levando em consideração os aspectos da legibilidade.

Na **seção 3** foi destacado um segundo aspecto relacionado ao livro de literatura infantil, a leitura. Neste capítulo foram demonstrados apontamentos da leitura, ou seja, como é o seu funcionamento e como é importante para as crianças, tanto para seu crescimento social quanto para o seu intelecto. Espera-se neste capítulo entender o processo de leitura e conseqüentemente como o ato de leitura pode ser um fator para a criança se desenvolver na sociedade.

A **seção 4** foi sobre tipografia. Tratou-se do maior capítulo da dissertação, pois apontou todas as características necessárias para compor o guia tipográfico para o livro de literatura infantil. A seção foi dividida em tópicos, e cada tópico constitui uma característica tipografia<sup>5</sup>. No interior de cada tópico foram relacionados à opinião de alguns autores sobre o assunto abordado.

No final de cada discussão foi adotada uma conclusão que foi utilizada no guia. Este capítulo foi de extrema importância para se definir alguns conceitos importantes dentro do universo tipográfico.

Espera-se encontrar definições e soluções para cada assunto explorado para poder resumir e ajustar dentro do guia tipográfico, e responder a pergunta da pesquisa, que esta relacionado a importância de um material para a construção do livro literário infantil.

A **seção 5** trata da criação do guia tipográfico voltado para livros infantis a partir das opiniões e pesquisas abordados nos capítulos anteriores. O guia foi construído de forma a apresentar clareza e facilidade para os usuários, ou seja, tudo foi exposto de maneira didática, com explicações textuais, visuais e exemplos.

A partir da primeira versão do guia, foram realizados questionários sobre o material para enviar a designers conceituados na área de editoração infantil. Estes questionários com perguntas abertas foram enviados por e-mail para os designers juntamente com o guia.

Esperou-se com isso obter um aperfeiçoamento do material com a experiência de mercado destes designers (Daniel Bueno e Luciana Facchini). Boas contribuições foram obtidas e o guia tipográfico foi reelaborado para a aplicação do experimento.

A **seção 6** é sobre a parte metodológica do experimento. Foi realizado um experimento com designers gráficos e designers atuantes na editoração dos livros literários infantis. O experimento consistiu primeiramente em realizar um teste com os designers em que eles diagramaram uma página de livro infantil. Logo após os participantes realizaram a leitura do guia e novamente realizaram a mesma tarefa.

---

<sup>5</sup> Nesta pesquisa o termo característica tipográfica se refere aos aspectos relacionados ao desenho das letras e suas características como: ascendentes e descendentes, o uso de serifas, estilo caligráfico das letras, tamanho da linha e etc.

Para finalizar e obter respostas em relação ao material apresentado aos designers foi realizado um questionário com perguntas abertas e fechadas para se obter informações importantes sobre o guia com recomendações tipográficas.

Foi feita uma discussão geral dos resultados, levando em consideração os aspectos apresentados na dissertação, no que se diz respeito à criação do guia tipográfico de acordo com a legibilidade e o uso adequado da tipografia para as crianças.

A **seção 7** trata das considerações finais da pesquisa.

Ao longo de toda a pesquisa foram apresentados desenhos esquemáticos sobre os assuntos abordados. Espera-se com esses desenhos explicar de forma dinâmica e visual os assuntos abordados, sendo assim, o leitor poderá entender os processos e caminhos escolhidos de forma visual para facilitar a compreensão dos assuntos. Dessa forma, o leitor poderá ter uma visão generalizada de toda a pesquisa somente acompanhando os desenhos esquemáticos.

Segue um breve mapa conceitual (Figura 03) sobre as seções da dissertação e como estas se relacionam entre si. Neste mapa o guia tipográfico encontra-se no meio como componente central e de maior relevância, ou seja, a partir de todos os assuntos abordados no referencial teórico foi construído o guia.

As seções da dissertação, que estão ao redor do guia, encontram-se divididas da seguinte maneira: 1) Introdução, 2) Livro de literatura infantil, 3) Leitura, 4) Tipografia, 5) Guia tipográfico, 6) Experimento, 7) Discussão e conclusão.

As setas em vermelho representam as ligações que os assuntos abordados apresentam um com os outros.

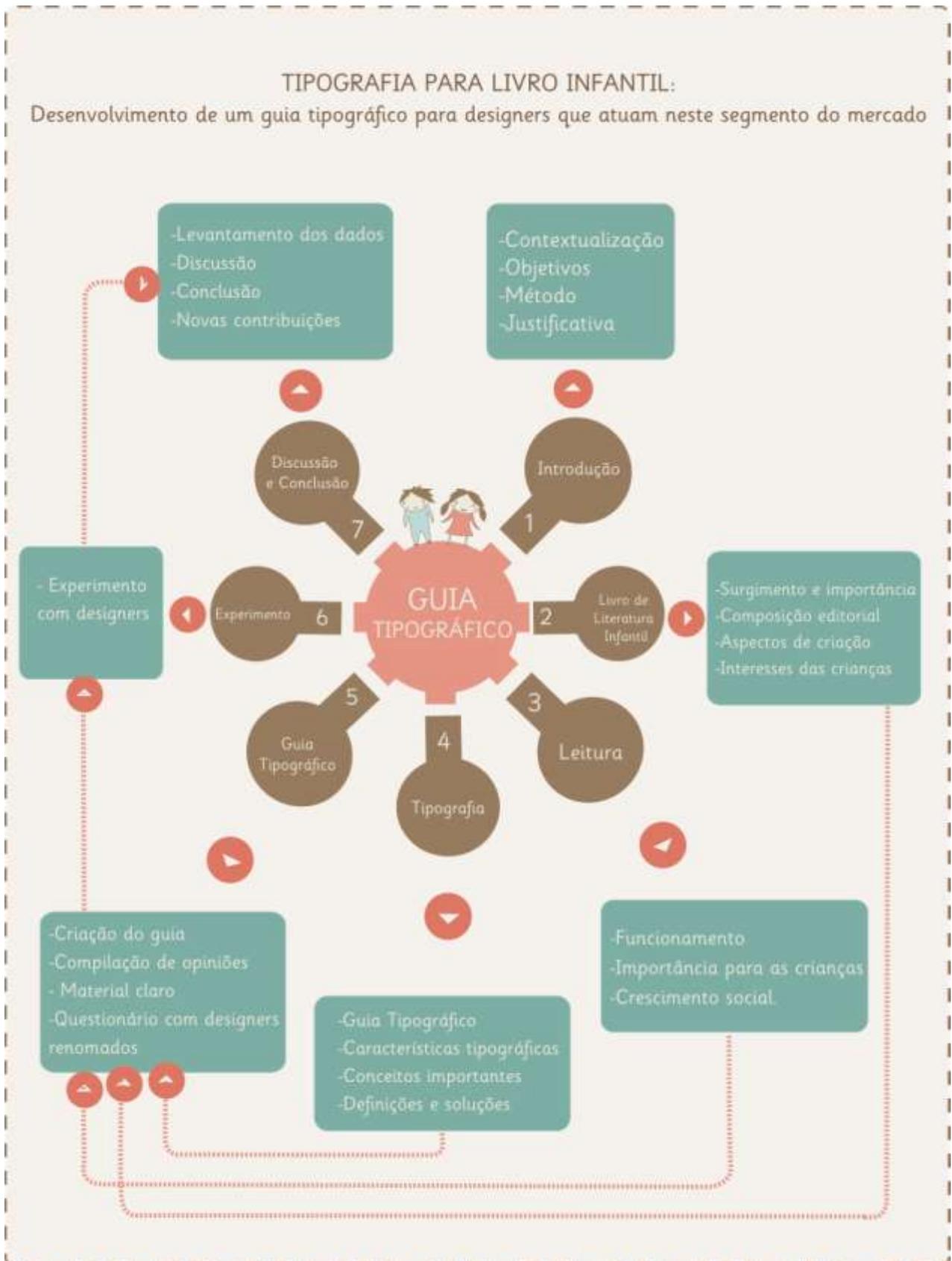


Figura 03: Mapa conceitual da dissertação. (Fonte: DO AUTOR)

## **SEÇÃO 2- A CRIANÇA E O LIVRO DE LITERATURA INFANTIL**

### **2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO**

Em muitas pesquisas realizadas com crianças, principalmente na definição de parâmetros para realizar uma leitura adequada dos livros infantis, os pesquisadores, muitas vezes, não as consideram como agentes estruturais da sociedade, ou seja, não criam uma delimitação entre o universo infantil e o adulto.

Todavia, estudiosos apontam que a criança possui suas próprias características e que estas devem ser estudadas separadamente das dos adultos, para poder entender suas reais necessidades.

Esta seção se inicia sobre o tratamento da criança e de sua importância como um agente social e como ela deve ser levada em consideração nas pesquisas voltadas para o estudo desta faixa etária.

Também foi realizada uma exploração das características do livro literário infantil. Foram estudados assuntos como o seu surgimento e até a sua importância em relação às crianças como um fator de conhecimento.

Outro aspecto discutido referente ao livro infantil foi sobre o interesse das crianças por eles.

Ainda foram apontados aspectos importantes para a construção de um livro infantil utilizados pelos designers. Foi pesquisada uma parte referente à visão de mercado do livro infantil, ou seja, como se encontra o progresso das vendas e da leitura no mundo editorial.

O objetivo desta seção foi obter respostas de como as crianças se comportam perante a sociedade e como os estudiosos e pesquisadores devem se portar diante deste público alvo.

Referente às pesquisas sobre o livro infantil espera-se descobrir qual a sua importância para as crianças tanto na parte lúdica quanto na forma de aquisição de conhecimento e qual é a relevância do livro literário infantil no mercado editorial.

## 2.2 A CRIANÇA COMO COMPONENTE ESTRUTURAL DA SOCIEDADE

Para iniciar esta seção é importante destacar a criança como um agente ativo na sociedade, ou seja, qual a sua importância perante o restante dos seres humanos.

Muitos estudiosos apontam para o fato de que as pesquisas realizadas com crianças não as consideram e também não “ouvem” suas opiniões, ou seja, pesquisas realizadas por adultos que visam descobrir anseios relacionados às crianças, não consideram o seu público alvo.

Para isso, Corsaro (1997, apud DELGADO e MULLER 2005) aponta que as crianças são agentes ativos que constroem sua própria cultura e servem de contribuição para o mundo adulto.

Sendo assim, Rumjanek (2008) destaca que os métodos para os experimentos precisam ser pensados de modo diferente para o público infantil, ou seja, diferem dos métodos utilizados para os adultos.

Existem vários fatores que devem ser considerados quando se faz pesquisa com crianças, um deles é a capacidade das crianças conseguirem se concentrar na realização de uma única tarefa, que afeta diretamente os tempos de duração do experimento e as quantidades de texto a serem testadas. Além disso, uma variação de tempo na execução de um experimento pode resultar em uma grande diferença em relação ao nível do aprendizado. (ibid.)

Uma possível explicação para essa falta de preocupação com a criança como um fator diferenciado de estudo pode ser explicado por Delgado e Muller (2005) que apontam para o fato de que a ciência androcêntrica<sup>6</sup> que nasce com a modernidade pode ter contribuído para a ausência das vozes das crianças nas pesquisas com crianças. Para os autores o desafio é construir uma dinâmica de proximidade com as crianças, investigações, com as análises e tipos de escrita que são priorizados.

---

<sup>6</sup> O androcentrismo ou falocentrismo nada mais é do que colocar a universalidade masculina no topo de uma hierarquia seja a de uma organização social, ou a de um sistema de representações ou de conceitos. Isso constitui uma maneira de apagar a dualidade dos sexos, com a superioridade do masculino sobre o feminino. (AGACINSKI, 1999 apud DELGADO e MULLER, 2005).

Ainda de acordo com os autores, reconhecer as crianças como sujeito ao invés de objetos de pesquisa envolve aceitar que as crianças podem falar em seu próprio direito, que são capazes de descrever experiências válidas.

Na visão de Souza (2000, apud DELGADO e MULLER, 2005), para que se consiga captar as culturas infantis, os modos como as crianças se organizam, suas respostas – que nada têm de óbvias –, suas formas de resistência aos limites temporais e espaciais do mundo adulto, tem-se que necessariamente desenvolver ou redescobrir experiências sensíveis, o que significa aprender a ver o que não se estampa de imediato, ou adotar uma ética da estética.

Prout (1997, apud DELGADO e MULLER, 2005), aponta que a infância não é uma imaturidade biológica e também não se apresenta como uma característica universal dos seres humanos e sim como um componente estrutural e cultural das sociedades. Muitas pesquisas revelam variedades de infâncias em vez de um fenômeno único e universal.

Portanto, como já apontado, os pesquisadores afirmam que a criança apresenta sua própria cultura e que esta deve ser considerada como um fator isolado.

Para isso, Delgado e Muller (2005) apontam que a infância é algo impossível de ser generalizado: portanto, as crianças e “suas culturas” apresentam-se como categorias que precisam ser problematizadas para se saber quem são de fato as crianças, muito diferentes dos adultos. Abaixo uma imagem esquemática (Figura 04) sobre o que foi explicado acima, ou seja, como a cultura da criança se apresenta de forma diferente da cultura adulta e como as duas fazem parte da sociedade porém com espaços diferenciados.



Figura 04: Desenho esquemático sobre as diferenças culturais entre os adultos e as crianças.  
(Fonte: DO AUTOR)

Cordeiro (1987) aponta para o fato que se deve existir uma real preocupação com a produção cultural do que se produz no Brasil.

É fundamental deixar de ver a criança como objeto, como um ser passivo e adentrar ao seu mundo, ao seu universo compreendendo com maior clareza o teor da relação infância-política, infância-cultura, pois a criança é um homem independente de sua idade. (CORDEIRO, 1987, p. 30).

Sendo assim, deve-se levar em consideração o universo infantil e suas necessidades, neste caso com foco na leitura, mais precisamente os aspectos tipográficos, dentre eles, os desenhos das letras que tangem para uma melhor leitura.

Portanto, é importante destacar que para pesquisas realizadas com crianças, é necessário descobrir quais são as suas necessidades, ou melhor, os possíveis aspectos que possam afetar seu desempenho na leitura ou até mesmo seu nível de aprendizagem.

A seguir serão apresentados os aspectos sobre o livro infantil tais como: a preocupação com o livro de literatura infantil e como este pode ser importante para a aquisição de conhecimento da criança, o surgimento do livro de literatura infantil e também os aspectos para sua criação, como a fantasia, invenção, criatividade e imaginação, determinantes para a ludicidade infantil.

Outro aspecto a ser destacado é o mercado editorial do livro infantil no Brasil para enfatizar qual a importância do livro literário no mercado editorial e por fim, será apresentado o interesse das crianças pelos livros.

### 2.3 O SURGIMENTO DO LIVRO INFANTIL E A PREOCUPAÇÃO COM O PÚBLICO ALVO

É importante destacar que antes de apontar o surgimento do livro infantil é necessário fazer uma breve explicação sobre a função da ilustração.

A ilustração até algum tempo atrás cumpria seu papel básico, elucidar a história. Atualmente tanto a ilustração quanto o texto se apresentam como fator determinante para o livro infantil ilustrado. O livro infantil contemporâneo não corresponde a uma concretização da narrativa oral (onde o conteúdo imagético é constituído por palavras – imagens verbais), mas a utilização de uma linguagem híbrida (Figura 05) e mutuamente dependente, através da interação entre palavra e imagem (ARYSPE e STYLES, 2003, apud COELHO, 2005).

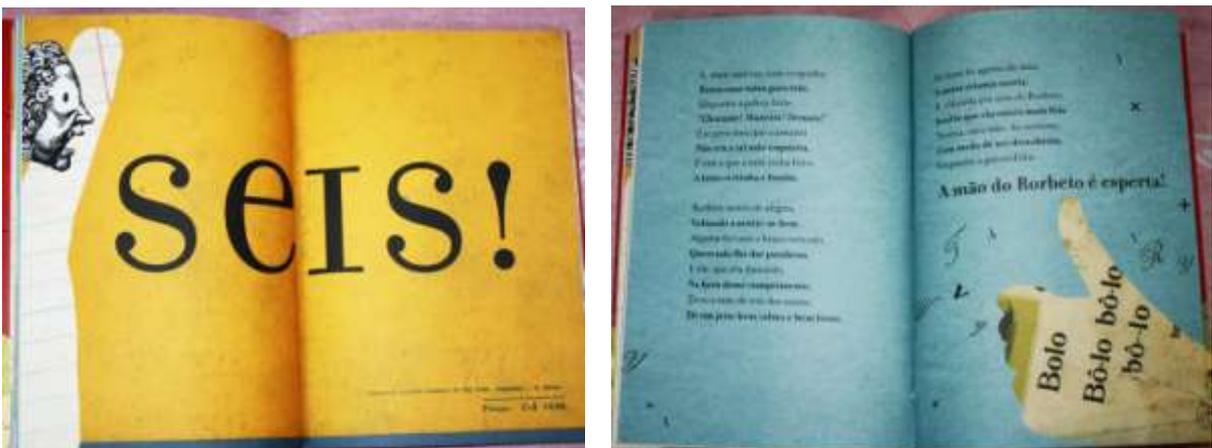


Figura 05: Figuras do livro “Um Garoto chamado Rorbeto”, escrito por Gabriel Pensador e ilustrado por Daniel Bueno. Exemplo do hibridismo entre imagem e texto. (Fonte: DO AUTOR)

Para a compreensão entre a relação dos livros ilustrados e as crianças, deve se destacar o momento em que ambos se encontram e se relacionam e passam a ser desenvolvidos para as crianças.

Conforme estudos de Dalley (1982, apud FREITAS e ZIMMERMAN, 2006), não se têm exatidão de quando datam as primeiras ilustrações, para alguns autores tanto as ilustrações quanto a escrita, possuem suas origens na pré-história, a partir das inscrições rupestres.

Ainda de acordo com o autor, em relação à cultura Greco-Romana e conseqüentemente, ao predomínio da razão e da ciência, durante o Renascimento, as ilustrações aparecem fortemente voltadas ao desenho técnico. Leonardo da Vinci é considerado o mais importante ilustrador técnico desta época.

Conforme pesquisas de Lajolo e Zilberman (2006), as primeiras publicações de livros aparecem no século XV, e os livros voltados para as crianças, surgem somente no século XVIII. Até então obras como as *Fábulas de La Fontaine* (1668 e 1694) e os *Contos da Mamãe Gansa* (1697) de Charles Perrault (Figura 06), atualmente voltados para o gênero infantil, foram formulados para o público em geral. É após os sucessos de Perrault é que a literatura infantil ganha espaço, caracterizada pelos contos de fadas.



Figura 06: Gustav Dore. Contos da Mamãe Gansa.

Disponível em: < <http://ciadelendas.blogspot.com/2009/05/os-contos-do-grande-pantchantantra-ha.html> >. Acesso em: 05 de julho. 2010.

Na Inglaterra a ilustração infantil como produto de consumo ganha importância, fortalecida pelo forte comércio do país. Entre as instituições que ganham fortalecimento, esta a família, cada membro assume um papel importante na sociedade, até mesmo a criança, “motivando o aparecimento de objetos industrializados (o

brinquedo) e culturais (os livros) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia e a pediatria)". (LAJOLO E ZILBERMAN, 2006, p.17)

Para os autores são associadas às crianças características como a fragilidade e a dependência, cabendo a escola prepará-la para a vida adulta, assim as aulas passam a ser obrigatórias.

Destacam-se neste século (XVIII) as publicações adaptadas de clássicos ao gênero infantil, como *Robinson Crusoe* (1717) (Figura 07) de Daniel Defoe e *Viagens de Gulliver* (1726) (Figura 08) de Jonathan Swift como se pode ver na figura abaixo. (Ibid.)



Figura 07: Daniel Defoe. Robinson Crusoe.

Disponível em: <<http://www.jahsonic.com/RobinsonCrusoe.html>>. Acesso em: 05 de julho, 2010.



Figura 08: Jonathan Swift. Viagens de Gulliver.

Disponível em: <<http://diasquevoam.blogspot.com/2006/04/viagens-e-gulliver.html>>. Acesso em: 05 de julho, 2010.

Lago (2005) diz que as crianças se sentiam mais atraídas com os *chapbooks*, um tipo de publicação que se torna popular no século XVIII. Nestes

livros, os contos de fadas e as lendas são recontados numa versão simplificada e ilustrada com xilogravuras.

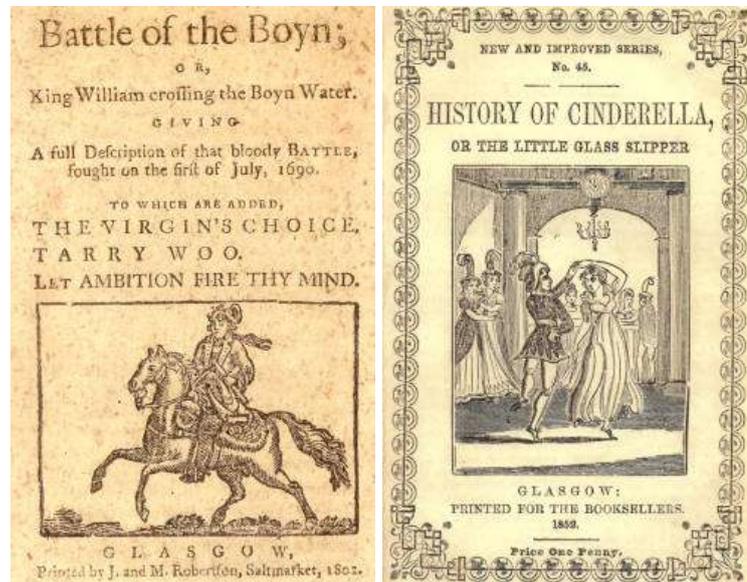


Figura 09: \_\_\_\_\_ . Batle of the Boyn.

Disponívelem:<[http://www.lib.uoguelph.ca/resources/archival\\_&\\_special\\_collections/the\\_collections/digital\\_collections/scottish/chapbooks.htm](http://www.lib.uoguelph.ca/resources/archival_&_special_collections/the_collections/digital_collections/scottish/chapbooks.htm)>. Acesso em: 05 de julho. 2010.

A partir do século XIX, surgem na Alemanha as obras dos irmãos Grimm, (1812), feitas a partir de adaptações de histórias folclóricas populares. Alguns de seus contos são: *A bela Adormecida* (Figura 10), *Os Sete Anões* e a *Branca de Neve* e *Chapeuzinho Vermelho*. (Ibid.)



Figura 10: Irmãos Grimm. "A Bela Adormecida".

Disponívelem:<<http://www.vademecumdeantoniodilon.jex.com.br/hora+do+conto/a+bela+adormecida>>. Acesso em: 05 de julho. 2010.

De acordo com Lajolo e Zilberman (2006) alguns temas que fizeram sucesso começam a se repetir. São eles: as histórias fantásticas, como em *Alice no País das Maravilhas* (1863) (Figura 11), de Lewis Carroll; jovens desbravadoras vivendo aventuras em lugares exóticos, como *Cinco Semanas em um Balão*, (1863), de Jules Verne.



Figura 11: John Tenniel. Alice no país das Maravilhas.

Disponível em: <<http://brasillewiscarroll.blogspot.com/2010/01/picture-2-por-alicemaravilha-no-flickr.html>>. Acesso em: 05 de julho. 2010.

Com isso torna-se consolidada a literatura infantil na Europa, aumentando a cada ano o número de produções e exportações. É assim que a literatura infantil chega ao Brasil a partir de obras traduzidas. Somente no século XX é que surge no Brasil uma literatura infantil que pode ser denominada de brasileira.

O livro no Brasil chega da mesma maneira que dos outros países, como uma resposta a industrialização. Alguns exemplos são: *Contos infantis* (1886) de Júlia Lopes de Almeida e Adelino Lopes Vieira e *Contos Pátrios* (1904), de Olavo Bilac e Coelho Neto (Figura 12). (Ibid.)

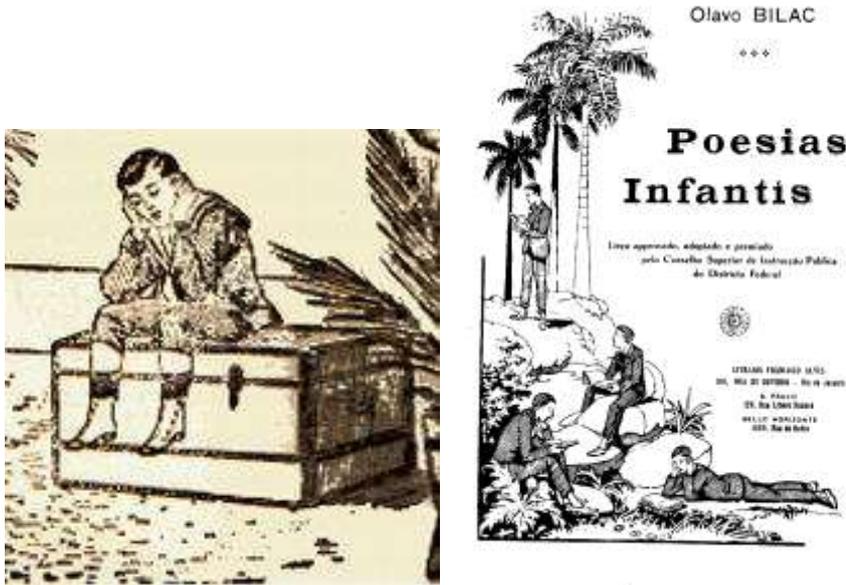


Figura 12: \_\_\_\_\_, Poesias Infantis. Disponível em: <<http://apologo11.blogspot.com/2008/07/olavo-bilac-e-as-estrelas-fazendo-coro.html>>. Acesso em: 05 de julho. 2010.

Ainda no Brasil não se existia uma tradição em relação à leitura dos livros infantis. Zilberman (2004) aponta algumas soluções que consistiam em:

- tradução de obras estrangeiras;
- adaptação de obras feitas para adultos para as crianças;
- reciclagem de material escolar, pois os leitores que formavam o crescente público já eram alunos e estavam se habituando a utilizar o livro didático;
- busca da tradição popular, e confiança nas histórias populares que as crianças estavam acostumadas a escutar.

Em 1921 surge Monteiro Lobato com *Narizinho Arrebitado* (Figura 13) passando a dedicar-se ao público infantil marcando a história da literatura no país. Nas décadas de 30 e 40, períodos marcados pelo Estado Novo e pela Ditadura, acontecem algumas reformas na área da educação e a criança é tratada como cidadã, desta maneira os livros infantis voltados para a fantasia são considerados inadequados para as crianças. (LAJOLO e ZILBERMAN, 2006)



Figura 13: Monteiro Lobato. Narizinho Arrebitado.  
Disponível em: <<http://macmais.terra.com.br/noticias/globo-livros-lanca-o-primeiro-livro-brasileiro-interativo-para-ipad/>>. Acesso em: 05 de julho. 2010.

A partir da década de 70 a qualidade e a criatividade passam a ser valorizados, com grandes inovações no gênero infantil. Desta fase são: *Bisa Bia Bisa Bel* (Figura 14) e *História do Contrário* de Ana Maria Machado; *A Fada que tinha idéias* de Fernanda Lopes de Almeida.

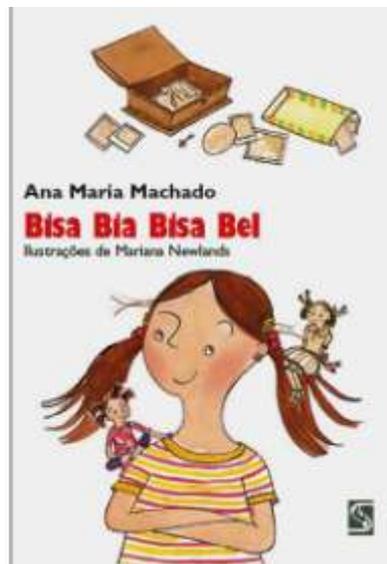


Figura 14: Ana Maria Machado. Bisa Bia Bisa Bel.  
Disponível em: <<http://www.pirlimpimpimbrinquedos.com.br/livros-infantojuvenis/bisa-bia-bisa-bel.html>> Acesso em: 05 de julho. 2010.

Ainda de acordo com os autores, nos últimos anos o imaginário passa a ser mais abordado, através de histórias baseadas tanto em temas universais como regionais e também elementos de folclore brasileiro.

Também podem ser considerados os precursores do livro infantil, os livros religiosos, as cartilhas escolares e enciclopédias com imagens. Nesse período os ilustradores costumavam permanecer no anonimato, não assinando suas obras. (Ibid.)

No início do século XX surge na história da ilustração infantil européia, Beatrix Potter, que inovou ao associar o comportamento animal ao comportamento humano com *The Peter Habbit* (Figura 15). Além disso, a autora se preocupava com o formato e manuseio do livro para as crianças. Nessa mesma época tem-se o criador do *Ursinho Pooh*, E. H. Shepard (Figura 16), um personagem que atrai a atenção por se tratar de um urso de pelúcia que ganha a vida. (BLAKE, 2003).

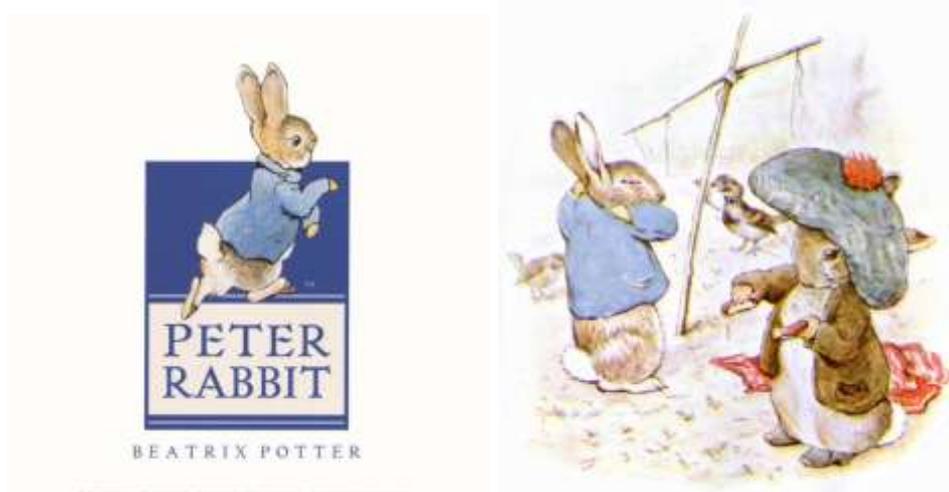


Figura 15: Beatrix Potter. *The Peter Rabbit*.  
Disponível em: <<http://www.peterrabbit.com/us/index.asp>> Acesso em: 05 de julho. 2010.



Figura 16: E.H. Shepard. *Ursinho Pooh*.  
Disponível em: <<http://www.peterrabbit.com/us/index.asp>> Acesso em: 05 de julho. 2010.

No final do século XX no Brasil, é que a ilustração começa a receber grande atenção dentro do livro infantil, e alguns ilustradores recebem destaque, como Eva Furnari (Figura 17), Graça Lima (Figura 18), Nelson Cruz (Figura 19), Roger Mello (Figura 20) entre outros.

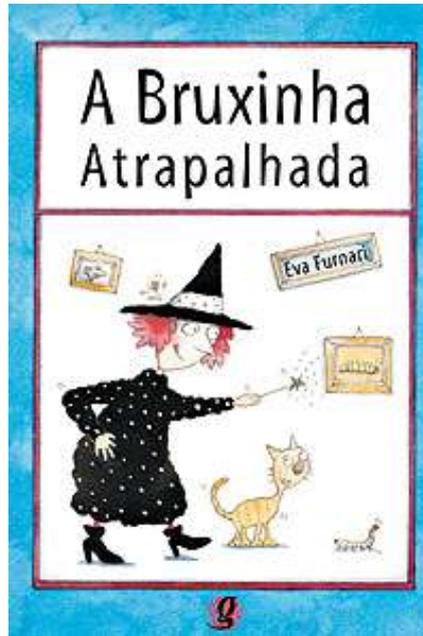


Figura 17: Eva Furnari. A Bruxinha Atrapalhada.

Disponível em: <<http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI4895-10534-3,00-OS+MELHORES+LIVROS+PARA+SEU+FILHO.html>> Acesso em: 05 de julho. 2010.



Figura 18: Graça Lima. Cadê.

Disponível em: <<http://capaduraemcingapura.blogspot.com/2009/06/cade-de-graca-lima.html>> Acesso em: 05 de julho. 2010.

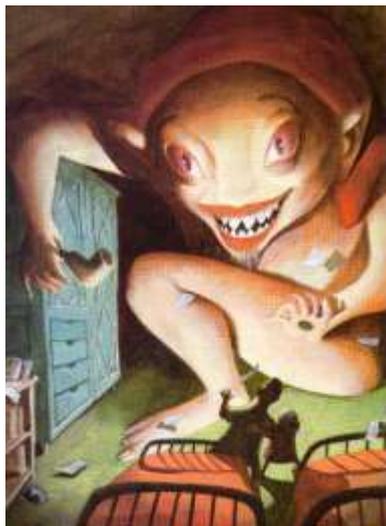


Figura 19: Nelson Cruz. O Caso do Saci.  
Disponível em: <<http://nelsoncruzilustrador.blogspot.com/>> Acesso em: 05 de julho. 2010.

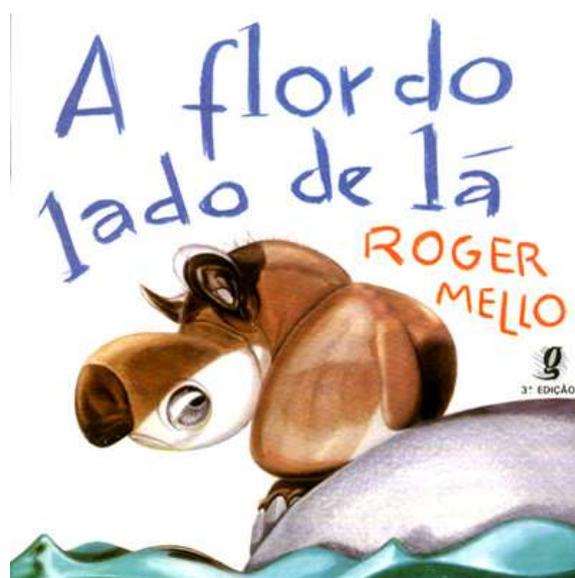


Figura 20: Roger Mello. A Flor do lado de lá.  
Disponível em: <<http://www.dobrasdaleitura.com/vitrine/2008/04rm.html/>> Acesso em: 05 de julho. 2010.

Apontou-se acima como foi à chegada do livro de literatura infantil no mundo e no território brasileiro. Viu-se que a partir da década de 70 começou a existir uma maior preocupação com a leitura das crianças, ou seja, passou-se a considerar as necessidades dos pequenos leitores.

Pôde-se perceber que somente com a necessidade de uma resposta eficiente a industrialização é que o livro literário infantil surgiu no Brasil na década de 70.

Portanto, para esse “exercício” se tornar um hábito no Brasil algumas soluções foram tomadas; como a tradução de obras estrangeiras, a utilização das histórias adultas em formato infantil e a busca da tradição escolar.

Somente a partir da década de 1970 é que surgiram grandes nomes da literatura infantil como Monteiro Lobato e só depois desse momento é que a ludicidade e a criatividade passaram a serem temas freqüentes nas histórias para essa faixa etária.

Entretanto é importante destacar que o livro literário infantil não apresenta somente a função de entreter, mas sim de aprendizagem e conhecimento. Nas escolas se trata de um importante instrumento de trabalho dos professores para o processo de ensino.

A seguir será exposto o livro infantil como gerador de conhecimento enfatizando sua importância para o crescimento do intelecto infantil e justificando a importância do estudo do livro literário, enfatizando mais o hábito de leitura e, posteriormente a importância de uma escolha adequada tipográfica para facilitar a legibilidade dos livros.

## 2.4 O LIVRO DE LITERATURA INFANTIL COMO CONHECIMENTO

Originariamente, os livros infantis tinham uma intenção pedagógica, as histórias infantis eram um meio para o ensino didático ou vinham impregnados de valores morais a serem incutidos nas crianças (MARTINS et al, 2004).

Ainda de acordo com os autores, a partir da década de 70 a literatura infantil sofre uma virada temática e passa a se sustentar em novos dogmas da educação: a valorização da criatividade, da independência e da emoção infantil, o chamado, pensamento crítico. Segundo Silveira (1997, p.149), "(...) e com ênfase à criança ativa, participante, não-conformista".

Como pôde ser observado, o livro infantil tinha apenas valor didático ou de valores morais e religiosos, e somente a partir de um tempo é que se introduziu a valorização da criatividade e da emoção infantil.

Sendo assim, Sawulski (2002) aponta que nas escolas, o livro infantil deve despertar o gosto pela leitura, pois, pode proporcionar fruição, alegria e encanto quando trabalhada de maneira significativa, além disso, pode desenvolver a imaginação, os sentimentos a emoção e a expressão através de uma aprendizagem prazerosa.

Miqueletto (2001) aponta que a literatura enquanto **conhecimento** é rica e abundante, e como método apresenta-se como mais um recurso para o educador conduzir a criança à aquisição de conhecimentos, desenvolvendo nela várias habilidades e despertando o gosto pela leitura e pela linguagem de uma forma prazerosa e dinâmica.

Para o autor a literatura infantil pode ser decisiva para a formação da criança em relação a si mesma ou ao mundo à sua volta. O maniqueísmo<sup>7</sup> que envolve as personagens em boas ou más facilitará para a criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou do convívio social.

É importante destacar o papel da escola e do educador na escolha do livro literário. Ziberman (1985) destaca que o recurso à literatura é que pode desencadear com eficiência um pacto entre as crianças e o texto, assim como entre o aluno e o professor.

Um enfoque importante a respeito da literatura infantil é o que se refere à linguagem, e a literatura contribui para o processo de criar uma nova linguagem. Quando uma criança reinventa uma linguagem, sonha com o fantástico e o encantamento, ou ainda, quando ela se deixa levar pelo prazer da palavra para si mesma, é porque existe nela o gosto e a procura de palavras ainda desconhecidas em seu repertório. Sendo assim, a literatura como arte é um processo a ser desenvolvido na sala de aula, e deve ocorrer com sensibilidade e emoção, porém com análise crítica. (MIQUELETTO, 2001, p.17)

Entretanto deve-se levar em consideração o que Foucambert (1994) destaca, que mais que alfabetizar é preciso “leituralizar”, ou seja, não somente ler, pois ler é explorar a escrita de uma forma não linear. Ou seja, a criança atribui sentido a uma

---

<sup>7</sup> O **maniqueísmo** é uma forma de pensar simplista em que o mundo é visto como que dividido em dois: o do Bem e o do Mal. A simplificação é uma forma primária do pensamento que reduz os fenômenos humanos a uma relação de causa e efeito, certo e errado, isso ou aquilo, é ou não é. A simplificação é entendida como forma deficiente de pensar, nasce da intolerância ou desconhecimento em relação à verdade do outro e da pressa de entender e reagir ao que lhe apresenta como complexo. (LIMA, p. 2001)

mensagem ou o que considera mais significativo para si, elaborando hipóteses e mergulhando em sua imaginação.

Freire (1996) aponta para um fator semelhante, de que o professor deve ser crítico em relação à leitura, e que esta só é verdadeira se houver um comprometimento verdadeiro de quem está lendo, ou seja, o texto não é apenas uma produção do autor ou da autora, e sim uma junção entre o leitor e o autor.

Para destacar sobre a importância da literatura infantil:

Nos dias de hoje, percebe-se que as crianças começam a formar sua leitura de mundo e despertar para rabiscos, traços e desenhos desde cedo, conforme as oportunidades que lhes são oferecidas. Cabe então, enfatizar que se faz necessário colocá-las em contato com a leitura e a escrita de maneira prazerosa. Um importante caminho a ser seguido nesse aspecto é a exploração frutiva da literatura infantil. A sua prática desperta o interesse e a atenção das crianças, desenvolvendo nelas, entre outras coisas, a imaginação, a criatividade, a expressão das idéias, e o prazer pela leitura e escrita. Cabe ressaltar também, que a literatura infantil oportuniza situações, nas quais as crianças possam interagir em seu processo de construção do conhecimento, possibilitando assim, o seu desenvolvimento e aprendizagem (TASSI, 2005<sup>8</sup>).

Para finalizar sobre a literatura infantil para as crianças:

A literatura infantil é importante sob vários aspectos biopsicossociais. Quanto ao desenvolvimento cognitivo, ela proporciona às crianças, meios para desenvolverem habilidades que agem como facilitadores dos processos de aprendizagem. Estas habilidades podem ser observadas no aumento do vocabulário, nas referências textuais, na interpretação de textos, na ampliação do repertório lingüístico, na reflexão, na criticidade e na criatividade. Estas habilidades propiciariam no momento de novas leituras a possibilidade do leitor fazer inferências e novas releituras, agindo, assim, como facilitadores do processo de ensino-aprendizagem não só da língua, mas também das outras disciplinas. (MARTINS, et al. 2004<sup>9</sup>).

É de extrema importância nesta pesquisa apontar para todos os fatores favoráveis do livro de literatura infantil em relação ao aumento de conhecimento da

---

<sup>8</sup> (TASSI, Adelaide da Rosa. A importância da Literatura Infantil para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. Disponível em:<<http://www.cce.ufsc.br/~neitzel/literinfantil/adelaide.htm>>. Acesso em: Maio 2009.)

<sup>9</sup> (MARTINS, et. al. A importância da literatura infantil no desenvolvimento cognitivo da criança. VII Ciências Humanas. 2004. Disponível em:<<http://www.sitedeliteratura.com/Noticias/2003/vitm.htm>> Acesso em: Outubro 2009.)

criança. Como foi visto além das crianças desenvolverem habilidades relacionadas ao conhecimento imediato, como aumento do vocabulário e da interpretação dos textos, ela consegue também gerar hipóteses, aumentar sua imaginação, socializar e criar valores da conduta humana.

É importante destacar que a vivência da leitura deve propiciar o desenvolvimento do pensamento organizado, capaz de levar o jovem a uma postura consciente, reflexiva e crítica frente à realidade social em que vive e atua.

Outro fator importante diz respeito à postura do professor perante a sala de aula, não somente como um transmissor de conhecimento, mas também como um formador de opinião com espírito crítico.

A imagem a seguir (Figura 21) demonstra como o livro literário infantil, o professor e as crianças se relacionam e quais as implicações de um sobre o outro.

Em uma explicação breve: o livro de literatura infantil facilita o processo de aprendizagem da criança, assim como, o aumento de vocabulário, da criticidade e da interpretação. Além disso, o livro literário se trata de um fator importante para a criatividade, a socialização e expressão das idéias pelas crianças. O professor, com o uso do livro de literatura infantil na sala de aula deve apresentar um comprometimento com o ensino e a leituralização dos livros. A criança aparece como “plano de fundo” no desenho esquemático se beneficiando das propriedades do livro literário infantil.



Figura 21: Desenho esquemático do relacionamento entre o livro de literatura infantil, professor e a criança. (Fonte: DO AUTOR)

Em relação ao livro infantil já foi apontado seu surgimento e como este propicia um melhor rendimento do conhecimento, ou melhor, como ele pode auxiliar na aprendizagem infantil.

Para completar é importante apontar quais os interesses das crianças em relação à leitura do livro literário infantil, para isso abaixo será apontada uma relação de interesses baseados nos estudos de Schliebe-lippert & Beinlich (1987, apud BAMBENGER 1991).

## 2.5 O INTERESSE PELO LIVRO INFANTIL

Bambenger (1991) leva em consideração os estudos realizados por Schliebe-lippert & Beinlich do ano de 1987 que define o interesse das crianças pela leitura, de acordo com a expectativa infantil. Os autores interpretam as declarações feitas pelas crianças em suas pesquisas desta maneira:

- o sentimento de ser capaz de dominar o livro sozinhas;
- os livros que estão de acordo com seus interesses pessoais;
- os livros devem ser escritos com clareza, ser emocionantes e

compreensíveis;

-a criança quando está com o livro quer fugir da monotonia, ou seja, exige o inusitado e a libertação do dia a dia,

-espera superar a solidão,

-as crianças sentem prazer em colocar-se no lugar do personagem do livro infantil, em sentir e viver com eles;

-muitas crianças gostam de exercitar seus poderes de fantasia e deliciam-se com sua alta capacidade de imaginação;

-a adolescência com sua capacidade de compreender os motivos psicológicos e interpretar o comportamento humano, caracteriza-se pela curiosidade que tem de si mesmo;

- ler para desenvolver hobby, em contraste com a leitura como hobby.

Sendo assim pode-se constatar que o interesse pela leitura vai desde o sentimento de posse e dominação do livro até os prazeres relacionados com a aventura que o leitor está “diante”.

Entretanto é necessário apontar que nesses estudos somente são relacionados os aspectos ligados aos prazeres que as crianças têm em relação à leitura e em nenhum momento foi feita uma relação com ou como os interesses das crianças podem estar relacionados ao aumento de conhecimento.

Segue uma imagem (Figura 22) que demonstra a relação das crianças com o interesse pelo livro infantil, como explicado acima.



Figura 22: Desenho esquemático do interesse das crianças pelo livro literário infantil. (Fonte: DO AUTOR)

A seguir será exposto como é realizada a composição editorial do livro literário, ou seja, como o designer e ilustrador atuam e tem o papel de unir imagem e texto de forma coerente e que atendam as expectativas infantis para que este público se beneficie da melhor maneira possível.

## 2.6 COMPOSIÇÃO EDITORIAL DO LIVRO INFANTIL

Em relação a composição editorial do livro infantil, têm-se Lins (2004, p. 38) que descreve o livro infantil da seguinte maneira,

Como produto industrial, o livro infantil está sujeito a imposições técnicas e pedagógicas, é resultado de um trabalho artístico e cooperativo e, como tal, tem que responder aos anseios estéticos de todas as partes envolvidas, além de atender às expectativas emocionais e psicológicas do público – leitor que escapam da teoria e de toda a metodologia de trabalho.

É interessante destacar o que Lins descreve, e que já foi apontado anteriormente nessa pesquisa, para o fato de que muitas vezes o público alvo, neste caso as crianças, são excluídas dos processos metodológicos para a escolha do que é importante e necessário para elas mesmas.

Em relação ao papel do ilustrador, o autor aponta que há alguns anos atrás, o ilustrador brasileiro era contratado apenas para a elaboração das ilustrações, e que com a profissionalização do mercado, passou a ocupar duas funções, ilustrador e projetista gráfico, conseguindo um controle no resultado final.

É evidente que em alguns livros a imagem tem o importante papel de narrar uma história, deste modo o ilustrador deixou de ser um “prestador de serviço” e passou a ser co-autor da obra. (Ibid.)

Cordeiro (1987) aponta que a literatura para a criança deve utilizar-se de um vocabulário simplificado, predominantemente referencial. Devem-se evitar descrições longas, e sim falar por imagens e situações visíveis, através do diálogo e da narração. Descreve do seguinte modo:

O texto deve emergir com toda a sua força, pois só assim o livro infantil será impresso adequadamente em termos de espaço gráfico. A palavra, bem trabalhada em termos gráficos, emite sons, cria imagens, diminui ou amplia espaços, veicula, enfim, o texto em si. E através da palavra que reações são desencadeadas no leitor-criança, embora a criança possua um horizonte limitado de palavras. (CORDEIRO, 1987, p. 31)

Lins (2004) sugere que pode dividir em categorias o estilo do livro infantil: para as crianças pequenas, em geral, têm muitas cores, são maiores, com muitas ilustrações e pouca massa de texto (figura 23); quando vão crescendo, aumenta-se a quantidade de texto e diminuem-se as ilustrações. Deste modo, pouco a pouco o livro deixa de ser um “agente de prazer”, passa a não fazer parte do dia a dia das crianças.



Figura 23: \_\_\_\_\_. Livro para crianças muito pequenas.  
Disponível em: <<http://www.oceanodasletras.com.br/produtos.aspx?id=70&secao=livros-para-bebes>> Acesso em: 05 de julho. 2010.

Ainda aponta que em relação à técnica, seja qual for, o original vai se transformar em imagem eletrônica e ser reproduzido em série. A técnica, o estilo, o traço, tudo tem que trabalhar em conjunto, a favor do livro. O designer deve se preocupar com o resultado final do livro infantil, e não na ilustração original como nas artes plásticas. O resultado é uma mistura de técnicas que criam características peculiares ao livro infantil.

Desta forma o projeto gráfico e visual de um livro podem ser considerados uma unidade, ambos estão em busca de harmonia entre forma e conteúdo, no modo sob o qual se organizam os diferentes elementos de cada página e o agrupamento dessas páginas, o livro. Com o propósito de comunicação direta, imediata, cômoda e visualmente agradável entre o autor e seus leitores, transmitindo o equilíbrio desejável. Cabe ao designer, dar forma coerente aos elementos dispersos em um dado espaço. (Ibid.)

Entretanto é importante relembrar que mesmo unindo os aspectos visuais no projeto gráfico do livro é de fundamental necessidade atender os anseios infantis relacionados com o conhecimento, socialização, fatores humanos, criticidade, ou seja, todos os aspectos já citados anteriormente. Abaixo (Figura 24) um esquema relacionado à composição editorial.

Neste desenho esquemático, o designer, na composição editorial do livro literário infantil, deve unir imagem e texto de modo que proporcione condições ideais

de leitura, para atender as necessidades infantis.

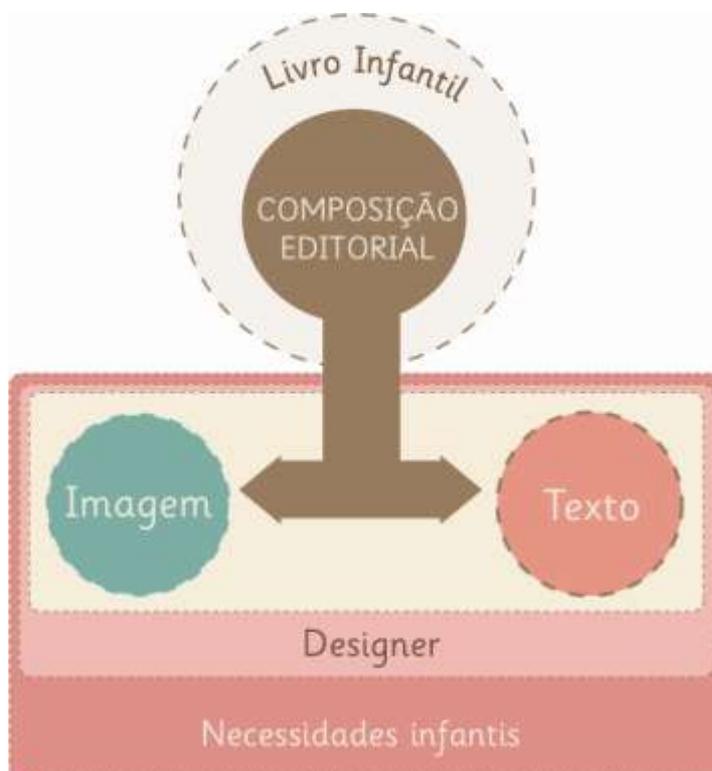


Figura 24: Desenho esquemático sobre a composição editorial. (Fonte: DO AUTOR)

Na seqüência apresenta-se uma breve explicação sobre os aspectos da criação do livro infantil. Como já apontado o livro literário auxilia no conhecimento, mas também é uma forma de entreter o pequeno leitor. E para a sua criação os designers utilizam de alguns aspectos bastante lúdicos que vão ser descritos a seguir.

## 2.7 ASPECTOS DA CRIAÇÃO DO LIVRO INFANTIL

Esta parte da pesquisa é apenas uma ênfase na parte de criação do livro literário infantil. Espera-se compreender como o designer e o livro infantil se relacionam no ato de criação.

Com isso, chama-se a atenção para aspectos de extrema importância. Segundo Bahia (1995) o ilustrador depende de alguns aspectos importantes como:

fantasia, invenção, criatividade e imaginação (Figura 25), ou seja, o designer ao construir o livro de literatura infantil, deve levar em consideração esses aspectos para uma bom resultado.



Figura 25: Aspectos de criação do livro de literatura infantil. (Fonte: DO AUTOR)

Ainda de acordo com a autora para a criação do livro infantil, os personagens vão de um mundo a outro, vivem situações irreais, abastecidas pelo mundo fantástico, o mundo artístico, o mundo da criatividade e o mundo da fantasia são indissociáveis, situam-se alguns aspectos de natureza criativa que ajudam na construção visual do livro infantil.

Destaca que os acontecimentos e ações na literatura fantástica diferem daqueles possíveis da realidade. Uma característica citada como delineadora e que limita a **fantasia** é que a história difere do universo de uma maneira que não resulta da ciência ou tecnologia, mas sim devido à magia ou outro fenômeno anormal.

Munari (1981) aponta que a partir da sua experiência na área de comunicação visual focaliza a fantasia como uma faculdade humana que age simultaneamente com outras - invenção, imaginação e criatividade. Resgata a convergência destas faculdades para um ponto comum na busca da descoberta de tudo que antes não existia: a novidade.

Em relação à **invenção** tem-se que: "(...) inventar é descobrir, e, descobrir é encontrar qualquer coisa que anteriormente não se conhecia, mas que já existia, a invenção e pensada, mas exclusivamente prática". (MUNARI, 1981, p.24).

Nas ilustrações a invenção pode ser percebida quando vem à novidade, a surpresa pelos aspectos novos.

A **criatividade**, qualidade de criar, de ser criativo, envolve diversos aspectos – intelectuais, psicológicos, sociais, econômicos. Para Munari (1981), o indivíduo criativo está em constante evolução e as suas possibilidades criativas nascem da contínua atualização do aprimoramento dos conhecimentos, assim defini-se que o indivíduo aprende com as próprias experiências e com os problemas enfrentados na vida e que está ligado a uma inteligência flexível rápida do que a um objetivo mental.

Para o designer, **imaginar** é preparar o esboço, o layout. Reforçando o conceito, o autor descreve a imaginação como meio para visualizar, para tornar visível, aquilo que pensam a fantasia, a invenção e a criatividade.

Após esta breve explicação sobre os aspectos de criação do livro literário, é importante destacar como está o design editorial infantil no Brasil. Com isso, espera-se obter uma resposta em relação ao número de leitores e conseqüentemente ao número de livros vendidos e lidos para destacar a importância que o ato da leitura possui no território brasileiro e justificar o estudo tipográfico para leitores iniciantes.

## 2.8 DESIGN EDITORIAL DO LIVRO INFANTIL NO BRASIL

É importante destacar como está o crescimento da produção de literatura infantil no Brasil. Deste modo, serão evidenciadas algumas informações em relação a este crescimento.

Informações contidas no Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) indica que o índice de leitura no Brasil é de 1,8 livros por habitante no ano. Em populações de países desenvolvidos esses números crescem, ou seja, elas lêem mais.

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada em 2001, pela Câmara Brasileira da Indústria do Livro (CBL), pelo Sindicato Nacional das Editoras de Livros (SNEL) e pela Associação Brasileira dos Editores de Livros (Abrelivros), revelou que os índices de leitura crescem enquanto os jovens estão na escola. (CBL, 2009)

Os leitores efetivos (que leram pelos menos um livro nos últimos três

meses), chegam na média nacional a 45% da população, mas se tratando em faixa etária dos 20 aos 29 anos, esse número cai a 23%. A partir do momento em que se termina o período escolar as taxas decrescem.

Sendo assim, é importante destacar que a escola tem um papel importante na leitura, como é indicado nas pesquisas, ou seja, se a escola der um incentivo cada vez maior à leitura esses níveis de crescimento vão continuar subindo. E para que essa leitura seja boa são necessários todos os cuidados em relação ao texto, mais precisamente sobre a legibilidade e escolha tipográfica que é o tema dessa pesquisa.

Segundo o Diagnóstico do Setor Editorial Brasileiro produzido pela CBL e pelo SNEL, as compras governamentais garantem o principal filão da indústria do livro: em 2003 representaram 43% dos 222,5 mil exemplares de livros vendidos, ou 19% do faturamento total do setor, que foi de 2,4 bilhões de reais.

De acordo com a CBL, o Brasil apresentou um grande avanço na produção de livros infantis, em 1990, foram produzidos 22.479 títulos, em contrapartida em 2000, chegou a 45.111 títulos. Isso se deve a: qualidade artística da literatura e da ilustração brasileiras; informatização e automação, redução os custos de reprodução e impressão em policromia, globalização e intercomunicação, que possibilitam a produção de livros para fora do país; projetos e instituições, governamentais ou não.

De acordo com a pesquisa: 'Produção e Venda no Setor Editorial Brasileiro', que é realizada desde 1990, e a partir do ano 2000, o SNEL desenvolveu uma tabela sobre a evolução do setor no mercado brasileiro. (Tabela 1), a seguir:

Tabela 01 - Produção e Vendas do Setor Editorial<sup>10</sup> no ano de 2006. (Fonte: Produção e Venda no Setor Editorial Brasileiro)

| Ano  | PRODUÇÃO<br>(1ª edição e reedição) |             | VENDAS      |                      |
|------|------------------------------------|-------------|-------------|----------------------|
|      | Títulos                            | Exemplares  | Exemplares  | Faturamento<br>(R\$) |
| 1990 | 22.479                             | 239.392.000 | 212.206.449 | 901.503.687          |
| 1991 | 28.450                             | 303.492.000 | 289.957.634 | 871.640.216          |
| 1992 | 27.561                             | 189.892.128 | 159.678.277 | 803.271.282          |
| 1993 | 33.509                             | 222.522.318 | 277.619.986 | 930.959.670          |
| 1994 | 38.253                             | 245.986.312 | 267.004.691 | 1.261.373.858        |
| 1995 | 40.503                             | 330.834.320 | 374.626.262 | 1.857.377.029        |
| 1996 | 43.315                             | 376.747.137 | 389.151.085 | 1.896.211.487        |
| 1997 | 51.460                             | 381.870.374 | 348.152.034 | 1.845.467.967        |
| 1998 | 49.746                             | 369.186.474 | 410.334.641 | 2.083.338.907        |
| 1999 | 43.697                             | 295.442.356 | 289.679.546 | 1.817.826.339        |
| 2000 | 45.111                             | 329.519.650 | 334.235.160 | 2.060.386.759        |
| 2001 | 40.900                             | 331.100.000 | 299.400.000 | 2.267.000.000        |
| 2002 | 39.800                             | 338.700.000 | 320.600.000 | 2.181.000.000        |
| 2003 | 35.590                             | 299.400.000 | 255.830.000 | 2.363.580.000        |
| 2004 | 34.858                             | 320.094.027 | 288.675.136 | 2.477.031.850        |
| 2005 | 41.528                             | 306.463.687 | 270.386.729 | 2.572.534.074        |
| 2006 | 46.026                             | 320.636.824 | 310.374.033 | 2.880.450.427        |

Como se pode perceber ocorreu uma queda na publicação dos livros entre 1997 e 2004 e a partir de 2005 a produção vem crescendo. Sendo assim, é importante destacar que a produção de livros está caminhando para um aumento cada vez maior e esse crescimento aponta que o ato da leitura é muito importante.

Para a leitura das crianças é importante considerar o papel do governo no aumento da produção de livro infantil, e apontar que as crianças brasileiras estão lendo mais. Outro fator de destaque é que as escolas são determinantes para essa maior leitura, ou seja, pode-se afirmar que com um maior apoio do governo juntamente com um ensino de maior qualidade formam aspectos ideais para o incentivo à leitura para as crianças. Segue um diagrama (Figura 26) das causas do aumento da produção dos livros literários.

Neste desenho estão representadas as causas do aumento da leitura no

<sup>10</sup> Pesquisa realizada semestralmente pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e pela Câmara Brasileira do Livro (CBL).

Brasil, primeiramente lê-se mais quando as crianças estão na escola, e um fator importante para o aumento da produção e vendas dos livros está relacionado às compras governamentais dos livros infantis. Em 1990, no Brasil, o avanço da produção de livros é visível, cerca de 22.429 títulos e em 2000 esse número dobra, 45.111 títulos.

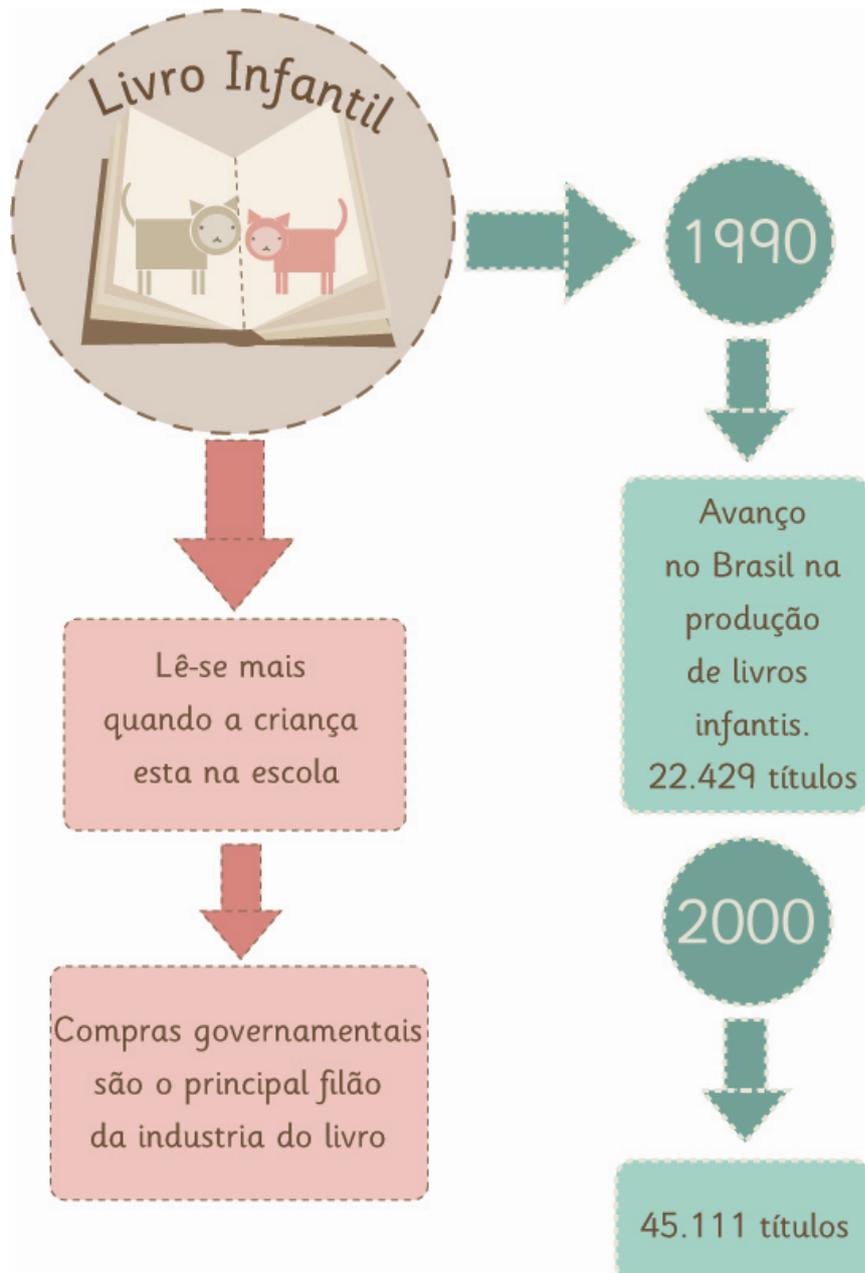


Figura 26 – Desenho esquemático sobre a produção de livros literários no Brasil. (Fonte: DO AUTOR)

## 2.9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o presente momento, foram vistos alguns fatores sobre o livro de literatura infantil como seu surgimento, sua importância como aquisição de conhecimento, a composição e o design editorial, os aspectos da criação e por fim o interesse da criança pelo livro. Estes fatores são de fundamental importância para criar um embasamento teórico sobre o estudo da legibilidade e sobre as características tipográficas relacionados à leitura infantil.

Deste modo pôde-se perceber o quão é importante o livro infantil no cotidiano da criança e como este auxilia no seu crescimento intelectual e social.

O livro literário auxilia a criança em diversos aspectos: como a sua socialização ao meio em que se vive, a criatividade e expressão das idéias, os valores de conduta humana. Além disso, forma um cidadão com criticidade e auxilia na aprendizagem: como o ganho de novos conhecimentos, o aumento de vocabulário, a interpretação de texto e outros.

Viu-se também como é o relacionamento da criança com o livro infantil. Este relacionamento muitas vezes se baseia na parte lúdica como a imaginação das crianças, a curiosidade, a libertação pessoal, a dominação do livro, o hobby pela leitura entre outros.

É importante destacar como a criança enxerga o livro, pois a partir disso os profissionais da área podem incorporar o livro infantil no cotidiano dela e não apenas no ambiente escolar. Os pais também podem ser considerados um fator de extrema importância para a familiarização da criança com o livro literário.

Portanto, sabendo destes aspectos é mais fácil introduzir na vida das crianças o hábito da leitura. A leitura e vários aspectos relacionados a ela serão expostos na próxima seção.

É importante ressaltar que o estudo do livro literário infantil serve de escopo para a próxima seção, a importância da leitura, e esta se relaciona de imediato com o foco principal dessa pesquisa, que é como melhorar a legibilidade e fazer uma escolha adequada tipográfica nos livros infantis, e posteriormente a criação do guia com recomendações tipográficas.

Para estudar os aspectos tipográficos, serão abordados alguns atributos relacionados à leitura tais como: a sua importância, como é realizada e compreendida, as fases da leitura e como ela é importante para as crianças.

A seguir um esquema (Figura 27) referente à esta seção.

Neste desenho a criança está como elemento principal, referente a uma sociedade que a considera como elemento integrante. Também é demonstrada a importância do livro infantil, como um agente de aquisição de conhecimento pela criança, e como o livro infantil surgiu, assim como, a preocupação com o público alvo e a leitura.

Outra conexão que é importante e que está representada é o design editorial no Brasil e o designer que apresentam relação direta com o livro literário e também com a criança que realizará essa leitura.

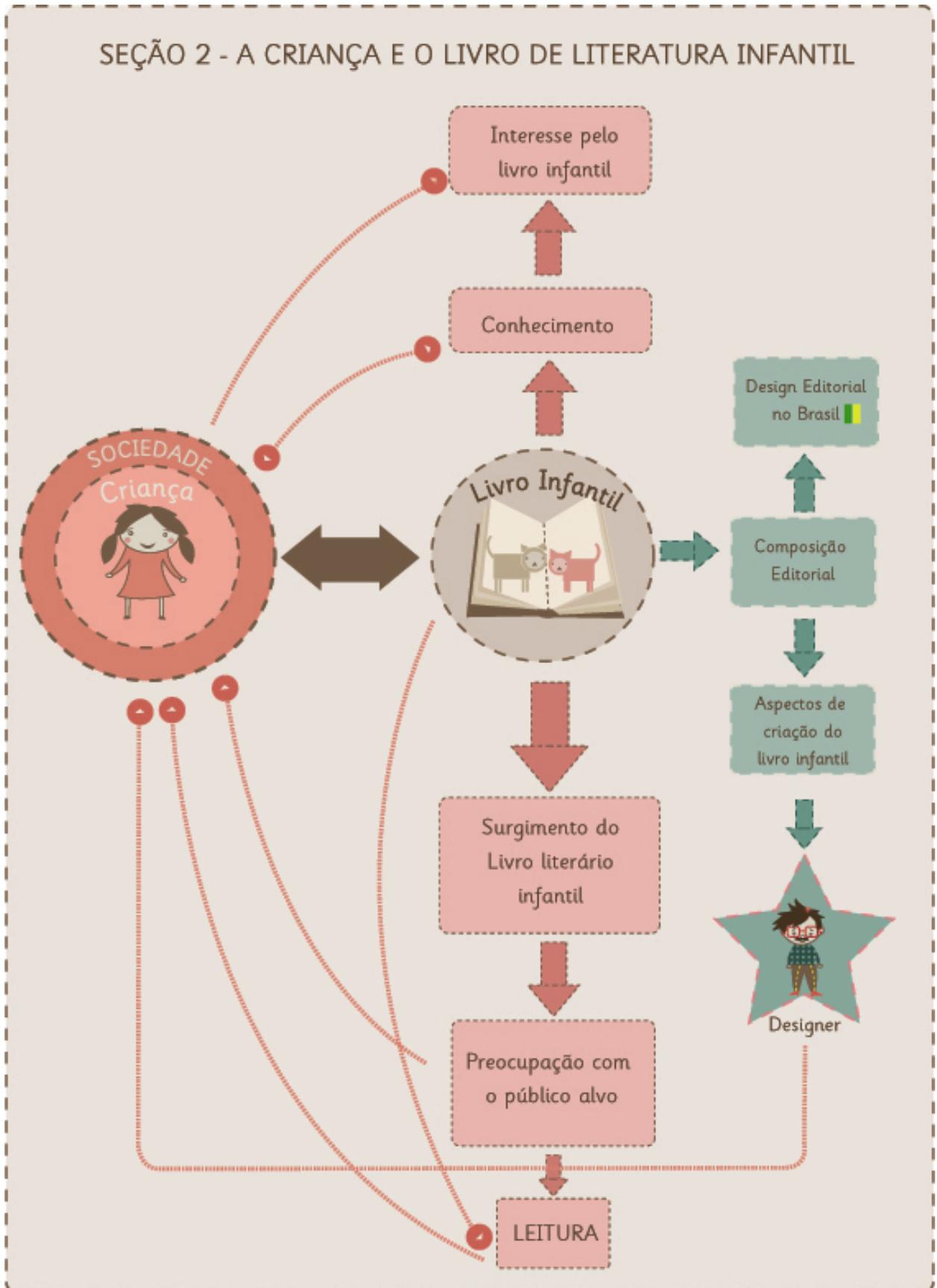


Figura 27 – Mapa mental sobre a seção 2 da pesquisa. (Fonte: DO AUTOR)

## SEÇÃO 3 - A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

### 3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Esta pesquisa visa apontar as características tipográficas essenciais para as crianças, com foco na legibilidade dos textos de literatura infantil, para criar um guia com recomendações tipográficas para designers gráficos e designers que atuam com a criação do livro infantil. Sendo assim, procura-se encontrar soluções para que ocorram condições satisfatórias no processo de leitura, considerando os aspectos da legibilidade. A leitura é um fator determinante a ser estudado, assim como o seu funcionamento.

É essencial apontar que o processo de leitura de uma criança se difere bastante do de um adulto. Vale destacar que a leitura realizada por leitores iniciantes atualmente é baseada no processo de **decifração das letras**, diferente do que acontece com leitores fluentes, que já possuem um repertório e a leitura é realizada segundo o **formato do contorno das palavras** e **reconhecimento de um número maior de letras**. (RUMJANEK, 2009, p. 1)

Sendo assim deve-se levar em consideração o universo infantil, referente ao processo de reconhecimento da leitura, e como este se relaciona com o processo de leitura.

Entretanto também é necessário definir inicialmente qual o aspecto social da história da leitura e como é realizado este processo na mente das crianças.

Portanto, para se chegar a criação do guia tipográfico é necessário saber o funcionamento da leitura, assim como sua definição e como é processada no intelecto infantil.

A compreensão do texto relacionado à percepção também foi demonstrada para verificar se a leitura está sendo realizada de modo consciente, com atenção para o conteúdo do texto.

Outro aspecto que foi considerado nesta pesquisa é a relação da leitura no ensino e como os professores atuam perante a leitura das crianças.

### 3.2 HISTÓRIA SOCIAL DA LEITURA

Antes de apontar a importância da leitura, como ela é realizada, e até como é seu processo de aprendizagem é importante destacar o surgimento da circulação da leitura como um aspecto cultural de fácil acesso e seus aspectos sociais.

Zilberman (1985) aponta que a universalidade do ato de ler provém do fato de que todo indivíduo está de alguma maneira ligado a ele, a partir de estímulos da sociedade e da vigência de códigos que se transmitem por intermédio de um alfabeto.

A consolidação de um público leitor que se converte em um mercado ativo e exigente, a partir do século XVIII, é talvez, o fenômeno cultural mais impressionante a caracterizar a sociedade ocidental desde então. Pois ele acrescenta uma mudança radical no processo de circulação da cultura, sendo assim pode ser adquirida por qualquer cidadão, ou seja, torna-se democrática e popular.

Para a autora, a escola desde o século XVIII sofre uma transformação em decorrência da necessidade de ocupar a infância durante esta etapa da vida e, simultaneamente, informá-la de um saber para momentos futuros. Pode-se afirmar que a instituição se transforma no intermediário entre a criança e a cultura, utilizando como ponte entre os dois a **leitura**.

É interessante destacar as razões de a leitura estar em primeiro plano, em detrimento de outras modalidades, como a percepção e representação da realidade, passando a ser a porta de entrada para o conhecimento. Três acontecimentos importantes são reconhecidos:

- Dar acesso à leitura significou estimular uma indústria nascente – a tipografia - que estava se desenvolvendo bastante no período e descobria formas específicas de impressão, tais como o livro, o jornal, o folhetim;
- A tradição do saber, no Ocidente, adotou o livro como o privilégio dos produtos intelectuais e da tradição, em detrimento de outras possibilidades de expressão, como, por exemplo, as de ordem visual;
- O caráter econômico do código escrito facilitou a difusão deste.

Para Zilberman (1985), a ação de ler caracteriza toda a relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca.

O emprego do livro na escola remonta aos primórdios desta. O livro como suporte do aprendizado das primeiras letras, passa por diversas fases, ao longo da história da educação no Brasil.

Para a autora o livro didático, “[...] exclui a interpretação e, com isto, exila o leitor. Propondo-se como auto-suficiente, simboliza uma autoridade em tudo contrária à natureza da obra de ficção que, mesmo na sua autonomia, não sobrevive sem o diálogo que mantém com seu destinatário (ZILBERMAN, 1985: 21)”.

Para finalizar a autora aponta que o recurso à literatura é que pode desencadear com eficiência um pacto entre as crianças e o texto, assim como entre o aluno e o professor. (Ibid.)

É importante destacar o papel da leitura no decorrer da história, transformando a criança em um agente social e integrante da cultura, que até então, como se pode ver ela não era considerada.

Sendo assim, no universo infantil, as crianças passam a ser agentes ativos que constroem sua própria cultura e servem de contribuição para o mundo adulto.

A seguir um desenho esquemático (Figura 28) sobre a história social da leitura. É demonstrado neste desenho que a leitura, a partir do século XVIII, dissemina-se, pois: existem novas possibilidades de expressão, a economia está maior, a leitura do livro se torna um fator de tradição entre as pessoas, a leitura também se torna democrática e popular e há um aumento da produção de tipografia.

Portanto, com estes aspectos citados acima, a leitura torna-se presente na escola, melhorando o aprendizado das crianças, em que o professor é um intermediador desta relação (criança, livro e escola).

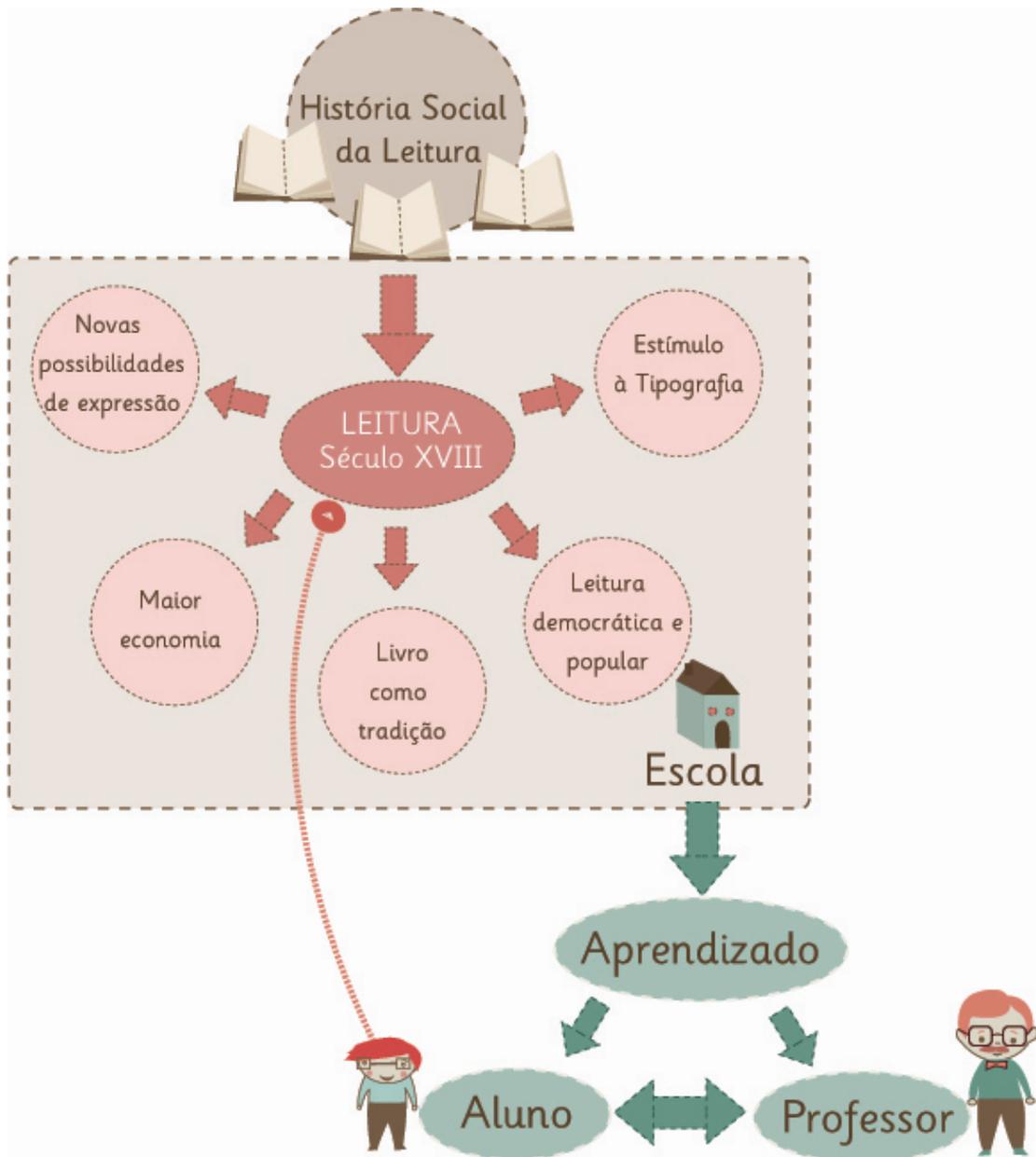


Figura 28 – Desenho esquemático sobre a história social da leitura. (Fonte: DO AUTOR)

No próximo tópico será feita uma explicação sobre o processo de leitura. Primeiramente serão abordados quais os aspectos sobre o que é leitura e como é compreendida. E para finalizar sobre o processo de leitura, será feita uma explicação sobre a percepção da leitura.

### 3.3 O QUE É LEITURA E COMO É COMPREENDIDA

Uma primeira abordagem sobre a leitura é sobre o que significa ler: “Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é. (FOUCAMBERT, 1994: 5)”.

Foucambert aborda a parte social da leitura, ou seja, como as pessoas tendo acesso à leitura podem fazer parte de uma sociedade.

Para Barbosa (1991) ler pode ser considerado uma atividade extremamente complexa, pessoal e secreta, que só se pode observar em seus aspectos exteriores, ou seja, um leitor diante de um texto.

Apona também que ler é uma **atividade ideovisual** e que depende do que está diante e atrás dos olhos. Trata-se de uma atividade **visual**, pois para poder ler é necessário haver um texto diante dos olhos. Entretanto afirma que é mais que um exercício dos globos oculares, pois, de um lado, o leitor recebe informação através de seu sistema de visão e por outro, informações em sua cabeça, na estrutura cognitiva (Figura 29).

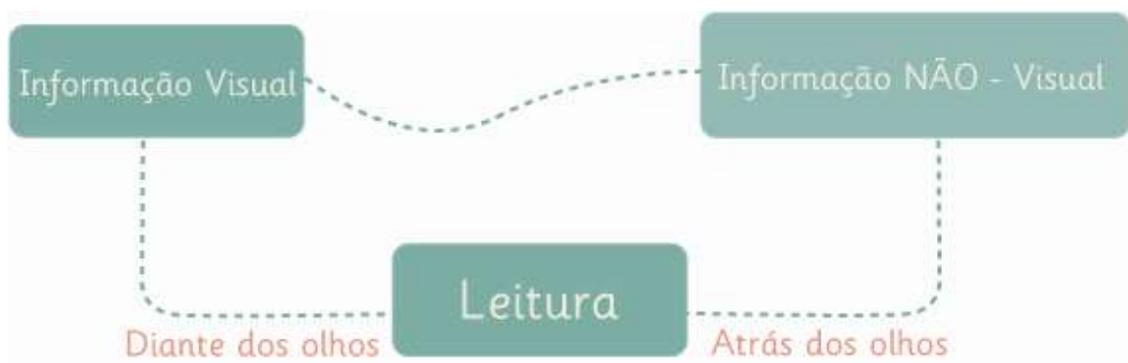


Figura 29: Esquema do processo de leitura. (Adaptado de BARBOSA, 1991:117).

Ainda para o autor, um leitor, ao entrar em contato com o texto, constrói uma hipótese sobre o que vai encontrar na leitura, ou seja, a leitura pressupõe a elaboração de um **saber prévio**, que fornece dados para o leitor levantar hipóteses sobre o que vai ler.

Para o êxito na atividade da leitura, o autor afirma que o leitor deve mobilizar três habilidades: a **verificação**, a **antecipação** e a **identificação**.

A verificação permite ao leitor certificar-se, através do sistema estruturado das palavras, sobre a antecipação do sentido que por ele foi previsto. Em relação à antecipação, estão alguns fatores como, a experiência com textos escritos e as experiências de vida do leitor. Na identificação o leitor busca a informação nova, confirmando ou reestruturando as hipóteses previamente intuídas, ou seja, a leitura é sempre um processo pontual e seletivo. Portanto, para ele não se ensina à criança o que é ler, porque a leitura não é um saber, mas sim uma **prática**, ou seja, é lendo que a criança aprende.

Entretanto Mialaret (1974) aponta que saber ler não é apenas uma técnica de decifração e sim **compreender** o que se decifra, ou seja, traduzir em pensamentos, idéias, emoções e sentimentos. Então, saber ler significa poder tirar benefícios da civilização e entrar em contato com todos os homens que sabem ler.

O autor ainda aponta que a aprendizagem da leitura é inseparável da formação do pensamento e do **desenvolvimento do espírito crítico**, sendo assim saber ler constitui o resultado de toda uma educação, que nunca pode se dar por terminada.

Foucambert (1994) destaca um aspecto que durante a leitura, só é possível entender um texto quando **previamente já se tem mais conhecimento** sobre ele do que nele consta, sendo assim para compreender algo, é preciso possuir quatro vezes mais informações do que aquela que se vai procurar.

Na fase de aprendizado, o meio deve proporcionar à criança toda a ajuda para utilizar textos “verdadeiros” e não textos simplificados para adaptá-los às possibilidades atuais do aprendiz, ou seja, não se aprende primeiro a ler palavras, depois frases, mais adiante textos. Entretanto aprende-se a ler aperfeiçoando-se, desde o início, mobilizando o “conhecido” para reduzir o desconhecido (FOUCAMBERT, 1994).

Para Moraes (1994) além do conhecimento prévio das palavras, para aprender a ler utiliza-se até o conhecimento do mundo, experiência pessoal, mas também estes processos e conhecimentos atuam quando é compreendida a linguagem falada.

Para finalizar sobre como funciona o processo de leitura, Jouve (2002), assim como Barbosa (abordado anteriormente), traduz que a leitura é antes de qualquer coisa, um ato concreto, observável e que nenhuma leitura é possível sem um funcionamento do aparelho visual e de diferentes funções do cérebro. “Ler é,

anteriormente a qualquer análise do conteúdo, uma operação de percepção, de identificação e de memorização dos signos”. (JOUVE, 2002, p.17)

Ele aponta que muitos estudos mostram que o olho não aprende os signos um após o outro, e sim por “pacotes” sendo assim, é comum “pular” certas palavras ou confundir os signos entre si.

De acordo com o autor o movimento do olhar não é uniforme e linear, e sim, é realizado de saltos bruscos e descontínuos entre os quais pausas mais ou menos longas permitem a percepção.

É essencial destacar que o processo de leitura de um adulto se difere bastante do de uma criança. Para as crianças a percepção que ocorre no processo de leitura, é distinta dos leitores fluentes, por causa de seu repertório limitado, a leitura envolve menos reconhecimento visual e mais operações de análise e síntese. (Ibid.)

Os autores citaram diversos aspectos importantes para compreender como é realizado o processo de leitura. Em síntese, esta pesquisa leva em consideração que a leitura transforma o ser humano em cidadão e o integra em uma sociedade.

Também destaca que o processo da leitura acontece primeiramente a partir de informações visuais (texto) e logo após das informações da mente (parte cognitiva, ou seja, compreensão). É importante apontar que o ato de ler acontece a partir de um conhecimento prévio do leitor em relação ao texto e também do seu conhecimento em relação ao mundo e sua experiência de vida. E além de ser uma atividade ideovisual e de um ato de decifração de signos é também um ato de percepção e compreensão do que se está vendo.

No próximo tópico será discutida a percepção da leitura, ou seja, como é o processo de entendimento do que se está lendo, ou seja, a compreensão do texto.

Um desenho esquemático (Figura 30) foi feito para facilitar o entendimento do processo de leitura e suas implicações.

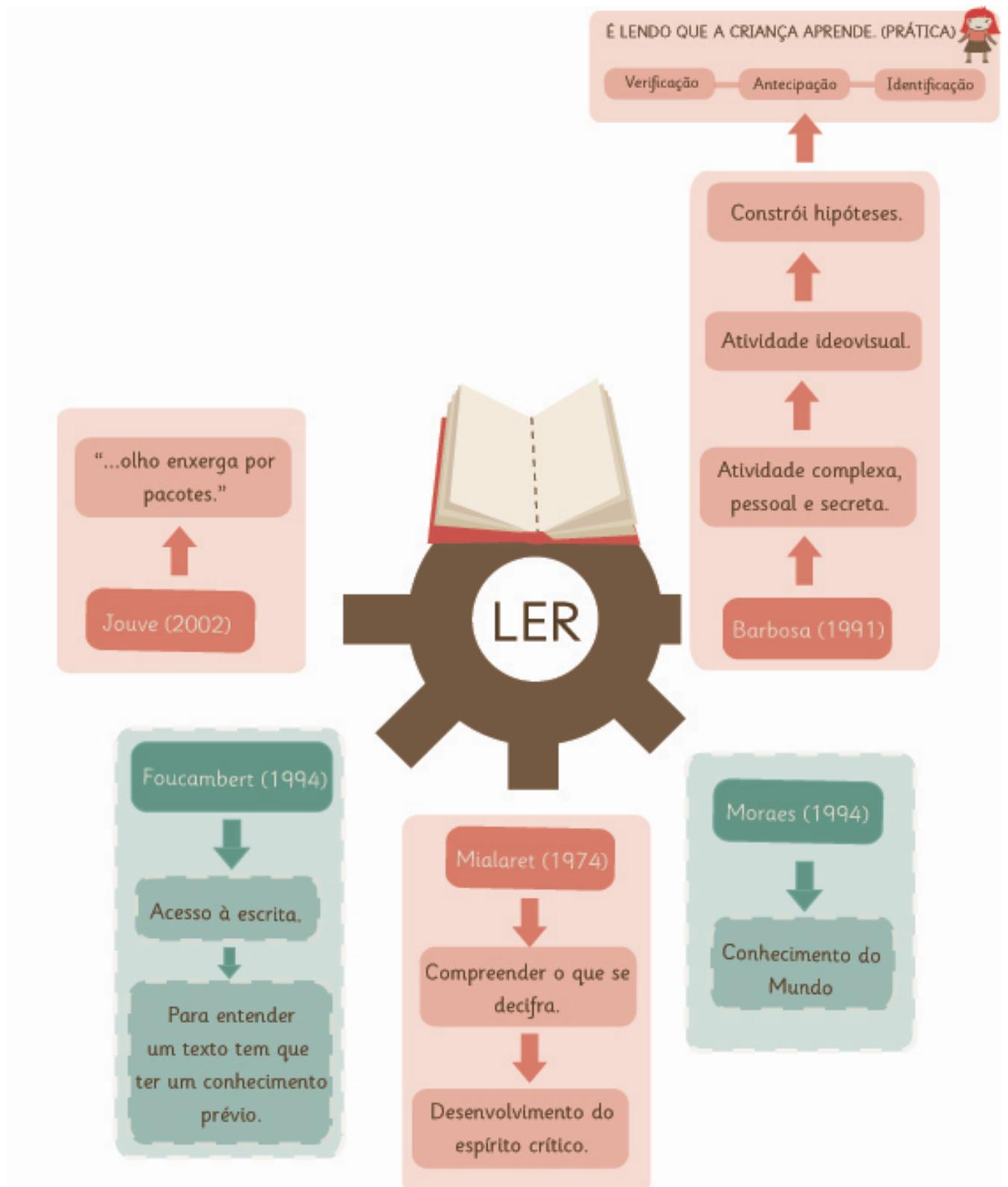


Figura 30: Esquema do processo de leitura e suas implicações. (Fonte: DO AUTOR)

### 3.4 A PERCEPÇÃO DA LEITURA

Nesta pesquisa serão analisados apenas os aspectos relacionados à legibilidade, porém é importante destacar todas as fases que constituem o processo da leitura. Nesta etapa, será descrito o processo de percepção, que constitui uma etapa importante da leitura.

A percepção da leitura está relacionada à leiturabilidade dos textos. Mais a frente serão apontados alguns conceitos relacionados à leiturabilidade. O processo da percepção consiste em: estímulo, preparação para resposta e resposta, entretanto é importante destacar que apesar do processo de leitura seguir este padrão, deve-se reconhecer que a leitura de palavras envolve processos que são diferentes da percepção de outros objetos visuais. (RUMJANEK, 2009, p. 20)

Para Jouve (2002), após o leitor perceber e decifrar os signos, ele tenta **entender do que se trata**, ou seja, a conversão das palavras em elementos de significação supõe um importante esforço de subtração. Esta **compreensão** pode ser mínima, somente sobre a ação do curso, ou pode ser que o leitor esteja preocupado em chegar ao fim, sendo assim a atividade cognitiva serve-lhe para progredir rapidamente.

Ainda de acordo com o autor, para as crianças a percepção que ocorre no processo de leitura é distinta dos leitores fluentes, por causa de seu repertório limitado, a leitura envolve menos reconhecimento visual e mais operações de **análise e síntese**.

Vale lembrar que a leitura das crianças é feita pela decifração das letras. Sendo assim deve-se levar em consideração o universo infantil e como este se relaciona com o processo de leitura. (RUMJANEK, 2009, p.1).

Para Barbosa (2001), a percepção e o esforço para compreensão da leitura implicam alguns riscos, ou seja, há sempre uma possibilidade de erro. Aponta que evitar erros reduz as chances de acertos e de boas decisões e que errar é condição para aprender e ler.

De acordo com ele: “O hábito de oralização integral do texto, palavra por palavra, é uma tentativa do leitor precavido de não correr o risco de errar; assim fazendo, ele prefere correr o risco de não compreender” (BARBOSA, 1991, p. 120.).

Pode-se perceber que o processo de leitura apresenta etapas bem distintas. Resumidamente ocorre primeiro o reconhecimento das letras, que nessa pesquisa estará relacionado à legibilidade e posteriormente a percepção das letras que estará relacionado à leiturabilidade das letras. Porém como dito anteriormente nesta pesquisa e conseqüentemente no experimento será levado em consideração apenas a primeira parte (legibilidade).

O processo de percepção das letras aborda questões mais profundas como o entendimento das palavras, ou seja, a compreensão do texto. Deste modo, extrapola os limites das características tipográficas, que é o foco de estudo desta pesquisa. Entretanto foi necessário fazer uma explicação sobre o processo de leitura, como é o seu funcionamento e sobre a percepção da leitura para embasar essa pesquisa.

Para ficar mais claro o processo de percepção da leitura e como este se encontra relacionado à leiturabilidade foi proposto um desenho esquemático (Figura 31).

Neste desenho tem-se que: a percepção da leitura está relacionada à leiturabilidade. E que esta percepção é uma união das opiniões dos 3 pesquisadores estudados, ou seja, errar é uma condição para se aprender a ler (Barbosa, 2001), para as crianças a leitura é baseada na decifração das letras (Rumjanek, 2009) e que para as crianças a leitura é feita por análise e síntese. (Jouve, 2002).

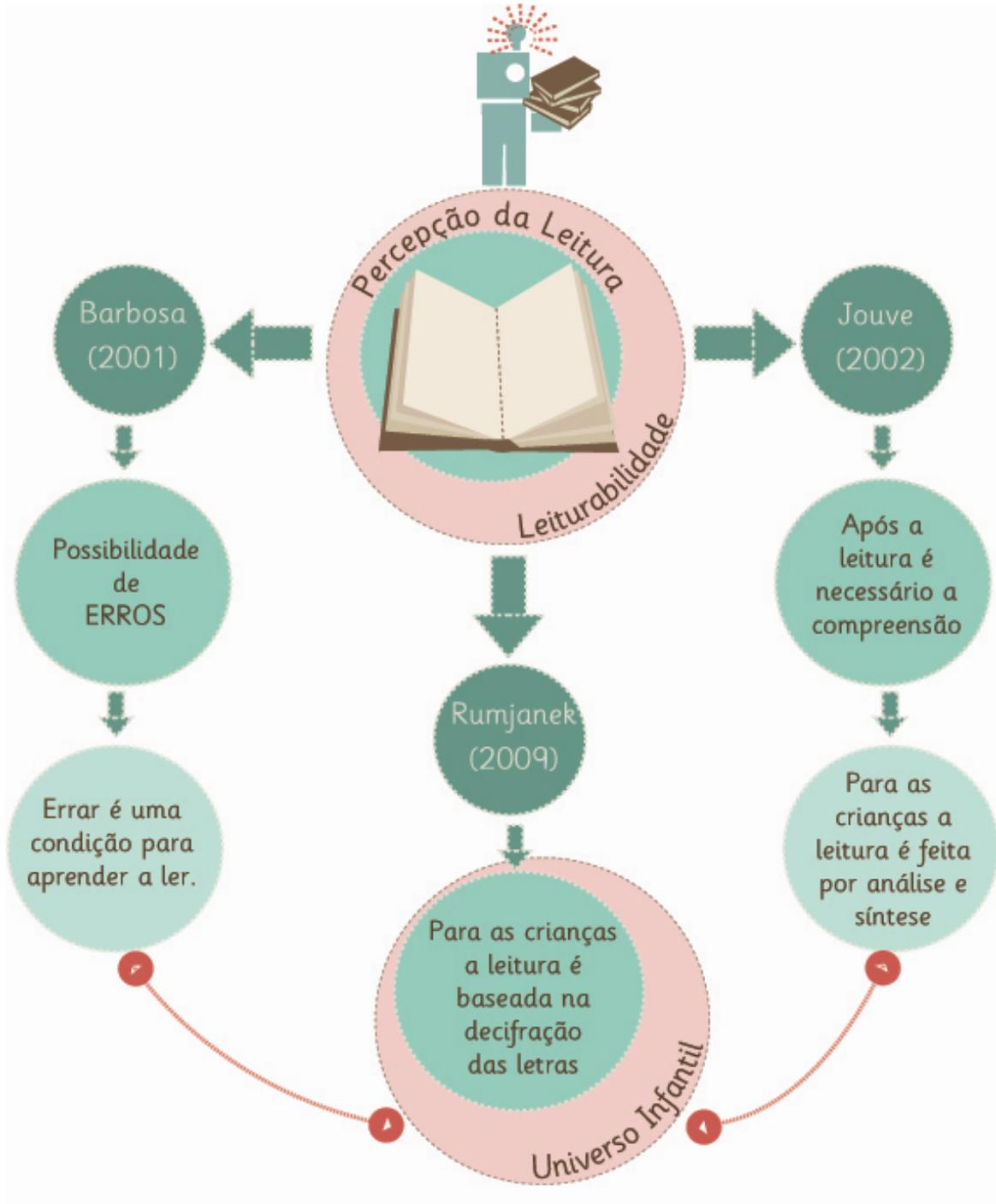


Figura 31: Esquema do processo da percepção da leitura. (Fonte: DO AUTOR)

A seguir será feita uma síntese relacionada à importância da leitura no ensino, ou seja, qual o papel da leitura na escola e até mesmo quais os fatores na escola que propiciam às crianças terem uma boa leitura.

### 3.5 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO ENSINO

Para Leite e Marques (1985), os textos são uma rica mediação de que dispõem os professores para manter viva na escola e fora dela, a troca de experiência, o trabalho da reflexão, a vontade de criar e a tentativa de comunicar.

De acordo com Barker e Escarpit (1975, apud CATTANI e AGUIAR, 1985), o ensino da leitura esta vinculado à escola, de acordo com suas pesquisas, cabe a escola a formação e o desenvolvimento do hábito da leitura, e seu papel é mais amplo quanto mais restrito for o da família, juntamente com os problemas socioeconômicos.

O professor deve orientar-se no sentido de promover a leitura entre os alunos. Entretanto o trabalho do professor se orienta em relação a um currículo escolar, ou seja, existe a necessidade de verificar qual o espaço que cabe à leitura neste currículo (Ibid.).

Leite e Marques (1985) apontam que para o professor de qualquer nível, que trabalha com os textos e a linguagem, implica colocar-se criticamente em relação à leitura proposta pelo livro didático.

Freire (1996) aponta para um fator semelhante, de que o professor deve ser crítico em relação à leitura, e que esta só é verdadeira se houver um comprometimento verdadeiro de quem está lendo, ou seja, o texto não é apenas uma produção do autor ou da autora, e sim uma junção entre o leitor e o autor.

O professor também é um indivíduo pertencente à população que trabalha com alunos das camadas mais baixas, tem um papel político fundamental no interior da escola. Sendo assim, o professor pode fazer o papel que o Estado exige dele, conformando os alunos aos padrões da sociedade, ou então, contribuir para aguçar a contradição, ou seja, a contestação. (LEITE e MARQUES, 1985)

Para Lajolo (1985), o professor deve ser um bom leitor antes de poder ensinar os alunos. Tanto o professor quanto o aluno têm o direito de se recusar a trabalhar com determinado texto do livro didático. Entretanto, tudo o que chega à escola via livro didático, se torna inquestionável. Torna-se uma verdade absoluta.

Sendo assim, a criança deve descobrir o prazer da leitura muito antes de aprender a ler e isto remete a importância da família na formação do hábito da

leitura. Entretanto é para o professor que convergem às maiores expectativas, cabe a este iniciar as crianças nas letras e incentivar-lhe o gosto. (AGUIAR, 1985)

O professor atingirá os objetivos educacionais relacionados à leitura oferecendo ao aluno um elenco de alternativas literariamente válidas para que ele escolha o livro que mais o interessa.

Pode-se perceber que existe um grande comprometimento do professor em relação ao ensino da leitura, isto fica evidente quando os autores apontam para o fato de que o educador deve escolher materiais atrativos e que estejam de acordo com a realidade dos alunos em sala de aula.

Como exemplo tem-se: Lajolo (1985) que aponta que o professor deve ser um bom leitor, Freire (1996) ainda destaca que os professores devem se comprometer verdadeiramente, Barker e Escarpit (1975) afirmam que o professor deve promover a leitura entre os alunos e Leite e Marques (1985) apontam para a criticidade que o professor deve manter perante a leitura (Figura 32).

Entretanto é importante destacar que o professor é apenas uma parte deste “grupo” correspondente a formação infantil. O governo exerce um papel importante e de responsabilidade na escolha dos materiais enviados a escola de rede pública, assim como a família que tem o papel de estimular o hábito da leitura dentro de casa.

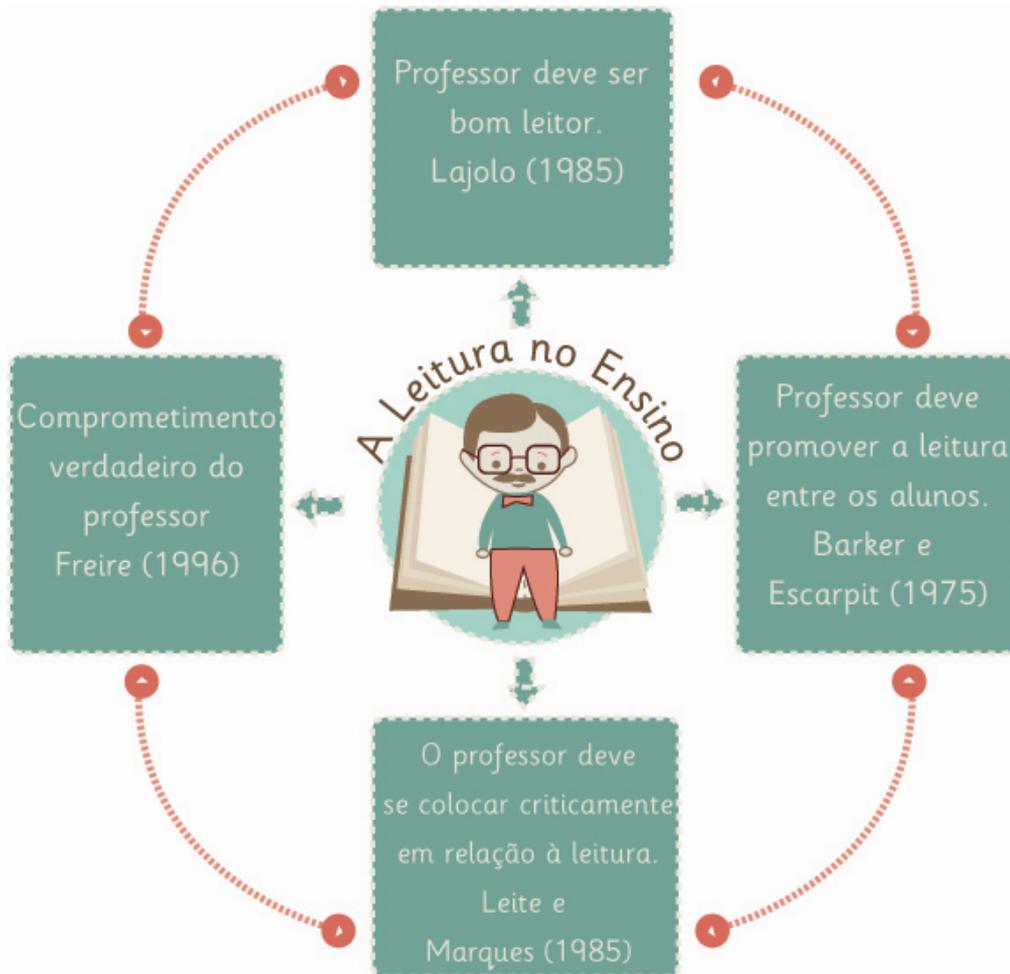


Figura 32: Esquema do processo da leitura no ensino. (Fonte: DO AUTOR)

No próximo tópico serão apontadas as fases da leitura relacionadas com as faixas etárias infantis. Estas diferenças em relação à escolha das crianças de determinada faixa etária é importante para definir com que tipo de livros esta pesquisa está tratando.

### 3.6 FASES DA LEITURA

De acordo com os estudos de Schliebe-lippert e A. Beinlich, em 1987, Bambenger (1995) leva em consideração que as fases de leitura seguem as seguintes definições:

- **Idade dos livros de gravuras e dos versos infantis**, se encaixam crianças de 2 a 5 anos, nesta fase a criança faz pouca distinção entre o mundo

interno e externo, só experimenta o seu meio em relação a si mesma, é conhecida como a idade da mentalidade mágica. Os livros de gravura ajudam quando apresentam a criança algo diferente do seu cotidiano, se interessa menos pela ação do enredo do que pelas cenas individuais. O seu primeiro interesse pelo conhecimento factual é satisfeito pelo mais simples dos livros de gravura de não-ficção.

- **Idade do conto de fadas**, se encaixam crianças de 5 a 9 anos, nessa fase o desenvolvimento da criança é essencialmente suscetível à fantasia, quanto menos se identifica com os personagens dos contos de fadas e mais os aprecia como brincadeiras de fantasia, tanto mais prefere personagens e histórias de um mundo distante de maravilhas.

- **Idade da história ambiental e idade da leitura “factual”**, crianças de 9 a 12 anos, a criança principia a orientar-se no mundo concreto, objetivo. A curiosidade se torna presente, o interesse pelos contos de fadas e pelas sagas ainda é muito evidente, mas também principia o anseio do aventureiro.

- **Idade da história de aventuras**: realismo aventureiro ou a “fase de leitura psicológicas, orientada para as sensações”, crianças de 12 a 15 anos, durante o processo de desenvolvimento pré-adolescente, a criança, toma consciência da própria personalidade, predominam agressividade e a formação de gangues.

- **Os anos de maturidade ou o “desenvolvimento da esfera lítero-estética da leitura”**, de 14 a 17 anos, é quando ocorre o descobrimento do mundo inferior, desenvolvimento de um plano de vida, e várias escalas de valores.

É importante considerar que essa divisão por faixas etárias é um pouco limitada, pois o autor aponta as divisões extremamente “inflexíveis” e atualmente o universo dos livros literários infantis tem grande liberdade para a escolha de temas dos livros.

O guia com recomendações tipográficas está voltado para diagramação e escolha tipográfica de crianças entre 7 e 9 anos, ou seja crianças em início de aprendizagem da leitura ou com pouca fluência.

Sendo assim, o guia levará em consideração a idade das crianças e não as fases da leitura. Mas estes aspectos serão apontados no guia, pois apresentam alguns questionamentos interessantes relacionado com as escolhas das crianças e suas necessidades em determinado tipo de leitura dependendo da idade, porém com limitações para as crianças de hoje em dia.

### 3.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo viu-se como o processo de leitura funciona e sua percepção, assim como as suas fases de acordo com determinada faixa etária.

Esta parte da fundamentação teórica é de extrema importância para determinar quais características tipográficas são fundamentais para compor o guia com recomendações tipográficas.

Barbosa (1991) aponta que a concepção da leitura é dinâmica e varia de acordo com as situações de leitura impostas por necessidades sociais. Sendo assim, quanto mais diversificadas e amplas forem as funções que a escrita assume no social, mais variadas vão ser as situações de leitura que o leitor encontra para agir socialmente, para se informar dos acontecimentos, para usufruir de momentos de lazer, para se situar criticamente diante do processo de desenvolvimento da sociedade.

Para finalizar, a importância da leitura esta relacionada tanto a parte da aprendizagem quanto à parte comportamental e social da criança.

É importante destacar que a vivência da leitura deve propiciar o desenvolvimento do pensamento organizado, capaz de levar o jovem a uma postura consciente, reflexiva e crítica frente à realidade social em que vive e atua.

Nesta pesquisa somente a parte do reconhecimento de letras e suas implicações será considerado, ou seja, apenas as características tipográficas que constituem os desenhos das letras destacando a **legibilidade** dos textos.

Para facilitar o entendimento desta seção e as relações dos tópicos foi criado um mapa conceitual (Figura 33) com a leitura e suas implicações.

Neste mapa a leitura aparece como elemento central e de maior destaque. O professor se destaca como um elemento importante para a introdução da leitura no ensino. Também é demonstrado como a leitura é compreendida, assim como, as suas fases e sua percepção.

O caminho que a história social da leitura segue indica a criança como um componente estrutural da sociedade. Todos estes aspectos se co-relacionam, com ligações à leitura.



Figura 33: Mapa conceitual da seção 3 dessa pesquisa. (Fonte: DO AUTOR)

Na próxima seção serão estudados os principais aspectos relacionados à escolha tipográfica e diagramação dos livros literários infantis. Trata-se da seção de maior tamanho e importância para a construção do guia com recomendações tipográficas e por isso cada tópico foi discutido separadamente.

## SEÇÃO 4 - TIPOGRAFIA

Antes de abordar o principal aspecto de estudo nesta pesquisa, ou seja, como se dá a relação da tipografia mais precisamente referente às questões da legibilidade nos livros de literatura infantil, foi importante destacar os aspectos gerais sobre a importância e criação do livro de literatura infantil. Logo após viu-se a leitura como fator determinante para o desenvolvimento da criança, e para isso buscou-se compreender o seu funcionamento, assim como sua percepção e a importância para as crianças.

Sendo assim, para estudar os aspectos tipográficos e suas implicações no rendimento da leitura no livro de literatura infantil, foi importante evidenciar estes assuntos que se integram com a importância da tipografia para as crianças (Figura 34).

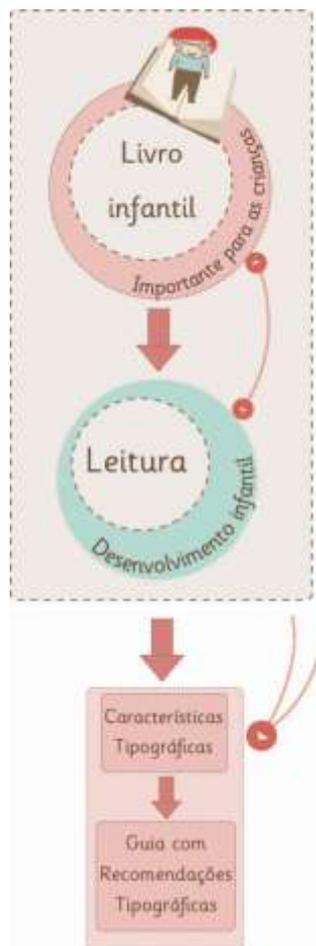


Figura 34: Desenho esquemático para desenvolvimento da seção 4 desta pesquisa. (Fonte: DO AUTOR)

Cordeiro (1987) aponta que a escolha de tipos adequados, a diagramação, os espaços entre as linhas - brancos - a extensão das margens se amalgamam e resultam num texto bem impresso, acessível e de fácil leitura.

Ainda é importante destacar que,

Não só os cadernos de exercícios, mas todos os livros apresentados às crianças nesta fase de aprendizagem (4, 7, 8 anos), devem ser exclusivamente compostos por uma única fonte. Este uso exclusivo pode ajudar a evitar casos de dislexia e ajuda as crianças a focarem a sua atenção. (HEITLINGER, 2009, p. 18).

Schraver (1997) aponta que não basta elaborar um documento legível. Outra característica importante para a escolha da tipografia é a adequação retórica, ou seja, a relação entre a face tipográfica, o propósito do documento, seu gênero, a situação e as necessidades, desejos e objetivos da audiência. Isso é importante para que a tipografia influencie a maneira como os leitores percebem, organizam e memorizam o conteúdo dos documentos.

O livro infantil requer mais cuidados para ser elaborado que os demais, posto dirigir-se a um consumidor especial e ter por finalidade despertar o gosto pela leitura. Os primeiros contatos entre a escrita e a criança devem ser feitos em boas circunstâncias, sem quaisquer descuidos, objetivando o êxito da aprendizagem infantil.

Nesta seção serão evidenciados aspectos relacionados à tipografia votada para o público infantil. Entre estes aspectos estão a legibilidade e a leiturabilidade. O destaque maior será para a legibilidade, que se refere ao assunto principal nessa pesquisa, porém serão destacadas as principais diferenças entre estes dois termos.

Logo após serão apontadas as características tipográficas, entre elas, o uso de serifas, entreletras, entrelinhas, entrepalavras, estilo caligráfico e outras. Todos esses aspectos são de fundamental importância para a construção do guia com recomendações tipográficas para livros infantis.

#### 4.1 TIPOGRAFIA VOLTADA PARA CRIANÇAS

A principal questão levantada pelos pesquisadores é a de que as decisões sobre os parâmetros próprios para crianças são feitas por adultos, sejam eles educadores, sem um conhecimento maior sobre desenhos de letras, ou designers, que tendem a privilegiar as questões estéticas em detrimento da percepção e dos interesses de crianças.

Não existe uma regra estabelecida quanto ao uso de uma tipografia adequada para as crianças. Muitos autores apontam que se devem expor as crianças às variações para que haja uma familiaridade com diversos textos e mensagens encontrados no cotidiano. (COUTINHO e SILVA, 2006, p.7).

Entretanto Heitlinger (2007) aponta que existem diversos estudos relacionados ao desenvolvimento de tipos próprios ao aprendizado infantil, como fontes regulares que acompanhem o traçado natural das letras. Afirma também que não existe um consenso, mas que o uso de fontes consideradas “divertidas” ou irregulares não é recomendado para fins didáticos.

Apesar desta pesquisa se tratar de livro de literatura infantil é importante abrir uma exceção e apontar sobre o livro didático, já que este também se relaciona ao aprendizado infantil.

Miranda e Vasconcelos (2009), em suas pesquisas com coleta e análise de livros didáticos apontam que em relação à tipografia adotada nos livros didáticos, foram observados dois problemas como o uso de diversos tipos, com e sem serifa, além de diversas variações entre caixa alta, baixa, itálico e outras. E também o uso de tipos considerados “bonitinhos”, que atraem o olhar infantil, porém não apresentam fins pedagógicos.

Nesta pesquisa serão evidenciadas as principais características tipográficas que auxiliam na leitura dos textos levando em consideração a legibilidade destes. Para isso será de fundamental importância apresentar projetos tipográficos voltados especialmente para este público e que levam em consideração não somente suas necessidades, mas também suas opiniões.

Para iniciar serão apresentados dois aspectos que se divergem, porém são imprescindíveis para a pesquisa: legibilidade e leiturabilidade.

## 4.2 LEGIBILIDADE E LEITURABILIDADE

Nesta pesquisa o conceito legibilidade está sendo muito utilizado, e é nele que serão embasados os estudos. Antes de abordar as características tipográficas, é muito importante definir este conceito, todavia é necessário destacar um segundo conceito, mais novo em relação à tipografia e que vem sendo utilizado pelos tipógrafos, como já dito antes, se trata da leiturabilidade. Porém, a leiturabilidade, será tratada apenas superficialmente já que não é o objeto de estudo nesta pesquisa.

Pode-se afirmar que legibilidade é um termo muito utilizado no design gráfico, e que conseqüentemente é um assunto já explorado e muito bem definido em relação aos seus conceitos.

Porém, esta é uma afirmação equivocada, pois muitos autores apresentam pontos de vistas diferenciados, como serão expostos mais a frente.

Entretanto, quando o assunto é a leiturabilidade, a confusão é ainda maior. Pois muitos autores nem consideram este aspecto, já que se trata de algo relativamente novo dentro do universo tipográfico, porém de extrema importância para o entendimento dos textos (compreensão dos textos), principalmente quando estes são direcionados ao público infantil.

Abaixo serão divididos em dois tópicos os conceitos de legibilidade e leiturabilidade, para facilitar a compreensão.

### 4.2.1 Legibilidade

Vários autores apontam para o conceito de legibilidade e suas definições. Abaixo serão apresentados alguns pontos de vista sobre este assunto para se chegar a um consenso sobre o que se trata a legibilidade.

Legibilidade segundo Strunck (1999) refere-se à facilidade de identificação correta de um grupo de caracteres por parte do leitor. Dependem também do espaço esculpido entre as letras e à sua volta, conhecido como entreletras (Figura 35), o

designer tem que levar em consideração, pois quando é feito de maneira incorreta a legibilidade se esgota. Também depende da entrelinha (Figura 36), que é a distância de uma linha de base a outra. No caso do livro infantil, onde tipos tendem a ser maior, a entrelinha é positiva, ou seja, o respiro entre uma linha e outra será maior.



Figura 35: Imagem representativa de entreletras (pequeno, normal e grande). (Fonte: DO AUTOR)

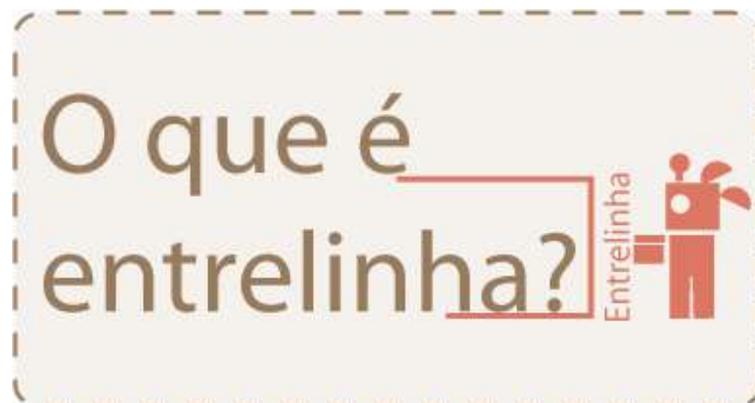


Figura 36: Imagem representativa de entrelinha. (Fonte: DO AUTOR)

Lund (1999) afirma que o termo legibilidade tem sido usado para mensurar (sob uma variedade de condições): **a velocidade de leitura** de um texto corrido (combinado com vários tipos de testes de compreensão), e a visibilidade ou **percepção das palavras ou letras** (quer agrupado ou isolado, em qualquer sentido de tomada de decisões ou a uma distância variável, sob iluminação variável, ou pelo tempo de exposição). Bringhurst (2002) assim como Strunck, também aponta para o fato da legibilidade das letras tipográficas não depender apenas de sua forma ou da tinta que as imprime, mas também do espaço vazio esculpido entre elas e a sua volta.

Entretanto, Baines & Haslam (2005) e Niemeyer (2003) afirmam que legibilidade se refere à forma da letra ou caractere tipográfico e o quão fácil é o reconhecimento de um caractere individual ou alfabeto em uma fonte particular. Citam um exemplo que se o leitor reconhecer a letra de um texto, quer dizer que ela é legível.

Ainda para Niemeyer (2003) a legibilidade também é afetada por fatores ambientais, como o nível de iluminação, o grau de contraste entre letra e fundo e o nível de fadiga visual do leitor.

Quando o alvo são as crianças, estas apresentam características mais específicas, como espaçamentos maiores, maior tamanho da fonte tipográfica, e outras determinações.

Sendo assim, Sassoon e Willians (2000) apontam que para as crianças devem-se considerar as diferentes necessidades desses leitores, ou seja, deve-se levar em consideração o espaçamento das palavras (entrepalavras, Figura 37) e justificar um texto somente se for absolutamente necessário. Em pesquisas com jovens leitores a importância de um espaçamento consistente é extremamente importante.

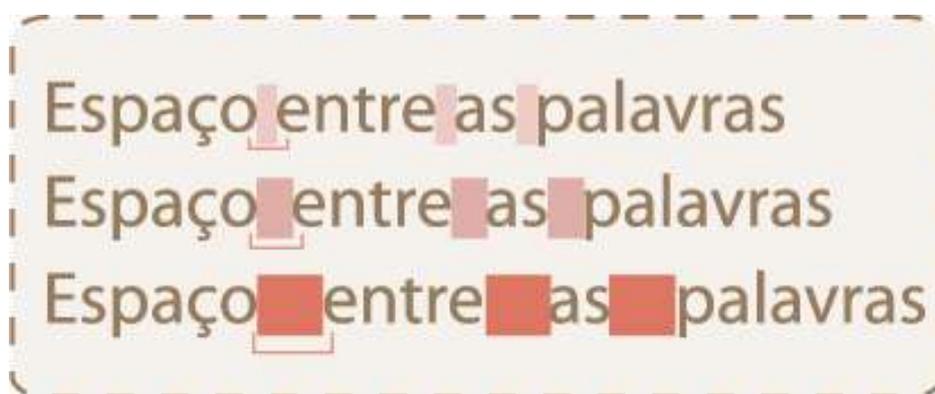


Figura 37: Imagem representativa de entrepalavras (pequeno, normal e grande). (Fonte: DO AUTOR)

Ainda para Rumjanek (2009), a legibilidade normalmente é associada ao reconhecimento de caracteres individuais, e aponta que a leitura realizada pelas crianças, ainda depende do reconhecimento de letra-por-letra.

Pode-se adotar como consenso nesta pesquisa que o termo **legibilidade** se refere tanto a forma das letras, ou seja, ao reconhecimento de um caractere individual, quanto ao espaço entrelinhas, entreletras e entrepalavras, que estão relacionados ao espaço vazio entre as linhas, letras e as palavras. Também

apresenta relação com a velocidade de leitura, dos fatores ambientais, do nível de fadiga do leitor, além dos aspectos culturais e da habilidade e experiência do leitor.

Em relação ao público infantil, deve-se ter mais cuidado nas escolhas em relação ao uso de tipografia, pois as crianças apresentam necessidades muito específicas, como exemplo depende da leitura letra a letra e necessitam de um espaçamento muito consistente.

#### 4.2.2 Leiturabilidade

É importante destacar as diferenças em relação à legibilidade e leiturabilidade. Para Binns (1989) a leiturabilidade é um passo além da legibilidade. Um texto pode ser legível, mas não ter boa leiturabilidade, o que significa que sua leitura não é confortável e torna-se muitas vezes cansativa.

Frascara (2003) aponta que leiturabilidade é diferente de legibilidade já que se “preocupa” com a compreensão dos textos. De acordo com o autor o termo foi inventado por Hebert Spencer, fundador do *Legibility Research Unit at Royal College of Art* em Londres. O autor afirma que a primeira tarefa de um designer é organizar a informação em si, depois se preocupar com a apresentação visual. “Parágrafo, pontuação, ênfase, comprimento de linha e quebra de linha, todos contribuem para facilitar a compreensão, memorização e observação.” (FRASCARA, 2003, p.59).

Aponta também que leiturabilidade, mais do que relacionado à percepção está relacionado à cognição. Cada grupo de pessoas requer uma atenção, de crianças a idosos, todos, apresentam suas próprias maneiras de lidar com as informações visuais apresentadas por escrito.

Concordando com o que Binns (1989) aponta, para Aldrich e Fennell (1991) um texto tem boa leiturabilidade quando este pode ser lido facilmente e modo convidativo e prazeroso para os olhos. Se o leitor ficar entediado ao ler um texto, o designer não terá obtido a máxima leiturabilidade.

Apesar desta pesquisa não se aprofundar no campo da leiturabilidade, ou melhor, na parte cognitiva da leitura dos textos realizada pelas crianças, é importante destacar do que se trata o termo, já que alguns estudiosos o apontam.

Sendo assim o termo **leiturabilidade** fica definido como um aspecto relacionado à compreensão do texto, ou seja, da parte cognitiva, e não apenas a sua percepção como é o caso da legibilidade. Além disso, fica claro que um texto com boa leiturabilidade se apresenta de forma prazerosa e convidativa para o leitor. É interessante mostrar as diferenças mais importantes entre os dois termos que muitas vezes causam confusão entre os designers (Figura 38).

A figura 38 mostra as diferenças entre legibilidade e leiturabilidade. Para entender o que significa legibilidade é necessário realizar a pergunta – Você reconhece a letra? – se a resposta for sim então quer dizer que o texto apresenta uma boa legibilidade. Além disso, o termo está relacionado ao nível de fadiga do leitor, espaço entreletras, entrepalavras, reconhecimento do caractere, velocidade de leitura e também aos fatores ambientais.

Entretanto, para saber sobre a leiturabilidade do texto tem que se fazer a seguinte pergunta – Você pode ler e entender a página? – Se a resposta for positiva, quer dizer que o texto apresenta uma boa leiturabilidade. Outros aspectos da leiturabilidade são: a percepção, a cognição e a facilidade de leitura de um texto.

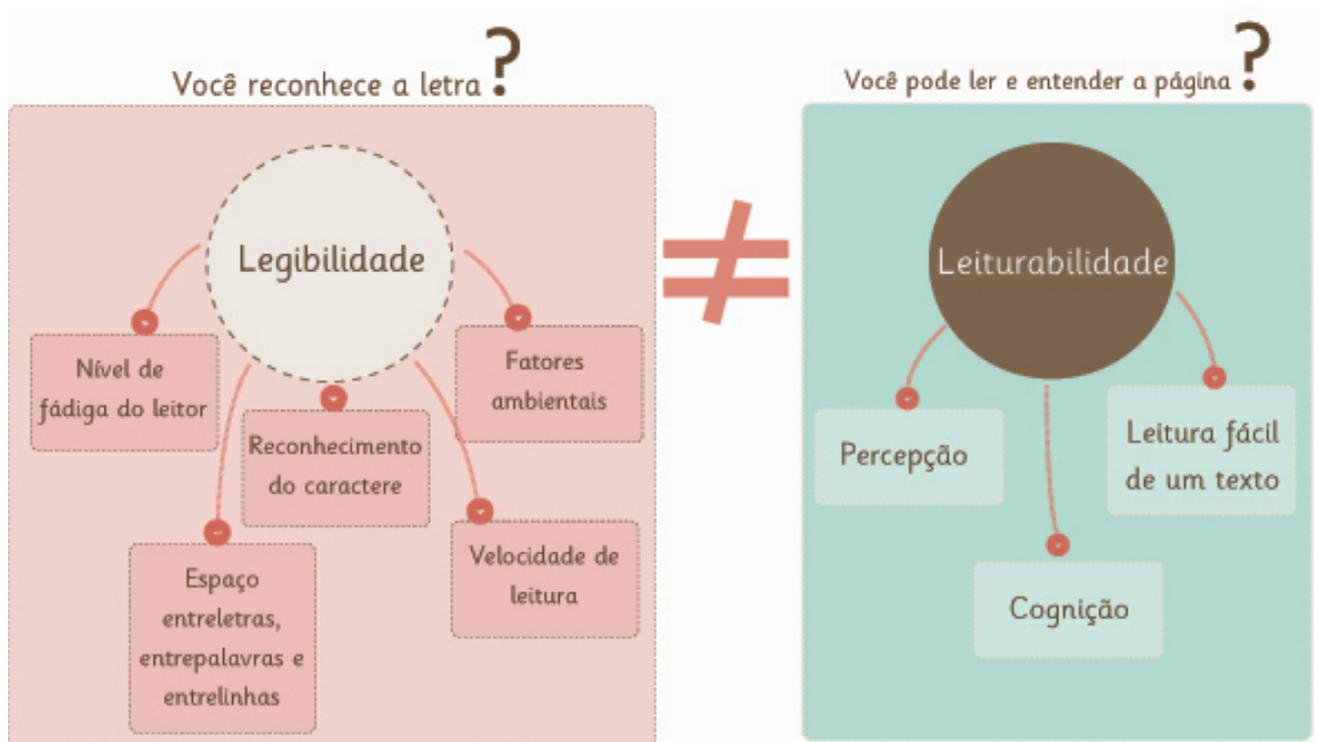


Figura 38: Imagem representativa das diferenças entre a legibilidade e a leiturabilidade. (Fonte: DO AUTOR)

No próximo tópico serão discutidas todas as características tipográficas que farão parte do guia com recomendações tipográficas. No final da discussão de cada aspecto tipográfico será realizado uma síntese e definido qual a solução tipográfica mais adequada.

### 4.3 CARACTERÍSTICAS TIPOGRÁFICAS

Nesta parte da pesquisa, que está relacionado com a pergunta inicial- **A criação de um guia com recomendações para a escolha tipográfica e diagramação de livros literários infantis constitui uma forma de benefício para o trabalho dos designers que atuam nesse segmento de mercado?**- serão expostas as características consideradas mais importantes na escolha de uma tipografia para a diagramação de livros de literatura infantil. Conseqüentemente, estas características vão compor o guia com recomendações tipográficas, a proposta principal desta pesquisa.

A idéia é apresentar as características consideradas mais importantes e logo após criar o guia. O guia com recomendações tipográficas foi enviado para designers renomados no segmento de editoração de livro literário infantil, juntamente com um questionário sobre o material. Com isso, espera-se obter respostas sobre o guia e conseqüentemente recomendações para um possível aprimoramento do material.

Algumas destas características são mais evidenciadas como o uso de serifas, já que muitos designers encontram sua primeira dificuldade neste ponto. Sendo assim, a discussão em relação ao uso de serifas será mais rica que em outras características.

Abaixo cada característica tipográfica será dividida em tópicos, e nestes tópicos serão apontadas diversas opiniões de autores, e logo após será adotado uma definição para a construção do guia com recomendações tipográficas.

### 4.3.1 Caracteres infantis

Em relação à tipografia voltada para as crianças, é importante ressaltar que existem caracteres especiais, criados especialmente para melhorar a legibilidade dos textos infantis, e que são chamados de **caracteres infantis**.

“Caractere infantil” de acordo com Walker (2005) é utilizado para descrever as letras projetadas de acordo com as necessidades percebidas nas crianças. Algumas vezes as letras são redesenhadas para parecer com o manuscrito, e outras são especificamente desenhadas para ser distinguidas das letras similares. (Figura 39)

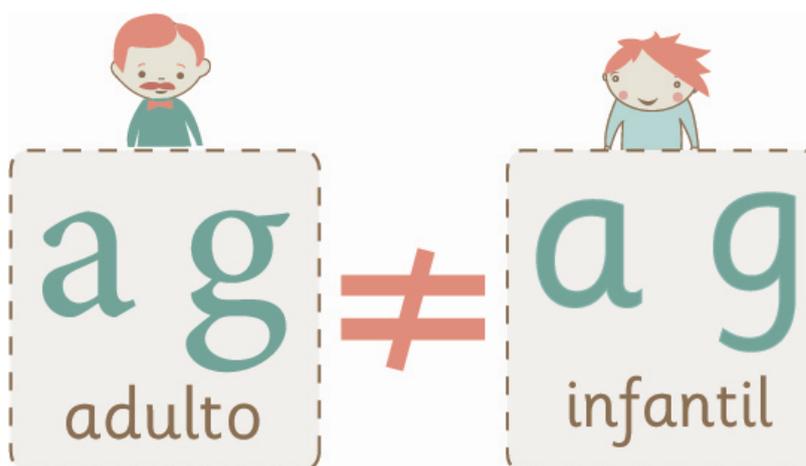


Figura 39: Diferença entre o a e o g “adulto” (primeiro) e o a e o g “infantil” (segundo). (Fonte: DO AUTOR)

A autora aponta que na prática, as escolas primárias, neste caso as inglesas, oferecem livros produzidos por editores “comerciais”, sendo assim as crianças são apresentadas a muitos tipos de tipografias ao mesmo tempo, tanto **com** ou **sem** serifa ou **com** ou **sem** os caracteres infantis. Pode-se perceber que estes editores são mais propensos somente para vender os livros nas escolas.

Raban (1984) realizou uma pesquisa sobre a opinião dos professores (271 entrevistados), em que classificou os recursos considerados mais importantes quando são escolhidos livros para leitores iniciantes.

Para estes professores existia a preferência pelo uso do **a** e do **g** infantil em livros para crianças de 5 a 6 anos de idade porém esta questão já não era tão importante quando se tratava de crianças com 7 anos ou mais.

Outra pesquisadora que é a favor ao uso dos caracteres infantis é Vera Coghill (1980) que aponta para o fato de os caracteres **não infantis** causarem dificuldades para a leitura das crianças.

Uma pesquisa realizada por Walker (2005) e que é bastante significativa é em relação às tipografias *Century Educational* e *Gill Schoolbook* (Figura 40), que foram desenvolvidas com caracteres especiais de acordo com as preferências dos professores das escolas primárias. As modificações também estavam relacionadas com características que remetessem as formas caligráficas.

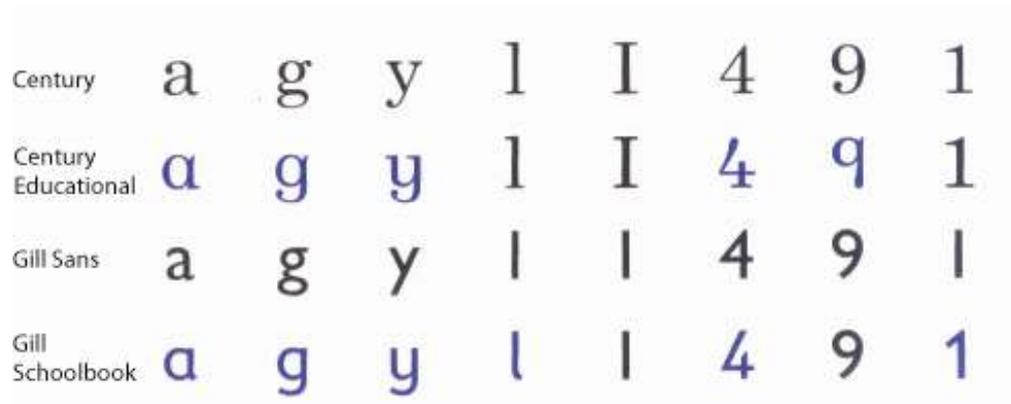


Figura 40: Modificações dos caracteres infantis nas tipografias. (WALKER, 2005, p. 9)

É interessante destacar que algumas crianças comentaram que o “a infantil” é o que elas escrevem e o “a adulto” é o que elas lêem (Figura 41).



Figura 41: Diferenças que as crianças visualizam em relação ao “a”. (Adaptado de WALKER, 2005, p. 9)

Outras crianças apontaram que o **a** e o **g** adultos são mais difíceis de compreender do que os caracteres infantis, porém não afetaram o desempenho de leitura nos testes de Walker.

A autora finaliza que nem todos os caracteres infantis beneficiam a leitura das crianças. Aponta também que é muito importante que se for utilizar o caractere infantil, deve existir uma diferenciação entre as letras **o**, **a** e **g** (Figura 42), pois podem confundir as crianças. Como exemplo, cita que a tipografia *Avant Garde Gothic* não possui essa diferenciação.



Figura 42: Exemplo da tipografia *Avant Garde Gothic*, e como não existe uma boa diferenciação entre as letras. (Adaptado de WALKER, 2005:9)

Sendo assim, a partir das opiniões dos autores citadas acima, e também das crianças, fica claro que existe uma preferência pelo uso dos caracteres infantis, já que estes são mais fáceis de ler, ou seja, apresentam uma melhor legibilidade nos textos.

Portanto, esta pesquisa considera o uso de caracteres infantis eficiente, principalmente em relação às letras **a** e **g**, que apresentam grande diferença em relação aos caracteres adultos. Entretanto é importante ressaltar o que Walker (2005) aponta que se deve ter uma preocupação em relação a letras que possam causar confusão de leitura como é o caso do **a**, **g** e **o**.

O próximo tópico será sobre a serifa e se seu uso afeta a legibilidade dos textos voltados para as crianças.

#### 4.3.2 Serifa

De acordo com Clair e Busic-snyder (2009) uma serifa é uma leve extensão no início e no fim do traço de uma letra, desenhada em ângulo reto ou obliquamente através do braço, haste ou cauda de uma letra. Tinha-se o conceito que as serifas

vinham dos dias em que o tipo era cortado na pedra com um cinzel, porém isso é discutível.

As serifas são categorizadas de acordo com sua forma física e existem grandes variedades nos nomes e formas das serifas entre os exemplos históricos. Como é mostrado a seguir (Figura 43):



Figura 43: Imagem ilustrativa de alguns exemplos de serifas. Estas foram desenvolvidas por Aldo Novarese, 1956. (Adaptado de: NORAVESE, 1956)

Lupton (2006) aponta que com a ascensão da industrialização e do consumo de massas no século XIX veio a explosão da propaganda, uma nova forma de comunicação que exigia novas formas tipográficas. Fontes grandes e pesadas foram feitas com a distorção dos elementos anatômicos das letras clássicas. Fontes com altura, largura e profundidade apareceram. As serifas deixaram de ser acabamento para tornarem-se estruturas independentes e a tensão vertical das letras tradicionais enveredou por novos caminhos.

As fontes sem serifa surgiram na Inglaterra, no início do século XIX. O tipógrafo William Caslon IV lançou em 1816 uma fonte em corpo 28 (Figura 44), com caracteres apenas em caixa alta, chamada *Two Line English Egyptian*. Porém as tipografias sem serifa despontaram apenas no início do século XX, despindo as antigas formas de todo e qualquer significado histórico, decorações supérfluas ou aspectos nacionalistas. (ROCHA, 2003).

# W CASLON JUNR LETTERFOUNDER

Figura 44: Exemplo da fonte criada por William Caslon IV em 1816. (ROCHA, 2003:34)

Rocha (2003) aponta que existe uma “lenda” relacionada às serifas, de que elas melhoram a legibilidade dos caracteres em texto corrido e, dessa forma, as colocariam em melhor situação quando comparadas às letras corridas. O autor aponta que é relativa à afirmação de que as serifas conduzem os olhos durante a leitura e, portanto mais legíveis que os caracteres sem serifa.

Aponta que uma fonte balanceada e em condições ideais de tamanho, espaçamento, largura da linha e entrelinhamento pode prescindir das serifas para ter legibilidade. Ele cita um exemplo de que fontes sem serifa como a *Frutiger* e a *Helvética* (Figura 45) são importantes e que são muito utilizadas em comunicação visual, na sinalização de aeroportos e em outros ambientes públicos.



Figura 45: \_\_\_\_\_ . Fonte tipográfica Frutiger Std e Helvética Std. Disponível em: < <http://tipografos.net/tipos/frutiger.html> > Acesso em: 09 de junho. 2010.

Na sequência serão apontados diversos autores, suas pesquisas e opiniões sobre o uso de serifas em livros infantis. Esta parte da dissertação será um pouco maior que as outras, já que existem muitos autores que tratam sobre este assunto e divergem entre si. Logo após será realizada uma síntese sobre as diversas opiniões.

#### 4.3.2.1 Aspectos favoráveis e desfavoráveis em relação ao uso de serifa na tipografia em livros infantis

Uma questão importante a se debater nesta parte da dissertação é em relação ao uso de serifas em textos de livros infantis. Como este é o primeiro e muitas vezes o único assunto que diversos autores tratam sobre tipografia voltada para crianças, foi feita uma coleta de informações e opiniões sobre se o uso de serifas facilita a legibilidade em textos infantis.

Abaixo serão destacados autores que apontam aspectos positivos ao uso de serifas, ou seja, que consideram a serifa um aspecto favorável à legibilidade dos textos e autores que consideram o uso de serifa desfavorável para entendimento dos textos pelas crianças.

Coghill (1980) realizou uma pesquisa, na *Central School of Art and Design*, em Londres, que apresenta mais interesse no ensino da leitura, e tem como objetivo principal entender a influência de desenhos de letras na leitura feita por crianças em processo de alfabetização. Em relação se o uso da serifa altera ou não a legibilidade de textos em livros literários infantis, a pesquisadora questiona se a posição difundida quanto ao uso de tipografias sem serifa em livros infantis apresenta fatores educacionais, ou se é apenas uma convenção.

Uma das questões abordadas refere-se ao problema em distinguir um objeto a partir de sua orientação, que é, provavelmente, enfrentado pela primeira vez no início do processo de alfabetização. Portanto, conceitos como certo e errado, dependem da orientação da leitura. Coghill por fim chega à conclusão em sua pesquisa que a tipografia **com serifa**, seria mais adequada para o público infantil,

pois apresenta maior diferenciação entre letras (por meio de formas mais complexas) do que a tipografia sem serifa.

Um ponto que a autora aponta em relação à serifa é que ela facilita a distinção de uma letra para outra e ajuda um grupo de letras formar palavras, ou seja, o papel da serifa é para facilitar a alcançar um grupo de letras dentro de cada palavra, o agrupamento nos princípios de proximidade da *Gestalt*<sup>11</sup> pode ser o fato mais significativo.

Além deste autor, Willburg e Forssman (2007) demonstram que os tipos romanos (com serifa) mais comuns, como exemplo *Times* e *Garamond* são mais unívocos do que os tipos sem serifas mais usuais, como exemplo a *Helvética*, em que há pares de letras que não são claramente diferenciadas ou duplas de letras contíguas que, em conjunto, podem ser confundidas com uma terceira letra.

Nesse caso, seria mais conveniente ter predominância de **tipos serifados** comuns nos livros das primeiras séries, com introdução gradativa dos sem serifa, com desenhos de letras especialmente cuidadosos para evitar confusão e ambigüidade.

Para os autores a tipografia sem serifa não é clara e direta, ou seja, causa nos leitores iniciantes uma série de tropeços na leitura. Ainda apontam para o fato de algumas combinações de letras causarem este problema como será exposto abaixo:

**Espelhar** (Figura 46): Para as crianças, as diferenças de esquerda e direita e acima e abaixo, não estão totalmente definidas. Não conseguem distinguir se as letras estão viradas ou em pé ou invertida. Sendo assim, deve-se providenciar que essas formas não sejam parecidas. Para as escritas sem serifas devem ser feitas algumas adaptações, como as serifas das romanas onde as diferenças em geral estão presentes de forma natural. Abaixo alguns exemplos:

---

<sup>11 11</sup> Para Filho (2000) de acordo com os princípios da proximidade da Gestalt, os elementos ópticos próximos uns dos outros tendem a ser vistos juntos e, por conseguinte, a constituírem um todo ou unidades dentro do todo.

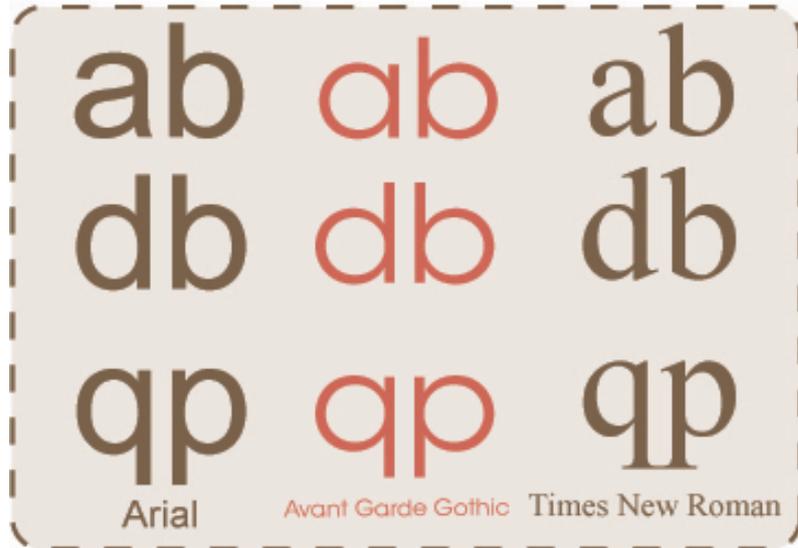


Figura 46: Exemplo de espelhamento. (Adaptado de WILLBURG e FORSSMAN, 2007, p. 74)

**Similaridade aparente** (Figura 47): **I** e **l**, **i** e **j** não têm ou só possuem diferenças mínimas. Em tipos para crianças devem ser claramente diferenciáveis. A figura abaixo evidencia este exemplo:

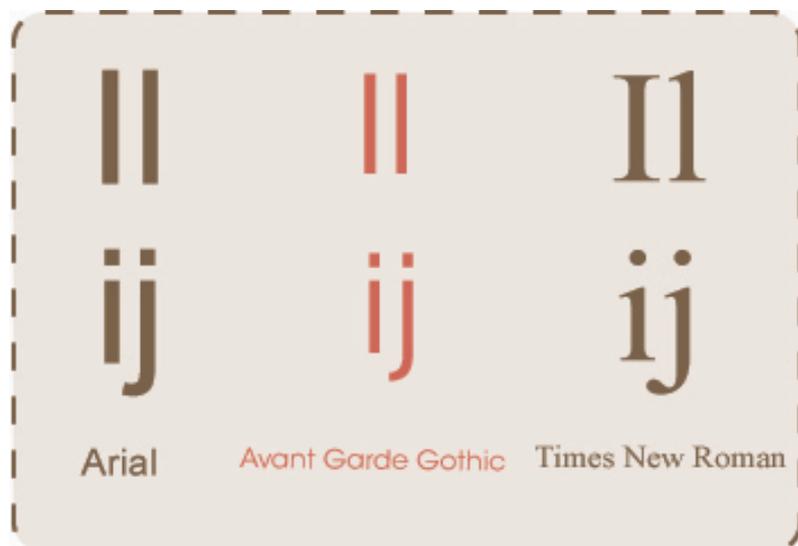


Figura 47: Exemplo de similaridade. (Adaptado de WILLBURG e FORSSMAN, 2007, p. 74)

**Imprecisões** (Figura 48): Na tipografia para criança, deve-se evitar que dois caracteres se fundam formando outro caractere. Exemplo:

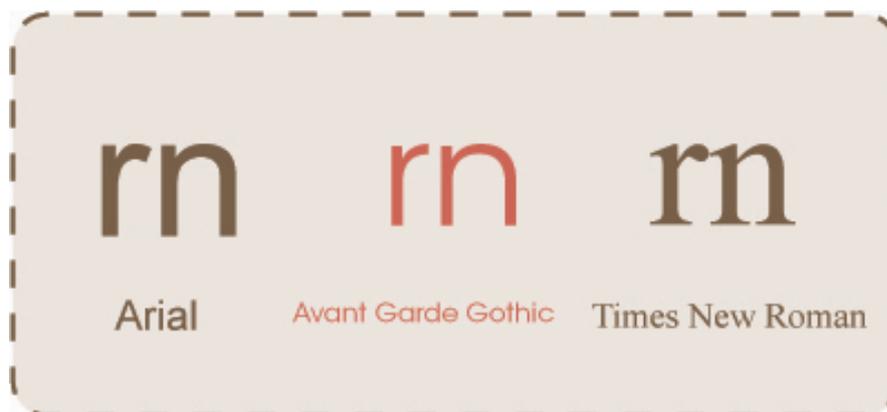


Figura 48: Exemplo de imprecisão. (Adaptado de WILLBURG e FORSSMAN, 2007, p. 74)

Entretanto, nesta dissertação a idéia de que o uso de serifas na tipografia em livros infantis literários facilita a leitura das crianças não é considerado adequado. Sendo assim, é importante considerar que:

É importante que as letras sejam “limpas” e claras para não dificultar, ou melhor, não confundir a leitura pelas crianças;

A necessidade das crianças por tipografias que remetam à caligrafia é muito forte, e os tipos sem serifas se aproximam mais desses anseios.

Abaixo pesquisadores que concordam com esta afirmação. Estas pesquisas não estão divididas em um aspecto cronológico e sim pela similaridade das justificativas a favor do uso da serifa.

Assim, é interessante inicialmente destacar a opinião de alguns autores em relação ao uso de serifa para textos em livros para adultos. Lange et al. (1993) apud Lund (1999) sugerem que a maioria dos manuais em tipografia promove a idéia que tipografias sem serifa não é tão bem adaptado para texto corrido quanto às tipografias com serifa. Entretanto, apontam que a maioria dessas opiniões não é baseada em evidência empírica satisfatória, mas parece para refletir a opinião pessoal dos autores. Pressupostos sobre uma maior legibilidade nos textos sobre o uso de serifas parecem ser generalizações. O autor não encontrou elementos de prova durante sua pesquisa de literatura para confirmá-los.

Poulton (1965), a partir de testes com leitores adultos, faz uma comparação entre tipografia com e sem serifa e conclui que não é necessária a utilização de serifas para um texto ser legível.

Sassoon e Williams (2000), que trabalharam durante décadas com questões relacionadas a problemas de escrita, buscaram avaliar a percepção de crianças em

relação a desenhos tipográficos e espaçamentos diferentes, em seu estudo de 1993. A partir dos resultados de sua pesquisa, desenvolveram uma família tipográfica própria para esse grupo de leitores, abaixo uma imagem (Figura 49) que demonstra os caracteres tipográficos desta família, chamada de Sassoon.



Figura 49: Família Tipográfica Sassoon Primary Infant. (SASSOON e WILLIAMS, 2000, p.5)

Nos estudos de Sassoon foram comparados quatro desenhos tipográficos: *Times Roman*, *Times itálico*, *Helvética* e uma tipografia inclinada sem serifa (Figura 50 e 51). Foram identificadas algumas opiniões em comum como o desejo por **tipos sem serifas**.

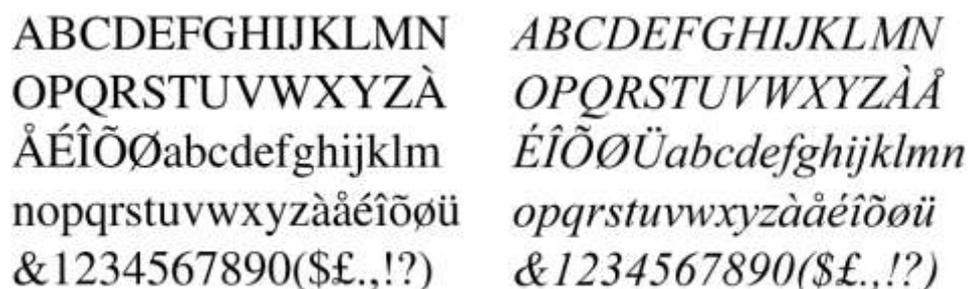


Figura 50: \_\_\_\_\_. Times Roman e Times itálico.  
 Disponível em: <<http://www.identifont.com/show?WP>> Acesso em: 09 de junho. 2010.

ABCDEFGHIJKLMNOP  
 OPQRSTUVWXYZÀ  
 ÅÉÎÕabcdefghijklmn  
 opqrstuvwxyzàåéîõ&  
 1234567890(\$£.,!?)

Figura 51: \_\_\_\_\_. Helvética.

Disponível em: < <http://tipografos.net/tipos/frutiger.html> > Acesso em: 09 de junho. 2010.

Walker e Reynolds (2003) realizaram uma pesquisa com crianças para descobrir se o uso da serifa é ou não importante em textos infantis. Elas utilizaram um método combinando testes de desempenho solicitando as crianças suas opiniões sobre o material que utilizaram em seus testes.

Foram trabalhados com editores e designers da *Oxford University Press* (OUP) no livro a “*Sheepless Night*”, com ilustrações e textos em todas as páginas. Foram escolhidas quatro categorias de tipografias no teste: com serifa, sem serifa, com serifa e com caracteres infantis e sem serifa com caracteres infantis. Abaixo uma imagem (Figura 52) demonstrando os quatro textos utilizados no teste e a página do livro.

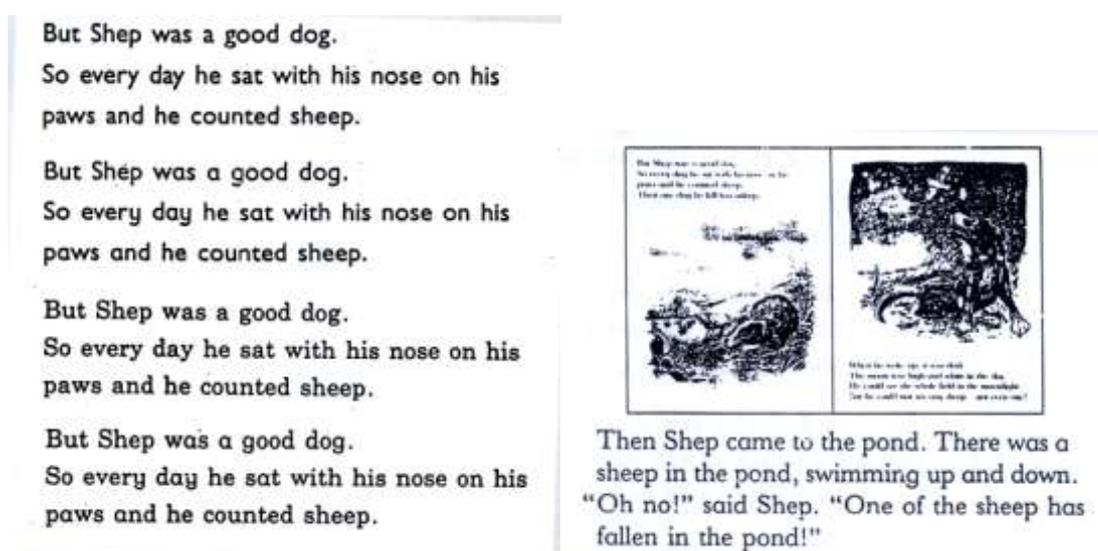


Figura 52: Imagem do uso da tipografia nos quatro formatos no livro “*Sheepless Night*”. (WALKER e REYNOLDS, 2003, p.113/115)

As tipografias utilizadas foram: *Century* e *Gill Sans*, ambas têm generosos ascendentes, e o comprimento dos descendentes é similar em relação ao peso x. Ambas tem caracteres infantis bem desenhados. Segue uma imagem (Figura 53) representando as características tipográficas e após uma imagem da tipografia *Century* e *Gill Sans*.



Figura 53: Imagem das características tipográficas relacionadas à altura-x, ascendentes e descendentes. (Fonte: DO AUTOR)

## Century Gill Sans

Figura 54: Imagem da tipografia com serifa, Century e da tipografia sem serifa, Gill Sans. (Fonte: DO AUTOR)

No geral, *Gill* foi a tipografia favorita pelas crianças, mas não porque leram melhor, e sim pela qualidade visual que é importante. Os resultados mostraram que algumas crianças apresentam opiniões próprias sobre tipografia e que a tendência de preferir a Gill sugere que tipos **sem serifa** tem um apelo particular nos leitores iniciantes.

Burt (1959, apud LUND, 1999) também aponta para argumentos a favor do uso de tipografia **sem serifa** e afirma que seus argumentos são todos suportados por evidências experimentais.

Araújo (1986, apud JUNIOR, 2003) complementa que os padrões construtivistas de El Lissitzky tiveram influência especial sobre o alemão Jan

Tschichold 12 (1902-1974), autor de dois famosos livros (*A nova tipografia*, de 1928 e *A estrutura tipográfica*, de 1935), que vieram dar nova direção à página do livro infantil. Entre os postulados de Tschichold estavam, por exemplo, a utilização de tipos **sem serifas**, a valorização de fotografias pelo recurso de 'sangrá-las' (ultrapassar a mancha impressa até alcançar o corte do papel) e o equilíbrio entre brancos e massas em construções assimétricas.

Para finalizar existem as preferências dos educadores, que muitas vezes produzem seus próprios caracteres, pois para eles a letra da leitura tem que ser similar com a letra da escrita, neste caso sem serifa. (WALKER e REYNOLDS, 2003).

Raban (1984) em sua pesquisa, como já relatado acima, com professores de escola primária aponta como fator mais importante o fato de que dois terços dos professores favoreceram o uso da tipografia **sem serifa**, pois acreditavam que a limpeza e as formas claras correspondiam aproximadamente a escrita infantil.

Em uma pesquisa realizada em 2001, no Centro de Linguagem e Literatura da *University of Reading*, as versões tipográficas da *Helvética*, *Frutiger*, e em menor extensão a *Gill Sans* continuam a ser amplamente utilizadas nos primeiros estágios de leitura, com o **a** e o **g** infantil. Essas três tipografias **não apresentam serifas**. Abaixo as imagens (Figura 55) demonstram essas tipografias, e as letras que correspondem aos caracteres infantis. (WALKER e REYNOLDS, 2003).



Figura 55: Uma comparação entre as três famílias tipográficas sem serifa que são utilizadas nos primeiros anos de leitura. (Fonte: DO AUTOR)

Entretanto, é necessário destacar a opinião de Zachrisson (1965) diretor do *Graphic Institute* de Estocolmo, que em sua tese investigou tanto os aspectos

<sup>12</sup> De acordo com Junior (2003), Jan Tschichold foi o principal responsável pelo desenvolvimento das teorias e pela aplicação dos princípios construtivistas ao design e ao livro através do tratado "A Nova Tipografia", de 1928.

ergonômicos (relacionados a legibilidade) quando os aspectos semânticos da tipografia.

Iniciou seus estudos com uma suposição freqüentemente encontrada nos livros, que é sobre o uso de tipografias sem serifa serem menos legíveis que tipografias romanas (com serifa). Não há razões para supor que em condições normais não existem diferenças significativas entre tipografias de uso comum por adultos para leitura de textos.

Ainda aponta que as crianças por serem leitores mais lentos e por lutar pela compreensão do texto, não dão muita importância quando encontram diferenças no desenho da tipografia.

Zachrisson (1965, apud WALKER e REYNOLDS, 2003) realizou um experimento com 72 crianças entre 7 e 8 anos, metade delas realizou leitura com serifa e a outra metade leitura sem serifa. Em sua hipótese **não há diferença** significativa entre tipo com serifa e sem serifa em termos de legibilidade na opinião dos leitores pesquisados.

Em um experimento mais recente, Lange et al. (2003, apud WALKER e REYNOLDS, 2003), utilizou um teste de reconhecimento de palavra, a rapidez de leitura do texto, um teste de compreensão e um teste para comparar a tipografia *Times New Roman* com a *Helvética*. A presença ou ausência de serifa **não teve um efeito estatístico significativo** em qualquer um dos testes.

Para Gérard e Rogiers (1998, apud BOCCHINI, 2007), os tipos a serem privilegiados nos livros infantis são do tipo *Times* ou *Helvética*, sem estabelecer **diferenças significativas** em relação ao uso de serifa ou não.

Nesta pesquisa será adotado como adequado o uso da tipografia sem serifa em livros de literatura infantil. Para as crianças as formas simples e claras são mais fáceis de serem reconhecidas. Apesar de alguns autores afirmarem que a serifa facilita o reconhecimento dos caracteres, e ajudam na sua diferenciação, e outros apontarem que o uso de serifa não apresenta um efeito significativo na leitura das crianças, acredita-se que o mais importante seja a clareza destes caracteres assim como a sua similaridade com a escrita caligráfica, que será melhor discutido a frente.

A seguir foi gerado um quadro (Quadro 01) com uma síntese das pesquisas realizadas e opiniões dos autores para facilitar o entendimento do que foi discutido nesta parte da pesquisa. Neste quadro houve uma divisão por opiniões distintas e divididas cronologicamente.

| Quadro sobre o uso de serifa em tipografia para textos voltados para crianças. |  |   |  |
|--|--|---|--|
|  | Pesquisadores  | Tipo de Pesquisa/ Questionamento  | Resultados   |
| A favor  | Coghill (1980)   | Questiona se a posição difundida quanto ao uso de tipografias sem serifa em livros infantis apresenta fatores educacionais, ou se é apenas uma convenção.                     | A tipografia com serifa é mais adequada pois apresenta maior diferenciação entre letras. |
|  | Willburg e Forssman (2002)                                       | Os tipos sem serifas mais usuais, em que há pares de letras em que não são claramente diferenciadas, podem ser confundidas com uma terceira letra.                            | Predominância de tipos serifados comuns nos livros das primeiras séries.                 |
|  | Willberg e Forssman (2007)                                       | As tipografias sem serifa não é tão clara e precisa. Para leitores iniciantes esse tipo de caractere provocam uma série de tropeços na leitura.                               | Diferenças dos caracteres. Exemplos: espelhar, similaridade, imprecisões e proporções.   |
| Contra   | Burt (1959)  | Afirma que seus argumentos são todos suportados por evidencias experimentais.   | Aponta para argumentos a favor do uso de tipografia sem serifa.                          |
|  | Poulton (1965)   | A partir de testes com leitores adultos, faz uma comparação entre tipografia com e sem serifa.  | Não é necessária a utilização de serifas para um texto ser legível.                      |
|  | Raban (1984)   | Realizou uma pesquisa sobre a opinião dos professores (271 entrevistados).  | Favoreceram o uso da tipografia sem serifa.  |
|  | Emanuel Araújo (1986)  | De acordo com os postulados de Jan Tschichold (1902-1974).  | Nova direção à página do livro infantil com o uso de tipografias sem serifa.             |
|  | Sassoon (1993/2000)  | Anunciou algumas diferenças quando crianças entre 8 e 13 anos foram questionadas sobre qual tipografia achavam mais legíveis.   | 1 - 44% sem serifa;<br>2 - 2% Time Italic;<br>3 - 18% Helvética;<br>4 - 10% Times Roman. |
|  | Centro de Linguagem e Literatura da University of Reading (2001) | Pesquisa que aponta quais tipografias continuam a serem utilizadas em projetos gráficos de livros infantis.   | Favoreceram o uso da tipografia sem serifa.  |
| Neutro   | Walker e Reynolds (2003)   | Realizaram uma pesquisa com crianças para descobrir se o uso da serifa é ou não importante em textos infantis.  | Sugerem que tipos sem serifa tem um apelo particular nas crianças.                       |
|  | Zachrisson (1965)  | Iniciou seus estudos com uma suposição de que o uso de tipografias sem serifas são menos legíveis que tipografias romanas (com serifa).                                       | A presença ou ausência de serifas não teve um efeito estatístico significativo.          |
|  | Lange et al (1993)   | Utilizou um teste de reconhecimento de palavra, a rapidez de leitura do texto, um teste de compreensão e um teste para comparar a tipografia Times New Roman com a Helvética. | A presença ou ausência de serifas não teve um efeito estatístico significativo.          |
|  | Gérard e Rogiers (1998)  | Sustentam que os tipos a serem privilegiados nos livros infantis são do tipo Times ou Helvetica.  | A presença ou ausência de serifas não teve um efeito estatístico significativo.          |

Quadro 01: Síntese das pesquisas em relação ao uso das serifas. (Fonte: DO AUTOR)

Quando se trata da escolha da tipografia para diagramar um livro infantil a primeira dificuldade encontrada é em relação se a tipografia deve ou não ter serifa. Devido a isto existem diversas pesquisas que questionam sobre o uso de serifas no livro de literatura infantil, por isso esta parte do capítulo apresenta maior quantidade de autores que abordam este assunto.

Abaixo serão discutidos o tamanho da tipografia e o tamanho da linha.

#### 4.3.3 Tamanho da tipografia e o tamanho da linha

Um aspecto muito importante e que também causa dúvidas é em relação ao tamanho da tipografia e da linha no texto voltado para crianças.

Em relação ao tamanho dos caracteres, Burt (1959, apud COUTINHO, 2006), aponta que para os primeiros anos de leitura todos os livros devem ser impressos em letras grandes, para o primeiro ano, em corpo 16, para o segundo em corpo 14, e terceiro e quarto, em corpo 12.

Deste modo se assegura movimentos fáceis e corretos nos olhos. Em relação a linha é que deve ser a **mais curta** possível. O progresso nas habilidades de leitura pode ser aferido pela rapidez com que as crianças se acostumam com os tipos menores mais compridos e menos espacejados. A seguir uma tabela que exemplifica as pesquisas de Burt.

Tabela 02: Parâmetros tipográficos para livros infantis, recomendados por Burt (1959, apud COUTINHO e SILVA, 2006).

| Idade (anos) | Corpo (pontos) | Número de letras por linha (linha 10.16 cm) | Coluna (cm) | Entrelinha (cm) |
|--------------|----------------|---|-------------|-----------------|
| Menor que 7  | 24             | 32  | 12.7        | 0.66            |
| 7-8          | 18             | 38  | 10.16       | 0.432           |
| 8-9          | 16             | 45  | 8.89        | 0.406           |
| 9-10         | 14             | 52  | 9.52        | 0.33            |
| 10-12        | 12             | 58  | 10.16       | 0.305           |
| Maior que 12 | 11             | 60  | 11.43       | 0.254           |

Entretanto Willberg e Forssman (2007) apontam que o ditado que diz, “quanto menor a criança, maior a letra” está errado. Mostram que existem duas escolas de pensamento: a primeira advoga por letras relativamente grandes em livros infantis e de iniciação à leitura para que a diferenciação das formas das letras seja inconfundível. Nesta **primeira** escola, é apenas com o treinamento da leitura que o corpo das letras deve ser reduzido.

A **segunda**, parte da idéia de que crianças com visão saudável podem focalizar com precisão e que na maior parte das vezes, conseguem ler a uma distância bem pequena entre os olhos e o papel. Sendo assim, com letras maiores as palavras mais longas exigiriam olhar duas ou mais vezes até poder captar a palavra inteira, o que seria prejudicial ao aprendizado da leitura. Entretanto os autores não se manifestam em relação a qual pensamento acham mais adequado para o aprendizado infantil.

Sassoon (2003) aponta que a tipografia para as crianças funciona melhor quando se tem apenas poucas palavras na página. E quando se tem muitas palavras, as crianças preferem uma tipografia ligeiramente inclinada.

Em relação ao comprimento da linha, Willberg e Forssman (2007) recomendam que ela deva ser percebida em um único olhar e que tenha ao redor cerca de **50 toques por linha**. Apontam também que a quebra de linha deve ocorrer de acordo como no sentido das frases.

Abaixo dois maus exemplos apresentados pelos autores, um relacionado à quebra de linha e outro relacionado ao comprimento da linha.

- Neste primeiro exemplo (Figura 56) a quebra de linha não considerou o conteúdo, e ainda há separação de palavras, deste modo, ocasiona uma confusão na leitura.

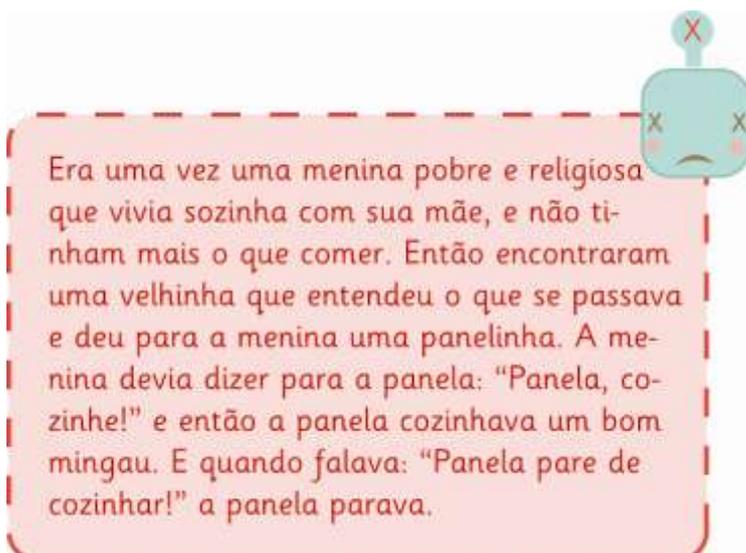


Figura 56: Mau exemplo de quebra de linha. (Adaptado de WILLBURG e FORSSMAN, 2007, p. 76)

- Neste outro exemplo (Figura 57) a linha é longa demais até para um leitor adulto quanto mais para uma criança.

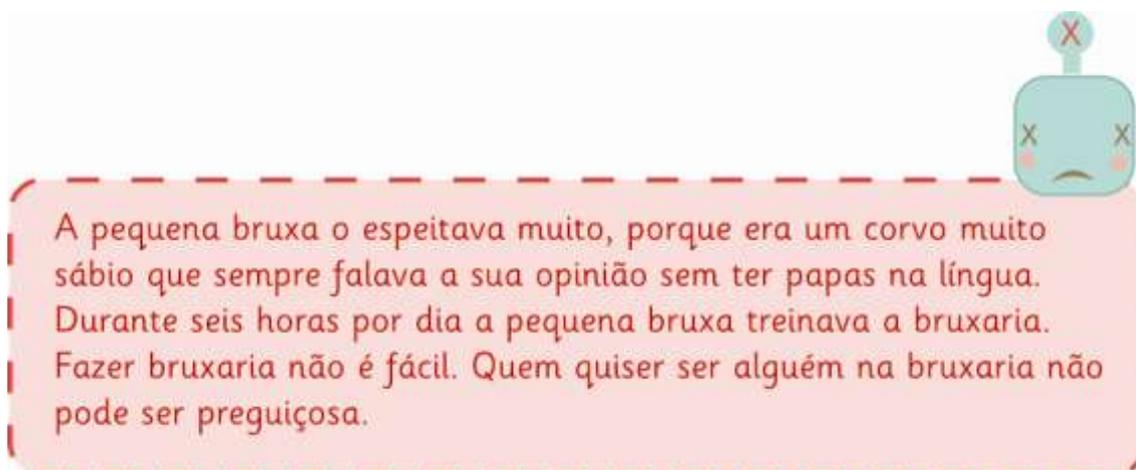


Figura 57: Mau exemplo de comprimento de linha. (Adaptado de WILLBURG e FORSSMAN, 2007, p. 76)

Os autores demonstram com exemplos quais seriam conceitos tipográficos considerados adequados para crianças do 2º e 3º ano do primário (nos exemplos a tipografia esta reduzida 58% do tamanho original). Na seqüência tem-se quatro exemplos:

- Neste exemplo (Figura 58), o texto é redigido de modo que a criança sempre encontre uma conclusão ao final de cada linha e alcance um

objetivo. Portanto, a quebra de linha ocorre de acordo com o sentido da frase, sem se preocupar com a parte estética tipográfica.

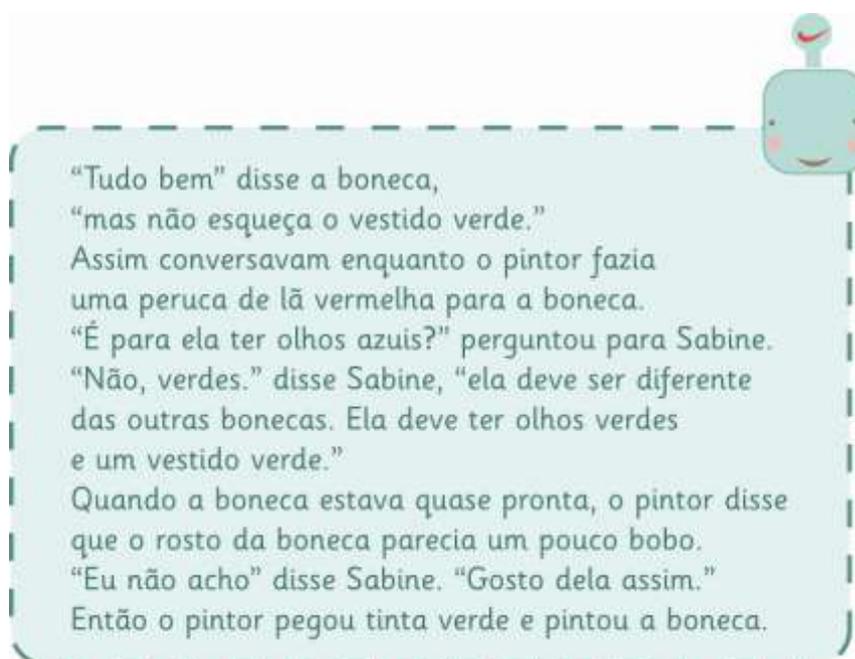


Figura 58: Exemplo sobre um bom comprimento de linha. (Adaptado de WILLBURG e FORSSMAN, 2007, p. 77)

- Os autores apontam que perto do final do segundo ano escolar há uma preocupação para texto justificado à esquerda sem preocupação com uma mensagem completa na linha, mas sem divisão de palavras. Assim também ocorre para o terceiro ano escolar.

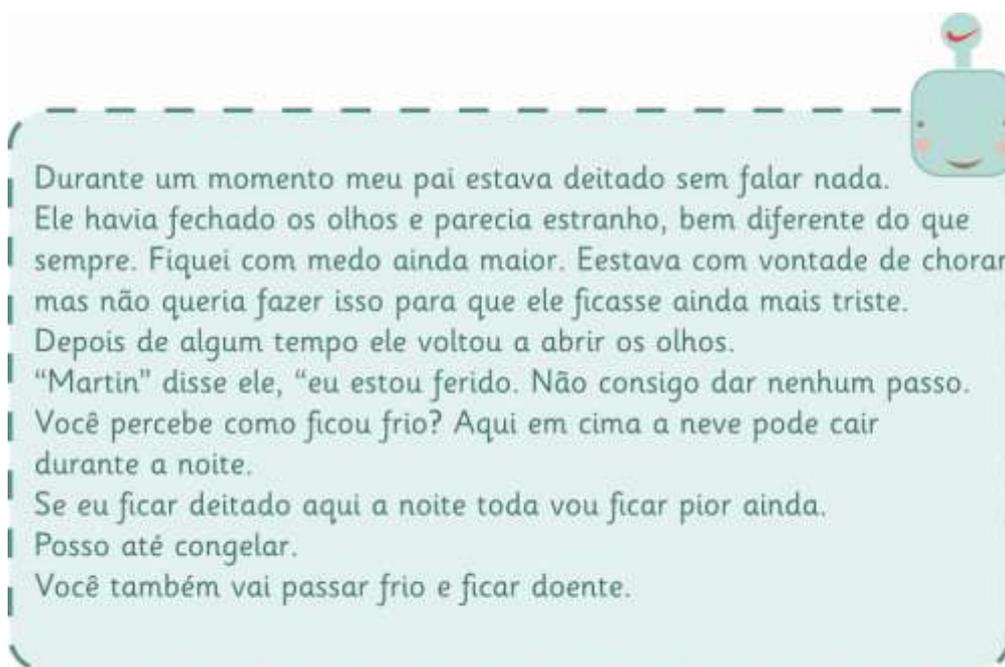


Figura 59: Exemplo sobre um bom comprimento de linha. (Adaptado de WILLBURG e FORSSMAN, 2007, p. 77)

- Já neste exemplo (Figura 60), os autores explicam que com uma crescente confiança no processo de leitura, aparecem separações lógicas de palavras no texto alinhado à esquerda.

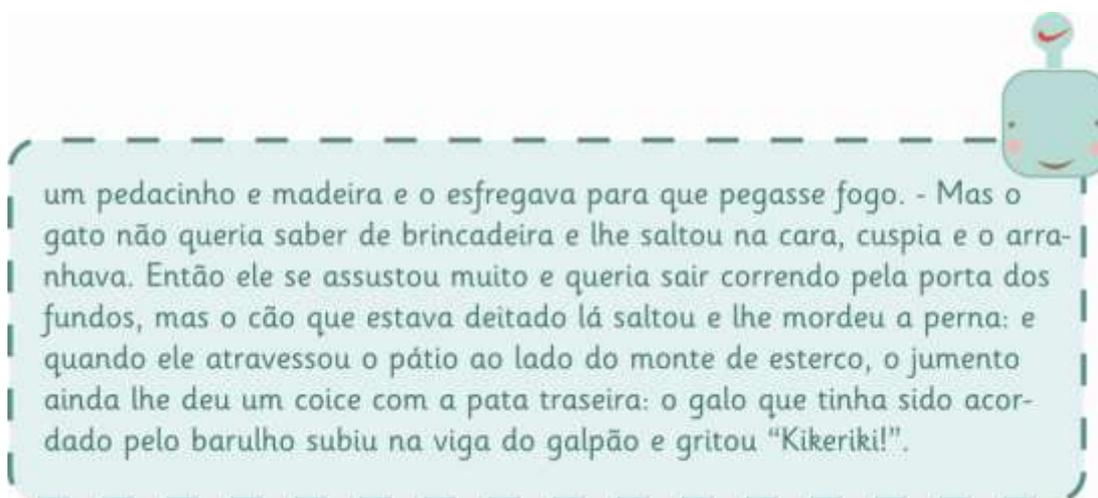


Figura 60: Separação lógica das palavras. (Adaptado de WILLBURG e FORSSMAN, 2007, p. 77)

- No final do terceiro ano escolar, o texto se apresenta unificado como acontece normalmente em livros para adultos. (Ibid.)

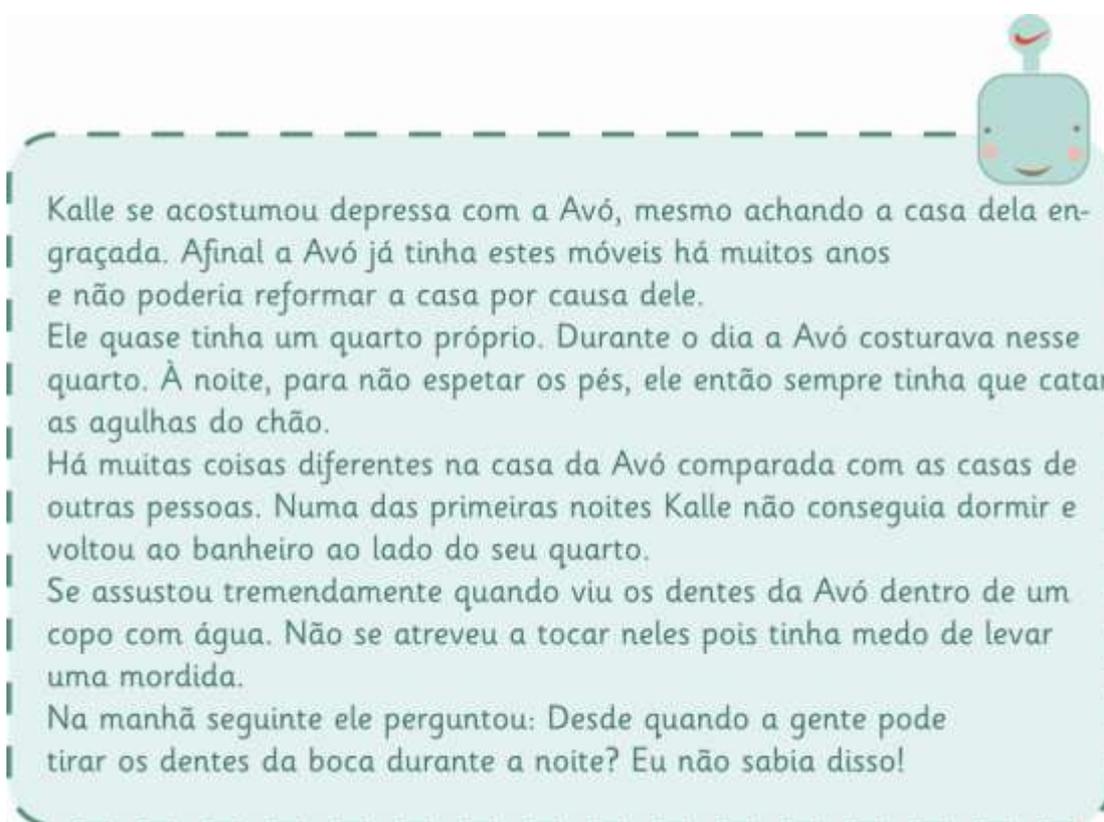


Figura 61: Texto para crianças no final do terceiro ano escolar. (Adaptado de WILLBURG e FORSSMAN, 2007, p. 77)

Em relação ao tamanho do caractere da tipografia viu-se que existem divergências, Burt (1959) aponta que quanto menor a criança maior o tamanho da letra, já Willberg e Forssman (2007) apontam que existem duas escolas, uma que aponta para o que Burt considera adequado e outra que considera que uma letra grande pode fazer com que a criança desvie o olhar e tenha que olhar novamente para o texto para visualizar o término da palavra.

Sendo assim, nesta pesquisa será considerada adequada uma tipografia com caracteres grandes o suficiente para que haja uma diferenciação entre as letras e para que as crianças consigam realizar a leitura sílaba a sílaba, geralmente acompanhando com os dedos.

Acredita-se também que com o tempo e principalmente com o treino da leitura, os caracteres possam ser diminuídos sem afetar a legibilidade dos textos pelas crianças.

Em relação ao tamanho da linha, tem-se como mais adequado uma linha curta (com poucas palavras), para que não exista um comprometimento do pequeno leitor em relação à leitura do texto, ou seja, com linhas curtas é possível que a criança consiga ler a linha até o final sem retirar o olhar uma única vez.

Outros aspectos importantes são em relação ao conteúdo do texto e a quebra de linha. Quando se tem uma criança de menor idade é importante que o conteúdo de cada linha apresente um objetivo, ou seja, a quebra de linha é feita de acordo com a compreensão do texto e sem separação das palavras.

Com o aumento da idade da criança e da confiança na leitura, não existe uma maior preocupação com o conteúdo de cada linha e as palavras já vão sendo divididas.

Os próximos aspectos a serem analisados são referentes aos ascendentes e descendentes na tipografia.

#### 4.3.4 Ascendentes e Descendentes

As ascendentes e descendentes na tipografia são as partes estendidas para cima e para baixo da altura de x. As ascendentes são as partes das letras minúsculas que

se projetam acima da altura de x e as descendentes são as que se projetam abaixo da altura de x, como representado no desenho abaixo (Figura 62).



Figura 62: Exemplo de ascendentes e descendentes. (Fonte: DO AUTOR)

Um aspecto muito importante abordado por Willberg e Forssman (2007) é que as ascendentes devem ser suficientemente grandes para impedir a confusão entre os caracteres na leitura pelas crianças (Figura 63).



Figura 63: Exemplo de proporções. (Adaptado de WILLBURG e FORSSMAN, 2007, p. 74)

Em Portugal, no ano de 2009, foi criada por Paulo Heitlinger, uma fonte para suprir as necessidades das crianças em relação à aprendizagem da escrita. Mesmo sendo uma fonte voltada para a escrita infantil, apresenta características que favorecem o ato da leitura. Essa fonte foi chamada de *Escolar Portugal* (Figura 64), e também apresentou algumas variações como a *Portugal Brasil* (Figura 65).

abcçdefghijklm  
 nñopqrstuvwxyz.  
 A B C D E F G H I J  
 K L M N Ñ O P Q R S  
 T U V X Y Z « » ; , ... ¿ ? !  
 # 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0 ( ) ÷ + × < = > \_ \_ \_ \_

Figura 64: Fonte tipográfica Escolar Portugal. (HEITLINGER, 2009, p. 11)

abcçdefghijklm nñ o  
 pqrstuvwxyz.  
 A B C D E F G H I J  
 K L M N O P Q R S  
 T U V X Y Z . « » ( / )  
 # 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0 ÷ + × \_ \_ \_ \_

Figura 65: Fonte tipográfica Escolar Brasil. (HEITLINGER, 2009, p.12)

Nesta fonte a modularidade inerente às formas de várias minúsculas é feita transparente e óbvia. No caso do **a**, **d**, **g**, **o**, **p** e **q**, as crianças conseguem perceber que estas letras são compostas por um elemento redondo, e outro reto, utilizado para formar as hastes das ascendentes ou descendentes (Figura 66).

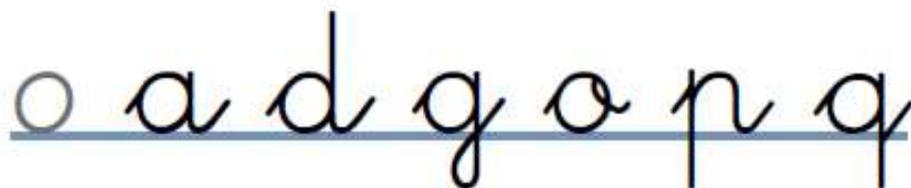


Figura 66: Exemplo das formas arredondadas da fonte Escolar Portugal. (HEITLINGER, 2009, p. 15)

Os laços que correspondem às descendentes e ascendentes desta fonte são sempre idênticos facilitando a leitura. Abaixo uma imagem (Figura 67) que representam esta característica.



em um espaço limitado. Entretanto para as crianças são necessárias letras fáceis e “amigáveis” de se reconhecer e que produzam um formato bem definido.

A autora ainda aponta que o princípio de longos ascendentes e descendentes define o formato das palavras e contribui consideravelmente para a legibilidade tanto na tela do computador quanto para texto impresso com letras de tamanho pequeno.

A partir das opiniões apresentadas pode-se considerar que para aumentar a eficácia da legibilidade dos textos, principalmente quando se trata de crianças, os ascendentes e descendentes devem sempre apresentar uma uniformidade, ou seja, devem ser do mesmo tamanho. Outro aspecto positivo é que devem ter um maior prolongamento em relação ao corpo de x, pois assim, ajudam a criar uma identificação do formato das letras e também produzem um formato bem definido.

#### 4.3.5 Estilo Caligráfico

Um dos aspectos mais discutidos em relação à escolha tipográfica para as crianças é sobre as letras remeterem as formas caligráficas. A maior parte dos estudiosos aponta que as crianças apresentam maior facilidade de leitura quando a tipografia se assemelha a forma escrita. Abaixo diversos autores apontam para isso.

Sassoon e Willians (2000) afirmam que as necessidades das crianças para o início da leitura correspondem em princípio com as necessidades que elas apresentam com o manuscrito.

Para as autoras os editores educacionais foram rápidos a reconhecer a utilidade de um tipo que poderia representar caligrafia que ainda não estava num modelo rigoroso. Os arcos da *Sassoon* (como já explicado acima, fonte criada pelas autoras) refletem os movimentos da escrita manuscrita mostrando facilmente a relação entre todas as letras, como se pode ver na seqüência (Figura 69).



Figura 69: Desenho esquemático que representa a parte manuscrita da tipografia Sassoon Primary Infant. (Adaptado de SASSON e WILLIANS, 2000, p.9)

Entretanto apontam que o mais importante da sua tipografia é que apresentam “*exit strokes*” (Figura 70) na linha de base, estas “*exit strokes*” encorajam um agrupamento espontâneo e também constroem um adequado espaço entreletras.

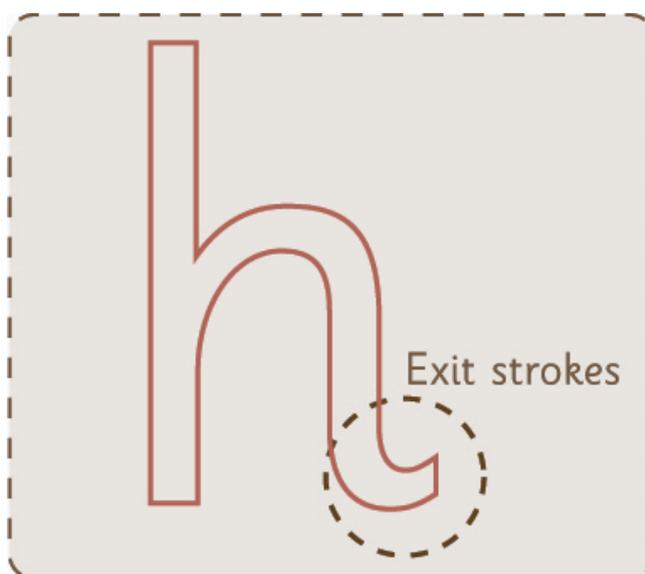


Figura 70: Desenho esquemático que representa a “*exit stroke*”. (Adaptado de SASSOON e WILLIANS, 2000, p.10)

Da maneira que a tipografia foi construída, existe uma continuidade na letra. A imagem abaixo (Figura 71) demonstra isso, em uma letra que existe um único grande ponto de partida, a caneta ou lápis não deixa o papel até que a letra tenha terminado de “desenhar”.

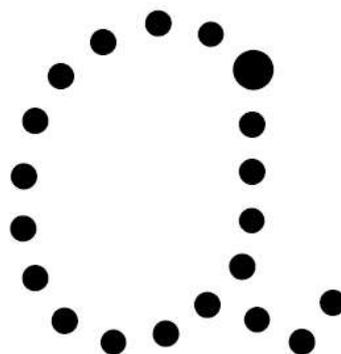


Figura 71: Desenho do a da tipografia Sassoon. (SASSOON e WILLIAMS, 2000:7)

Para Heitingler (2009), na criação da fonte tipográfica *Escolar Portugal*, que se assemelha a forma caligráfica, as formas não apresentam inclinação.

Ainda em relação à mesma fonte tipográfica, as letras foram construídas ligadas para facilitar à criança a construção de sílabas e palavras simples e para lhe dar um treino no espaçamento correto. As formas das letras foram criadas de forma simples, evitando desenhos desnecessários. Elas são compostas por elementos arredondados e são evitadas as formas diagonais. As junções são sempre diagonais e orientadas no mesmo ângulo (Figura 72).



Figura 72: Exemplo das junções da fonte Escolar Portugal. (HEITLINGER, 2009, p.18)

Ainda de acordo com o autor, os ritmos regulares do estilo caligráfico da fonte *Escolar Portugal* (Figura 73) auxiliam a criança a desenvolver uma boa forma de letra, e a alcançar um espaçamento ideal, cuja uniformidade favorece a legibilidade dos textos.



Figura 73: Exemplo dos ritmos regulares da fonte Escolar Portugal. (HEITLINGER, 2009, p.15)

Outra tipografia que segue os traços da caligrafia é a *Tcl Cotona* (Figura 74), desenvolvida no Chile pelo grupo, *Typografia cl.* especificamente para livros escolares.



Figura 74: Fonte tipográfica Tcl Cotona, desenvolvida no Chile. (TYPOGRAFIA CL, 2006, p.6)

Nesta tipografia os desenhos de cada caractere se encontram como elementos autônomos. Sendo assim, o designer deve organizar manualmente cada desenho para formar as palavras (Figura 75).



Figura 75: Junção dos caracteres da Fonte tipográfica Tcl Cotona, desenvolvida no Chile. (TYPOGRAFIA CL, 2006, p.4)

Outra tipografia chilena criada por Kote Soto e Felipe Cáceres é a *Grafito* (Figura 76), se trata de uma fonte tipográfica mais condensada e com novos desenhos nos caracteres e proporções mais otimizadas. Os caracteres são baseados nos modelos exigidos pelo ministério da educação (chileno). Esta tipografia apresenta mais de 60 ligaduras (Figura 77) que melhoram o ritmo das palavras.



Figura 76: Tipografia Grafito. (SOTO e CÁCERES, 2009)

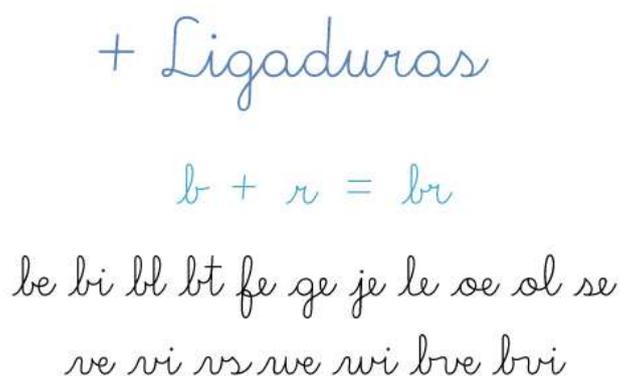


Figura 77: Exemplo das ligaduras da Tipografia Grafito. (SOTO e CÁCERES, 2009)

Outra preocupação que aparece quando se escolhe uma tipografia para crianças é em relação à inclinação das letras. Para Sasson e Willians (2000) quanto mais texto aparece em uma página mais apropriado se torna o uso de uma tipografia com uma leve inclinação. De acordo com as autoras pesquisas mostram que crianças preferem uma leve inclinação das letras quando se tem um corpo de texto.

Sendo assim, a partir das opiniões e exemplos que foram mostrados acima esta pesquisa leva em consideração a grande importância da tipografia que remete aos traços caligráficos para a criança apresentar uma maior facilidade de leitura.

É importante destacar que o estilo caligráfico cria uma melhor legibilidade nos textos voltados para as crianças já que representa uma similaridade com a forma com que se escreve. Outro aspecto a se considerar é a inclinação dos caracteres, uma leve inclinação é considerada mais adequada principalmente quando a quantidade de textos é maior, além de facilitar a legibilidade dos textos.

#### 4.3.6 ESPACEJAMENTOS (ENTRELETRAS, ENTREPALAVRAS E ENTRELINHA)

Para Walker (2005) tipografia é muito mais que apenas seus caracteres. Também apresenta grande relação com o jeito que estes caracteres são usados, ou seja, os espaços entre as letras, palavras e linhas.

Abaixo serão mostradas algumas pesquisas com crianças e apontados opiniões sobre quais espaçamentos podem ser considerados mais adequados para facilitar a leitura dos textos pelas crianças.

#### 4.3.6.1 Entreletras e entrepalavras

Nesta parte da pesquisa serão relatados alguns experimentos com crianças e opiniões de pesquisadores em relação ao entreletras e entrepalavras nos textos voltados para a criança.

Walker (2005) realizou uma pesquisa com 24 crianças para descobrir diversos aspectos sobre as características tipográficas. Nesta pesquisa a autora afirma que as crianças noticiaram mais diferenças no espaçamento das letras do que no de palavras.

Para esta pesquisa, ela utilizou quatro tipos de espaçamentos entreletras: justo, normal, grande e muito grande. (Figura 78). Das 24 crianças, 22 perceberam diferenças e 17 apontaram que o espaçamento **mais justo** apresentava **dificuldade de leitura** e até mesmo que as letras pareciam mais escuras, mais espessas e menores.

É importante destacar que os textos da pesquisa de Walker foram modificados, e o conteúdo do texto mudou para que o número de palavras quando traduzidas do inglês para o português continuasse o mesmo. Os espaçamentos (entrelinhas, entreletras e entrepalavras) continuam idênticos aos da pesquisa da autora para não haver diferenças nos resultados. As cores também foram alteradas, pois, acredita-se que se as autoras estavam observando apenas as diferenças referentes em relação aos espaçamentos e não haveria problemas.

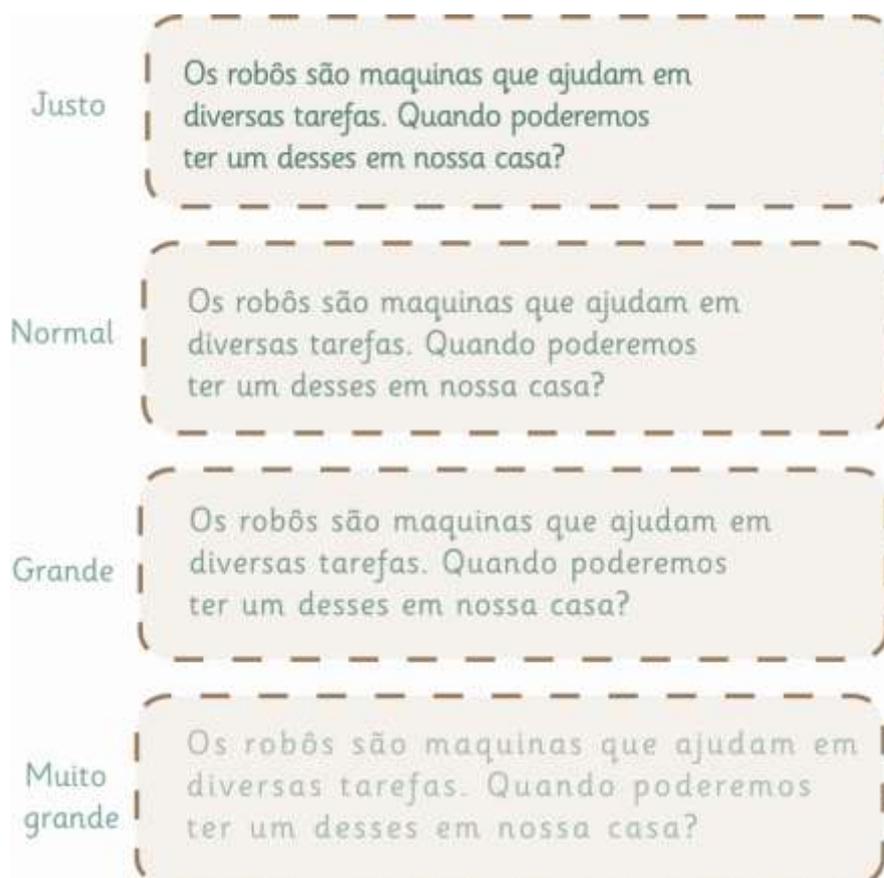


Figura 78: Exemplo dos espaços entreletras utilizados na pesquisa de Walker. (Adaptado de WALKER, 2005, p.14)

Em relação à percepção do espaço entrepalavras (Figura 79) a autora afirma que os resultados são menos conclusivos. Apenas 13 crianças observaram diferenças nos espaçamentos. As preferências das crianças se apoiaram no espaçamento mais justo, sendo assim, apresentavam maior facilidade de leitura. As crianças utilizaram termos como: "(...) espaço pequeno, grande escrita... fácil de ler. (WALKER, 2005, p. 15)."

Para finalizar sobre a opinião das crianças, a autora aponta que espaçamentos entreletras e entrepalavras maiores ou menores afetam as suas visões em relação ao tamanho, textura, e nível de dificuldade de leitura.

E o aspecto que mais importa é que as letras e palavras mais próximas causaram maior dificuldade e maior confusão na leitura. Algumas crianças acharam que um espaçamento maior apresenta facilidade de leitura e apontam para o fato de obter um espaço que ajudam a soletrar a palavra.

Entretanto, um problema que se apresenta quando existe espaçamento entreletras nas palavras é que estas podem parecer fragmentadas e para

compensar é necessário que o espaçamento entre palavras e entre linhas sejam ajustados proporcionalmente. (Ibid.)

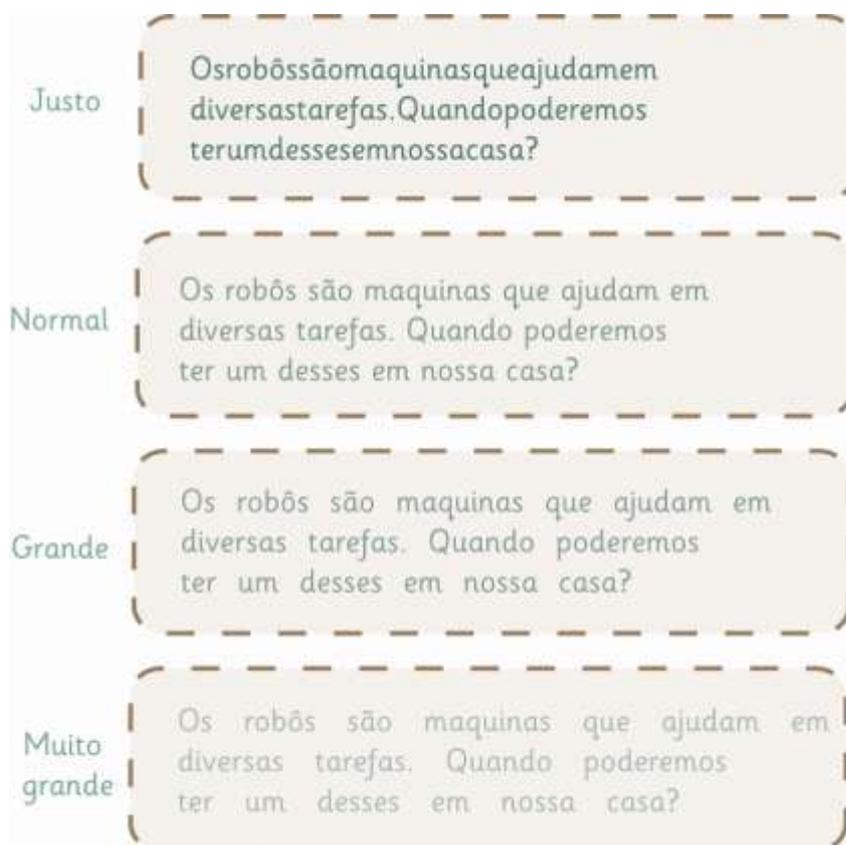


Figura 79: Exemplo dos espaços entre palavras utilizados na pesquisa de Walker, em 2005. (Adaptado de WALKER, 2005, p. 15)

Para Willberg e Forssman (2007), para que as “imagens das palavras” sejam captadas sem equívocos pelas crianças, as palavras devem estar bem espaçadas, sendo assim, os espaços entre as palavras devem ser maiores do que na tipografia normal (voltada para adultos), sem esquecer que o espaço entre as linhas deve ser maior que o espaço entre as palavras.

Sendo assim, fica claro que para as crianças existe uma real necessidade de um espaçamento maior entre letras e entre palavras do que para um adulto. Entretanto é importante considerar que um espaçamento muito grande, principalmente quando se trata de entre palavras pode causar confusão tanto quanto um espaçamento justo.

De acordo com as opiniões das crianças, um entre letras muito justo causa bastante dificuldade de leitura, e o mesmo ocorre com o entre palavras, mas em menor escala.

Outra característica importante é em relação às diferentes visões que espaçamentos pequenos ou grandes causam nas crianças, como textura, percepção do tamanho dos caracteres e até intensidade das cores.

Nesta pesquisa será considerado mais adequado um espaçamento maior entreletras e entrepalavras para textos de literatura infantil, porém tendo a precaução de não exagerar, pois como já explicitado acima, se houver um espaçamento muito grande as linhas podem se tornar maiores e afetar a legibilidade dos textos.

#### 4.3.6.2 Entrelinhas

Outra variável avaliada por Walker (2005) foi o espaço entrelinhas. No teste foram utilizados quatro diferentes espaçamentos (Figura 80). De acordo com a autora é um dos aspectos mais importantes quando se trata de escolher livros para as crianças.



Figura 80: Exemplo dos espaços entrelinhas utilizados na pesquisa de Walker, em 2005. (Adaptado de WALKER, 2005, p. 17)

As crianças analisadas apontaram uma preferência por espaçamentos normais e grandes, geralmente relacionados ao tamanho ou ao espaço aparente da tipografia. Entre as muitas razões das crianças, seis basearam sua escolha explicitamente sobre os aspectos do espaçamento e três sobre o tamanho percebido da tipografia.

Willberg e Forssman (2007) apontam que no caso de tipografia para crianças a entrelinha deve ser suficientemente grande para se ter uma boa legibilidade nos textos.

Abaixo um exemplo (Figura 81) em que os autores apontam para o entreletras, entrepalavras e entrelinhas. Afirmam que de acordo com este exemplo, o espaço entreletras valoriza a imagem das palavras, o espaço entrepalavras é suficiente para a captação das palavras como um todo. O grande espaço entrelinha impede o desvio do olhar para outra linha.

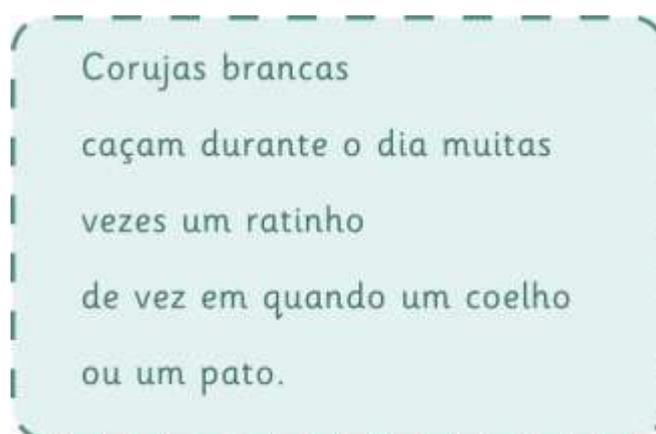


Figura 81: Exemplo de bom espaço entreletras, entrepalavras e entrelinhas. (Adaptado de WILLBERG e FORSSMAN, 2007, p.76)

Deste modo será considerado adequado que para uma boa legibilidade dos textos voltados para as crianças o espaço entrelinhas deve ser grande o suficiente para haver uma diferenciação de uma linha a outra.

Em relação às opiniões das crianças tem-se que um espaço entrelinhas maior cria a percepção de que os caracteres são maiores e impede o desvio do olhar para outra linha.

#### 4.3.7 DIAGRAMAÇÃO DOS LIVROS LITERÁRIOS INFANTIS

Outro aspecto importante que está relacionado ao posicionamento do texto na página do livro juntamente com a ilustração e que afeta a legibilidade é a diagramação.

Nesta parte da pesquisa será abordada a relação espacial entre a ilustração e o texto, a partir da ocupação de ambos na mancha gráfica. A mancha gráfica representa a área ocupada por blocos de texto, ilustrações, fotografias e etc.

NECYC (2007, p. 101) aponta que:

A relação espacial entre texto e imagem determina os processos de leitura e visualização das imagens. Algumas disposições favorecem maior integração visual ou até mixagem dos elementos visuais e textuais. Quando texto e imagens se encontram visualmente integrados tende-se a aprendê-los de maneira diferenciada daquela de uma disposição separada.

As ilustrações no livro infantil podem aparecer como uma figura colocada sobre o fundo ou podem constituir o próprio fundo, gerando várias relações espaciais com o texto (NODELMAN, 1988).

Nodelman (1988) observa que a relação entre as imagens e o espaço branco tende a definir em que lugar as palavras de um texto podem ser alocadas assim, a relação física do texto com a imagem é menos significativa do que a do espaço em branco com a imagem.

A ocupação espacial da página da ilustração, em relação ao texto pode-se dar em quatro maneiras principais: a ilustração é aplicada numa área separada do texto; a ilustração é aplicada parcialmente em união ao texto; o texto é aplicado de modo a intermediar ou se relacionar com a forma da ilustração; o texto é aplicado dentro da área de ilustração. (Ibid)

Os primeiros livros infantis obedeciam a uma configuração em que a ilustração era aplicada numa área separada do texto (Figura 82).



Figura 82: Desenho esquemático sobre diagramação infantil. (Adaptado de NODELMAN 1988)

Quando a ilustração é aplicada parcialmente em união com o texto, configura-se determinado estado no qual continua a ocupar uma área delimitada num retângulo, mas dentro da mancha de texto, ou seja, parcialmente unida ao texto.

O terceiro tipo (Figura 83) é quando o texto intermedia a ilustração, isto é, pode aparecer entre partes da ilustração, criar uma forma para circundar a ilustração, ou ainda acompanhá-la como uma linha que reproduz sua forma.



Figura 83: Desenhos sobre diagramação infantil (Adaptado de NODELMAN 1988)

No último tipo (Figura 84), a ilustração abrange todo o fundo da página e, em geral, a imagem se apresenta em sangramento. O texto fica inserido dentro do espaço da ilustração.

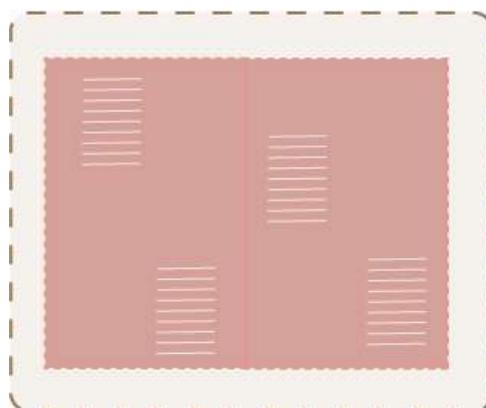


Figura 84: Desenho sobre diagramação infantil (Adaptado de NODELMAN 1988)

Uma das principais características do livro infantil contemporâneo reside no fato dele ser ilustrado do início ao fim, ou seja, a ilustração faz parte do livro e da história.

Necyc (2007) aponta que a localização do texto e das imagens causa influência na leitura da página, e do livro como um todo. Uma maneira pela qual se pode realizar tal indução da leitura é pelo equilíbrio ou pelo contraste do balanço visual de cada página do livro, cita como exemplo que, páginas com poucos elementos tendem a gerar maior valor gráfico para cada um deles.

Em relação à diagramação dos livros, esta pesquisa considera importantes os estudos de Nodelman (1988), em que apontam quatro tipos de alocação do texto em relação à ilustração, como já explicado acima. Entretanto, quando o assunto é diagramação existe uma grande liberdade de criação para o designer e cabe a este equilibrar criatividade com uma diagramação que facilite a legibilidade.

Muitos outros aspectos compõem o assunto diagramação, como a relação do livro como um todo, o livro como objeto e etc. É importante ressaltar que estes assuntos não fazem parte do escopo desta pesquisa e por isso não serão analisados. Os aspectos de interesse dessa pesquisa se restringem aos que estão relacionados à legibilidade.

Outra característica que também é muito importante é quando o texto se torna imagem. Em muitos livros infantis é comum o uso deste recurso na diagramação, e a seguir será feita uma explicação sobre este aspecto e serão demonstrados alguns

exemplos sobre isso.

#### 4.3.7.1 Tipografia como imagem

Existe uma parte na escolha tipográfica do livro infantil que está relacionada mais diretamente com a diagramação que é quando a tipografia se apresenta como um elemento compositivo, ou melhor, a tipografia se apresenta como elemento pictórico.

Este recurso é muito utilizado por designers que trabalham na diagramação dos livros infantis, e apesar de muitas vezes ser considerado mais amplamente a parte estética, também deve ser utilizado de acordo com os princípios da legibilidade. Pode-se destacar que:

O livro infantil contemporâneo é dotado de liberdade na disposição de seus elementos tipográficos em conjunto com a imagem, pois a disposição gráfica da página pode, dentre suas múltiplas leituras, ser apreendida num mesmo enunciado. O livro infantil trabalha uma tendência de incorporação nos dois sentidos: do texto pela imagem e da imagem pelo texto. (NECYK, 2007, p. 89)

Ainda de acordo com a autora, atualmente a tipografia é muito usada para converter significado. Neste segmento, o texto impresso transmite a mensagem codificada por meio do alfabeto, mas, além disso, pode através do efeito visual criar significados simbólicos da mesma forma que a imagem.

O texto permanece com sua função, mas a tipografia e conseqüentemente sua forma se apresentam como um sistema que se relaciona com o restante da peça gráfica. A autora ainda destaca que as formas de modelação da recepção da narrativa verbo-visual através da aplicação tipográfica podem se dar em diversos níveis. A autora aponta que:

Desde a leitura de um diálogo ou de uma rima até o desenho das letras na forma de personagem da história, encontram-se várias formas de aplicação. Em todas, observa-se a tendência de usar o texto como imagem, de potencializar sua dimensão gráfica. (NECYK, 2007, p. 91).

Abaixo dois exemplos citados pela autora que remetem a esta relação da tipografia como elemento pictórico na página de um livro.

Exemplo 1: No livro “Um Garoto Chamado Rorbeto” (Figura 85) do ano de 2005 de Gabriel Pensador, tem-se exemplo de diagramação para aplicação do estilo tipográfico intercalado, com a intenção de guiar o leitor nas rimas dos versos. A autora aponta que a alternância de estilos (normal e negrito) estabelece o ritmo do parágrafo.

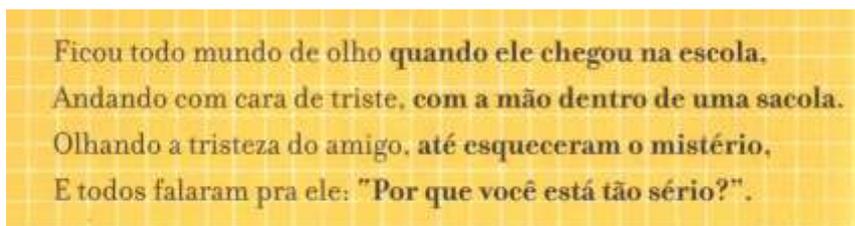


Figura 85: Parágrafo rimado do livro Um Garoto Chamado Rorbeto. (Fonte: DO AUTOR)

Exemplo 2: Neste exemplo (Figura 86) pode-se perceber que o texto produz grande efeito visual, ou seja, o texto além de conter palavras torna-se um elemento de composição da página, ou seja, uma imagem.



Figura 86: Página do livro Eram 3 do autor Guto Lins. (Fonte: DO AUTOR)

Para finalizar a autora destaca que:

Diversas outras aplicações, como frases construídas ao estilo da poesia concreta; o uso de fontes fantasias e manuscritas; a utilização de palavras intermediando ilustrações; e a utilização de frases inteiras em caixa alta, são encontradas no livro infantil. O livro infantil absorveu uma série de inovações tipográficas, provenientes de outras mídias, acabando por incorporar um estilo tipográfico eclético. Não é raro encontrarmos o texto aplicado como elemento gráfico e como imagem. (NECYK, 2007, p.95)

Como visto acima, existem diversas maneiras de incorporar a tipografia no livro infantil, sendo como texto ou imagem.

A preocupação do designer deve ir além da parte estética, ou seja, deve também se preocupar com a funcionalidade do texto, neste caso, tanto a relação subjetiva (psicológica) do texto quanto à parte da legibilidade. É importante destacar que por mais belo que a página final esteja é necessário que haja uma compreensão pela criança do que está escrito.

Entretanto no caso do livro infantil estes recursos visuais criam um enriquecimento muito grande, por isso foram explicitados nesta pesquisa.

#### 4.3.7.2 A linha

É interessante destacar outra característica que esta relacionada com a tipografia como imagem, a linha.

De acordo com Twyman (1986) as características da linguagem gráfica são divididas em dois tipos, as intrínsecas e as extrínsecas. A primeira está relacionada aos caracteres e ao sistema que é usado para produzi-los. Sendo assim, estão relacionadas ao conjunto específico de caracteres (tipografia), e sobre o seu estilo, como as características tipográficas em si.

As características extrínsecas dizem respeito ao meio em que se dispõe para configurar e organizar uma informação.

Maia (2002, p. 5) aponta desta maneira o conceito de linha:

Porém, mesmo tecnicamente falando, a linha de assentamento dos caracteres denominada “linha de base” (imagem abaixo) (*baseline*), é sempre uma linha de referência, determinada pelos *typedesigners* que, ao conceberem uma fonte, estabelecem também os parâmetros necessários para que a disposição de todas as letras se processe numa perfeita horizontalidade. São linhas imaginárias cuja visibilidade é fruto do que segundo a teoria da *gestalt* é conhecido como “lei da continuidade” e que pressupõe que o nosso cérebro se encarrega, abstratamente, de tornar concreto o que apesar de não existir de fato, somos induzidos a construir.

A seguir uma imagem (Figura 87) da linha de base:

# Linha de base

Linha de base ou linha de x

Figura 87: Linha de base ou linha de x. (Fonte: DO AUTOR)

Ainda de acordo com o autor, nos livros de literatura infantil, a linha não é um objeto de percepção indivisível, mas, antes o produto de interação de múltiplas características gráficas de que os alfabetos são alvos.

O autor ainda apresenta oito situações em que a linha apresenta uma ruptura relevante. Estas serão demonstradas rapidamente abaixo.

## 1- Linhas desalinhadas ou fora da linha

Estas linhas são as que deixam a horizontalidade com diversos propósitos e com muitos resultados diferentes. Nestes casos, muitas vezes, o designer busca fugir da monotonia (Figura 88).



Figura 88: Exemplo de linhas desalinhadas. (Fonte: DO AUTOR)

## 2 – Linhas arco-íris

São linhas em que a cor funciona como um elemento compositivo a mais, ou seja, obtém uma maior atenção do leitor (figura 89).



Figura 89: Exemplo de linhas arco-íris. (Fonte: DO AUTOR)

### 3 - Linhas de extensão oscilante

São as linhas que causam uma ruptura através do desalinhamento da mancha gráfica (Figura 90).



Figura 90: Exemplo de linhas de extensão oscilante. (Fonte: DO AUTOR)

### 4. Linhas mistas (imagem + palavra)

Nas linhas mistas existe uma mistura de tudo, como exemplo, o ícone em vez da palavra escrita, a imagem que se intercala na linha (Figura 91):



Figura 91: Exemplo de linhas mistas. (Fonte: DO AUTOR)

## 5. Linhas icônicas

São linhas concebidas que despertam movimentos, ritmos e a construção de uma visibilidade plástica dos trajetos e dos tempos (Figura 92).



Figura 92: Exemplo de linhas icônicas. (Fonte: DO AUTOR)



## 8. Linhas invertidas

O autor aponta da seguinte maneira: “São linhas que se apresentam invertidas face ao leitor originando um outro leitor imaginário colocado frente ao leitor e assim iniciando um processo lúdico especular . Nestes casos o leitor encontra-se perante um outro leitor residente, anterior a quem chega á obra.” (MAIA, 2002, p.17) (Figura 95).



Figura 95: Exemplo de linhas invertidas. (Fonte: DO AUTOR)

A linha é um aspecto muito importante a se considerar. Em relação aos exemplos acima, todos são de grande auxílio para a diagramação de livros voltados para crianças e também serão utilizadas para compor o guia com recomendações tipográficas.

Nos livros infantis existe certa liberdade para preservar a ludicidade e ainda manter o fator de estudo desta pesquisa, a legibilidade dos textos. Sendo assim, nos aspectos referentes à diagramação dos livros é necessário apontar os aspectos relacionados acima.

## 4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar que em estudos realizados com crianças sobre tipografia voltada para elas, muitas tiveram opinião marcante. No caso das

pesquisas realizadas por Walker, em 2005, suas discussões apontam que as crianças são muito tolerantes a variações tipográficas.

A autora aponta para alguns pontos muito importantes como:

- A motivação para a leitura das crianças pode ser afetada por caracteres não apropriados para livros de leitura;
- As crianças conseguem ver diferenças entre as tipografias, como é o caso do **a** e do **g** infantil, porém isso não afeta sua motivação para ler;
- E que, as crianças pesquisadas apresentaram seus “gostos” em relação às tipografias apresentadas, e discussões sobre estes atributos são elementos significantes para ajudar a criança a escolher um livro.

Outro aspecto importante quando se trata de pesquisas com crianças é apontado pela autora, quando se usa um tipo específico de vocabulário, como palavras “normal” ou “fácil” para descrever tipografias, tem como consequência motivar a leitura das crianças.

Tanto Walker quanto Sassoon e Willians apontam que a visão das crianças em relação à tipografia é tão importante quanto à dos professores ou editores.

O capítulo sobre tipografia foi importante para esclarecer os anseios das crianças em relação aos textos dos livros, mais especificamente os de literatura infantil.

As crianças apresentam necessidades específicas que devem ser levadas em consideração na escolha tipográfica. Essas escolhas devem ser um conjunto entre designer, professores e as próprias crianças como especificado desde o início.

Esta seção representou uma compilação de diversas características ligadas à tipografia e que são consideradas adequadas para compor um guia sobre tipografia voltado para livros de literatura infantil.

Sendo assim, é importante destacar que ainda falta um aperfeiçoamento para a construção do guia com recomendações tipográficas. O guia será criado e logo após será “revisado” por designers conceituados no meio da literatura infantil para que a partir de suas experiências neste meio, o material seja aprimorado e pronto para sua validação por meio de testes, que será explicado na seção 6.

Segue um desenho esquemático (Figura 96) sobre a seção 4. Esta figura mostra de forma simples e clara quais os caminhos e autores pesquisados para a criação do guia com recomendações tipográficas.

A seguir (seção 5) uma breve explicação da criação do guia tipográfico. Primeiramente foi realizada uma divisão entre legibilidade e leiturabilidade. O tema abordado com mais profundidade foi à legibilidade. Foram consideradas características tipográficas todos os aspectos que influenciam a legibilidade, ou seja, os caracteres infantis, a serifa, o tamanho da tipografia e da linha, os ascendentes e descendentes, o estilo caligráfico, os espaçamentos, a diagramação e a linha.

A partir do estudo destas características, foi realizada uma síntese e gerado a primeira versão do guia com recomendações tipográficas.

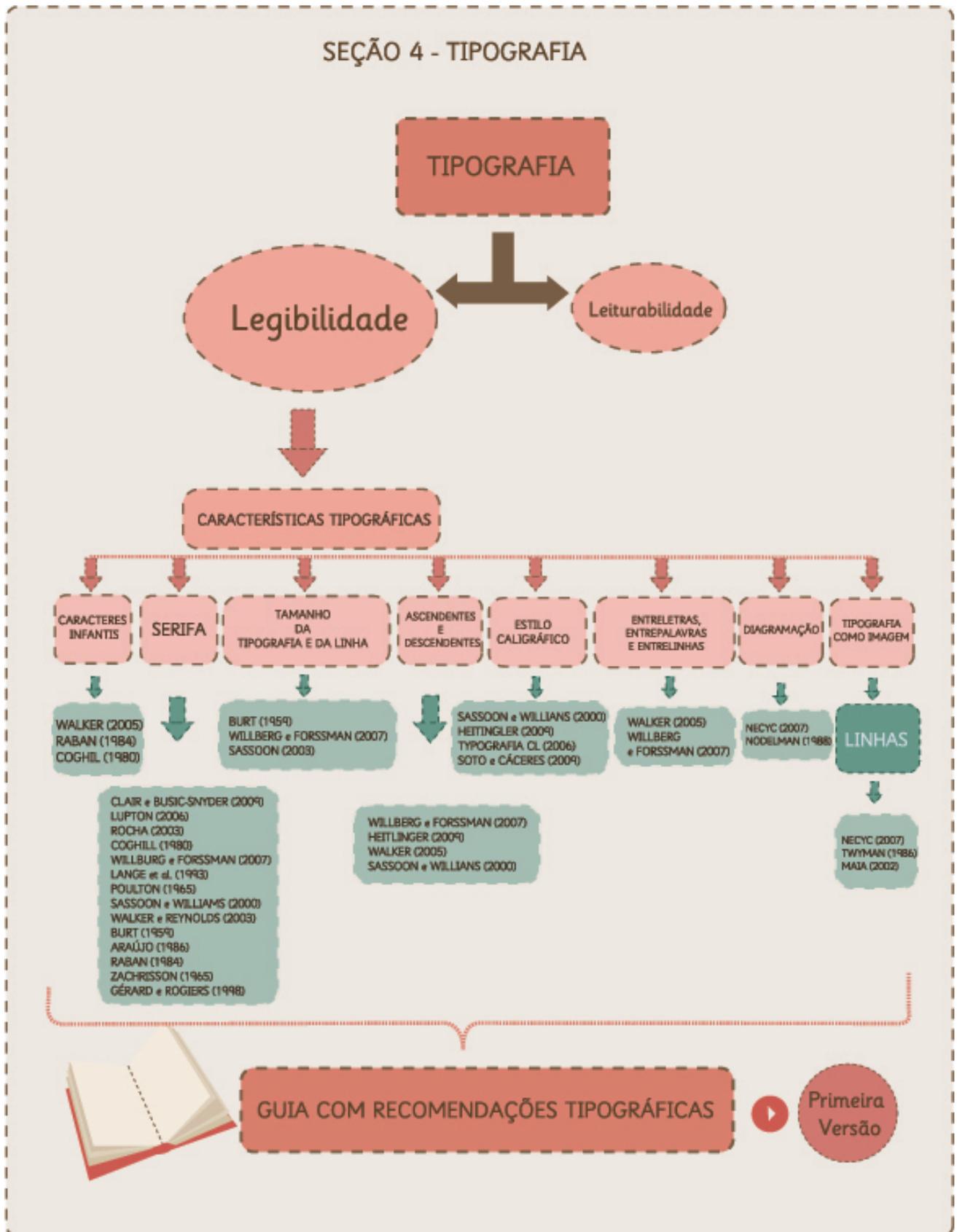


Figura 96: Mapa conceitual relacionado à seção 4 da pesquisa. (Fonte: DO AUTOR)

## SEÇÃO 5 – CRIAÇÃO DO GUIA COM RECOMENDAÇÕES TIPOGRÁFICAS PARA LIVROS DE LITERATURA INFANTIL

### 5.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Nesta seção é apresentado o processo de criação do guia com recomendações tipográficas que será utilizado no experimento com designers gráficos e designers com atuação específica em diagramação (explicação na seção 6). Primeiramente foi apontada de forma rápida a primeira versão do projeto gráfico.

Posteriormente foi realizada uma readequação do projeto gráfico do material com desenhos esquemáticos melhor elaborados.

Essa versão ainda se trata da primeira. Para uma readequação do guia e uma melhora em termos de conceito e até de visão de mercado foi gerado um questionário para que designers conceituados do meio de editoração de livros literários infantis respondessem.

Todavia, com as respostas dos entrevistados esperava-se uma reavaliação do guia e uma visão prática de mercado, além da opinião dos designers sobre o material apresentado.

### 5.2 GUIA COM RECOMENDAÇÕES TIPOGRÁFICAS

O guia com recomendações tipográficas presente nesta pesquisa apresentou duas versões. A primeira versão foi feita para demonstrar como seria uma prévia do material para a banca de qualificação do mestrado. Apresentou-se de forma simples, sem desenhos, ou seja, pouco atrativo visualmente. Nas figuras abaixo exemplos da primeira versão do guia.

Nesta fase o guia era chamado de **manual tipográfico para livro de literatura infantil** (Figura 97), porém ao decorrer dos estudos e dos questionários



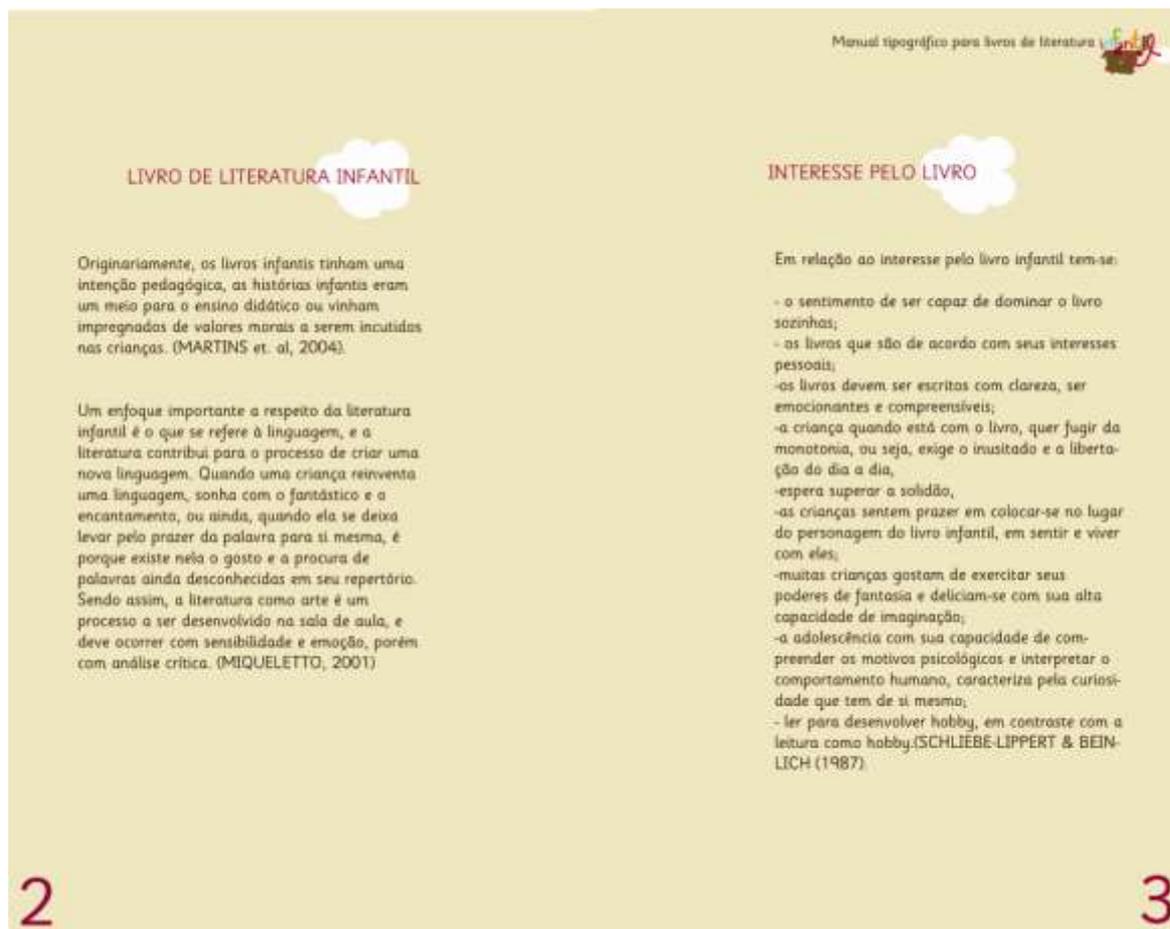


Figura 98: Exemplo das páginas da primeira versão do guia. (Fonte: DO AUTOR)

Nesta primeira versão (Figura 98), a diagramação era simples, somente com texto justificado a esquerda e poucos detalhes visuais. Entretanto, como se trata de um material sobre a escolha tipográfica para livros voltados para o público infantil e também um guia de consulta para designers que atuam na área editorial, sentiu-se a necessidade de criar algo mais atrativo visualmente e mais adequado para a faixa etária.

Posteriormente para uma melhor visualização deste material, foi refeita toda a parte gráfica e criou-se um conceito sobre o material.

Sendo assim, para a criação de uma nova identidade visual deste material, que fosse atrativo para os designers e estivesse relacionado com crianças, partiu-se da idéia de que a construção do caractere tipográfico apresenta-se de forma meticulosa, com proporções regulares, ângulos e medidas precisas e formas matemáticas.

A idéia principal foi se basear em robôs, porém com formas simples. Os robôs remetem a precisão da criação do caractere tipográfico e, além disso, estão relacionados com os brinquedos infantis (Figura 99).

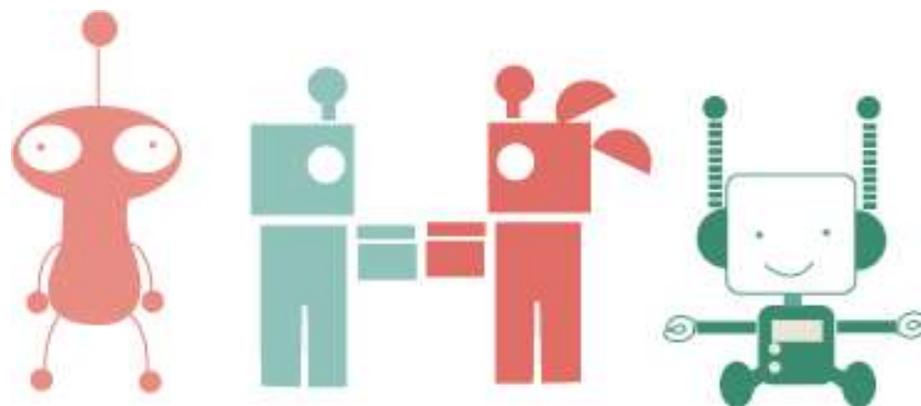


Figura 99: Exemplo dos robôs utilizados para a composição do guia tipográfico. (Fonte: DO AUTOR)

Outros aspectos que foram considerados na diagramação do guia foram às cores. Foram escolhidas cores contrastantes entre si e que remetessem a infância. Tons de verde e rosa foram as cores utilizadas para representar menino e menina respectivamente. Os tons de bege e marrom foram utilizados como cores neutras para deixar o material esteticamente agradável.

O guia tipográfico (apêndice A nesta pesquisa) foi criado a partir das opiniões dos autores apresentados ao longo da pesquisa. Ou seja, a partir das opiniões e pesquisas apresentadas, criou-se um conceito em relação ao que seria mais adequado para cada característica tipográfica e para a diagramação do livro infantil.

Sendo assim, foram gerados exemplos visuais práticos para facilitar a utilização do guia pelos usuários, ou seja, foram criadas figuras para exemplificar cada item apresentado (Figuras 100 e 101).



Figura 100: Exemplo de imagem utilizada no guia com recomendações tipográficas. (Fonte: DO AUTOR)



Figura 101: Exemplo de imagem utilizada no guia com recomendações tipográficas. (Fonte: DO AUTOR)

As informações apresentadas no guia ainda não são as finais. Para uma possível correção e um aprimoramento do guia foi criado um questionário que foi aplicado com designers da área de editoração infantil. Somente a partir dos questionários respondidos é que o material será finalizado.

Nesta etapa da pesquisa o guia apresenta setenta e seis páginas com um tamanho de fácil leitura (16 x 27 cm).

Enfim, o material criado tem como finalidade explicar de forma prática e dinâmica o processo de escolha tipográfica e diagramação nos livros de literatura infantil considerando os princípios da legibilidade para auxiliar as crianças na leitura.

### 5.3 QUESTIONÁRIOS COM OS DESIGNERS DA ÁREA DE EDITORAÇÃO DE LIVROS LITERÁRIOS INFANTIS

Nesta parte da pesquisa foram realizados questionários com designers que atuam no segmento de editoração de livro infantil. O intuito destes questionários é de enriquecimento do material criado (guia com recomendações tipográficas) com opiniões e até novos conceitos de acordo com a visão de mercado dos entrevistados.

Sendo assim, antes de realizar o experimento, tem-se a finalidade de enriquecer o material a partir das opiniões destes profissionais qualificados, unindo o conceito teórico das pesquisas acadêmicas compiladas nesta pesquisa com a visão de mercado dos designers.

O guia foi enviado para os designers: Daniel Bueno, Luciana Facchini Noleto, Guto Lins e Paulo André Chagas. A data de envio foi no mês de setembro. Entretanto apenas Daniel Bueno <sup>13</sup>e Luciana Facchini <sup>14</sup>responderam o questionário sobre o guia com recomendações tipográficas, ambos possuem grande experiência com produção de livros de literatura infantil e são premiados por seus trabalhos. Os outros entrevistados alegaram falta de tempo devido aos trabalhos de final de ano.

---

<sup>13</sup> **Daniel Bueno** (1974) é formado em arquitetura e urbanismo na FAU-USP e atua como designer gráfico e ilustrador. Levou primeiro lugar no VI Salão Nacional de Humor e Quadrinhos de Ribeirão Preto (Brasil), na categoria história em quadrinhos, em 1996. Expôs em 2002 na Espanha – Madrid e Barcelona – na mostra coletiva de quadrinhos “Consecuencias”. Foi vencedor do Salão Internacional de Desenho para a Imprensa de Porto Alegre (Brasil) na categoria ilustração editorial (2003). Participou do anuário da Society of Illustrators de Nova York em 2004 e 2005 - nos livros Illustrators 46 e Illustrators 47 -, e expôs as obras escolhidas em NY. Recebeu o prêmio HQ Mix (Brasil) em 2004, como Revelação do Ano. Criou em 2004 o curta de animação “Into Pieces” - dirigido por Guilherme Marcondes – exposto em diversos festivais do mundo, dentre eles o festival de Ottawa (Canadá) e Annecy (França), levando menção honrosa no Prix Ars Electronica (Áustria). É convidado a participar, dando palestras e workshops e expondo trabalhos, do Tercero Encuentro Internacional de Comix de La Paz, Bolívia, em maio de 2005. Participa, em 2005, da exposição Humor D’Arquitecte (Espanha), organizado pelo Col·legi d’Arquitectes de Catalunya – Demarcació de Lleida. É associado e membro do conselho da SIB – Sociedade dos Ilustradores do Brasil. Faz mestrado na FAU-USP em História da Arte e Arquitetura com um estudo sobre Saul Steinberg.

<sup>14</sup> **Luciana Facchini** é designer gráfica, formada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), em 2000. Trabalha na editora Cosac Naify desde 2004. Desde 2007 coordena a parte de criação gráfica da área infanto-juvenil. Teve trabalhos expostos na 7a, 8a e 9a Bienais de Design Gráfico da Associação de Designers Gráficos do Brasil. Ganhou prêmios pelos livros Lampião e Lancelote (3º lugar em capa - 49º Prêmio Jabuti, 2007) e Fera na selva (2º lugar em projeto gráfico – 50º Prêmio Jabuti, 2008) e em 2009, primeiro lugar em projeto de capa pelo livro Moby Dick (51º Prêmio Jabuti, 2009).

Esperava-se que os designers respondessem o questionário dentro de um mês já que o guia é extenso. No entanto os designers enviaram os questionários respondidos no final do mês de dezembro totalizando mais de dois meses para respondê-lo.

Este questionário, que será apresentado a seguir, tem como intuito captar as opiniões dos profissionais da área e conseqüentemente apontar as características positivas e negativas do material. E, conseqüentemente, se as características tipográficas apresentadas foram suficientes para a escolha tipográfica e diagramação do livro infantil.

A partir desta primeira etapa e de uma possível coleta de informações com estes designers especializados, será realizada uma reavaliação do material e serão incorporadas possíveis informações e sugestões dadas para um enriquecimento do guia.

Vale destacar que o guia apresentado é uma compilação de estudos referentes à escolha tipográfica para livros de literatura infantil considerando os aspectos de legibilidade e as necessidades das crianças em relação à leitura e a aprendizagem. É importante considerar que no material o conceito “características tipográficas” se refere aos aspectos que são essenciais na composição tipográfica, como exemplo: serifas, entreletras, tamanho das ascendentes, comprimento da linha e outras.

É importante fixar que as perguntas do questionário utilizam o termo “manual” (e não guia com recomendações tipográficas), pois nessa fase da pesquisa o material ainda possuía este nome. Abaixo segue o **questionário**:

- 1- Quando você diagrama um livro literário voltado para as crianças, recorre a algum tipo de material de apoio (livros, revistas, artigos...)?  
Caso afirmativo, qual/is?
- 2- Qual a sua opinião em relação à criação de um material específico para tipografia voltado às crianças?
- 3- Você poderia relatar qual o seu processo de escolha tipográfica para livros de literatura infantil?
- 4- A idade interfere na escolha tipográfica?

- 5- Em relação à legibilidade dos textos, existe algum critério que você segue para escolha tipográfica para auxiliar a leitura dos textos pelas crianças?
- 6- Em relação à diagramação, existe mais liberdade de acordo com determinada faixa etária?
- 7- Você encontrou dificuldade para entender algum conceito do manual? Caso afirmativo, qual/is é/são este conceito?
- 8- Existe alguma característica tipográfica que ficou mal explicada? Ou então que faltaram informações para realizar determinada tarefa: como escolher o tamanho certo do caractere ou tamanho dos ascendentes e descendentes.
- 9- Existe alguma característica tipográfica que você acredita não constar no manual? Caso afirmativo, qual/is é/são ela/s?
- 10- Você gostaria de colocar alguma informação importante nesse material? Caso afirmativo, qual/is é/são ela/s?
- 11- Para finalizar, gostaria de saber quais são os aspectos positivos e negativos do manual?

Com uma breve explicação sobre o questionário, pode-se afirmar que com a **primeira pergunta** esperava-se obter uma resposta se existia, e se os designers utilizavam algum tipo de material de apoio para diagramar os livros literários infantis. Outro aspecto a ser considerado foi sobre que tipos de materiais são pesquisados.

A **segunda pergunta** foi criada para saber qual a opinião do entrevistado em relação à criação de um material que auxilie na escolha tipográfica e diagramação dos livros infantis, ou seja, se acreditam ser necessário um material explicativo sobre estes aspectos.

A **terceira questão** está relacionada à qual processo o designer utiliza quando vai diagramar um livro literário infantil, sendo assim, visou descobrir quais eram os passos para uma escolha tipográfica que eles consideravam mais adequados.

Já na **quarta questão** foi procurada uma resposta em relação à escolha tipográfica referente às diferentes idades das crianças que lêem os livros literários. A **quinta questão** foi realizada para descobrir qual aspecto o entrevistado considera mais importante quando está fazendo a escolha tipográfica, ou seja, se é algo

intuitivo ligado ao processo criativo, ou se é um aspecto relacionado à parte estética da composição da página ou se recorre aos princípios teóricos da legibilidade.

A **sexta questão** também foi referente à idade das crianças e se existe diferenças em relação à diagramação para diferentes faixas etárias. Com estas questões esperou-se obter respostas que pudessem definir diferenças entre diversas faixas etárias.

A partir da **sétima questão** o questionário passou a ter perguntas sobre o guia com recomendações tipográficas. Nestes **últimos questionamentos** esperava-se obter informações importantes sobre a criação do guia, também foi de fundamental importância saber se houve alguma dificuldade para entender o material, se algum conceito ficou mal explicado ou até mesmo se faltou alguma informação que o entrevistado considerava importante para a escolha tipográfica e a diagramação dos livros literários.

A **última questão** foi importante para saber se o material proporcionou aspectos positivos ou negativos nos designers entrevistados e qual tipo de ajuda foi proporcionado ou que poderá proporcionar no momento da editoração.

Logo após esta etapa, as respostas dos designers foram avaliadas e esperava-se um aprimoramento do guia com recomendações tipográficas. A seguir serão expostas as respostas dos designers sobre o material apresentado a eles e as possíveis mudanças no guia.

#### 5.4 ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO

Nesta parte da pesquisa foram interpretadas as perguntas dos questionários respondidas por Daniel Bueno e Luciana Facchini. Os questionários respondidos se encontram no apêndice B desta pesquisa.

Como já explicado anteriormente esperava-se obter respostas que aprimorassem o guia com recomendações tipográficas e conhecimento desses profissionais da área.

- Na **primeira pergunta** que foi sobre a consulta de materiais de apoio para diagramação de livros infantis, Luciana Facchini aponta que “**Dependendo do tema, sim. Mais para pesquisa e embasamento estético/histórico do que tipográfico.**”

Entretanto Daniel Bueno apontou que busca materiais de apoio, porém não específicos em tipografia infantil e sim materiais relacionados a design e tipografia no geral.

Os designers não falaram sobre um material específico que aborde o assunto, escolha tipográfico para as crianças.

- A **segunda pergunta** foi sobre a opinião dos entrevistados em relação à criação de um material específico para tipografia voltado às crianças. É importante apontar que a partir da opinião de Luciana o nome do material produzido nessa pesquisa mudou de nome. Ela afirma que: **“Acho útil, porém como todo manual, é restritivo para o lado criativo. Como o universo infanto-juvenil é muito rico em possibilidades, um manual tb serve para ser transgredido.”**

Com este relato da entrevistada ficou claro que o nome “manual” criava uma restrição criativa para o material construído nessa pesquisa. Portanto sentiu-se a necessidade de mudar o nome para algo que de mais possibilidades de interpretação, como “guia com recomendações tipográficas para livro de literatura infantil”.

Daniel Bueno achou interessante e apontou que este assunto é pouco difundido, ou seja, outro aspecto que fundamenta essa pesquisa.

- Na **terceira questão**, sobre qual o processo que o entrevistado tem para escolher a tipografia para livros de literatura infantil, é interessante apontar que os dois deram respostas semelhantes. Apontaram que buscam adequação da tipografia com o restante do livro. Daniel Bueno foi mais específico em sua resposta:

**Busco adequação ao conjunto do projeto gráfico, ou seja, procuro escolher uma fonte que leve em consideração o projeto e aspectos que o definiram: a faixa etária, o tom (leve ou pesado, sóbrio ou divertido, etc), peculiaridades do tema e do texto (como por exemplo, um período histórico citado no texto, um movimento ou postura ideológica, características dos personagens e do ambiente em que se encontram etc), a diagramação (cheios e vazios, o modo como o texto se relaciona com a página e imagens). BUENO (2010).**

É importante destacar que os designers buscam uma adequação da tipografia com o estilo das ilustrações, e até mesmo com o tipo de tema que as histórias apresentam. Portanto, além do uso correto da tipografia, ou seja, utilizá-la levando

os aspectos da legibilidade em consideração, os designers buscam outros tipos de informações para compor todo o projeto gráfico do livro.

Luciana ainda apontou o quanto é importante a legibilidade dos textos voltados para as crianças, o que enfatiza os aspectos estudados nessa pesquisa. Outro apontamento da entrevistada e que é importante para a pesquisa é o fato de a fonte fantasia ser quase proibitiva em livros infantis.

- A **quarta pergunta** sobre a idade interferir na escolha tipográfica, foi positiva, isto é, os dois afirmam que a idade das crianças deve ser considerada na escolha tipográfica.

- A **quinta questão**, que se trata sobre a existência de algum critério seguido para a escolha tipográfica em relação à legibilidade dos textos, os dois entrevistados apontaram que o uso de serifas não tem muita importância na legibilidade, entretanto Daniel Bueno apontou um exemplo interessante:

**(...) Sei que artistas gráficos de formação moderna como o Zivaldo são contrários ao uso de serifa, por exemplo. Mas no livro “Um Garoto chamado Rorbeto”, de Gabriel o Pensador – ilustrado por mim, e com design da Cosac Naify – a escolha foi por uma fonte serifada (Filosofia), que se mostrou bastante legível pelo modo leve como foi diagramada nas páginas, sempre integrada às ilustrações. O manual pontua de modo muito interessante as diversas posturas e aspectos da legibilidade em fontes serifas e sem serifa. BUENO (2010).**

O entrevistado ainda ressaltou que também leva em consideração o tamanho da tipografia, da linha e as quebras de linha e que já desenhou uma fonte tipográfica para compor a história do texto. Ainda apontou de maneira positiva o modo que o guia coloca as diferentes opiniões dos pesquisadores em relação ao uso de serifas em livros infantis.

Fica claro que os designers não se preocupam tanto com o uso de serifas na tipografia voltada para as crianças, e sim acreditam que são diversos fatores que influenciam a escolha tipográfica, tais como; tamanho da fonte, linha e outros, que devem ser considerados juntos para uma adequação tipográfica para os pequenos leitores.

- A **sexta questão** foi sobre a liberdade na diagramação dos livros infantis. Luciana apontou que quanto mais velha for à criança maior a quantidade de texto e maior as possibilidades de diagramação. Entretanto Bueno destacou para o fato dos livros para as crianças menores ter pouco texto e mais espaços para composição:

**Existe um tipo de liberdade peculiar encontrado em muitos livros infantis que decorre da pouca quantidade de texto e da grande presença da ilustração: de algum modo, tais livros abrem oportunidade para uma diagramação bem solta, com as palavras interagindo com as ilustrações. Mas é questionável concluirmos que o livro para os mais pequenos tenha maior liberdade de diagramação. Publicações para crianças mais velhas podem ter maior quantidade de texto, mas propiciam caminhos para novos tipos de experimentação – livres de algumas preocupações de legibilidade para crianças pequenas. BUENO (2010).**

Os entrevistados possuíram opiniões contrárias em relação às faixas etárias, um apontou que livros para crianças maiores têm muito mais liberdade de diagramação, enquanto Daniel questionou este fato e destacou que livros para os menores apresentam maior liberdade, mas não descarta a possibilidade de caminhos diferentes quando se trata de diagramação de livros com mais textos para as crianças maiores.

- A partir da **sétima questão** o questionário passou a ser sobre o guia com recomendações tipográficas. Neste ponto esperava-se obter as respostas e observações necessárias para um possível enriquecimento do material a partir do ponto de vista dos designers entrevistados que possuem muita experiência de mercado.

Portanto, a partir dessas respostas é que algumas mudanças poderão ser realizadas no material criado nesta pesquisa, ou seja, a partir do que foi apresentado aos designers, um material com compilação de pesquisas existentes sobre a escolha tipográfica em livros literários infantis, espera-se uma união entre a parte teórica das pesquisas e a opinião dos designers com sua visão de mercado.

A sétima questão foi sobre se o entrevistado encontrou alguma dificuldade para entender os conceitos do guia. Daniel aponta que tudo foi bem explicado e não encontrou dificuldades. Entretanto Luciana se expressou de modo diferente:

**Achei o começo do manual um pouco confuso, com conceitos um pouco polêmicos e sem explicação de onde vêm, de como se chegou nisso... Depois achei claro. FACCHINI (2010)**

A designer questionou o início do guia, ela não especificou quais os assuntos que apresentaram confusão, porém pôde-se supor que se tratava do tópico inicial do material, sobre o livro literário infantil. Acredita-se que a maneira que as informações foram colocadas não esteja muito clara, e que tenham sido apresentadas como uma única forma de interpretação.

No próximo tópico da seção 5 serão apresentadas as mudanças que foram realizadas no guia. Será mostrado o antes e o depois, ou seja, como o material foi apresentado ao entrevistado e como ficou após as respostas dos questionários.

- A **oitava questão** foi se existiu alguma dificuldade em entender alguma das características tipográficas apresentadas pelo guia. Os designers não encontraram nenhuma dificuldade.

- A **nona questão** foi se faltaram informações para realizar determinada tarefa: como escolher o tamanho certo do caractere ou tamanho dos ascendentes e descendentes. Os dois entrevistados não identificaram.

- A **décima pergunta** se tratou sobre a existência de algum assunto não explorado no guia. Luciana aponta que não apresentou nenhum assunto que não tivesse sido explorado. Entretanto Daniel Bueno afirmou que: **“Faltou, talvez, abordar um pouco no assunto “diagramação” a relação com o conjunto do livro, o livro como objeto, a relação entre as páginas, as possibilidades na sucessão de páginas.”**

Apesar de o entrevistado apontar para a falta de discussão sobre este assunto, que é muito importante, a parte sobre a diagramação que foi explorada no guia ficou somente no contexto da alocação do texto na página juntamente com a ilustração. A parte que Bueno apontou em relação ao projeto gráfico como um todo do livro infantil se desloca do escopo desta pesquisa, que é sobre a escolha tipográfica nos livros literários levando em consideração os princípios da **legibilidade**. Entretanto, é importante destacar que o assunto diagramação pode ser explorado em outras pesquisas, pois apresenta aspectos de extrema importância para colaborar com o êxito da leitura infantil.

Portanto, essa parte sobre o projeto gráfico como um todo não foi considerado nessa pesquisa, porém é importante destacar que estes aspectos são de extrema importância para a composição editorial do livro infantil.

- A **décima primeira questão** foi para saber dos entrevistados aspectos positivos e negativos do guia com recomendações tipográficas. Luciana Facchini apontou que não existiu um consenso em relação ao uso tipográfico nos livros infantis. Esse aspecto citado pela designer é bastante destacado no decorrer da pesquisa, diversas definições tipográficas ainda não possuem consenso, dificultando muitas vezes o entendimento sobre o universo tipográfico. De acordo com Bueno:

**(...) pode ser interessante esmiuçar ainda mais o assunto das tipografias caligráficas, especialmente as elaboradas a partir da escrita cursiva, pois sei que determinadas linhas educacionais – aplicadas em algumas escolas – começaram a educar as crianças pequenas com a letra de forma para posteriormente introduzirem a letra cursiva. (BUENO, 2010).**

Apesar de considerar importante as diferentes formas de ensino da leitura e escrita das crianças nas escolas, fazer aprofundamentos nessa área saem do escopo da pesquisa.

A seguir serão apresentadas as mudanças que vão ocorrer com o guia tipográfico a partir das opiniões dos designers. Serão pequenas mudanças, mas que serão muito importantes para o aperfeiçoamento do material.

## 5.5 CORREÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DO GUIA COM RECOMENDAÇÕES TIPOGRAFICAS PARA LIVROS DE LITERATURA INFANTIL

Nesta parte da pesquisa foi feito uma readequação do guia com recomendações tipográficas.

A partir das opiniões dos designers entrevistados, mudanças foram realizadas para que houvesse uma união entre as pesquisas existentes e a visão de mercado desses designers conceituados da área de editoração e ilustração infantil.

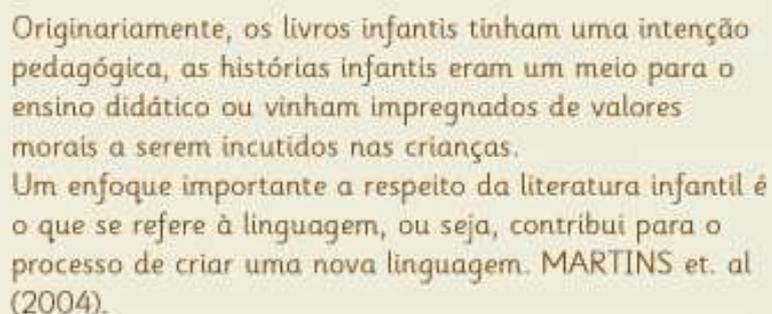
As alterações realizadas foram:

- 1) Na parte inicial do guia, em que existem conceitos considerados muito importantes do livro literário infantil, ou seja, foi criado um texto explicativo para facilitar a compreensão do leitor;
- 2) Foram feitas discussões de projetos gráficos de livros, apontando seus aspectos positivos e negativos considerando as recomendações do guia;
- 3) Foi colocada no material uma imagem que demonstra as diferenças mais importantes entre legibilidade e leiturabilidade;
- 4) Outra mudança importante foi em relação à opinião referente ao uso de serifas, ou seja, no decorrer da pesquisa viu-se que o uso de serifas não apresenta tanta relação em uma boa legibilidade nos textos voltados para as crianças;
- 5) Foi criado um parágrafo explicativo sobre o porquê não foram explorados todos os aspectos da diagramação no guia tipográfico;
- 6) Para finalizar foi realizada uma análise dos projetos gráficos de 5 livros: “Lampião e Lancelote”, “Um garoto chamado Rorbeto”, “Carvoeirinhos”, “Na noite escura”, “Os Dez Amigos” e “Cacoete”.

A seguir serão explicadas todas estas mudanças realizadas no guia.

A primeira mudança foi na parte inicial do material, no tópico “Livro de Literatura Infantil”. A designer entrevistada, Luciana Facchini afirmou que alguns conceitos iniciais que são importantes e até “polêmicos” foram colocados sem apontar a interpretação e como se chegou a estes aspectos.

Na figura 102, é como o texto estava anteriormente. Foi necessário colocar um parágrafo introdutório explicando porque o guia não se aprofundou no assunto ilustração infantil (Figura 103).



Originariamente, os livros infantis tinham uma intenção pedagógica, as histórias infantis eram um meio para o ensino didático ou vinham impregnados de valores morais a serem inculcados nas crianças. Um enfoque importante a respeito da literatura infantil é o que se refere à linguagem, ou seja, contribui para o processo de criar uma nova linguagem. MARTINS et. al (2004).

Figura 102: Texto antes do aperfeiçoamento do guia. (Fonte: DO AUTOR)

É importante destacar que os conceitos apresentados nesse guia, principalmente em relação aos livros de literatura infantil, são apenas uma parte de muitos estudos existentes. Portanto a intenção deste material é apenas destacar algumas teorias existentes e que apresentem aspectos para situar o leitor sobre o assunto.

Originalmente, os livros infantis tinham uma intenção pedagógica, as histórias infantis eram um meio para o ensino didático ou vinham impregnados de valores morais a serem inculcados nas crianças.

Um enfoque importante a respeito da literatura infantil é que esta se refere à linguagem, ou seja, contribui para o processo de criar uma nova linguagem. MARTINS et. al. (2004)

Figura 103: Texto depois do aperfeiçoamento do guia. (Fonte: DO AUTOR)

Também foi introduzida mais uma página (Figura 104) no guia sobre o livro de literatura infantil como conhecimento. Essa página complementou alguns conceitos sobre o assunto e aponta como o livro é um fator importante para o conhecimento infantil e como contribui para o desenvolvimento infantil em diversos aspectos.



Figura 104: Página introduzida no guia. (Fonte: DO AUTOR)

Na parte do guia que trata sobre as fases da leitura das crianças, não tinha sido explicado como aqueles conceitos iriam ser utilizados pelo guia. Foi importante colocar um texto explicativo com considerações sobre o assunto apontando as limitações que as fases da leitura causam (Figura 105).

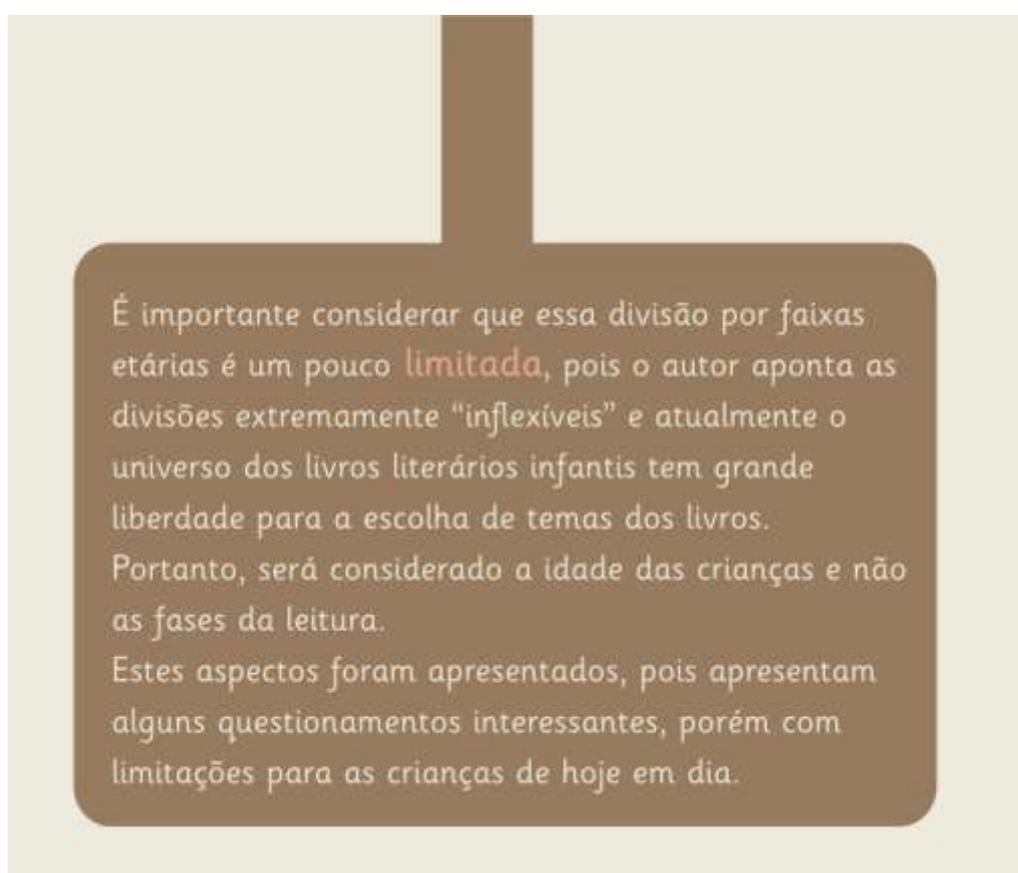
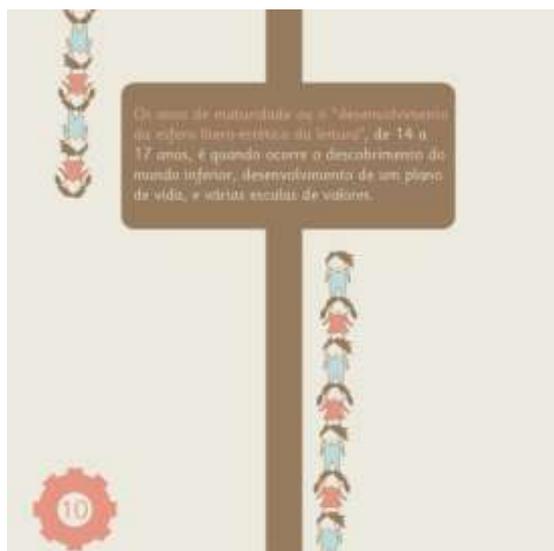


Figura 105: A figura do topo é como o texto se apresentava antes da correção do guia. E a de baixo é depois das correções. (Fonte: DO AUTOR)

Outra alteração realizada no material foi a introdução de uma imagem sobre as diferenças entre legibilidade e leiturabilidade. Essa mudança não foi um pedido dos entrevistados, entretanto, se trata de uma imagem de fácil entendimento e que traz uma melhoria no conteúdo do guia (Figura 106).

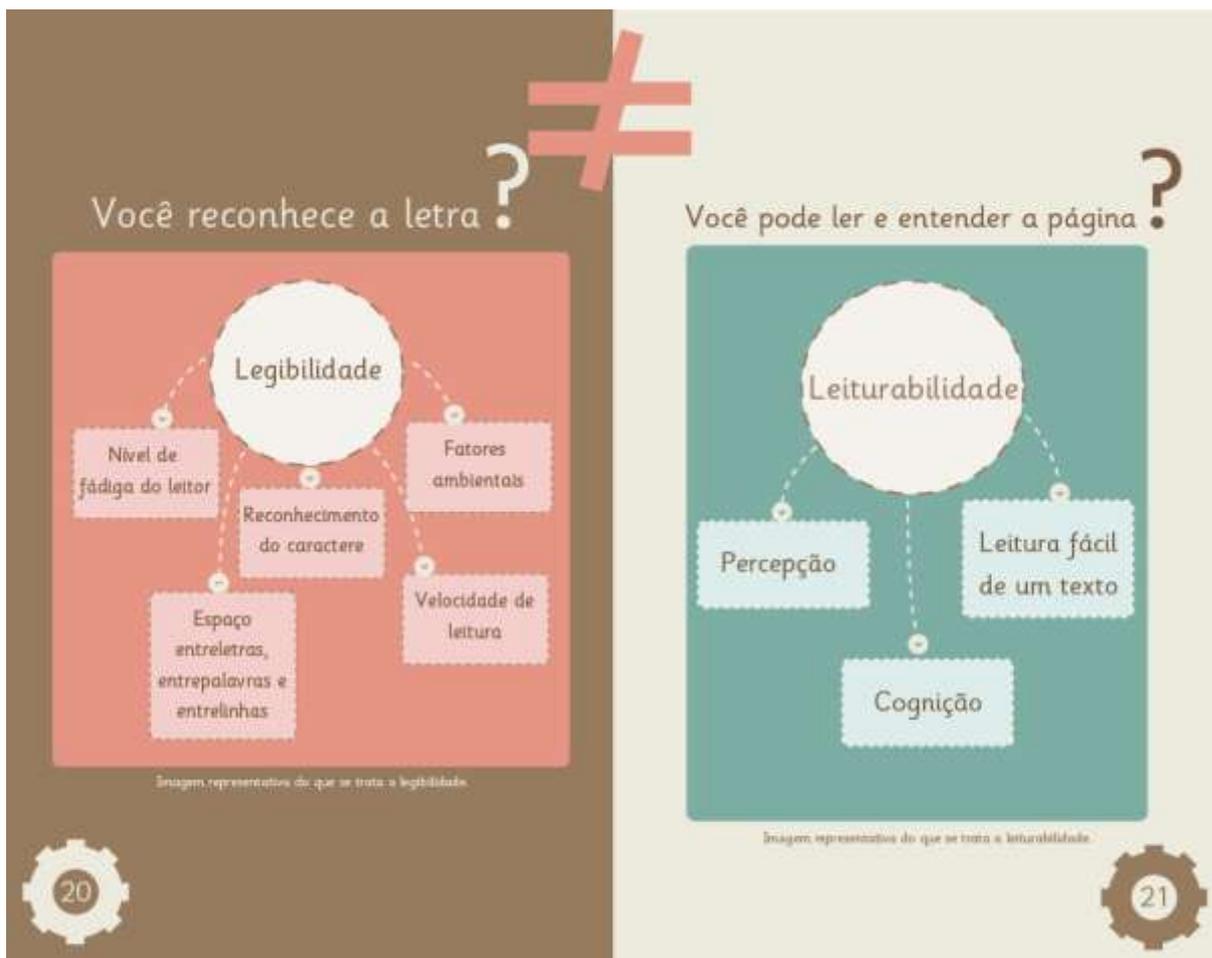


Figura 106: A figura demonstra as diferenças entre legibilidade e leiturabilidade. (Fonte: DO AUTOR)

Em relação ao uso de serifas, ocorreu uma mudança. Antes essa pesquisa considerava adequada uma fonte sem serifas para as crianças, entretanto, a partir das opiniões dos designers e também pelas análises dos projetos gráficos de livros literários infantis (abaixo na pesquisa), viu-se que o uso de serifas realmente não apresenta tanta importância para a legibilidade dos livros. E que são diversos fatores, que juntos, afetam a leitura feita pelas crianças (Figura 107).

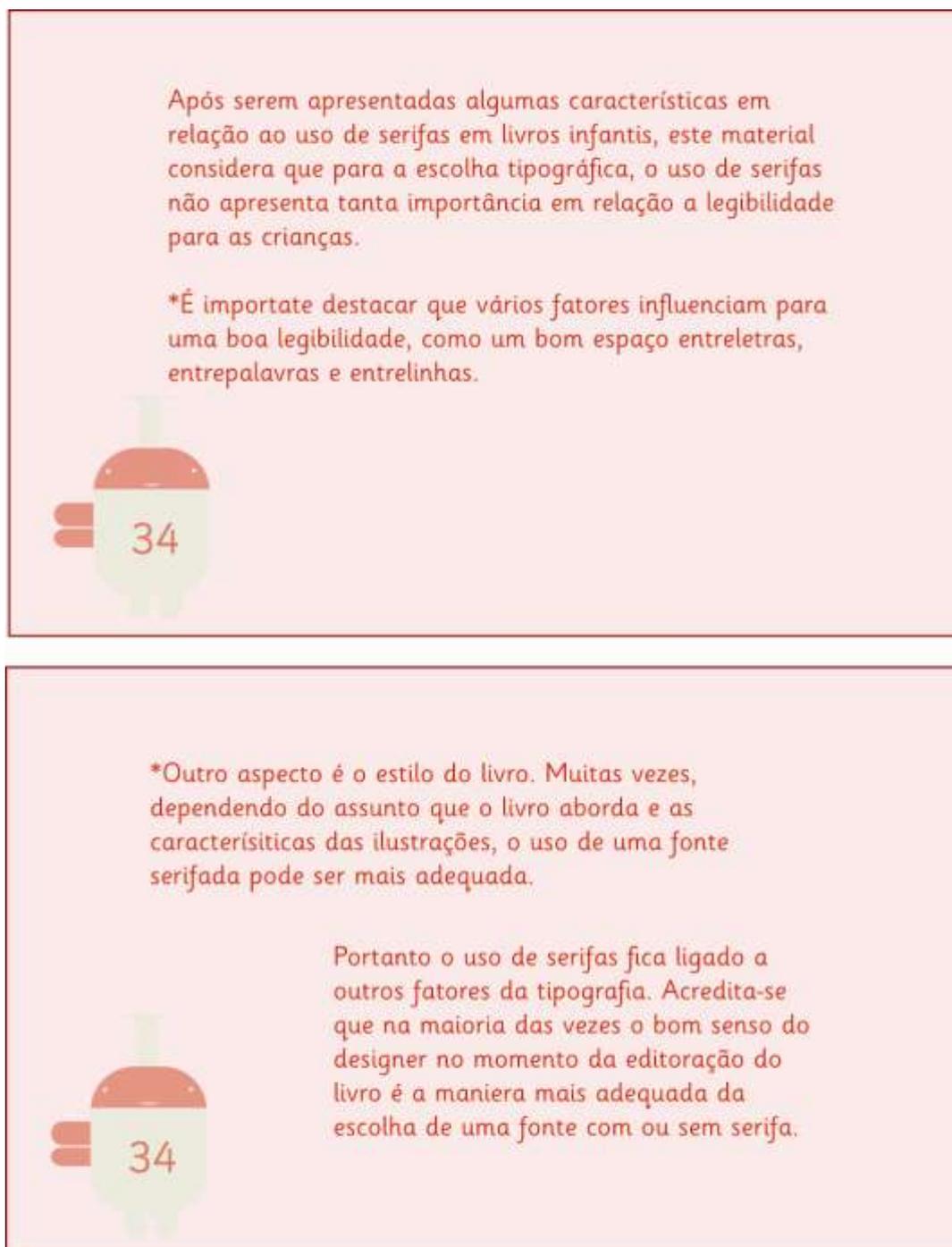


Figura 107: A figura demonstra as diferenças entre o antes e o depois sobre o uso de serifas. (Fonte: DO AUTOR)

Outro aspecto alterado foi o que Daniel Bueno havia apontado sobre a diagramação. O entrevistado destacou que faltava falar sobre outros assuntos importantes em relação à diagramação dos livros infantis. Então como o que o designer apontou não apresenta muita relação com o escopo da pesquisa, que é

sobre os aspectos que afetam a legibilidade da leitura feita pelas crianças, foi feito um parágrafo explicativo sobre isso (Figura 108).

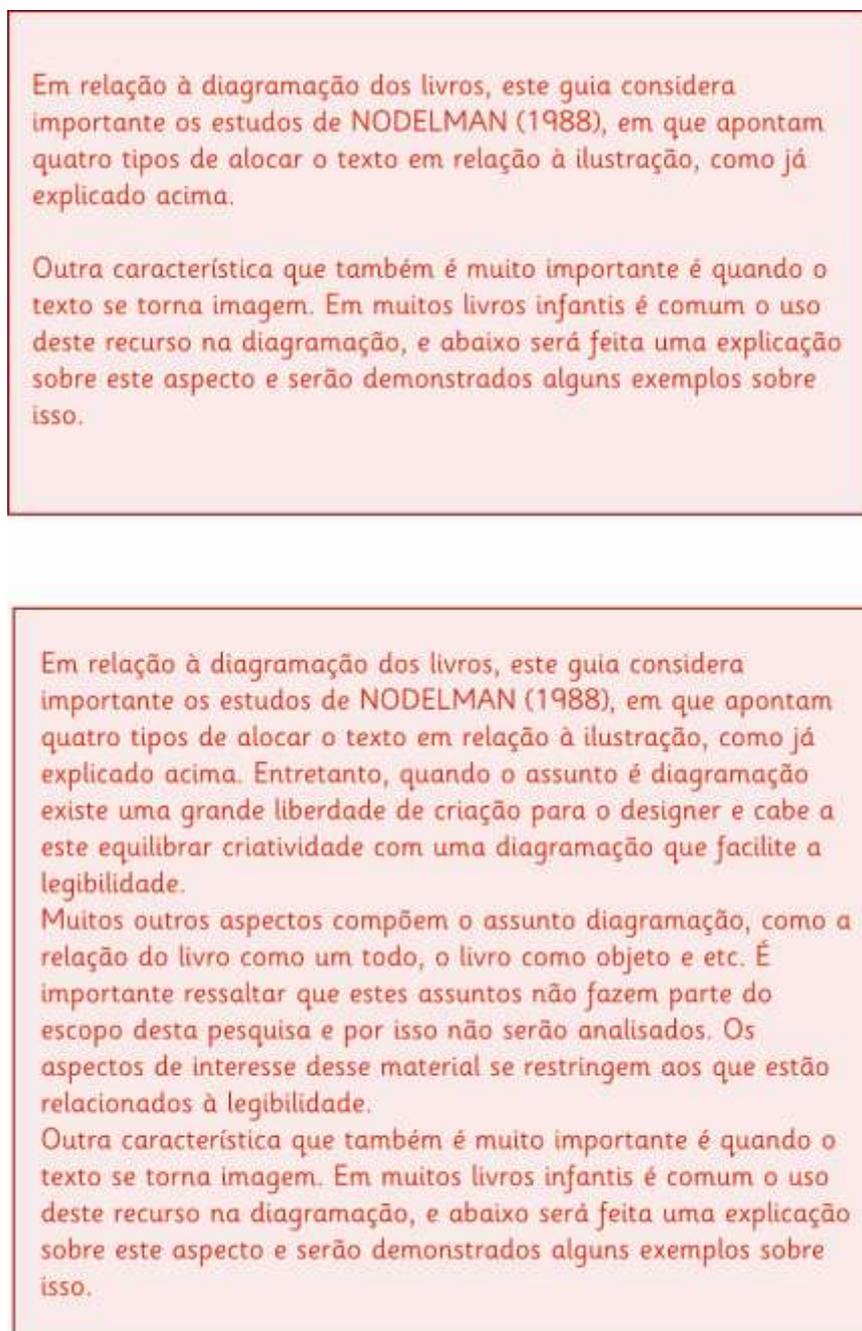


Figura 108: A figura demonstra as diferenças entre o antes e o depois sobre aspectos da diagramação. (Fonte: DO AUTOR)

As mudanças realizadas no guia que são relacionados a conceitos foram às apresentadas acima. A seguir serão discutidos projetos gráficos de livros infantis e estas discussões foram anexadas no guia com recomendações tipográficas (Figura 109).

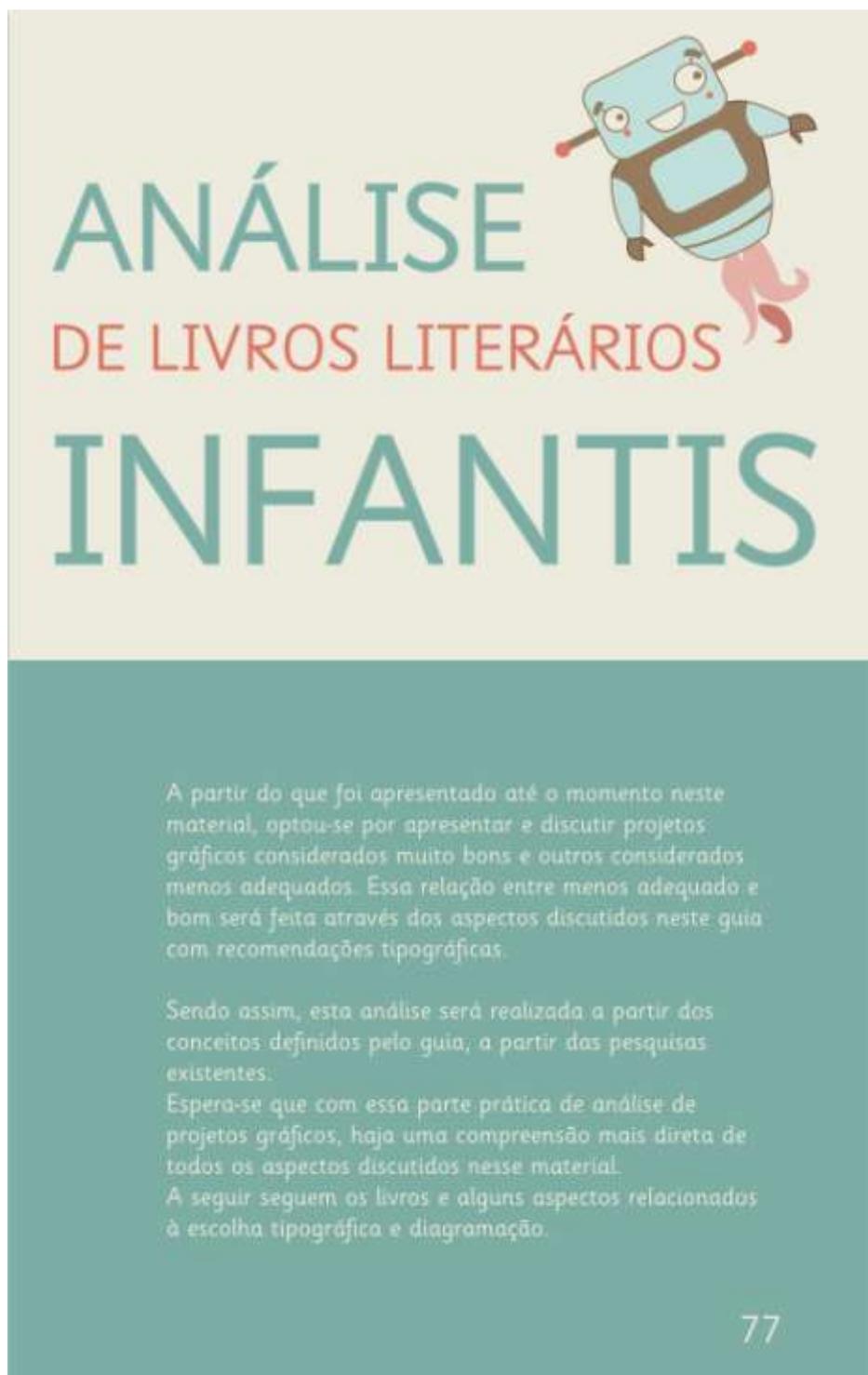


Figura 109: Página introdutória da análise dos livros infantis. (Fonte: DO AUTOR)

A partir do que Luciana Facchini apontou sobre a falta de exemplos de livros que apresentam bons projetos gráficos, optou-se por apresentar e discutir projetos gráficos considerados muito bons e outros considerados pouco adequados para as crianças. Essa relação entre adequado e menos adequado será feita através dos aspectos discutidos no guia com recomendações tipográficas criado nessa pesquisa.

Sendo assim, para realizar esta análise serão utilizados os seguintes critérios:

- a) Legibilidade;
- b) Caracteres infantis;
- c) O uso de serifas;
- d) Tamanho da tipografia e da linha;
- e) Ascendentes e Descendentes;
- f) Estilo Caligráfico;
- g) Entreletras, entrepalavras e entrelinhas;
- h) Diagramação.

Os livros foram escolhidos pois são muito utilizados nas escolas brasileiras. Muitos deles são premiados no universo da literatura infantil, tanto pelas histórias quanto pelas ilustrações e projeto gráfico. A seguir seguem as análises:

- O primeiro livro a ser discutido é “**Lampião e Lancelote**” da Editora Cosacnaify, do ano de 2006 (Figura 110). Escrito e ilustrado por Fernando Vilela, capa e projeto gráfico por Luciana Facchini.

Este livro já foi premiado diversas vezes entre eles: 18º Prêmio Fernando Pini de **Excelência Gráfica**, Capa (49º Prêmio Jabuti), Melhor Ilustração de livro infantil ou juvenil (49º Prêmio Jabuti), Melhor livro infantil (49º Prêmio Jabuti), Prêmio Bologna Ragazzi, Escritor revelação (Prêmio FNLIJ), Melhor ilustração (Prêmio FNLIJ), Melhor livro poesia (Prêmio FNLIJ), **Melhor projeto editorial** (Prêmio FNLIJ), Catálogo White Ravens (IBBY), Honour list – ilustrador (IBBY). Abaixo figura da capa e de uma ilustração do miolo.



Figura 110: Capa do livro “Lampião e Lancelote”. (Fonte: DO AUTOR)

As ilustrações são em xilogravura e apresentam cores especiais na impressão, cobre e prata (Figura 111). Todo o interior do livro tem ilustrações bem “carregadas”, ou seja, páginas com muita informação visual e pouco espaço para compor ilustração e texto.

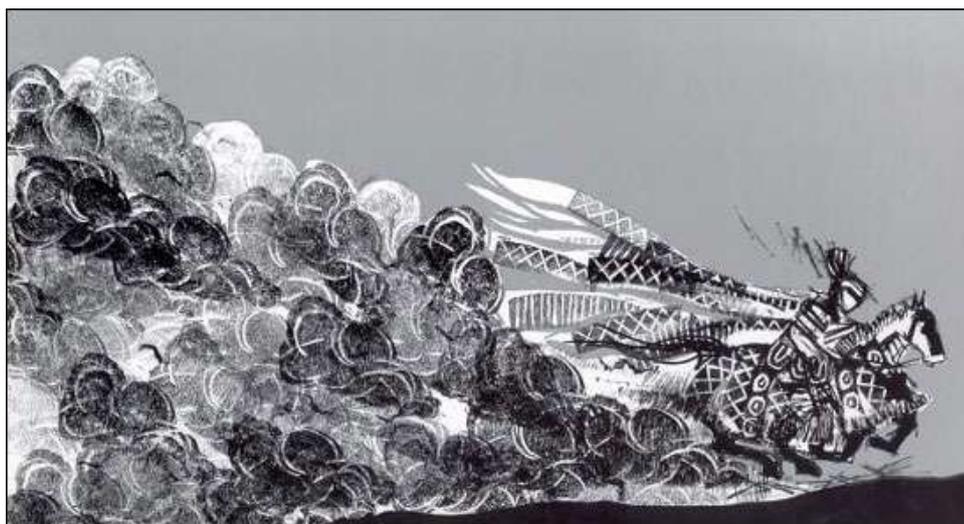


Figura 111: Ilustração do livro “Lampião e Lancelote”. (Fonte: DO AUTOR)

Em relação à escolha tipográfica e seu uso no projeto do livro, a designer utilizou de boas escolhas (Figura 112).



Figura 112: Exemplo do uso da tipografia no livro “Lampião e Lancelote”. (Fonte: DO AUTOR)

**a) Legibilidade:** A tipografia utilizada foi a *Vedetta*, uma fonte serifada. É importante destacar o que os designers apontaram nos questionários, que muitas vezes a

escolha tipográfica é realizada a partir do tema do livro e do estilo das ilustrações. Neste livro, por se tratar de uma história sobre guerras e apresentar ilustrações dispersas e com grande quantidade de informação visual, o uso da tipografia serifada se adequou ao estilo da história. Porém, é importante apresentar as outras características que favoreceram o bom uso da tipografia no texto.

**b) Caracteres infantis:** A tipografia utilizada no livro não apresenta caracteres infantis.

**c) O uso de serifas:** Como já explicado acima a tipografia apresenta serifas. No entanto o uso de serifas neste livro apresentou uma boa integração visual entre texto e ilustração.

**d) Tamanho da tipografia e da linha:** As linhas são pequenas, em média 3 a 5 palavras por linha. De acordo com Burt (1959, apud COUTINHO, 2006), a linha deve ser o mais curta possível, para facilitar a leitura das crianças, ou seja, neste texto as linhas curtas apresentam um aspecto favorável para a leitura das crianças. Outro aspecto favorável é o tamanho da tipografia, no livro esta informação não aparece, porém as letras são grandes o suficiente para se ter um reconhecimento de forma de cada caractere.

**e) Ascendentes e Descendentes:** A tipografia apresenta um bom tamanho dos ascendentes e descendentes (Figura 113), facilitando a diferenciação entre as letras e de uma linha a outra.

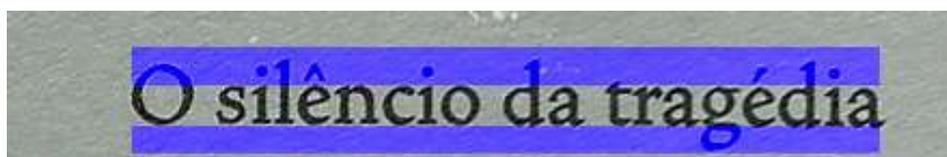


Figura 113: Exemplo de ascendentes e descendentes no livro "Lampião e Lancelote". (Fonte: DO AUTOR)

**f) Estilo Caligráfico:** A tipografia utilizada no livro não apresenta nenhuma similaridade com o estilo caligráfico.

**g) Entreletras, entrepalavras e entrelinhas:** Os espaçamentos na tipografia utilizada no livro se apresentam em um bom tamanho. De acordo com Walker (2005) as crianças apresentam preferências por espaçamentos maiores que auxiliam na diferenciação entre as letras e palavras. O espaço entrelinhas também foi bem utilizado facilitando a diferenciação entre uma linha e outra.



Figura 114: Exemplo dos espaçamentos no livro "Lampião e Lancelote". (Fonte: DO AUTOR)

**h) Diagramação:** Pode-se perceber que a designer utiliza de um espaço entrelinhas grande o suficiente para uma boa diferenciação entre uma linha e outra. As linhas são curtas e todas apresentam um começo e fim bem definido, ou seja, a criança entende o conteúdo de cada linha separadamente sem uma quebra de contexto.

Outro aspecto bem utilizado foi o espaço entrepalavras, as palavras estão bem espaçadas e criam uma boa legibilidade. A designer ainda aproveitou a inclinação da ilustração para compor com o bloco de texto, de forma diferenciada. Abaixo mais uma imagem (Figura 115) de como o texto foi bem alocado e utilizado de maneira que causa uma maior legibilidade.



Figura 115: Outro exemplo do uso da tipografia no livro "Lampião e Lancelote". (Fonte: DO AUTOR)

Novamente apresentou um bom espaço entrelinhas e entrepalavras, as linhas são curtas e apresentam início e fim sem causar uma confusão de compreensão para as crianças.

- O segundo livro é “**O Garoto chamado Rorbeto**” de 2005 (Figura 116), da editora Cosacnaify, escrito por Gabriel O Pensador, ilustrado por Daniel Bueno e projeto gráfico por Luciana Facchini. Apresenta alguns prêmios: 48º Prêmio Jabuti (Melhor livro infantil), FNLIJ (Altamente recomendável criança) e IBBY (Catálogo White Ravens).

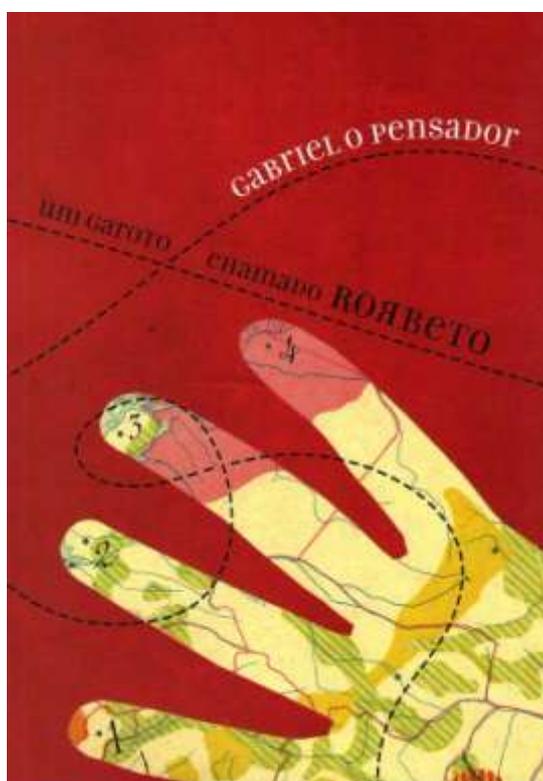


Figura 116: Capa do livro “Um Garoto chamado Rorbeto” de Gabriel O Pensador. (Fonte: DO AUTOR)

As ilustrações do livro são colagens, e grande parte da composição se dá entre ilustração e bloco de texto, ou seja, a tipografia neste livro se trata de uma parte importante no contexto imagético. Abaixo exemplo das páginas do interior do livro (Figura 117).



Figura 117: Composição de página do livro “Um Garoto chamado Rorbeto” de Gabriel O Pensador.  
 (Fonte: DO AUTOR)

**a) Legibilidade:** Foi utilizada uma fonte serifada, *Filosofia*, porém como visto acima o uso de serifas não apresenta tanta diferença em relação à legibilidade do texto, ainda mais quando bem utilizado. Ou seja, linhas curtas, palavras de tamanho grande (que apresentam uma boa leitura para as crianças), entreletras, entrepalavras e entrelinhas com um ótimo espaçamento para o pequeno leitor. A seguir uma descrição mais detalhada de cada característica tipográfica.

**b) Caracteres infantis:** A tipografia utilizada não apresenta caracteres infantis.

**c) O uso de serifas:** A tipografia apresenta serifas. Neste caso o uso de serifas tem relação com todo o projeto gráfico do livro, auxiliando na composição da unidade visual.

**d) Tamanho da tipografia e da linha:** As linhas são pequenas e com poucas palavras, auxiliando na compreensão do conteúdo. A tipografia tem um bom tamanho, e em alguns momentos seu tamanho varia para criar entonação em algumas frases (Figura 117).

**e) Ascendentes e Descendentes:** A tipografia apresenta um bom tamanho dos ascendentes e descendentes, facilitando a diferenciação entre as letras e linhas (Figura 118).

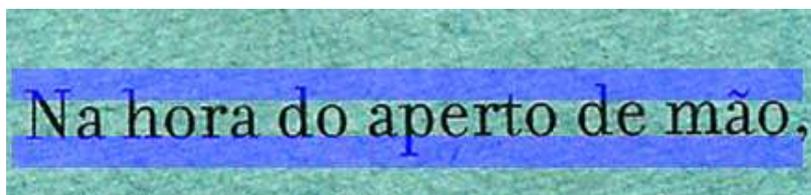


Figura 118: Tamanho dos ascendentes e descendentes da tipografia utilizada no livro “Um Garoto chamado Rorbeto” de Gabriel O Pensador. (Fonte: DO AUTOR)

**f) Estilo Caligráfico:** A tipografia não apresenta estilo caligráfico.

**g) Entreletras, entrepalavras e entrelinhas:** A tipografia apresenta um entreletras homogêneo e de bom tamanho, criando uma diferenciação de uma letra para outra, assim como no espaçamento entrepalavras (Figura 119). O entrelinhas também apresenta um bom tamanho.

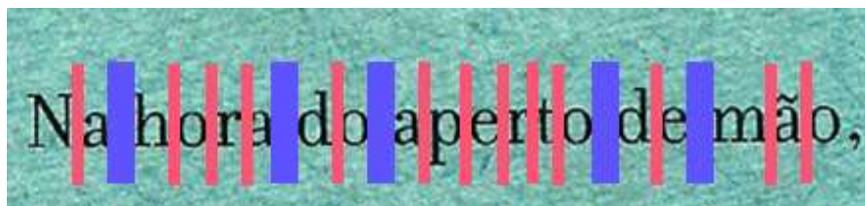


Figura 119: Relação entre os espaçamentos da tipografia utilizada no livro “Um Garoto chamado Rorbeto” de Gabriel O Pensador. (Fonte: DO AUTOR)

**h) Diagramação:** Como se pode perceber acima, a ilustração e o bloco de texto se complementam. Além disso, foi utilizado tipografia para compor a imagem da composição da página do livro.

Neste bloco de texto tem-se a aplicação do estilo tipográfico intercalado, que serve como um “guia” para o leitor. A alternância de estilos (normal e negrito) estabelece ritmos entre os parágrafos (Figura 117).

Este livro apresenta um ótimo exemplo de união entre ilustrador e diagramador, como se pode ver abaixo (Figura 120). O texto, que tem um jogo de palavras bastante inteligente, é muito bem utilizado na alocação da página, ou seja, a alternância de tamanhos da tipografia e o contraste entre a fonte em negrito e a normal criam uma união imagética de excelente composição.

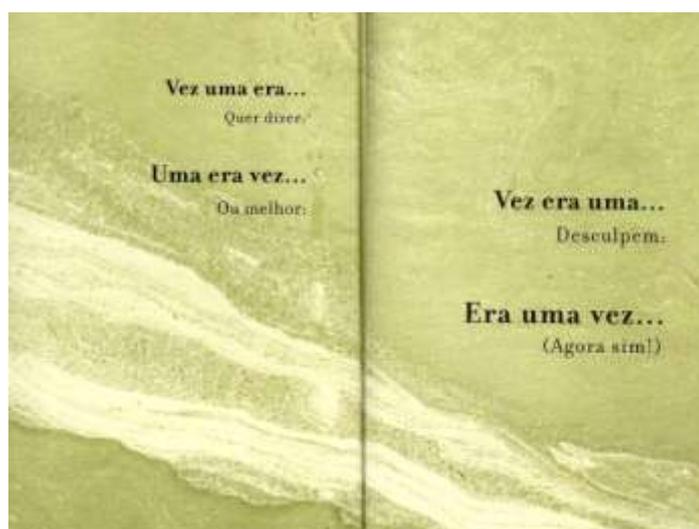


Figura 120: Composição de página do livro “Um Garoto chamado Rorbeto” de Gabriel O Pensador. (Fonte: DO AUTOR)

Portanto, trata-se de um livro com grande qualidade de utilização da tipografia no projeto gráfico. Apresenta legibilidade em todas as páginas, e seguem muitas das recomendações do guia apresentado nesta pesquisa.

- O terceiro livro é “**Carvoeirinhos**” de 2009 (Figura 121), da editora Companhia das Letrinhas, escrito e ilustrado por Roger Mello. O projeto gráfico foi feito pela equipe da editora e não é citado o nome do designer.



Figura 121: Capa do livro “Carvoeirinhos” de Roger Mello. (Fonte: DO AUTOR)

O livro apresenta um contraste de cores com muita intensidade, composto por tons de cinza e cores fluorescentes vibrantes (Figura 122).



Figura 122: Página interna do livro “Carvoeirinhos” de Roger Mello. (Fonte: DO AUTOR)

**a) Legibilidade:** Em relação ao projeto gráfico do livro e a escolha tipográfica pode-se apontar alguns aspectos pouco adequados. O texto apresenta alguns aspectos desfavoráveis para uma boa legibilidade considerando um leitor de pouca idade (Figura 123). Esses aspectos serão apresentados a seguir.

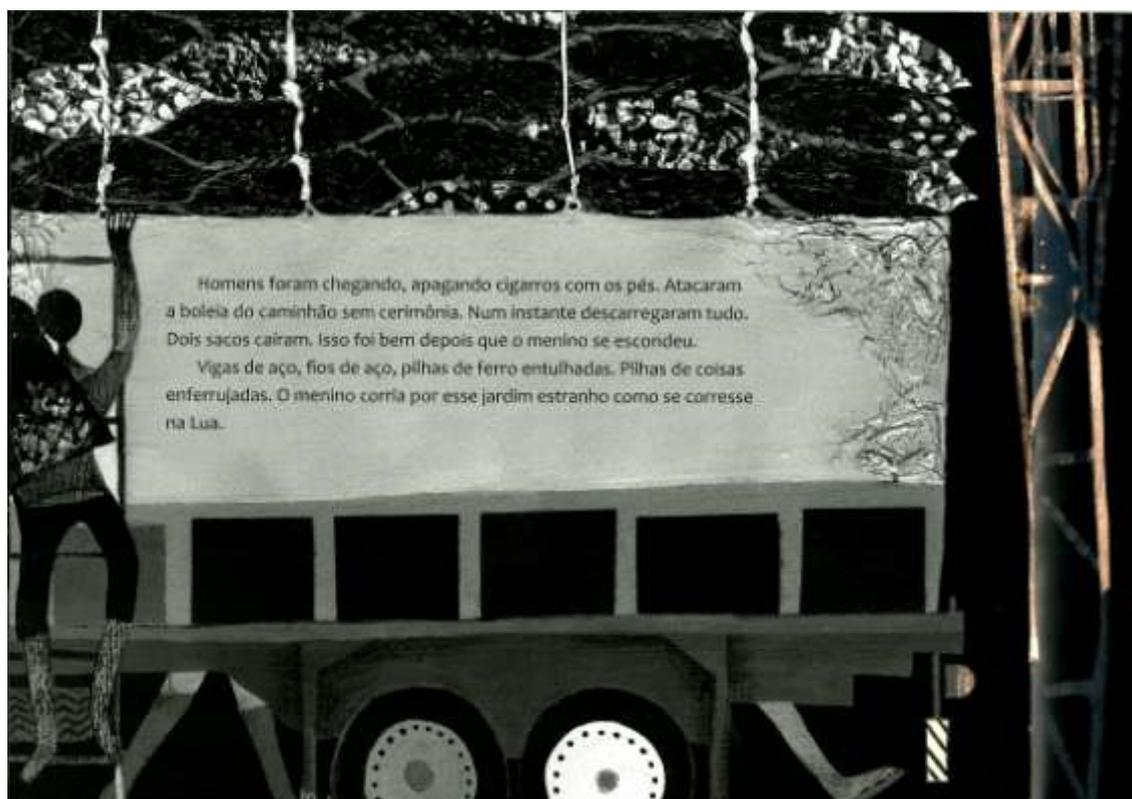


Figura 123: Página interna do livro “Carvoeirinhos” de Roger Mello. (Fonte: DO AUTOR)

**b) Caracteres infantis:** A tipografia utilizada não apresenta caracteres infantis.

**c) O uso de serifas:** A tipografia não apresenta serifas e também não afeta a legibilidade.

**d) Tamanho da tipografia e da linha:** A tipografia apresenta um bom tamanho, pois, neste caso, as letras apresentam uma boa diferenciação facilitando a leitura das crianças. Em relação ao tamanho da linha, ela se apresenta grande, e de acordo com Willburg e Forssman (2007) a linha deve ser curta para ser percebida em um único olhar, o que não ocorre neste livro (Figura 124).

Portanto, a criança provavelmente teria que olhar mais de uma vez para terminar de ler uma linha e isso poderia prejudicar o seu entendimento.

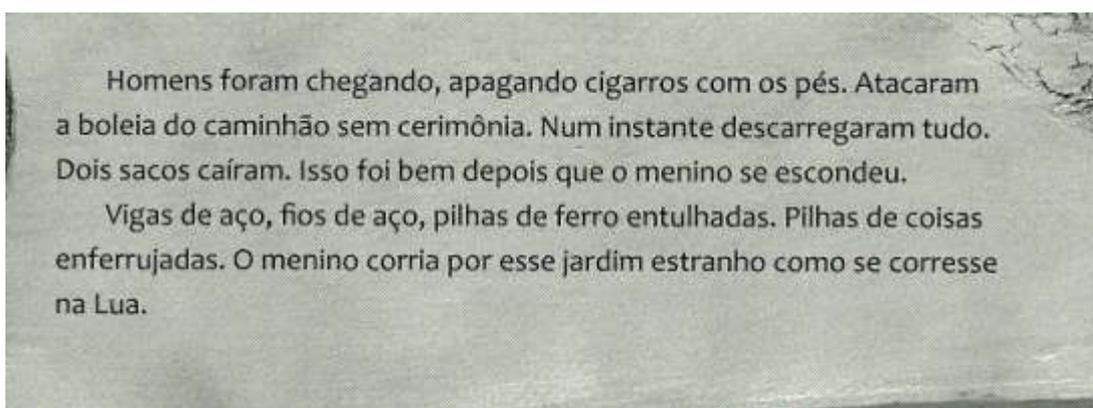


Figura 124: Texto da página do livro “Carvoeirinhos” de Roger Mello. (Fonte: DO AUTOR)

**e) Ascendentes e Descendentes:** A tipografia utilizada apresenta um tamanho adequado de ascendentes e descendentes, são homogêneos e grandes o suficiente para haver uma diferenciação entre as letras e de uma linha a outra (Figura 125).

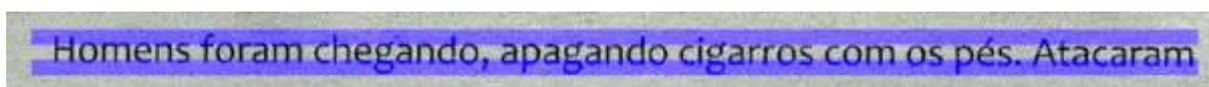


Figura 125: Ascendentes e descendentes da fonte tipográfica do livro “Carvoeirinhos” de Roger Mello. (Fonte: DO AUTOR)

**f) Estilo Caligráfico:** A tipografia utilizada não apresenta nenhuma relação com o estilo caligráfico.

**g) Entrelétricas, entrepalavras e entrelinhas:** Os espaçamentos utilizados são homogêneos e de tamanho adequado para uma boa legibilidade das crianças. É interessante destacar que dentre os livros analisados, esta é a tipografia com maior espaçamento entreletras (Figura 126). Entretanto, o espaço entrelinhas é pequeno podendo causar confusão entre as linhas no momento da leitura (Figura 127).



Figura 126: Espaçamentos da fonte tipográfica do livro “Carvoeirinhos” de Roger Mello. (Fonte: DO AUTOR)

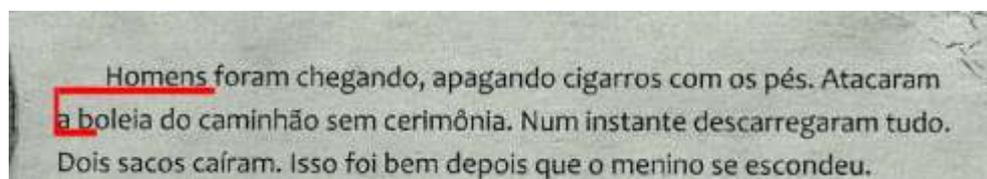


Figura 127: Entrelinhas da fonte tipográfica do livro “Carvoeirinhos” de Roger Mello. (Fonte: DO AUTOR)

**h) Diagramação:** A maior parte do texto do livro se apresenta com blocos de textos com linhas longas e espaços pequenos e ilustração ao fundo.

- Outro livro a ser analisado é o “**Na Noite Escura**” (Figura 128), escrito e ilustrado por Bruno Munari, publicado pela primeira vez em 1956, com reedição pela editora Cosacnaify. Tradução de Nilson Moulin e diagramação de Luciana Facchini.



Figura 128: Capa do livro “Na Noite Escura” de Bruno Munari. (Fonte: DO AUTOR)

É um livro com uma estética bastante diferenciada, requer uma leitura sensorial, por meio de diferentes papéis combinados com imagens simples e texto conciso. Apresenta um projeto gráfico com poucas informações e cores. Os blocos de textos são pequenos, ou seja, apresentam muito pouco texto (Figura 129).

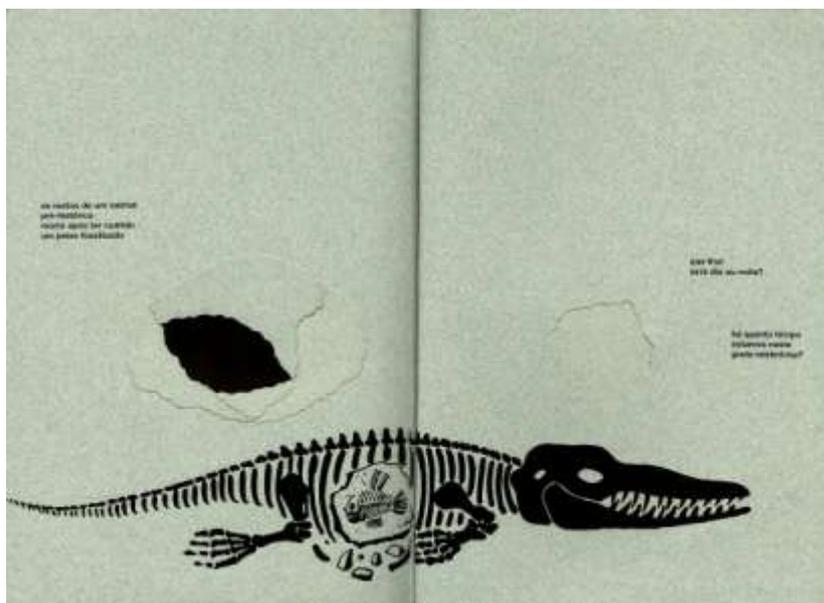


Figura 129: Página do livro “Na Noite Escura” de Bruno Munari. (Fonte: DO AUTOR)

**a) Legibilidade:** Apesar dos blocos de textos serem pequenos, com poucas palavras, pode-se afirmar que a maneira que a tipografia foi utilizada está pouco adequada.

Novamente os questionamentos sobre o uso de serifa na fonte não apresentam muita importância. Neste livro a tipografia utilizada é uma fonte sem serifa, *Helvética*, porém esta característica não criou qualquer melhora na legibilidade do texto, pois este encontra diversos aspectos que não são considerados adequados de acordos com os princípios da legibilidade e com as recomendações do guia tipográfico. A seguir uma explicação mais detalhada de cada característica tipográfica.

**b) Caracteres infantis:** A tipografia utilizada não apresenta caracteres infantis.

**c) O uso de serifa:** A tipografia não apresenta serifa.

**d) Tamanho da tipografia e da linha:** Apesar das linhas serem curtas (Figura 130), elas apresentam um espaço entrelinhas muito pequeno (Figura 131), este espaço deveria ser mais bem explorado, já que existe espaço suficiente na página.

Outro aspecto pouco favorável é o tamanho da letra, é muito pequena (corpo 9) para as crianças lerem e identificar as letras e sílabas.

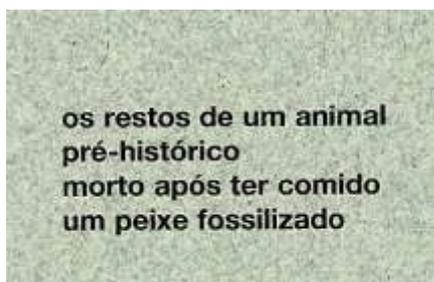


Figura 130: Parte do texto do livro “Na Noite Escura” de Bruno Munari. (Fonte: DO AUTOR)

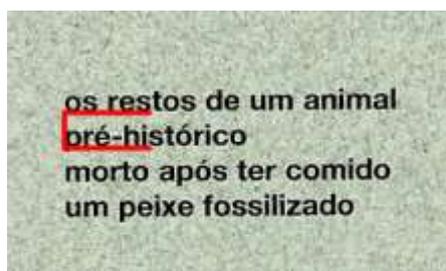


Figura 131: Entrelinhas do texto “Na Noite Escura” de Bruno Munari. (Fonte: DO AUTOR)

**e) Ascendentes e Descendentes:** A tipografia utilizada apresenta ascendentes e descendentes muito pequenos (Figura 132), o que causa uma confusão visual entre as linhas, já que o entrelinhas é muito pequeno.

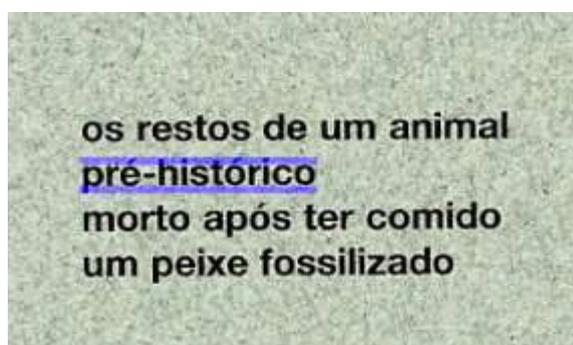


Figura 132: Ascendentes e descendentes do texto “Na Noite Escura” de Bruno Munari. (Fonte: DO AUTOR)

**f) Estilo Caligráfico:** A tipografia não apresenta relações com o estilo caligráfico.

**g) Entreletras, entrepalavras e entrelinhas:** A tipografia utilizada apresenta um entrepalavras de bom tamanho, entretanto, o espaço entreletras é muito pequeno podendo causar confusão no reconhecimento das formas das letras no ato da leitura feita pelas crianças (Figura 133). Apresenta também um entrelinhas pequeno.

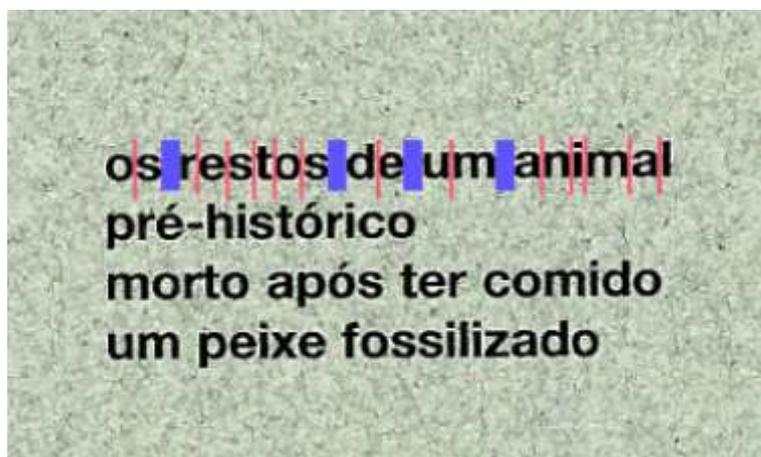


Figura 133: Entreletras e entrepalavras do texto “Na Noite Escura” de Bruno Munari. (Fonte: DO AUTOR)

**h) Diagramação:** Apesar dos blocos de textos serem pequenos, com poucas palavras, pode-se afirmar que a maneira que a tipografia foi utilizada está pouco adequada.

Portanto apesar de ser um livro com um histórico de sucesso, sua escolha tipográfica e a maneira que o texto foi utilizado não está adequada. Muitos fatores apontam para aspectos pouco adequados de legibilidade (considerando os estudos dos pesquisadores apontados nesta pesquisa) causando desconforto e confusão na leitura. Com medidas simples todo o projeto gráfico do livro poderia ter mais adequação para as crianças, como o aumento do tamanho das letras, um espaçamento entrepalavras e entrelinhas adequado seria suficiente.

- O próximo livro a ser analisado, é um livro de muito sucesso utilizado nas escolas brasileiras, “**Os Dez Amigos**” (1983) (Figura 134), escrito e ilustrado por Ziraldo, da Editora Melhoramentos. Um livro de grande sucesso, porém com um projeto gráfico que apresenta alguns pontos pouco adequados em relação a uma boa legibilidade dos textos.

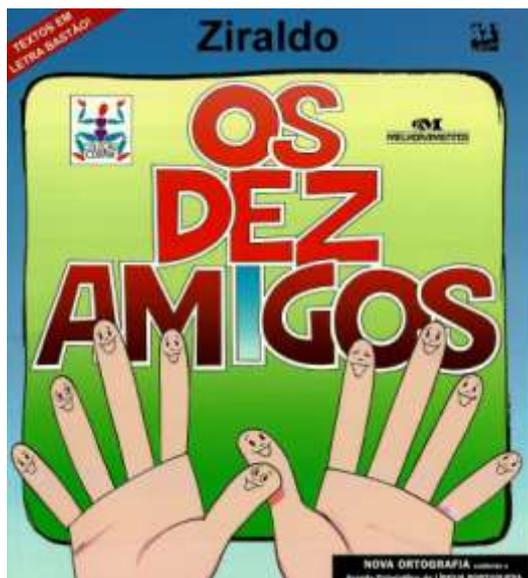


Figura 134: Capa do livro “Os Dez Amigos” de Ziraldo. (Fonte: DO AUTOR)

**a) Legibilidade:** Apesar das letras possuírem tamanho grande e não possuir serifa, o modo que o texto foi alocado na página causa uma baixa legibilidade. O principal aspecto para isso é o pequeno espaço entrelinhas, que causa uma confusão e até a sensação de letras mais “grossas” assim como as crianças apontaram na pesquisa de Walker em 2005, que falam que espaços pequenos criam sensação de texturas diferentes (Figura 135).

É importante destacar novamente que o uso adequado da tipografia é um soma de fatores como já mencionado acima. A seguir uma análise mais aprofundada das características tipográficas.



Figura 135: Páginas do livro “Os Dez Amigos” de Ziraldo. (Fonte: DO AUTOR)

**b) Caracteres infantis:** A tipografia utilizada não apresenta caracteres infantis.

**c) O uso de serifas:** A tipografia não apresenta serifas.

**d) Tamanho da tipografia e da linha:** A tipografia apresenta um bom tamanho facilitando a diferenciação entre as letras. A linha é pequena, de 4 a 8 palavras, auxiliando na legibilidade do texto.

**e) Ascendentes e Descendentes:** A tipografia está em caixa alta.

**f) Estilo Caligráfico:** A tipografia não tem relação com o estilo caligráfico.

**g) Entreletras, entrepalavras e entrelinhas:** A tipografia utilizada apresenta um pequeno espaçamento entreletras, prejudicando a legibilidade. Entretanto o entrepalavras é homogêneo e tem um bom tamanho para diferenciação das letras. O espaço entrelinhas é pequeno, dificultando a diferenciação entre as linhas (Figura 136).

## - VAMOS BRINCAR DE MASSINHA? - VAMOS TOCAR UM PIANO!

Figura 136: Espaçamentos da tipografia do livro “Os Dez Amigos” de Ziraldo. (Fonte: DO AUTOR)

**h) Diagramação:** O livro apresenta uma uniformidade de diagramação em todas as páginas, ilustração acima do texto. A quantidade de texto em cada página é pouca e a tipografia é utilizada em caixa alta.

É importante destacar novamente que o uso adequado da tipografia é um soma de fatores como já mencionado acima.

- O livro “**Cacoete**” (Figura 137) escrito e ilustrado por Eva Furnari, do ano de 2008 editado pela Editora Ática, apresenta alguns pontos pouco adequados em relação ao uso da tipografia. Projeto gráfico de Eva Furnari e Cláudia Furnari.

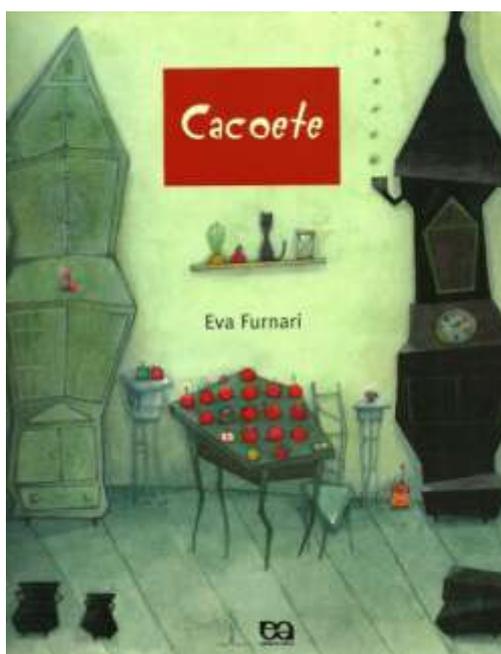


Figura 137: Capa do livro “Cacoete” de Eva Furnari. (Fonte: DO AUTOR)

**a) Legibilidade:** No livro foram utilizadas diversas tipografias. E muitas delas, pouco adequadas para a legibilidade das crianças. A seguir uma descrição mais detalhada das características tipográficas.

**b) Caracteres infantis:** A tipografia não apresenta caracteres infantis.

**c) O uso de serifas:** A tipografia não apresenta serifas.

**d) Tamanho da tipografia e da linha:** A tipografia tem um bom tamanho, assim como as linhas, que são curtas e favorecem a legibilidade.

**e) Ascendentes e Descendentes:** A tipografia apresenta ascendentes e descendentes longos, favorecendo a legibilidade.

**f) Estilo Caligráfico:** Um aspecto pouco favorável é a fonte caligráfica utilizada que apresenta uma inclinação muito grande e espaçamentos muito pequenos, dificultando muito a leitura (Figura 138).

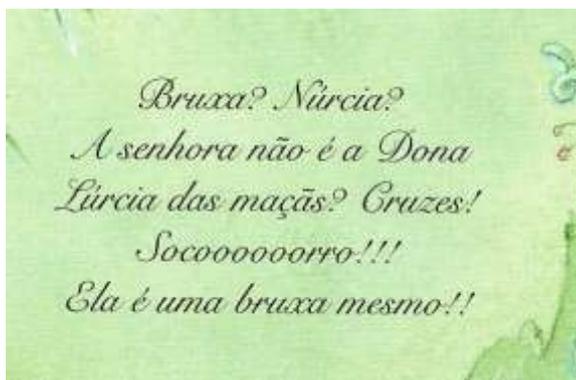


Figura 138: Exemplo de fonte caligráfica do livro “Cacoete” de Eva Furnari. (Fonte: DO AUTOR)

**g) Entreletras, entrepalavras e entrelinhas:** O diagramador utiliza uma fonte caligráfica (Figura 138) para compor o livro, entretanto, essa fonte apresenta pouca legibilidade. As letras são muito inclinadas, diminuindo muito o espaço entreletras, causando uma confusão no entendimento das palavras. Somando a isso, tem-se um espaço entrelinhas muito pequeno, e os ascendentes não são grandes o suficiente para causar uma diferenciação entre as outras letras.

**h) Diagramação:** Na diagramação deste livro foram utilizadas diversas tipografias, ou seja, fontes fantasias, letras cursivas e fonte com serifa (Figura 139).



Figura 139: Página ilustrada do livro “Cacoete” de Eva Furnari. (Fonte: DO AUTOR)

Pode-se observar que no caso das fontes fantasias a legibilidade é muito ruim. A dificuldade é tanta que até um adulto apresenta problemas para entender o que está escrito no texto, a decifração das letras é quase impossível (Figura 140).

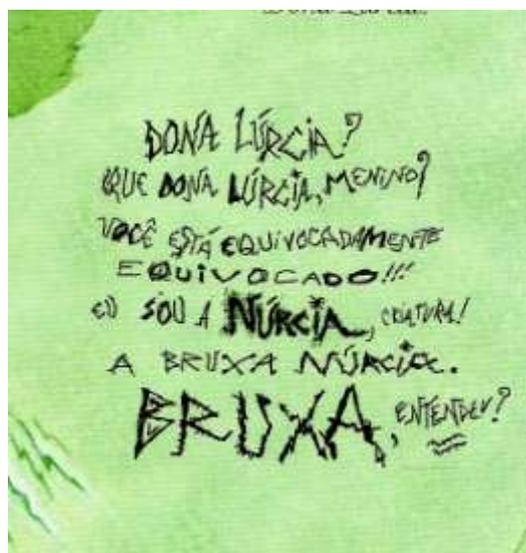


Figura 140: Exemplo de fonte fantasia do livro “Cacoete” de Eva Furnari. (Fonte: DO AUTOR)

Portanto fica claro nessa página que o uso de fonte fantasia não é adequado para uma boa legibilidade por diversos fatores, mas o principal é pela dificuldade em diferenciar as letras. Outro aspecto pouco adequado é a fonte caligráfica utilizada

que apresenta uma inclinação muito grande e espaçamentos muito pequenos, dificultando muito a leitura.

As discussões realizadas nessa parte da pesquisa foram realizadas para apontar aspectos positivos e pouco adequados na diagramação e na escolha tipográfica de livros do mercado editorial brasileiro. É importante destacar que foram analisados livros premiados como “Lampião e Lancelote” e “Um Garoto chamado Rorbetó” e livros de autores brasileiros consagrados como Ziraldo e Eva Furnari.

Como aspecto geral percebeu-se que o uso da tipografia no livro infantil, é uma soma de fatores que guiam para uma boa legibilidade. Estes fatores estão todos explicados na pesquisa, e conseqüentemente estão no guia tipográfico. Dentre estes fatores estão, tamanho da letra, espaço entreletras, entrepalavras e entrelinhas, ascendentes e descendentes, e outros.

Outro aspecto a ser considerado é que livros de autores importantes brasileiros apresentam uma escolha tipográfica ruim e com isso não apresenta uma boa legibilidade mostrando o pouco cuidado com a tipografia e a leitura que a criança pode realizar.

A maioria dos livros discutidos foi colocada no guia como exemplos de escolhas tipográficas. Sendo assim, o leitor vai poder observar como a escolha e o uso adequado da tipografia no livro infantil pode favorecer a leitura das crianças.

É importante destacar que a opinião dos designers em relação ao guia foi muito importante para uma reavaliação do material e um enriquecimento de alguns conceitos.

Com todas as alterações realizadas no guia, o material esta pronto para ser aplicado no experimento que será explicado na próxima seção.

## 5.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A seção 5 foi de fundamental importância para a realização do experimento desta pesquisa, ou seja, a partir da construção do guia com recomendações tipográficas tem-se o material para a realização da parte metodológica da pesquisa.

Foi realizada uma compilação das pesquisas existentes que abordam a escolha tipográfica dos livros literários infantis levando em consideração os princípios da legibilidade e as necessidades dos pequenos leitores.

Os questionários realizados com os designers Daniel Bueno e Luciana Facchini apontaram aspectos importantes para a finalização do guia e uma conseqüente melhora do material, com correções e análise de projetos gráficos de livros infantis.

A versão final do guia apresenta 94 páginas com o mesmo tamanho anterior (16 x 27 cm).

Com o guia finalizado o experimento pode ser realizado. Na próxima seção será apontado como se realizou o experimento e a discussão dos resultados que os participantes obtiveram com a tarefa proposta por essa pesquisa.

A seguir um mapa conceitual da seção 5 (Figura 141). Neste mapa, é demonstrado como ocorreu o processo para a criação do guia com recomendações tipográficas. Primeiramente foi gerada uma versão simplificada, apenas com informações textuais, e logo após, foi elaborada uma versão mais detalhada, com texto e ilustrações.

O guia foi apresentado aos designers (Daniel Bueno e Luciana Facchini) que após a leitura do material, responderam a um questionário com perguntas abertas sobre seu processo de escolha tipográfica e diagramação e sobre o material apresentado a eles (guia). Logo após, foi feita uma readequação do guia, considerando a opinião dos designers e também foi anexada a análise dos livros realizada nesta pesquisa.

O guia estava pronto para poder realizar o experimento.

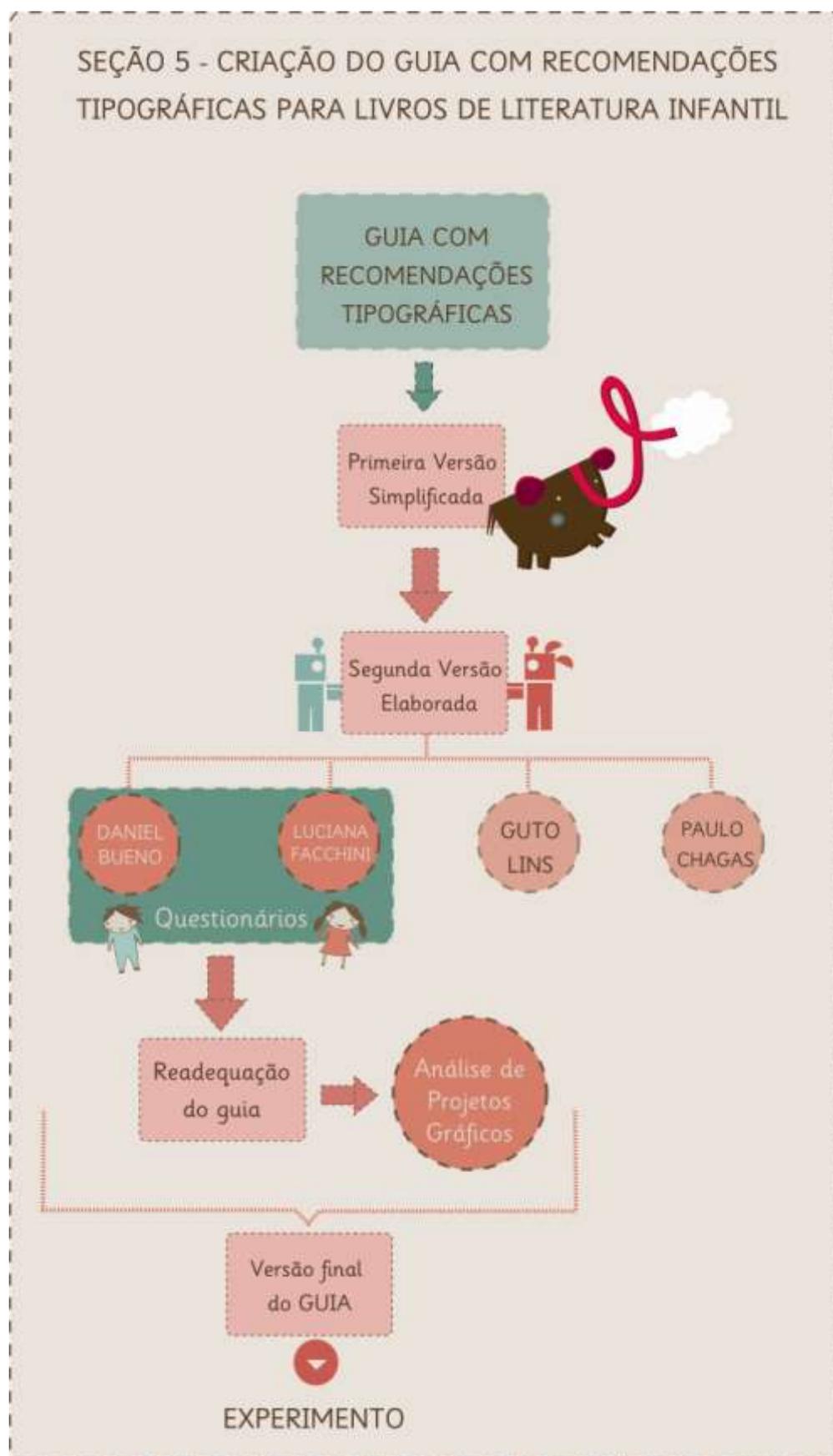


Figura 141: Mapa conceitual da seção 5 da pesquisa. (Fonte: DO AUTOR)

## **SEÇÃO 6 – EXPERIMENTO PARA VALIDAÇÃO DO GUIA COM RECOMENDAÇÕES TIPOGRÁFICAS PARA LIVRO DE LITERATURA INFANTIL**

### **6.1 CONTEXTUALIZAÇÃO**

Nesta etapa da pesquisa foi realizado o experimento que teve como objetivo a validação do guia com recomendações tipográficas que consistiu em aplicar o guia e uma tarefa (explicação a seguir) com designers gráficos e designers atuantes na área de editoração de livros.

Apesar do guia com recomendações tipográficas ser voltado especialmente para designers de editoração infantil, é importante ressaltar que realizar esse experimento com designers com diferentes níveis de conhecimento teve como finalidade observar como o guia pôde causar influências em profissionais com pouca experiência de mercado e como o material pôde interferir no trabalho de profissionais que trabalham na área de editoração. Todavia, designers com pouca experiência podem vir a trabalhar na área de editoração infantil no futuro.

Como o guia já foi analisado por designers renomados na área de editoração de livros literários (seção 5), esperava-se com este experimento observar como o material influenciaria no trabalho de designers iniciantes e até atuantes na área.

## 6.2 EXPERIMENTO

Nesta parte da pesquisa será relatado como o experimento foi realizado e apresentado aos participantes.

- **Objetivos da validação**

No experimento realizado nesta dissertação esperava-se descobrir se o guia com recomendações tipográficas para livros de literatura infantil tem eficiência para auxiliar designers na escolha tipográfica e diagramação dos livros infantis e consequentemente melhorar a legibilidade dos textos para os pequenos leitores em início de aprendizagem de leitura, ou seja, crianças entre 7 e 9 anos de idade.

- **Participantes do experimento**

Como esse experimento se tratou de uma análise qualitativa, o número de participantes para participar dele foi pequeno, ao todo 8 participantes.

Os participantes foram divididos em 2 grupos: os que trabalham com diagramação esporadicamente (4 participantes, chamados de Grupo 1) e os que trabalham com diagramação, para crianças e adultos freqüentemente (4 pessoas, chamados de Grupo 2). Essa divisão foi realizada a partir da primeira pergunta do questionário, em que tinham que responder qual era a familiaridade que tinham com diagramação e escolha tipográfica.

Os critérios estabelecidos para a escolha das pessoas para realizar o experimento foram:

- Profissionais e estudantes da área de Design Gráfico, tanto com conhecimento quanto com pouco conhecimento na área de editoração de livros;
- Profissionais que tenham pelo menos uma proximidade com o tema, ou seja, que sintam um pouco de afinidade com diagramação e tipografia;

- **Procedimentos**

Os participantes receberam um texto em *pdf*, apresentado logo abaixo, e receberam as ilustrações (figura 142). Não houve regras ou qualquer outra limitação em relação à diagramação.

A única determinação era que o texto fosse legível<sup>15</sup> para as crianças. Em relação às ilustrações os participantes deveriam utilizar pelo menos uma delas. A idéia era que eles tivessem liberdade de composição tanto com uma ou com todas as ilustrações. Não houve restrição em relação às cores utilizadas na tipografia ou fundo da página. O participante teve liberdade para criação de um fundo na página.

Também não foi determinado se a ilustração era em página dupla ou simples. Todos os requisitos do teste foram realizados para que existisse uma total liberdade para utilizar os conceitos do guia tipográfico, assim como, não houve restrição ao uso de fontes tipográficas, se o participante possuir uma das fontes citadas no guia, ele poderia usar normalmente. Abaixo o texto para compor a página do teste.

## **Amigos Robôs**

**Estes são os amigos robôs.**

**Eles fazem de tudo um pouco.**

**Limpam, passam, lavam, conversam, brincam e até sorriem.**

**Vivem por ai facilitando nossas vidas.**

**Agora basta saber se eles possuem sentimento.**

**A maioria deles tem um coração de ferro, mas será que ele funciona?**

**Ainda não se sabe essa resposta até os dias de hoje.**

**O melhor a fazer é aproveitar a companhia dos amigos robôs.**

A seguir as ilustrações:

---

<sup>15</sup> Legível é quando um conjunto de letras pode ser lido. (FONTOURA, 2004)

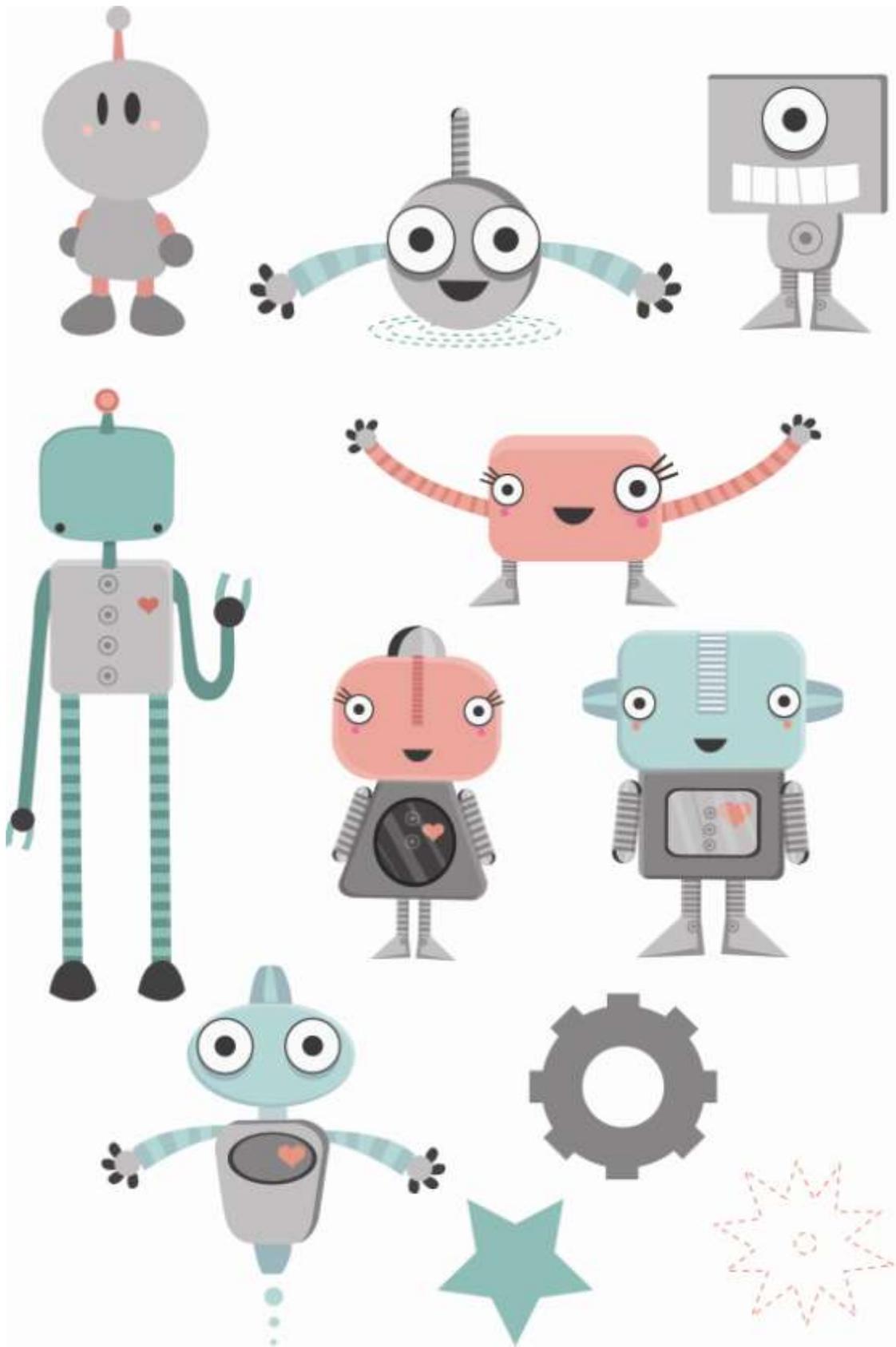


Figura 142: Ilustrações para serem utilizadas no experimento. (Fonte: DO AUTOR)

O texto é curto e apresenta grande flexibilidade na composição na página. O importante era que os participantes tivessem liberdade de criação e pudessem utilizar este texto de diversas formas, como: dar ênfase em determinada frase, unir ilustração e texto, utilizar blocos de textos, e até mesmo tornar o texto um fator integrante da parte imagética do livro.

O texto foi apresentado aos participantes em uma fonte comum, a *Times New Roman*, e eles tinham que diagramar e fazer a escolha da tipografia que considerassem mais adequadas.

O teste foi dividido em **duas partes**. Na **primeira parte** os participantes tiveram que diagramar a página com o texto e as ilustrações apresentados acima, contudo eles não possuíam material de apoio para auxiliar nesse processo (guia com recomendações tipográficas). Eles receberam o texto e as ilustrações com a seguinte explicação:

- Este é um experimento para a dissertação de mestrado (Design da UFPR) do aluno Daniel Alvares Lourenço com orientação do professor Dr. Antonio Martiniano Fontoura. Você vai realizar um teste, que consiste em diagramar uma página de um livro literário infantil.

Você está recebendo as ilustrações e o texto para realizar o teste. Vale destacar que a escolha tipográfica, assim como, a distribuição dos elementos da página, ou até mesmo a escolha destes elementos fica a seu critério. Você não é obrigado a utilizar todas as ilustrações, mas é importante que contenha na página todo o texto e pelo menos uma ilustração.

A página do livro tem 20 cm de largura por 26 cm de altura e você pode diagramar em página dupla também (40x26cm). Você terá liberdade para criar um fundo: com cores, com elementos de composição ou até mesmo branco. Esse aspecto será livre.

Você pode utilizar qualquer programa de diagramação disponível e não existe um tempo determinado para cumprir a tarefa. Você está recebendo um arquivo com o texto e as ilustrações.

É importante destacar que esta é uma página de livro para leitores iniciantes, crianças de 7 a 9 anos, e para isso devem-se levar em consideração que o texto seja legível. Entende-se por legível um texto que pode ser lido, mas não

necessariamente por todos, ou seja, neste caso é importante que o texto possa ser lido pelas crianças.

OBS: Não se esqueça de transformar a fonte tipográfica em curva.

#### Amigos Robôs

Estes são os amigos robôs. Eles fazem de tudo um pouco. Limpam, passam, lavam, conversam, brincam e até sorriem. Vivem por ai facilitando nossas vidas. Agora basta saber se eles possuem sentimento. A maioria deles tem um coração de ferro, mas será que ele funciona? Ainda não se sabe essa resposta até os dias de hoje. O melhor a fazer é aproveitar a companhia dos amigos robôs.

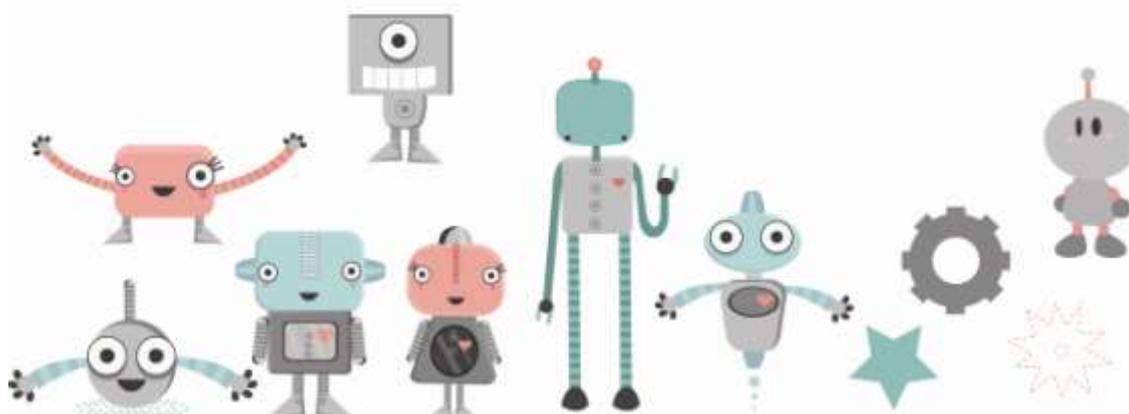


Figura 143: Folha que os participantes receberão no experimento. (Fonte: DO AUTOR)

Esperava-se nessa primeira parte do teste descobrir qual o nível de conhecimento sobre editoração de livros que os participantes apresentavam, ou seja, como eles iriam diagramar uma página de livro sem a leitura do guia.

Na **segunda parte** todos os participantes receberam o guia com recomendações tipográficas em arquivo digital (*pdf*) para lerem.

Logo após a leitura eles realizaram novamente a primeira tarefa do teste, ou seja, diagramaram a mesma página com o mesmo texto e ilustrações. As especificações determinadas para realizar a análise referente às diferenças entre a primeira parte do teste e a segunda parte desta maneira foram:

- A análise do material diagramado pelos participantes foi realizada a partir das recomendações que o guia tipográfico propôs com as pesquisas existentes;
- A análise do material das duas partes do teste (a página diagramada sem o guia e a mesma página diagramada após a leitura do guia) foi uma comparação entre esses dois materiais, ou seja, uma comparação entre o “antes” e o “depois”. Foi escolhida esta forma de análise, pois assim teria como avaliar as condições que o participante se encontrava antes da leitura do guia. Portanto foi possível apontar qual era o nível de instrução que o participante tinha antes de receber o material de leitura;
- Um aspecto questionável da escolha para a realização do teste desta maneira é que uma mesma tarefa realizada pela segunda vez pelo mesmo participante pode apresentar uma melhora independente da leitura do guia. Esperava-se obter resultados nesse experimento referentes à escolha tipográfica e diagramação, sendo assim, acredita-se que a análise das diferenças entre o “antes” e o “depois” fosse referente a estes dois aspectos e foi feita considerando que uma tarefa realizada da mesma forma duas vezes pode apresentar melhora mesmo sem um material de auxílio (guia).

É importante destacar que o experimento foi realizado de 2 formas: na primeira, de forma presencial, ou seja, o pesquisador acompanhou o participante para observar se o participante estava seguindo os passos corretos do experimento,

portanto, se ele estava lendo o guia, se estava realizando as tarefas de um modo correto e o tempo para realizar cada parte do teste (tempo da primeira diagramação, tempo de leitura do guia e tempo da segunda diagramação).

A segunda forma foi realizada por meio digital, por email. O participante recebeu a explicação da tarefa em arquivo digital do *Word* e logo após recebeu o arquivo com o texto e as ilustrações. Foi anotado o tempo que o participante levou para realizar essa tarefa. Logo após foi enviado ao participante em arquivo *pdf* o guia com recomendações tipográficas para realizar a leitura. Também foi anotado o tempo de leitura. Após a leitura o participante recebeu a informação de que ele teria que diagramar novamente a primeira página apresentada a ele (agora com a leitura do guia). E por fim, o questionário foi enviado para que o participante pudesse respondê-lo.

Como se tratava de um experimento longo, e alguns participantes moram em outras cidades do Brasil, a segunda forma (não presencial) foi a mais utilizada.

Posteriormente, após todos os participantes terem terminado o experimento, foi realizada uma análise com os resultados da primeira parte do teste com os resultados da segunda parte do teste.

- **Forma de análise dos resultados**

Para realizar a análise os seguintes critérios foram utilizados:

- É necessário destacar que o escopo da pesquisa se foca em legibilidade e essa análise do “antes e “depois” foi focada nos aspectos que tangem para legibilidade;
- Em relação à diagramação, foi analisada mais a composição do texto com o fundo, ou seja, se a ilustração e o texto formavam um conjunto sem dificultar a legibilidade para as crianças;
- Um aspecto difícil para se analisar é em relação à parte estética da diagramação da página. Nessa análise não foi considerada essa parte intrínseca à composição estética, e sim se a composição auxiliou ou prejudicou de alguma maneira a legibilidade dos textos.

- Outros aspectos analisados foram em relação às características tipográficas do guia. Portanto, a análise foi feita considerando (na ordem do guia com recomendações tipográficas):
  - a) legibilidade;
  - b) caracteres infantis;
  - c) o uso de serifas;
  - d) tamanho da tipografia e da linha;
  - e) ascendentes e descendentes;
  - f) estilo caligráfico;
  - g) entreletras, entrepalavras e entrelinhas;
  - h) diagramação.

Portanto, utilizaram-se na análise todas as características tipográficas abordadas no guia. Desta forma esperava-se obter informações importantes de como cada participante aproveitou as informações do guia para composição da página para o livro infantil proposto.

Foi realizada uma análise com os resultados gerais dos participantes. Com essa análise esperava-se demonstrar diferenças e semelhanças entre os resultados dos participantes e pontos importantes de como os participantes aproveitaram o guia para compor as páginas diagramadas.

A análise das páginas diagramadas foi realizada levando em consideração a compilação das pesquisas existentes no guia com recomendações tipográficas.

Sendo assim, com o resultado dos testes esperava-se observar se o guia apresentou eficácia para a realização da tarefa indicada, tanto pela escolha tipográfica quanto pela opinião dos participantes que responderam a um questionário após realizar a tarefa.

O questionário se tratou de um questionário misto com perguntas abertas e fechadas.

Primeiramente era necessário saber a formação de cada participante. Todos os participantes atuam na área de Design, porém com nível de conhecimento e escolaridade diferentes. Foi importante saber o nível de escolaridade para se saber qual era o tempo de experiência de cada participante.

Abaixo uma explicação de como cada pergunta foi elaborada assim como, o que se esperava encontrar com as respostas dos participantes. O questionário utilizado no experimento se encontra no apêndice C desta pesquisa.

**1- Qual o seu nível de atuação com diagramação e tipografia?**

Nenhum       Esporádico       Freqüente

Na primeira pergunta esperava-se saber qual o Nível de Expertise (nível de propriedade de conhecimento) do participante. Ou seja, qual era a familiaridade que o participante tinha com o assunto tipografia e diagramação em um nível geral. A partir desta resposta foi mais fácil criar uma idéia inicial de como começar a análise dos testes realizados (páginas diagramadas).

**2- É a primeira vez que você diagrama um texto voltado para o público infantil? Qual o nível de dificuldade que você encontrou?**

A segunda pergunta tratou-se de uma pergunta aberta e esperava-se saber qual era o nível de familiaridade do participante com editoração, neste caso, para o público infantil. A partir das respostas dos participantes a análise das páginas diagramadas puderam ser realizadas considerando a relação destes, com a diagramação e a escolha tipográfica feita para os leitores iniciantes. Portanto, dependendo da qualidade da página diagramada antes da leitura do guia com recomendações tipográficas e da resposta dessa pergunta pôde-se saber qual era o nível que o participantes possuía antes de realizar a tarefa.

3- Em relação à primeira parte do teste, que consistiu na diagramação da página do livro sem a leitura do guia, como você se sentiu? Marque com x nos espaços (Quadro 02).

|                       | + | +/- | - | <b>N</b> | - | +/- | + |                        |
|-----------------------|---|-----|---|----------|---|-----|---|------------------------|
| <b>Mais criativo</b>  |   |     |   |          |   |     |   | <b>Menos criativo</b>  |
| <b>Mais confiante</b> |   |     |   |          |   |     |   | <b>Menos confiante</b> |
| <b>Pressionado</b>    |   |     |   |          |   |     |   | <b>Relaxado</b>        |
| <b>Com medo</b>       |   |     |   |          |   |     |   | <b>Com coragem</b>     |
| <b>Decidido</b>       |   |     |   |          |   |     |   | <b>Indeciso</b>        |
| <b>Determinado</b>    |   |     |   |          |   |     |   | <b>Confuso</b>         |

Quadro 02: Diferencial Semântico utilizado no questionário dos participantes. (Fonte: DO AUTOR)

Na segunda pergunta foi utilizada uma técnica chamada Diferencial Semântico, que tem como intenção medir o significado conotativo. A técnica foi proposta pelos psicólogos norte americanos Charles E. Osgood, George J. Suci e Percy H. Tannenbaum, em 1957.

Basicamente a técnica consiste em usar uma escala bipolar de adjetivos com sete espaços entre eles para verificar o quanto um objeto se aproxima de um adjetivo ou outro. (OSGOOD, C. E., SUCI, G. J., e TANNENBAUM, P. H., 1957)

Foram utilizados adjetivos com dimensão avaliativa. O motivo de utilizar esta técnica foi oferecer ao participante algumas opções de sentimento dele em relação à realização do teste. Se a pergunta fosse aberta provavelmente teriam muitas respostas diferenciadas e seria muito difícil catalogar quais os sentimentos que mais prevaleceriam.

Para a escolha dos adjetivos foram utilizados os seguintes critérios:

- As características foram propostas para saber como o participante se sentiu ao realizar a tarefa de diagramar uma página para livro infantil. No caso dos participantes com pouca familiaridade com o assunto o entrevistado poderia se sentir intimidado;
- Utilizou-se o termo **criatividade** para saber se o participante se sentiu criativo em relação à tarefa. Se por se tratar de uma tarefa nova, ou sem um conhecimento prévio poderia ser um limitador de criatividade;

- O sentimento de **confiança** foi escolhido, pois, muitas vezes ao realizar uma tarefa pode ocorrer uma falta de coragem, tanto pela falta de conhecimento do assunto ou até mesmo por se tratar de um trabalho inusitado a ser realizado;
- Para saber a **tensão** que o participante sentiu foram utilizados os termos “pressionado” e “relaxado”. Esperava-se obter uma resposta em relação a como o participante estava se sentindo naquele momento ao realizar uma tarefa de forma inesperada sem um material de apoio;
- Para avaliar o nível de **encorajamento** do participante utilizaram-se os termos “medo” e “coragem”. Estes termos foram escolhidos, pois ao se deparar com uma nova experiência (neste caso diagramar uma página de livro literário infantil), o participante poderia se sentir intimidado;
- Para descobrir o quanto de **decisão** o participante estava utilizando para realizar a tarefa foram utilizados os termos “decidido” e “indeciso”.
- Por fim esperava-se saber qual a **determinação** do participante ao realizar a tarefa proposta. O termo determinado estava mais relacionado com o nível de confusão que o participante estava tendo ao realizar a tarefa de diagramar uma página de livro infantil.

Esperava-se obter com essa pergunta os sentimentos que o participante teve ao realizar a tarefa sem o guia, ou seja, sem uma explicação sobre o assunto diagramação e escolha tipográfica para livro literário infantil.

- 4- Em relação à segunda parte do teste, que consistiu na diagramação da mesma página do livro, porém com a leitura do guia, como você se sentiu? Marque com x nos espaços (Quadro 03).

|                       | + | +/- | - | N | - | +/- | + |                        |
|-----------------------|---|-----|---|---|---|-----|---|------------------------|
| <b>Mais criativo</b>  |   |     |   |   |   |     |   | <b>Menos criativo</b>  |
| <b>Mais confiante</b> |   |     |   |   |   |     |   | <b>Menos confiante</b> |
| <b>Pressionado</b>    |   |     |   |   |   |     |   | <b>Relaxado</b>        |
| <b>Com medo</b>       |   |     |   |   |   |     |   | <b>Com coragem</b>     |
| <b>Decidido</b>       |   |     |   |   |   |     |   | <b>Indeciso</b>        |
| <b>Determinado</b>    |   |     |   |   |   |     |   | <b>Confuso</b>         |

Quadro 03: Diferencial Semântico utilizado no questionário dos participantes. (Fonte: DO AUTOR)

A quarta pergunta é muito parecida com a segunda, foi utilizada a mesma técnica, o Diferencial Semântico. Portanto, com essa pergunta esperava-se obter os sentimentos que o participante sentiu ao elaborar a mesma tarefa, porém com a leitura do Guia com Recomendações Tipográficas. Foram utilizados os mesmos adjetivos de dimensão avaliativa, pois, esperava-se saber quais foram as mudanças em relação aos mesmos sentimentos da primeira tarefa para a segunda tarefa.

Portanto, com os resultados dessa questão foram obtidos as mudanças em relação aos sentimentos do participante ao realizar a tarefa com a leitura de um material sobre o assunto do tema da tarefa.

- 5- **O guia com recomendações tipográficas lhe limitou ou auxiliou seu trabalho criativo? Justifique sua resposta.**

Com essa pergunta esperava-se uma resposta mais específica em relação ao sentimento de criatividade. Geralmente um manual e até mesmo um guia pode causar uma limitação de criatividade. Neste caso o guia, apesar de oferecer interpretações diversas e não se apresentar como uma única solução para escolha tipográfica e diagramação dos livros infantis, poderia causar alguma limitação para algum participante que realizou a tarefa.

Portanto, essa pergunta foi necessária para saber se um material elaborado para auxiliar os designers poderia apresentar um aspecto negativo no momento de criação.

**6- O que você achou sobre o guia apresentado para a escolha tipográfica e diagramação dos livros literários infantis? Marque com x nos espaços (Quadro 04).**

|                  | + | +/- | - | <b>N</b> | - | +/- | + |                      |
|------------------|---|-----|---|----------|---|-----|---|----------------------|
| <b>Claro</b>     |   |     |   |          |   |     |   | <b>Confuso</b>       |
| <b>Confiável</b> |   |     |   |          |   |     |   | <b>Não confiável</b> |
| <b>Objetivo</b>  |   |     |   |          |   |     |   | <b>Não objetivo</b>  |
| <b>Amigável</b>  |   |     |   |          |   |     |   | <b>Hostil</b>        |
| <b>Decidido</b>  |   |     |   |          |   |     |   | <b>Indeciso</b>      |
| <b>Inovador</b>  |   |     |   |          |   |     |   | <b>Comum</b>         |

Quadro 04: Diferencial Semântico utilizado no questionário dos participantes. (Fonte: DO AUTOR)

Na sexta pergunta foi utilizado o Diferencial Semântico para obter informações mais específicas sobre o guia com recomendações tipográficas. Esperava-se saber dos participantes qual a visão de cada um em relação ao material e de certa forma descobrir aspectos negativos e positivos do guia. O Diferencial Semântico foi utilizado para propor adjetivos mais específicos sobre o material oferecido aos participantes.

A escolha desses adjetivos foi realizada da seguinte forma:

- A **clareza** do guia foi medida pelos termos “claro” e “confuso”. Com esse adjetivo esperava-se obter do participante se o material apresentado a eles apresentava uma leitura clara, sem dificuldades de entendimento dos conteúdos;
- Esperava-se obter do participante também o nível de **confiabilidade** que o material apresentou a eles, ou seja, se os assuntos abordados foram tratados de forma correta e que parecesse verdadeiro o suficiente para gerar confiança ao participante;
- Por se tratar de um guia, as informações tinham que ser abordadas de maneira rápida e objetiva. Por isso esperava-se obter o nível de

**objetividade** do material, ou seja, se todas as informações foram objetivas o suficiente para se realizar o que o Guia propõe, diagramar e realizar a escolha tipográfica adequada para os livros literários infantis levando em consideração os princípios da legibilidade;

- Outro aspecto que foi avaliado foi o se o guia se apresentou de maneira “**amigável**” ou “**hostil**”, ou seja, de que maneira o participante enxergou como as informações foram apresentadas no material. Como exemplo: se algum conceito foi exposto de modo que só houvesse uma única interpretação ou solução sem deixar margens para possíveis interpretações, até mesmo do participante;
- Esperava-se obter também o nível de **decisão** de como os conceitos foram apresentados no guia, ou seja, se as definições e conceitos foram abordados de forma clara e se apresentam uma posição do pesquisador em relação aos assuntos estudados;
- Por fim, esperava-se obter do participante uma opinião em relação à **originalidade** do material, ou seja, se este se apresentou de forma comum, ou com um material inovador para realizar o que o guia se propõe, diagramação e escolha tipográfica para livros infantis.

**7- De forma geral, qual a sua opinião sobre o guia com recomendações tipográficas? Você acredita que o material te auxiliou ou prejudicou a tarefa? Justifique.**

A sétima e última questão do questionário foi aberta. Esperava-se obter dos participantes uma visão geral do guia. Qual era a visão de cada um em relação ao material apresentado. A pergunta foi aberta para deixar que o participante expressasse com total liberdade a sua opinião.

A partir do experimento realizado (Figura 144) e com as perguntas dos questionários respondidas foi feita uma avaliação se o guia realmente apresentou funcionalidade e se ele se apresentou completo para escolha de uma tipografia considerada adequada para o público infantil e para a diagramação.

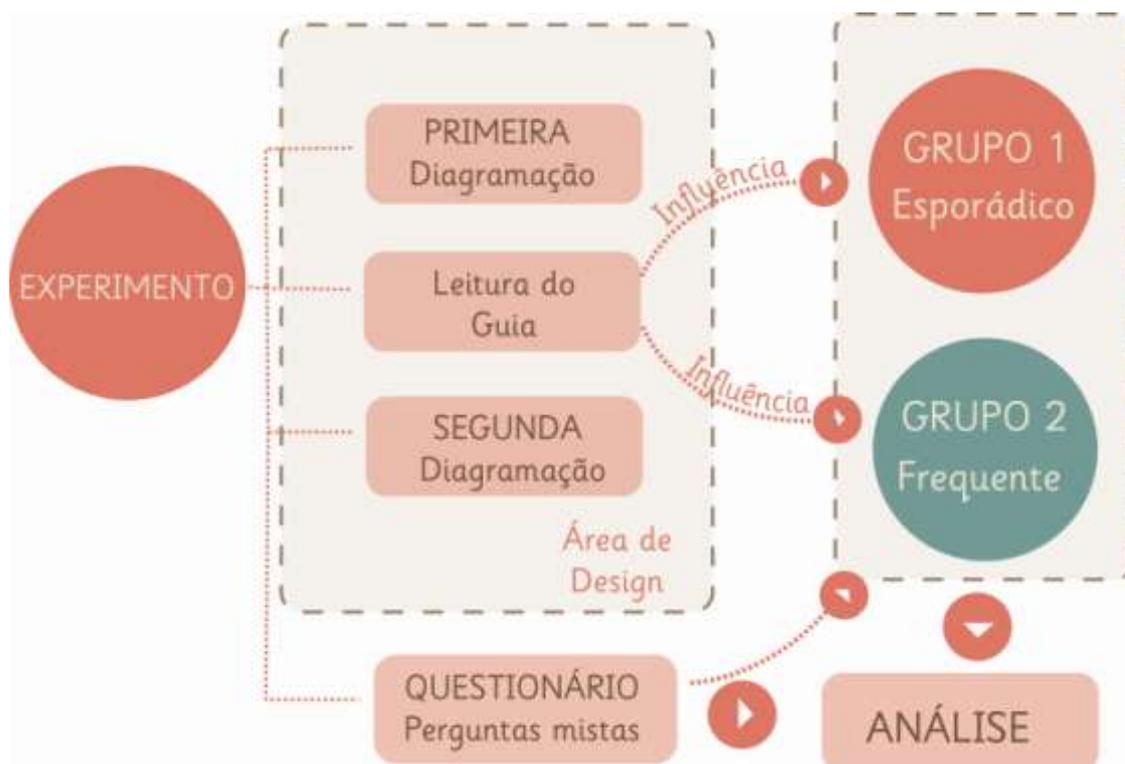


Figura 144: Desenho esquemático sobre como o experimento foi realizado. (Fonte: DO AUTOR)

### 6.3 RESULTADOS DO EXPERIMENTO E DISCUSSÕES

Nesta parte da pesquisa foi realizada de forma geral uma análise das respostas dos participantes do questionário. Esperava-se obter respostas em relação como o participante se sentiu ao realizar as tarefas e qual a sua visão em relação ao guia com recomendações tipográficas apresentado a ele.

Logo após foi realizada uma síntese das características usadas pelos participantes para fazer a diagramação do teste. Primeiramente foi observada a página diagramada sem a leitura do guia e logo depois a mesma página diagramada, porém com a leitura do guia com recomendações tipográficas.

Todas as páginas diagramadas se encontram no apêndice D desta pesquisa.

Essa análise consistiu em avaliar quais aspectos do guia foram utilizados pelos participantes para a diagramação e escolha tipográfica na página do livro infantil. Desta análise foi elaborada uma síntese que será demonstrada mais a frente.

Logo após essa análise geral foi realizada uma análise mais aprofundada de 2 participantes, ressaltando todas as escolhas que eles fizeram ao realizar a tarefa assim como suas respostas do questionário que embasam suas escolhas e apontam suas opiniões referentes ao guia com recomendações tipográficas.

A seguir serão expostos os resultados dos participantes do experimento.

### 6.3.1 ANÁLISE GERAL DOS PARTICIPANTES DO EXPERIMENTO

Como esse experimento se tratou de uma análise qualitativa, o número de participantes para participar dele foi pequeno, ao todo 8 participantes.

Os participantes foram divididos em 2 grupos: os que trabalham com diagramação esporadicamente (4 participantes, chamados de Grupo 1) e os que trabalham com diagramação, para crianças e adultos freqüentemente (4 pessoas, chamados de Grupo 2). Essa divisão foi realizada a partir da primeira pergunta do questionário, em que tinham que responder qual era a familiaridade que tinham com diagramação e escolha tipográfica.

É importante destacar que os participantes não estavam nas mesmas condições para realizar o experimento. Três participantes tiveram seus experimentos acompanhados pessoalmente e outros receberam as informações por email.

Percebeu-se que os participantes que foram acompanhados pessoalmente (3 participantes) sentiram-se um pouco desconfortáveis e de certo modo até pressionados, pois se tratava de um experimento longo e que exigiu muita concentração. Por isso, o restante dos participantes realizou o experimento recebendo as instruções por email.

Outro aspecto importante a se considerar é que todos os participantes são da área de Design Gráfico e possuem algum tipo de experiência, mesmo que pequena, na área de diagramação e escolha tipográfica de livros.

Os participantes tiveram que realizar a primeira parte do experimento, ou seja, diagramar a página do livro infantil sem a leitura do guia com recomendações tipográficas.

- Na **segunda questão** em que se pergunta se era a primeira vez que o participante diagramava um livro infantil e qual era o nível de dificuldade encontrado, pôde-se perceber que a maior parte dos participantes, mesmo com experiência em diagramação, apresentou dificuldades.

No Grupo 2, todos os participantes já tinham diagramado algum material para as crianças e um participante trabalha diretamente com diagramação de livros infantis. Entretanto, no Grupo 1 apenas 1 dos participantes havia diagramado para criança. Apenas um participante não encontrou nenhuma dificuldade, pois trabalha diretamente com diagramação para livros infantis.

Pôde-se perceber que uma dificuldade freqüente era sobre o tamanho da tipografia:

**Sempre tenho muita dificuldade em escolher a tipografia, não apenas para livros infantis. Mas no caso eu não sabia bem o que usar ou como usar, meu principal parâmetro era deixar a fonte grande para facilitar a identificação do caractere. (Participante Grupo 1)**

**Nível de Dificuldade médio. Principalmente na escolha adequada da tipografia e tamanho de letra. (Participante Grupo 2)**

Observou-se que mesmo os participantes que já tinham realizado diagramação e escolha tipográfica para livros infantis encontraram dificuldades para realizar a tarefa proposta.

- Na **terceira pergunta** os participantes tinham que marcar no diferencial semântico como eles se sentiram ao realizar a primeira parte do teste, ou seja, realizar a escolha tipográfica e diagramação sem a leitura do guia.

Em relação à **criatividade** (um dos aspectos do diferencial semântico) percebeu-se que os participantes do Grupo 1, se sentiram menos criativos para realizar a tarefa e os participantes do Grupo 2 se sentiram mais criativos. Essas respostas se devem a familiaridade que os participantes tinham com o assunto.

Na parte que se relaciona à **confiança** uma semelhança com a criatividade foi notada, os participantes do Grupo 1 se sentiram menos confiantes e do Grupo 2 mais confiantes.

Em relação à **tensão** que os participantes sentiram ao realizar a primeira parte do teste, puderam-se observar novamente respostas semelhantes. Os

participantes do Grupo 1 se sentiram pressionados, enquanto que, os participantes do Grupo 2 se sentiram mais relaxados.

Alguns participantes não sentiram **medo** e nem **coragem**. Entretanto, na sua maior parte os participantes ficaram com medo de realizar a tarefa. Não houve uma divisão deste sentimento em relação aos grupos 1 e 2, entretanto, somente 1 participante do Grupo 2 se sentiu corajoso, que era o participante que trabalha diretamente com diagramação para livro infantil.

Sobre a **decisão** que o participante teve ao realizar a primeira parte do teste, apenas 1 participante se sentiu determinado para realizar a tarefa, o mesmo participante que trabalha com diagramação para livros infantis.

É interessante apontar que em relação à **determinação** para a realização da tarefa, a resposta foi à mesma sobre a decisão. E, novamente o mesmo participante do Grupo 2 se sentiu muito determinado.

Pôde-se perceber que excluindo algumas exceções, os participantes do Grupo 1, que trabalham com diagramação esporadicamente, apresentaram mais dificuldades para realizar a primeira parte do teste, enquanto que os participantes do Grupo 2, que realizam diagramação freqüentemente, tiveram mais facilidade.

Entretanto um participante do Grupo 2, que trabalha somente com diagramação para livros infantis, respondeu o diferencial semântico assinalando todas as características de modo extremamente positivo. Isso demonstra que a familiaridade com o assunto facilitou muito a realização da tarefa.

- Na **quarta pergunta**, depois que os participantes tinham realizado a leitura do guia e diagramado novamente a mesma página, eles tinham que assinalar outro diferencial semântico com as mesmas características que o anterior.

Em relação à **criatividade**, apenas 2 participantes do Grupo 1 e 1 participante do Grupo 2 marcaram que sua criatividade aumentou quando realizou a segunda parte do teste. O restante dos participantes não houve oscilações de criatividade. Entretanto o participante do Grupo 2 que trabalha diretamente com livros infantis apontou que sentiu sua criatividade diminuída.

Pôde-se perceber que na maior parte dos participantes o guia não causou influencia em relação à criatividade.

A **quinta pergunta** também foi sobre criatividade, porém mais específica. A seguir algumas respostas sobre essa pergunta:

No caso do livro infantil, sei que existem uma série de especificidades que podem auxiliar no alcance de uma otimização da leitura, no entanto, eu desconhecia muitas delas. O guia trouxe a mim uma série de dados e explicações das quais eu possuía uma vaga idéia de existência. A noção real desses parâmetros me permitiu selecionar com mais facilidade e segurança uma tipografia adequada para a leitura infantil, bem como as características que o corpo de texto apresentaria na página, como espaçamento entre palavras, letras e linhas. Além do que, uma vez definida a área do texto dentro da página, tona-se muito mais simples conjugar os demais elementos. (Participante do Grupo 1)

O guia ajudou muito o processo criativo. Li algumas informações importantíssimas. Mesmo estudando tipografia e diagramação a algum tempo não tinha conhecimento sobre muitas informações do guia. (Participante do Grupo 2)

Nenhum participante apontou qualquer aspecto negativo referente ao guia prejudicar a criatividade.

Ainda em relação à quarta pergunta têm-se a sensação de **confiança** que os participantes tiveram depois de realizar a segunda parte do teste após terem realizado a leitura do guia.

Nos dois grupos, a maior parte dos participantes se sentiu mais confiante para realizar a segunda parte da tarefa. Alguns deles que já estavam confiantes na primeira parte do teste continuaram sentindo a mesma coisa na segunda parte.

Em relação à **tensão**, ou seja, se o participante estava se sentindo relaxado ou pressionado, na maior parte dos participantes do Grupo 1, a tensão diminuiu, apontando para um relaxamento. Todavia, nos participantes do Grupo 2 não houveram mudanças. Somente para o participante que trabalhava diretamente com diagramação de livros infantis houve uma maior tensão.

Sobre o sentimento de **medo** ou **coragem**, no Grupo 1, os participantes se sentiram mais corajosos para realizar a segunda tarefa. No Grupo 2, a maioria dos participantes continuaram com mesmo sentimento que antes (ao realizar a primeira tarefa). Somente o participante que trabalha com editoração infantil se sentiu com mais medo.

Em relação à **decisão** dos participantes ao realizar a segunda tarefa, os participantes do Grupo 1 se sentiram bem mais decididos, todos apresentaram melhoras neste aspecto. No Grupo 2 o resultado foi o mesmo, todos os participantes se sentiram decididos.

Por fim, sobre a **determinação** de cada participante para realizar a tarefa, a resposta dos dois grupos foram iguais, os que se sentiam determinados continuaram com determinação na segunda tarefa e os que se sentiam confusos passaram a se sentir mais determinados depois da leitura do guia.

Pôde-se observar que em relação às respostas das perguntas 3 e 4, houve uma melhora na maior parte dos aspectos quando os participantes realizaram a segunda parte da tarefa. Estes aspectos positivos indicam que o guia foi de grande auxílio para os participantes realizarem suas tarefas.

Entretanto é importante destacar que houve exceções, como no caso do participante do Grupo 2 que apresenta muita familiaridade com a diagramação de livros infantis.

Na segunda tarefa este participante se sentiu menos criativo, mais pressionado e com mais medo. Esses sentimentos podem ter ocorrido devido à grande familiaridade que o participante tinha com o assunto, e no momento que recebeu muitas informações novas para realizar a segunda tarefa suas escolhas foram questionadas. Entretanto, mesmo este participante que sentiu alguns sentimentos mais negativos apontou o guia como um fator de auxílio para diagramação e escolha tipográfica dos livros infantis.

- A **sexta questão**, sobre o que os participantes tinham achado do guia com recomendações tipográficas, também foi utilizado um diferencial semântico. A maioria dos participantes apontou aspectos positivos para o guia, ou seja, acharam o material claro, objetivo, confiável, amigável, decidido e inovador.

Um participante do Grupo 1 apontou que: **“Achei que poderia encontrar todas as características reunidas no fim do guia, para consultas rápidas.”**

- Na **sétima questão** os participantes apontaram suas opiniões em relação ao guia. As opiniões foram bastante positivas, como:

**O guia apresenta uma série de posicionamentos de especialistas da área ao longo do tempo, no entanto algumas vezes esses posicionamentos se confrontam. Torna-se difícil saber se algumas conclusões devem-se a discrepâncias (cíclicas) de gerações, entre as preferências e tendências infantis, ou se são fatos sobre suas necessidades de aprendizagem. No entanto muitas noções tipográficas apresentadas fazem muito sentido, como por exemplo: a necessidade de a tipografia utilizada ser similar à desenhada pela criança; A separação clara, e quase exagerada aos olhos de um adulto, entre palavras e linhas para evitar confusão. Acredito que o material me**

**auxiliou na realização da tarefa. Ele apresenta uma série de requisitos importantes e respaldados por pesquisas (ainda que em alguns casos haja certo conflito entre autores), que esclarecem necessidades na leitura da criança, que se atendidas, podem auxiliar a compreensão da leitura da criança bem como reforçar sua atenção. Tais parâmetros reduzem significativamente o universo de busca na hora da escolha de uma tipografia para o projeto. Essas mesmas informações também permitem ao designer uma solução mais rápida e assertiva no momento de distribuir o texto na página. (Participante do Grupo 1)**

**Com certeza auxiliou na medida em que expõe características tão peculiares da leitura infantil e esclarece algumas dúvidas que sempre permeiam esse assunto, como por exemplo o uso de serifas ou fontes caligráficas. Cria um embasamento que traz maior confiança ao diagramar, facilitando o raciocínio lógico e criativo que fazem parte da diagramação. (Participante do Grupo 2)**

Pôde-se perceber que pelas respostas dos participantes o guia com recomendações tipográficas foi de grande utilidade para realizar a tarefa proposta, alguns participantes alegaram que nunca tinham pensado que existiam parâmetros específicos para a leitura das crianças, e mesmo os que já tinham bastante experiência com o assunto apontaram para aspectos importantes que não conheciam e constavam no guia.

Em relação às páginas diagramadas pelos participantes, foi gerada uma síntese (Quadro 05 e 06) com as características tipográficas utilizadas na segunda parte do teste, ou seja, nesta síntese foram apontados se os participantes utilizaram os conceitos apontados no guia com recomendações tipográficas, e se realizaram mudanças favoráveis para melhorar a leitura das crianças na segunda diagramação.

A síntese foi dividida em dois quadros, um de cada grupo, para facilitar a compreensão e para observar se houve diferenças em relação às escolhas dos grupos para diagramação e escolha tipográfica. As setas em verde indicam que o participante considerou um dos aspectos citados pelo guia como apropriado e alterou na composição da página ao realizar a segunda parte do teste. A linha na horizontal indica que o participante não realizou nenhuma mudança referente à característica tipográfica indicada.

Não foi observado nenhum aspecto negativo, ou seja, nenhum participante, ao realizar a segunda diagramação, utilizou uma característica tipográfica que dificultasse a legibilidade do texto.

| Grupo 1        | Legibilidade | Caracteres Infantis | Serifas | Tamanho da Tipografia e linha | Ascendentes e Descendentes | Caligrafia | Espaçamentos | Diagramação |
|----------------|--------------|---------------------|---------|-------------------------------|----------------------------|------------|--------------|-------------|
| Participante 1 | ↑            | ↑                   | —       | ↑                             | ↑                          | ↑          | ↑            | —           |
| Participante 2 | ↑            | ↑                   | —       | —                             | —                          | —          | ↑            | —           |
| Participante 3 | ↑            | —                   | —       | ↑                             | —                          | —          | ↑            | —           |
| Participante 4 | ↑            | —                   | —       | ↑                             | ↑                          | —          | ↑            | ↑           |

Quadro 05: Quadro com a síntese das características tipográficas utilizadas pelos participantes do Grupo 1. (Fonte: DO AUTOR)

| Grupo 2        | Legibilidade | Caracteres Infantis | Serifas | Tamanho da Tipografia e linha | Ascendentes e Descendentes | Caligrafia | Espaçamentos | Diagramação |
|----------------|--------------|---------------------|---------|-------------------------------|----------------------------|------------|--------------|-------------|
| Participante 5 | ↑            | —                   | —       | ↑                             | —                          | —          | ↑            | ↑           |
| Participante 6 | ↑            | ↑                   | —       | ↑                             | ↑                          | ↑          | ↑            | ↑           |
| Participante 7 | ↑            | ↑                   | —       | ↑                             | ↑                          | ↑          | ↑            | ↑           |
| Participante 8 | ↑            | —                   | —       | ↑                             | ↑                          | ↑          | ↑            | —           |

Quadro 06: Quadro com a síntese das características tipográficas utilizadas pelos participantes do Grupo 2. (Fonte: DO AUTOR)

Pôde-se observar que no Grupo 1 os participantes se preocuparam mais com os espaçamentos e o tamanho da tipografia e da linha ao realizar a segunda parte do teste (diagramação da página após a leitura do guia). Nenhum dos participantes realizou mudanças em relação ao uso de serifas.

Somente um dos participantes realizou mudanças em relação à diagramação e 2 participantes ao uso de caracteres infantis.

Entretanto é importante destacar que no geral, a legibilidade dos textos melhorou muito, mesmo realizando poucas mudanças. Fica evidente que para melhorar a legibilidade, pequenas mudanças podem fazer grande diferença.

No Grupo 2, os participantes realizaram mais mudanças em mais características tipográficas ao diagramar a página novamente (após a leitura do guia). Foi considerado o tamanho da tipografia e da linha, o uso de ascendentes e descendentes, caligrafia, espaçamentos e também a diagramação. Ou seja, a maior parte dos participantes realizou mudanças positivas em relação a estas características tipográficas.

Pôde-se perceber que no Grupo 2, que é o grupo com participantes com mais experiência, eles ficaram mais atentos a mais detalhes, e consideraram mais características tipográficas ao realizar a segunda tarefa.

O uso de serifas não foi evidenciado e novamente nenhum participante realizou mudanças em relação a esta característica tipográfica. Fica claro, que o uso de serifas não causa tanta diferença na legibilidade nos textos, como apontados pelos designers entrevistados (Daniel Bueno e Luciana Facchini).

Nos 2 grupos pôde-se perceber que as maiores mudanças foram realizadas em relação aos espaçamentos e ao tamanho da tipografia e da linha, ou seja, acredita-se que os participantes observaram que realizando mudanças nestes aspectos a legibilidade seria muito maior.

Poucos participantes realizaram mudanças na diagramação e mesmo quando realizaram, estas mudanças foram mais relacionadas a posicionamento de texto e imagem e não utilizaram nenhuma das linhas diferenciadas apontados no guia, em que o texto se torna uma parte imagética importante na diagramação.

Em relação ao tempo para realizar cada tarefa (1-diagramar a página sem a leitura do guia, 2- a leitura do guia e 3- realizar a diagramação novamente da mesma página) pôde-se observar que foi muito parecido nos 2 grupos. Em média para diagramar a primeira página levou-se de 40-60 minutos, para a leitura do guia de 60-80 minutos e diagramar a página novamente 30 -50 minutos.

A seguir será apresentada uma análise mais detalhada das páginas de 2 participantes assim como, as respostas dos questionários, que participaram do experimento.

A escolha desses participantes foi definida da seguinte maneira:

- Primeiramente, foi determinado que seria feita uma análise mais detalhada de 1 participante de cada grupo;
- No Grupo 1 que são os participantes que trabalham com diagramação de forma esporádica, foi escolhido o participante com menos experiência, que faz graduação em Design;
- No Grupo 2, que são os participantes que trabalham com diagramação freqüentemente, foi escolhido o participante que trabalha diretamente com diagramação infantil;
- É importante ressaltar que essa escolha foi realizada para enfatizar as diferentes escolhas realizadas por designers com pouca experiência em diagramação e designers com muita experiência.

- **Participante 3 (Grupo 1)**

O primeiro participante tem 22 anos e faz graduação em Design. Na primeira pergunta do questionário respondeu que apresentava um nível de atuação em diagramação e tipografia **esporádico**. Ou seja, não apresenta muita familiaridade com o assunto.

Na primeira tarefa (diagramar a página do livro sem a leitura do guia) utilizou 40 minutos para diagramação (Figura 145).

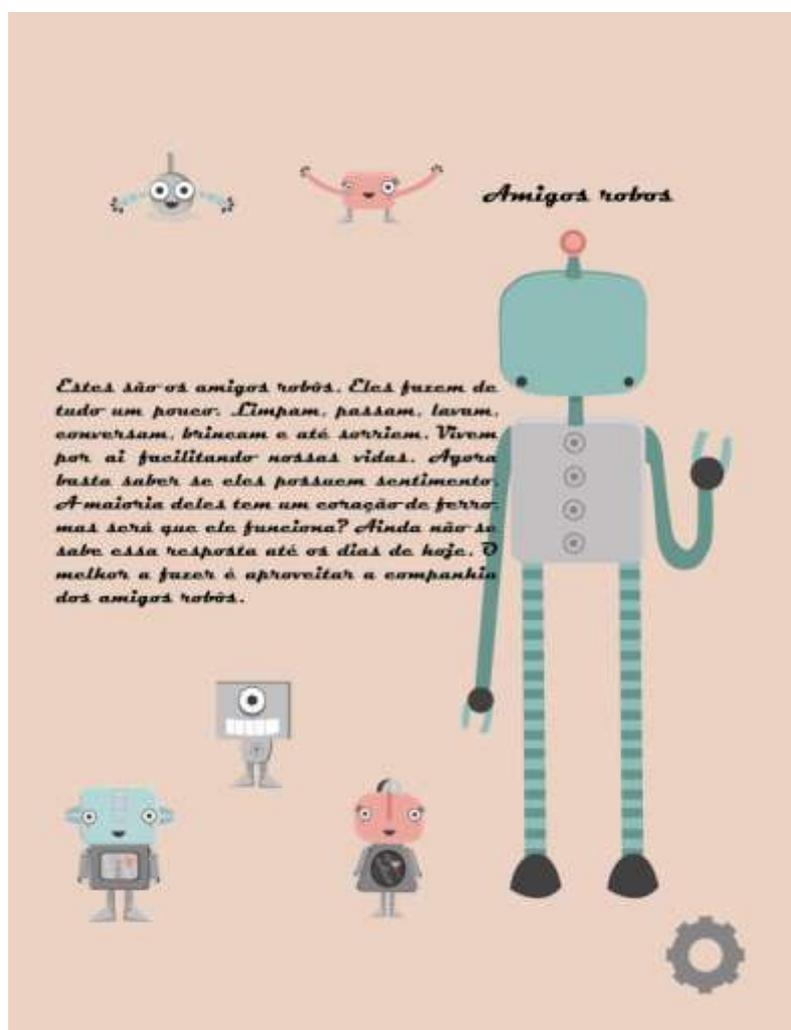


Figura 145: Primeira versão da página diagramada do participante 3. (Fonte: DO AUTOR)

O participante optou por diagramar a página do livro em página simples (20 cm de largura por 26 cm de altura). Optou também por um fundo colorido para a composição. É importante destacar que não foi perguntada qual a fonte tipográfica foi utilizada para o texto, pois não se sentiu necessidade em saber qual a tipografia e

sim como ela foi utilizada e se as formas dos caracteres beneficiaram ou prejudicaram a legibilidade.

Seguindo os aspectos do guia com recomendações tipográficas tem-se:

**a) Legibilidade:** Neste caso pôde-se observar que a fonte escolhida apresentou pouca legibilidade (Figura 146). As letras não apresentam um desenho bem definido, tem linhas espessas dificultando a leitura até para um adulto, a fonte escolhida pode ser considerada uma fonte fantasia, prejudicial para a leitura realizada pelas crianças.

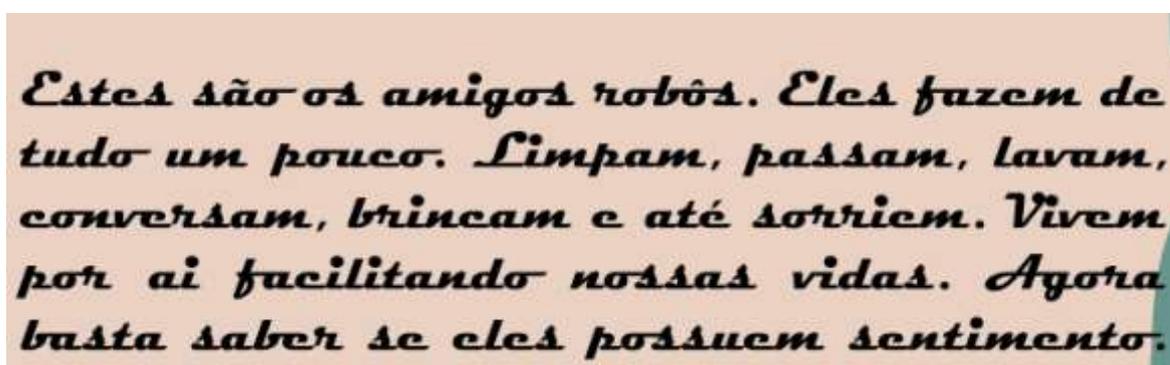


Figura 146: Escolha tipográfica da primeira versão da página diagramada do participante 3. (Fonte: DO AUTOR)

**b) Caracteres infantis:** A fonte apresenta caracteres infantis, porém é importante ressaltar que neste caso não favoreceu a leitura do texto pela similaridade da forma das letras (Figura 147).

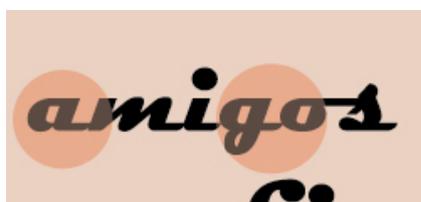


Figura 148: Exemplo dos caracteres infantis utilizado pelo participante 3. (Fonte: DO AUTOR)

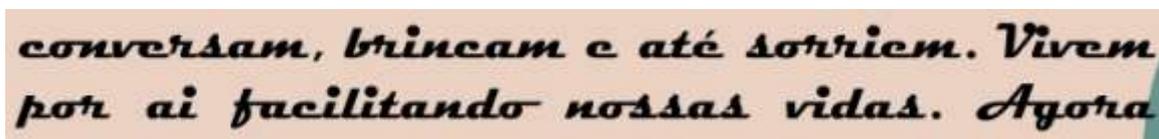
As letras **a**, **g** e **o**, apresentam formas muito parecidas e as linhas espessas criam uma confusão e até a sensação de pouco espaço entre as letras.

**c) O uso de serifas:** A tipografia escolhida não apresenta serifas. Neste caso o fato de não ter serifas nas letras não apresentou diferenças em relação à

legibilidade. É importante destacar que a legibilidade é afetada por diversos fatores, ou seja, pelo conjunto de características das letras e não somente pelo uso de serifas.

**d) Tamanho da tipografia e da linha:** O participante 3 utilizou uma tipografia muito pequena. Pôde-se observar que o bloco de texto em relação ao tamanho da página é pequeno (Figura 145). E, por se tratar de uma letra com linhas espessas e espaçamentos pequenos seria importante a utilização da fonte em um tamanho maior, para facilitar a leitura.

As linhas da maneira que foram apresentadas são pequenas e de certa forma apresentam aspectos positivos importantes para a leitura realizada pelas crianças, ou seja, a criança consegue realizar a leitura em uma única vez sem desviar o olhar. Todavia, ao montar a linha não foi considerado o conteúdo do texto, fazendo uma “quebra” na leitura (Figura 149), dificultando a compreensão de cada linha pela criança.



*conversam, brincam e até sorriem. Vivem  
por ai facilitando nossas vidas. Agora*

Figura 149: Exemplo da “quebra” de conteúdo da linha. (Fonte: DO AUTOR)

**e) Ascendentes e descendentes:** O participante 1 utilizou uma tipografia com ascendentes e descendentes muito curtos, dificultando uma diferenciação entre as letras e conseqüentemente a legibilidade (Figura 150). E mesmo as letras caixa baixa apresentam extensões que ultrapassam a linha de x, causando uma confusão ainda maior na leitura.



*Simpam, passam, lavam,*

Figura 150: Exemplo dos ascendentes e descendentes da tipografia do participante 3. (Fonte: DO AUTOR)

**f) Estilo Caligráfico:** A fonte utilizada pelo participante 1 remete a uma fonte caligráfica. Apesar do guia considerar adequada uma fonte que remeta para a

caligrafia, neste caso a inclinação das letras dificultou o reconhecimento das letras, já que estas, apresentam pouco espaçamento entre elas e linhas espessas.

**g) Entreletras, entrepalavras e entrelinhas:** A fonte utilizada apresenta diferentes espaçamentos (Figura 151). Em vermelho está o espaço entreletras, que, além de ser muito pequeno, não existe uma homogeneidade entre os espaços. A mesma coisa acontece com o espaço entrepalavras, pequeno e sem homogeneidade.

O espaço entrelinhas utilizado também foi pequeno para o texto, dificultando ainda mais a leitura.



Figura 151: Exemplo dos espaçamentos da fonte do participante 3. (Fonte: DO AUTOR)

**h) Diagramação:** Em relação à diagramação o participante não apresentou muita ousadia. Utilizou um bloco de texto com figura ao fundo. Um problema em relação texto e imagem aconteceu quando o texto ultrapassou a imagem causando uma confusão entre texto e imagem (Figura: 152).

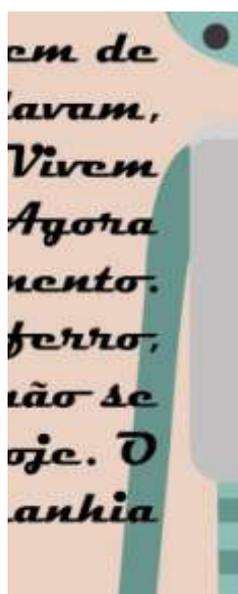


Figura 152: Texto ultrapassou o limite da ilustração. (Fonte: DO AUTOR)

Essa abordagem realizada do participante foi importante para poder observar o nível de afinidade do participante com o assunto (diagramação e tipografia).

Antes de abordar e analisar a segunda parte do teste, que consistiu na diagramação da mesma página depois da leitura do guia com recomendações tipográficas, será realizada uma análise das perguntas 2 e 3 do questionário do participante 3 para entender um pouco mais sobre as escolhas realizadas na primeira parte do teste.

Na **pergunta 2** sobre se existiu dificuldade para diagramação e se era a primeira vez que ele diagramava um texto voltado para o público infantil ele respondeu: “**Sim. Encontrei muita dificuldade antes de ler o guia e pouca dificuldade depois, pois o guia me orientou sobre as principais questões sobre diagramação para livros infantis.**”

O quadro do diferencial semântico da **pergunta 3** (Quadro 07) ficou da seguinte maneira:

|                       | + | +/- | - | <b>N</b> | - | +/- | + |                        |
|-----------------------|---|-----|---|----------|---|-----|---|------------------------|
| <b>Mais criativo</b>  |   |     |   |          |   |     | x | <b>Menos criativo</b>  |
| <b>Mais confiante</b> |   |     |   |          |   |     | x | <b>Menos confiante</b> |
| <b>Pressionado</b>    |   | x   |   |          |   |     |   | <b>Relaxado</b>        |
| <b>Com medo</b>       |   | x   |   |          |   |     |   | <b>Com coragem</b>     |
| <b>Decidido</b>       |   |     |   |          |   |     | x | <b>Indeciso</b>        |
| <b>Determinado</b>    |   |     |   |          |   |     | x | <b>Confuso</b>         |

Quadro 07: Diferencial semântico da pergunta 3 do participante 3.

Pelas respostas que o participante 1 marcou no quadro pôde-se perceber claramente que ele sentiu dificuldade para diagramar pela primeira vez. Outro aspecto que deve ser levado em consideração é que o participante não apresenta muita familiaridade com o assunto e isso provavelmente foi um dos fatores que influenciaram suas respostas.

Após realizar a leitura do guia com recomendações tipográficas, com tempo de leitura de 50 minutos, o participante 1 foi avisado que teria que diagramar novamente a mesma página (Figura 153).

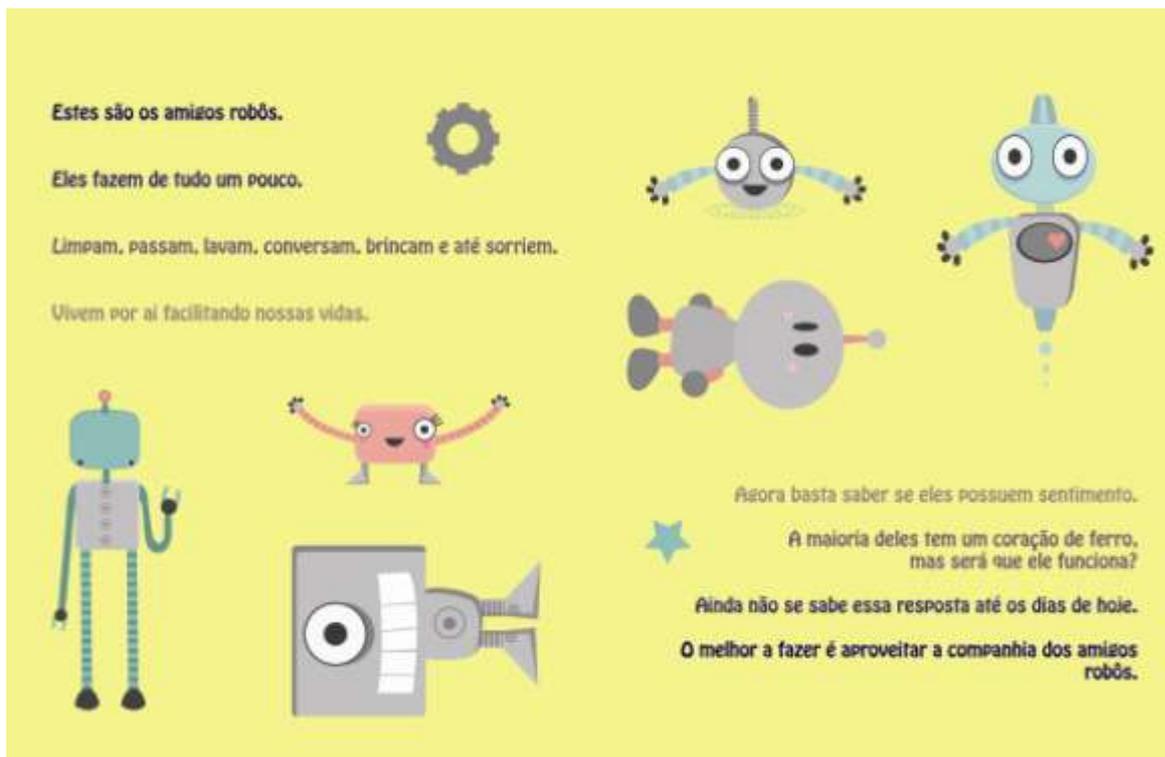


Figura 153: Segunda versão da página diagramada do participante 3. (Fonte: DO AUTOR)

Na segunda versão da diagramação o participante optou por diagramar em página dupla. É importante lembrar que os participantes tinham liberdade de escolha em relação à página simples e página dupla. Além disso, o participante trocou a fonte tipográfica, a cor de fundo e toda a diagramação foi alterada. O tempo para realizar essa tarefa foi de 40 minutos.

Outro aspecto a ser considerado é que sempre pode haver uma melhora em uma mesma tarefa realizada pela segunda vez, entretanto é importante observar que neste caso as mudanças foram marcantes e bem visíveis e analisando as outras respostas do questionário do participante 3 pôde-se perceber o porque das mudanças.

Em relação à **quarta pergunta**, que era sobre como o participante se sentia ao realizar a tarefa pela segunda vez com a leitura do guia, ficou da seguinte maneira (Quadro 08):

|                       | + | +/- | - | <b>N</b> | - | +/- | + |                        |
|-----------------------|---|-----|---|----------|---|-----|---|------------------------|
| <b>Mais criativo</b>  | x |     |   |          |   |     |   | <b>Menos criativo</b>  |
| <b>Mais confiante</b> | x |     |   |          |   |     |   | <b>Menos confiante</b> |
| <b>Pressionado</b>    |   |     |   |          |   | x   |   | <b>Relaxado</b>        |
| <b>Com medo</b>       |   |     |   |          | x |     |   | <b>Com coragem</b>     |
| <b>Decidido</b>       |   | x   |   |          |   |     |   | <b>Indeciso</b>        |
| <b>Determinado</b>    | x |     |   |          |   |     |   | <b>Confuso</b>         |

Quadro 08: Diferencial semântico da pergunta 4 do participante 3.

Observou-se uma grande melhora em todos os aspectos, o participante 3 se sentiu mais criativo, confiante e muito determinado. Talvez outro aspecto que favoreça estas mudanças é porque o participante não tinha muita vivência com o assunto, e na primeira tarefa sentiu aspectos negativos.

Na **quinta pergunta** sobre se o Guia alterou a criatividade o participante expõe da seguinte maneira sua opinião: “Auxiliou muito, pois esclareceu todas as dúvidas sobre os aspectos mais importantes na diagramação de um livro infantil.”

Na **sexta pergunta** o participante foi indagado sobre o guia com recomendações tipográficas, o resultado do diferencial semântico foi (Quadro 09):

|                  | + | +/- | - | <b>N</b> | - | +/- | + |                      |
|------------------|---|-----|---|----------|---|-----|---|----------------------|
| <b>Claro</b>     | x |     |   |          |   |     |   | <b>Confuso</b>       |
| <b>Confiável</b> | x |     |   |          |   |     |   | <b>Não confiável</b> |
| <b>Objetivo</b>  | x |     |   |          |   |     |   | <b>Não objetivo</b>  |
| <b>Amigável</b>  | x |     |   |          |   |     |   | <b>Hostil</b>        |
| <b>Decidido</b>  | x |     |   |          |   |     |   | <b>Indeciso</b>      |
| <b>Inovador</b>  | x |     |   |          |   |     |   | <b>Comum</b>         |

Quadro 09: Diferencial semântico da pergunta 6 do participante 3.

Todas as características foram favoráveis em relação ao guia com recomendações tipográficas, portanto pode-se afirmar que para o participante 3 o material foi de grande auxílio já que este não tinha muito conhecimento sobre o assunto.

Na **sétima pergunta** esperava-se obter uma resposta mais específica em relação ao guia e seu desempenho para realizar a tarefa. “Eu achei o material

**excelente. Me auxiliou muito para a tarefa. É extremamente esclarecedor e acrescentou muitas coisas novas ao meu conhecimento sobre diagramação.”**

Novamente uma resposta extremamente positiva sobre o material. É importante destacar que houve uma grande melhora na diagramação da segunda vez que o participante realizou a tarefa.

Abaixo uma análise mais detalhada da segunda versão da tarefa, seguindo os aspectos do guia com recomendações tipográfica.

**a) Legibilidade:** Neste caso pôde-se observar que a fonte escolhida apresentou uma melhora significativa na legibilidade (Figura 154) em relação à primeira página. As letras apresentam um desenho mais definido. Abaixo nas características tipográficas serão relatados os aspectos mais importantes da diagramação e da escolha tipográfica.

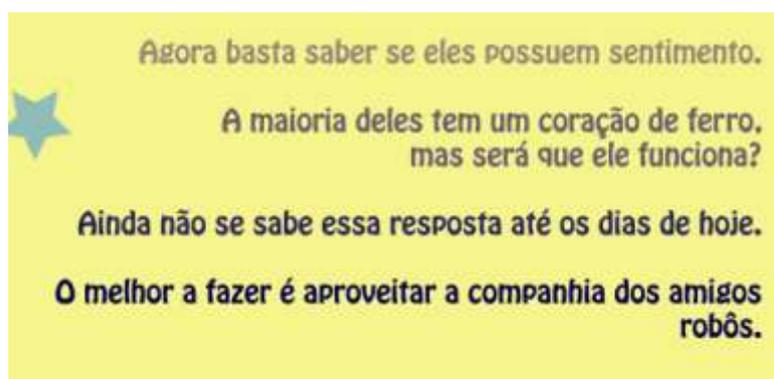


Figura 154: Escolha tipográfica da segunda versão da página diagramada do participante 3. (Fonte: DO AUTOR)

**b) Caracteres infantis:** A fonte não apresenta caracteres infantis.

**c) O uso de serifas:** A tipografia escolhida não apresenta serifas.

**d) Tamanho da tipografia e da linha:** Na segunda versão da página diagramada do participante 3 as letras foram aumentadas, melhorando muito o aspecto de leitura para uma criança.

As linhas da maneira como foram apresentadas são pequenas e apresentam aspectos positivos importantes para a leitura realizada pelas crianças, ou seja, a criança consegue realizar a leitura em uma única vez sem desviar o olhar. Entretanto, na segunda versão o participante 3 utilizou as linhas de forma que não

tivessem uma “quebra” de conteúdo fazendo com que a criança obtenha um entendimento no final de cada linha (Figura 155).



Figura 155: Exemplo de bom uso da linha. (Fonte: DO AUTOR)

Entretanto, na última linha o participante cometeu uma quebra da linha, apresentando um aspecto pouco adequado para a compreensão da linha (Figura 156).

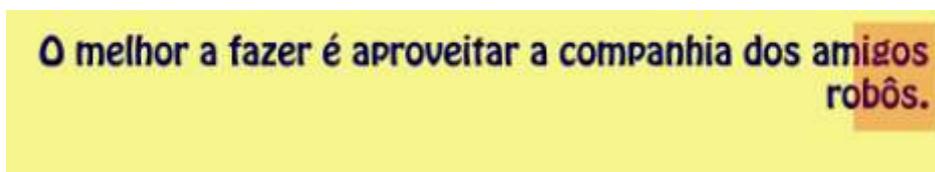


Figura 156: Exemplo de bom uso da linha. (Fonte: DO AUTOR)

**e) Ascendentes e descendentes:** O participante 3 utilizou novamente uma tipografia com ascendentes e descendentes muito curtos, dificultando uma diferenciação entre as letras e conseqüentemente a legibilidade (Figura 157). Os descendentes não ultrapassam a linha de base, dificultando ainda mais a diferenciação entre as letras.

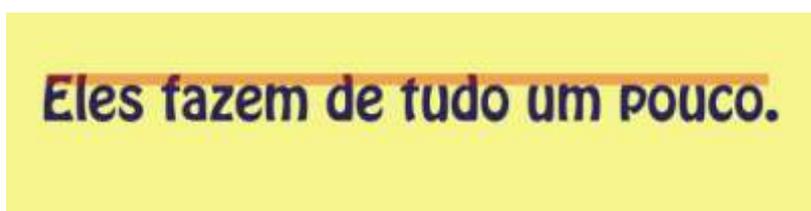


Figura 157: Exemplo dos ascendentes e descendentes da tipografia do participante 3. (Fonte: DO AUTOR)

**f) Estilo Caligráfico:** A fonte da segunda versão da página diagramada não apresenta relação com o estilo caligráfico.

**g) Entreletras, entrepalavras e entrelinhas:** A fonte utilizada apresenta diferentes espaçamentos (Figura 158). Em vermelho está o espaço entreletras, observou-se que o participante 3 não levou em consideração o espaço entre as letras, pois, continua muito pequeno e não existe uma homogeneidade entre os espaços. Todavia, o espaço entrepalavras esta melhor definido e mais homogêneo, auxiliando a legibilidade.



Figura 158: Exemplo dos espaçamentos da fonte do participante 3. (Fonte: DO AUTOR)

Em relação ao espaço entrelinhas o participante 3 na segunda parte da tarefa aumentou bastante o espaçamento. Na primeira página ele utilizou um espaçamento muito grande, ou seja, o texto não apresenta uma continuidade, as frases ficam muito separadas dificultando uma fluidez no texto.

Na segunda página o espaçamento foi melhor, facilitando a leitura, o texto apresenta uma continuidade (Figura 159).

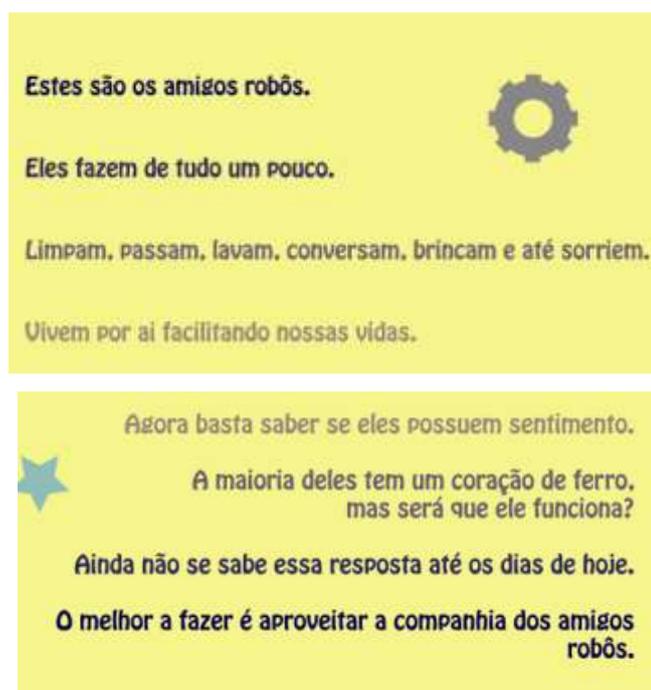


Figura 159: Exemplo dos espaçamentos entrelinhas do participante 3 na segunda tarefa. (Fonte: DO AUTOR)

**h) Diagramação:** Em relação à diagramação o participante resolveu transformar a página simples em página dupla, dividiu o texto em dois blocos, um em cada folha. Essa divisão causou uma melhora na legibilidade. Outro aspecto interessante que o participante utilizou foi criar um dégradé entre o contraste das linhas. Na primeira página a linha vai da mais escura a mais clara e na outra ocorre o contrário. Esta alternância cria um ritmo interessante ao texto, melhorando a sensação de continuidade do texto.

Para finalizar é importante ressaltar que o participante apresentou grandes avanços em relação à diagramação da primeira parte do teste para a segunda. Mesmo considerando que uma mesma tarefa realizada pela segunda vez pode apresentar uma possível melhora, pôde-se perceber que as mudanças foram muito grandes e que o guia realmente auxiliou.

O próprio participante afirma a sua melhora na realização da segunda tarefa e como o material afetou sua visão sobre o assunto. Considerando que o participante não apresentava muita familiaridade com o assunto, as mudanças realizadas com a leitura do guia foram relacionadas mais aos aspectos impactantes e visíveis, ou seja, o participante não se preocupou com os pequenos detalhes, como um bom espaçamento entreletras e até mesmo com ascendentes e descendentes maiores e bem definidos para facilitar a leitura das crianças.

Outro aspecto importante que fica bem claro é que a legibilidade é uma soma de fatores e mesmo o guia apontando para diversos fatores relacionados à melhora da legibilidade, é visível que realizando mudanças em alguns aspectos a legibilidade pode melhorar muito.

O tempo para realizar as duas tarefas foi o mesmo, 40 minutos. Esperava-se que para realizar a segunda tarefa o participante utilizaria menos tempo, portanto, isso indica que o participante reavaliou seus conhecimentos em relação aos aspectos que o guia propõe para melhorar a legibilidade.

É importante ressaltar que a análise do participante em relação aos seus sentimentos, a realização da segunda parte da tarefa e sua visão sobre o guia com recomendações tipográficas são extremamente positivos, pois o participante não tem muita familiaridade com o assunto, já que não realiza muitos trabalhos de diagramação e não conhecia materiais sobre o assunto diagramação e escolha tipográfica para livros literários infantis.

- **Participante 8 (Grupo 2)**

O participante 8 tem 36 anos e é mestre na área de Design. Na primeira pergunta do questionário respondeu que apresentava um nível de atuação em diagramação e tipografia **freqüente**. Ou seja, apresenta muita familiaridade com o assunto e trabalha diretamente com diagramação de livros infantis.

Na primeira tarefa (diagramar a página do livro sem a leitura do guia) utilizou 40 minutos para diagramar a página (Figura 160).

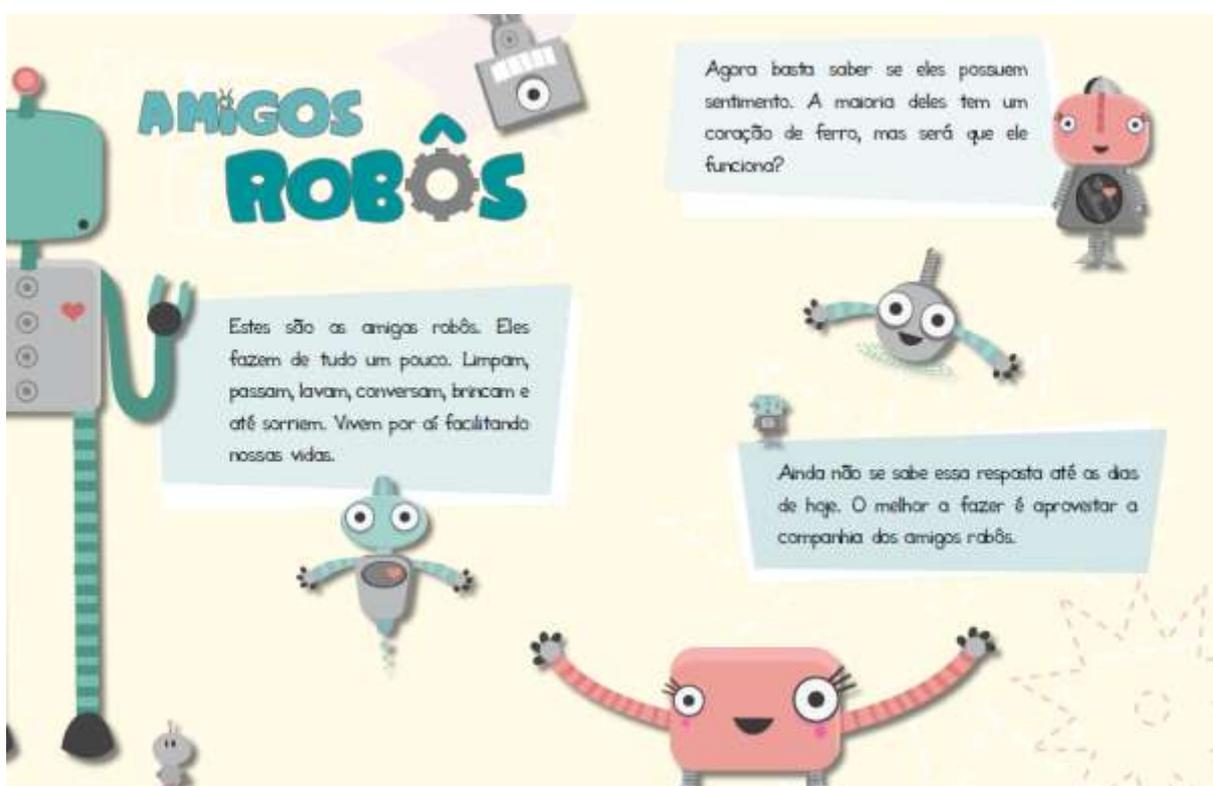


Figura 160: Primeira versão da página diagramada do participante 8. (Fonte: DO AUTOR)

O participante optou por diagramar a página do livro em página dupla (40 cm de largura por 26 cm de altura). Optou também por um fundo colorido para a composição.

O participante ousou mais na utilização do texto, criou formas que delimitam o espaço em relação ao fundo enfatizando uma separação maior entre texto e imagem.

Seguindo os aspectos do guia com recomendações tipográfica tem-se:

**a) Legibilidade:** Pôde-se observar que neste caso a fonte e a maneira como o participante dispôs o texto na página propiciou uma boa legibilidade (Figura 161). Alguns aspectos podem melhorar e estes serão relacionados a seguir.

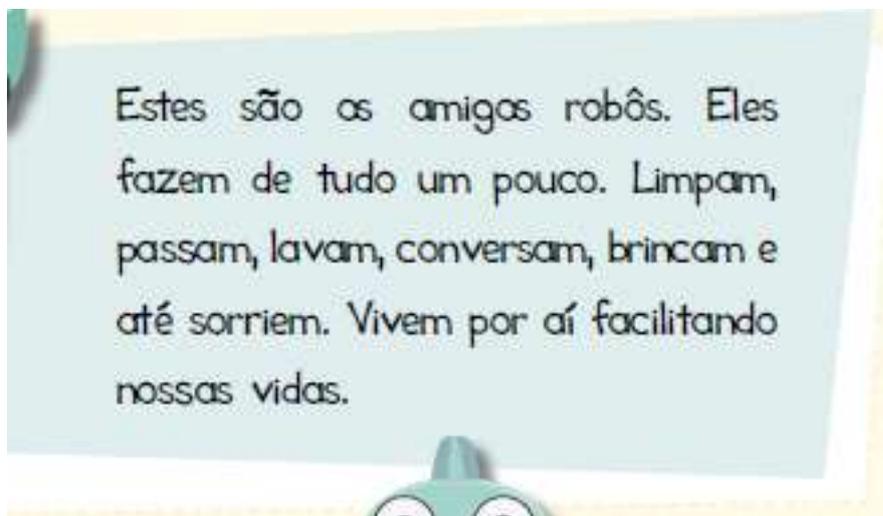


Figura 161: Escolha tipográfica da primeira versão da página diagramada do participante 8. (Fonte: DO AUTOR)

**b) Caracteres infantis:** A fonte apresenta caracteres infantis, porém é importante ressaltar que neste caso não favoreceu a leitura do texto pela similaridade da forma das letras (Figura 162).

amigos robôs.

Figura 162: Exemplo dos caracteres infantis utilizado pelo participante 8. (Fonte: DO AUTOR)

As letras **a**, **g** e **o**, apresentam formas extremamente parecidas, praticamente não existe nenhuma distinção de uma letra com a outra, prejudicando muito a leitura.

**c) O uso de serifas:** A tipografia escolhida não apresenta serifas. Neste caso o fato de não ter serifas nas letras pode ter sido um fator negativo. Provavelmente com o uso de serifas as letras teriam uma maior diferenciação uma da outra, facilitando a leitura realiza pelas crianças.

**d) Tamanho da tipografia e da linha:** O participante utilizou uma tipografia de bom tamanho. Pôde-se observar que o bloco de texto em relação ao tamanho da página é pequeno e este aspecto facilita a leitura.

As linhas da maneira que foram apresentadas são pequenas e apresentam aspectos positivos importantes para a leitura realizada pelas crianças, ou seja, a criança consegue realizar a leitura em uma única vez sem desviar o olhar. Todavia, novamente ao montar a linha não foi considerado o conteúdo do texto, fazendo uma “quebra” na leitura (Figura 163), dificultando a compreensão de cada linha pela criança. É interessante destacar que o participante apresenta muita familiaridade com o assunto e é um designer atuante do mercado de editoração infantil.

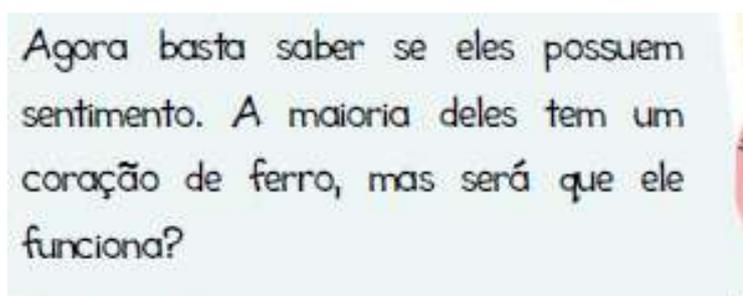


Figura 163: Exemplo da “quebra” de conteúdo da linha. (Fonte: DO AUTOR)

**e) Ascendentes e descendentes:** O participante utilizou uma tipografia com ascendentes e descendentes com tamanhos relativamente bons (Figura 164). Eles apresentam homogeneidade e aspectos positivos para uma boa leitura.

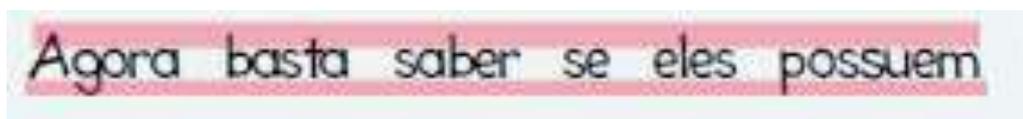


Figura 164: Exemplo dos ascendentes e descendentes da tipografia do participante 8. (Fonte: DO AUTOR)

**f) Estilo Caligráfico:** A fonte utilizada pelo participante não apresenta nenhuma relação com o estilo caligráfico, o participante não utilizou nenhuma inclinação na letra.

**g) Entreletras, entrepalavras e entrelinhas:** A fonte escolhida pelo participante não apresenta espaçamento entreletras, as palavras se apresentam como blocos

sem um mínimo de “respiro” entre as letras, o que apresenta um aspecto negativo muito grande para a leitura realizada pelas crianças.

Entretanto foi utilizado um bom espaçamento entrepalavras com homogeneidade nos espaços. Outro aspecto positivo é em relação ao espaço entrelinhas, o bloco de texto apresenta um bom espaçamento entrelinhas (Figura 165).

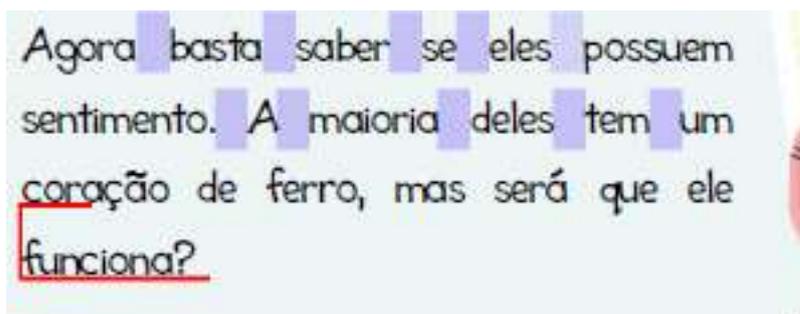


Figura 165: Exemplo dos espaçamentos da fonte do participante 8. (Fonte: DO AUTOR)

**h) Diagramação:** Em relação à diagramação o participante utilizou um dos princípios citados por Nodelman (1988), ou seja, blocos de textos com ilustrações ao fundo. O aspecto mais interessante utilizado pelo participante foram as demarcações que ele utilizou para enfatizar ainda mais os blocos de texto e fazer uma separação entre texto e fundo (Figura: 166).



Figura 166: Texto ultrapassou o limite da ilustração. (Fonte: DO AUTOR)

Essa abordagem realizada do participante foi importante para poder observar o nível de afinidade do participante com o assunto (diagramação e tipografia). Percebeu-se que o participante apresentava familiaridade com o assunto e que focou em aspectos importantes para uma boa escolha tipográfica e diagramação de texto voltado para as crianças.

Antes de abordar e analisar a segunda parte do teste, que consistiu na diagramação da mesma página depois da leitura do guia com recomendações tipográficas, será realizada uma análise das perguntas 2 e 3 do questionário do participante 8 para entender um pouco mais sobre as escolhas realizadas na primeira parte do teste.

Na **pergunta 2** sobre se existiu dificuldade para diagramação e se era a primeira vez que ele diagramava um texto voltado para o público infantil ele respondeu que não sentiu nenhum tipo de dificuldade.

O quadro do diferencial semântico (Quadro 10) da **pergunta 3** ficou da seguinte maneira:

|                       | + | +/- | - | <b>N</b> | - | +/- | + |                        |
|-----------------------|---|-----|---|----------|---|-----|---|------------------------|
| <b>Mais criativo</b>  | x |     |   |          |   |     |   | <b>Menos criativo</b>  |
| <b>Mais confiante</b> | x |     |   |          |   |     |   | <b>Menos confiante</b> |
| <b>Pressionado</b>    |   |     |   |          |   | x   |   | <b>Relaxado</b>        |
| <b>Com medo</b>       |   |     |   |          | x |     |   | <b>Com coragem</b>     |
| <b>Decidido</b>       |   |     | x |          |   |     |   | <b>Indeciso</b>        |
| <b>Determinado</b>    |   |     | x |          |   |     |   | <b>Confuso</b>         |

Quadro 10: Diferencial semântico da pergunta 3 do participante 8.

Pelas respostas que o participante apontou no quadro pôde-se perceber claramente que ele se sentiu muito a vontade com a realização da primeira parte da tarefa, provavelmente pela sua familiaridade com o assunto.

Após realizar a leitura do guia com recomendações tipográficas, com tempo de leitura de 50 minutos, o participante foi avisado que teria que diagramar novamente a mesma página (Figura 167).

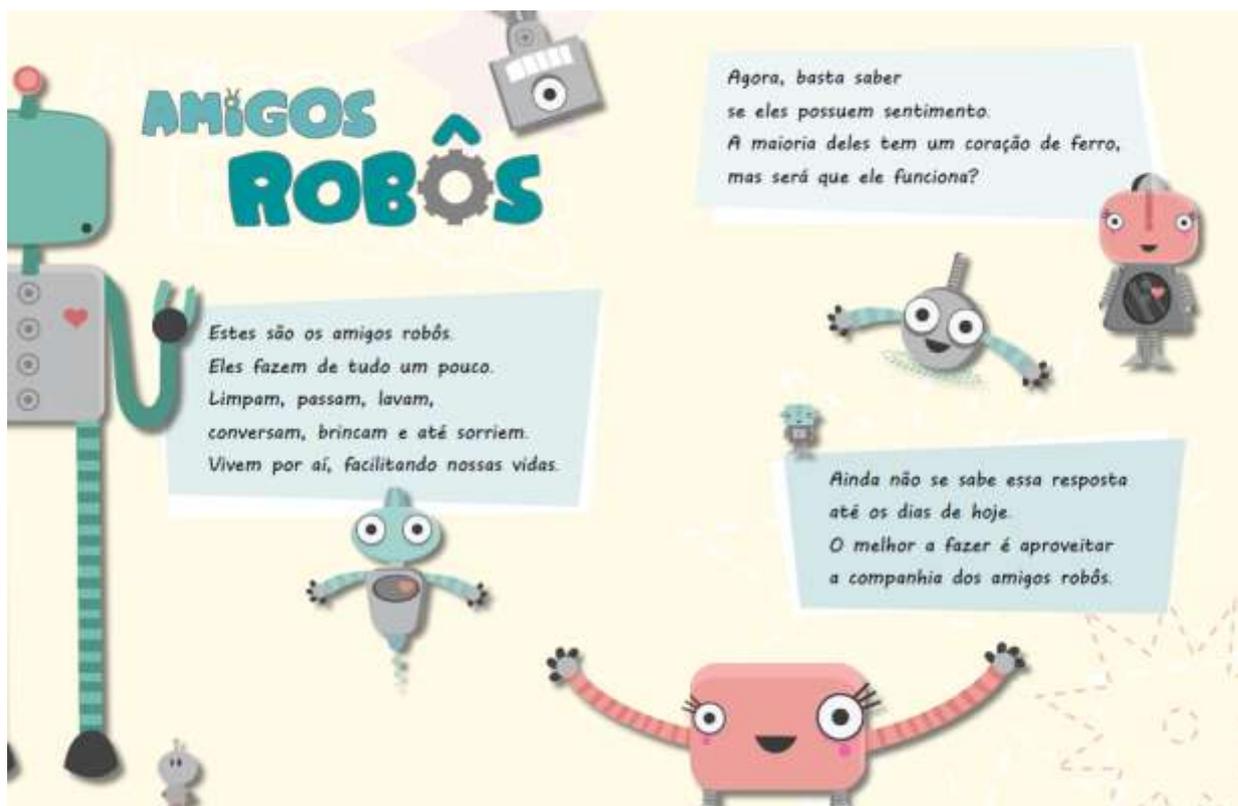


Figura 167: Segunda versão da página diagramada do participante 8. (Fonte: DO AUTOR)

Na segunda versão da diagramação o participante continuou com a diagramação em página dupla. O tempo para realizar essa tarefa foi mais rápido, ele levou 25 minutos.

Em relação à **quarta pergunta**, que era sobre como o participante se sentia ao realizar a tarefa pela segunda vez com a leitura do guia, ficou da seguinte maneira (Quadro 11):

|                       | + | +/- | - | <b>N</b> | - | +/- | + |                        |
|-----------------------|---|-----|---|----------|---|-----|---|------------------------|
| <b>Mais criativo</b>  |   |     | x |          |   |     |   | <b>Menos criativo</b>  |
| <b>Mais confiante</b> | x |     |   |          |   |     |   | <b>Menos confiante</b> |
| <b>Pressionado</b>    | x |     |   |          |   |     |   | <b>Relaxado</b>        |
| <b>Com medo</b>       |   |     | x |          |   |     |   | <b>Com coragem</b>     |
| <b>Decidido</b>       | x |     |   |          |   |     |   | <b>Indeciso</b>        |
| <b>Determinado</b>    | x |     |   |          |   |     |   | <b>Confuso</b>         |

Quadro 11: Diferencial semântico da pergunta 4 do participante 8.

Observou-se que em alguns aspectos o participante apresentou melhoras. Ele se sentiu mais determinado e decidido para realizar a tarefa, provavelmente com as informações que ele recebeu do guia, alguns aspectos foram abordados de modo mais determinante.

Essa constatação se apresenta na resposta da **pergunta 7** do questionário sobre a opinião do participante em relação ao guia, ele aponta que :

**Auxiliou bastante, sim, na tarefa, de modo claro e confiável. Refiz a parte tipográfica com as recomendações do guia. Mudei o espaço entre letras, entre linhas e entre palavras, e quebrei as linhas pelo conteúdo do texto. E mudei para uma fonte menos bagunçada, com leve inclinação e tipos mais fáceis de serem diferenciados. Acho muito bom que seja publicado, para ajudar diagramadores a cumprirem suas tarefas!**

Entretanto o participante se sentiu mais pressionado e com medo. Acredita-se que para um profissional da área que trabalha há muitos anos com diagramação pra livros infantis, quando é apresentado um material com conteúdos novos ele se sinta pressionado em relação a rever seus conceitos definidos.

Na **quinta pergunta** sobre o guia com recomendações tipográficas, o participante 8 afirmou que: **“Auxiliou o trabalho de forma a torná-lo mais eficiente: mais legível para o público-alvo, mais interessante para as crianças, mais focado no resultado e no usuário.”**

O participante não relatou que se sentiu pressionado ou que o guia apontou para uma falta de criatividade ao diagramar a página novamente.

Na **sexta pergunta** o participante foi indagado sobre o guia com recomendações tipográficas, o resultado do diferencial semântico foi (Quadro 12):

|                  | + | +/- | - | <b>N</b> | - | +/- | + |                      |
|------------------|---|-----|---|----------|---|-----|---|----------------------|
| <b>Claro</b>     | x |     |   |          |   |     |   | <b>Confuso</b>       |
| <b>Confiável</b> | x |     |   |          |   |     |   | <b>Não confiável</b> |
| <b>Objetivo</b>  |   |     | x |          |   |     |   | <b>Não objetivo</b>  |
| <b>Amigável</b>  |   |     | x |          |   |     |   | <b>Hostil</b>        |
| <b>Decidido</b>  |   |     | x |          |   |     |   | <b>Indeciso</b>      |
| <b>Inovador</b>  | x |     |   |          |   |     |   | <b>Comum</b>         |

Quadro 12: Diferencial semântico da pergunta 6 do participante 8.

Todas as características foram favoráveis em relação ao guia com recomendações tipográficas, portanto pode-se afirmar que para o participante 8 o guia poderia ser mais amigável, decidido e objetivo. Aponta da seguinte maneira sua opinião: “**Pode ser mais amigável, se deixar de lado a formatação acadêmica ao citar outros autores de modo mais informal, e reduzir a fonte das referências bibliográficas – acho que não são tão importantes assim. Ficaria mais parecido com um livro normal.**”

Abaixo uma análise mais detalhada da segunda versão da tarefa, seguindo os aspectos do guia com recomendações tipográfica.

**a) Legibilidade:** Neste caso pôde-se observar que a fonte escolhida apresentou uma melhora significativa na legibilidade (Figura 168) em relação à primeira página. As letras apresentam uma leve inclinação e também foi inserido um espaçamento entreletras. O modo como o texto foi aplicado nas páginas não apresentou mudanças.

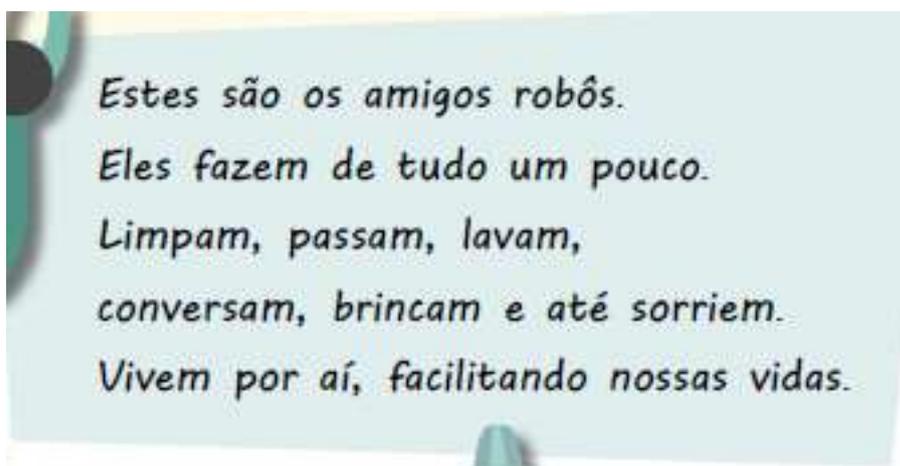


Figura 168: Escolha tipográfica da segunda versão da página diagramada do participante 8. (Fonte: DO AUTOR)

**b) Caracteres infantis:** A fonte apresenta caracteres infantis. E puderam-se observar mudanças sutis, porém importantes, as letras **a**, **o** e **g** apresentam formas que facilitam uma diferenciação entre as letras (Figura 169).

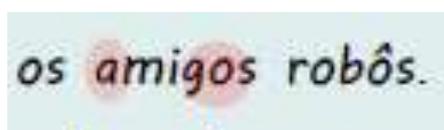


Figura 169: Diferenciação entre os caracteres infantis. (Fonte: DO AUTOR)

**c) O uso de serifas:** A tipografia escolhida não apresenta serifas.

**d) Tamanho da tipografia e da linha:** Na segunda versão da página diagramada do participante, as letras permaneceram do mesmo tamanho que na primeira versão.

As linhas da maneira como foram apresentadas são pequenas e apresentam aspectos positivos importantes para a leitura realizada pelas crianças, ou seja, a criança consegue realizar a leitura em uma única vez sem desviar o olhar. Entretanto, na segunda versão o participante 8 utilizou as linhas de forma que no final de cada uma tivesse uma compreensão do conteúdo (Figura 170).

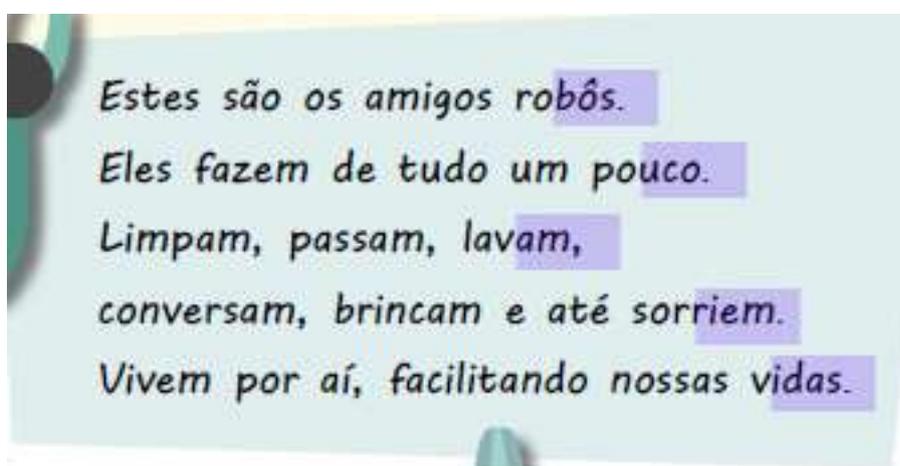


Figura 170: Exemplo de bom uso da linha. (Fonte: DO AUTOR)

**e) Ascendentes e descendentes:** A nova fonte escolhida pelo participante apresenta ascendentes e descendentes demarcados e homogêneos, aspectos favoráveis para a leitura (Figura 171).

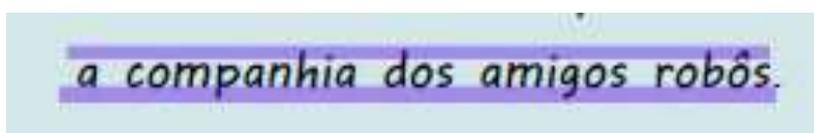


Figura 171: Exemplo dos ascendentes e descendentes da tipografia do participante 8. (Fonte: DO AUTOR)

**f) Estilo Caligráfico:** A fonte da segunda versão da página diagramada apresenta relação com o estilo caligráfico. Uma leve inclinação pode representar uma melhora para a leitura das crianças.

**g) Entreletras, entrepalavras e entrelinhas:** O entrepalavras e entrelinhas continuaram com um bom tamanho. O participante aumentou o espaçamento entreletras para melhorar a legibilidade dos textos (Figura 172).

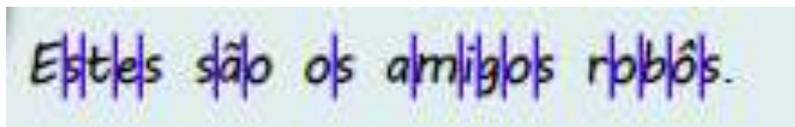


Figura 172: Exemplo dos espaçamentos da fonte do participante 8. (Fonte: DO AUTOR)

**h) Diagramação:** O participante não realizou mudanças em relação à diagramação.

Pôde-se observar que o participante 8 apresenta grande familiaridade com o assunto diagramação e escolha tipográfica. Essa familiaridade fica ainda mais evidente quando na segunda parte do teste as mudanças realizadas foram bastante sutis.

As mudanças que o participante apontou foram todas observadas e relatadas na análise realizada anteriormente.

Outro aspecto importante citado pelo participante foi em relação a publicar um material de apoio para diagramadores que atuam nessa área de editoração, justificando a importância desta pesquisa.

Puderam-se perceber com a análise realizada, mudanças nítidas entre participantes com pouca experiência e muita experiência. Todavia nos 2 grupos analisados as mudanças foram positivas.

## 6.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na seção 6 foram relatados todos os passos seguidos para realizar o experimento desta pesquisa, assim como, os resultados do experimento.

Tem-se que o material criado nesta pesquisa, o guia com recomendações tipográficas, apresentou grande auxílio para os designers que realizaram o experimento. Entretanto é importante afirmar que por se tratar de uma avaliação

qualitativa não se pode chegar a conclusões exatas e sim a suposições a partir dos resultados obtidos pelos participantes.

No Grupo 1, participantes com atuação esporádica em diagramação, percebeu-se que as mudanças ocorreram em aspectos mais específicos como, espaçamentos e tamanho da tipografia e da linha. As respostas do questionário foram muito favoráveis ao guia, mostrando aspectos positivos da leitura do material apresentado aos participantes.

No Grupo 2, participantes com atuação freqüente em diagramação, as mudanças ocorreram em mais aspectos, como tamanho da tipografia e da linha, ascendentes e descendentes, estilo caligráfico das linhas e espaçamentos. Com isso, percebeu-se que os participantes com mais experiência no assunto observaram e buscaram mais aprimoramento na realização da segunda tarefa.

Todavia, todos os participantes apresentaram aspectos favoráveis a legibilidade das crianças, seguindo os conceitos do guia com recomendações tipográficas.

Os participantes apontaram também que o guia foi de grande auxílio destacando aspectos positivos do material. O guia em sua maior parte não apresentou um limitador de criatividade e em alguns casos chegou a aguçar este sentimento.

Para finalizar é necessário destacar que as mudanças realizadas nas páginas diagramadas pelos participantes no experimento podem favorecer a legibilidade dos textos na leitura realizada pelas crianças, ou seja, com pequenas e grandes mudanças em aspectos da diagramação e escolha tipográfica os pequenos leitores podem receber grandes benefícios no ato da leitura.

A seguir um mapa conceitual da seção 6 (Figura 173) desta pesquisa. Neste mapa, primeiramente está exemplificado como ocorreu a construção do guia e logo após, o andamento do experimento.

Depois, foi realizada a análise das páginas diagramadas dos participantes, assim como, as respostas dos questionários. A partir dessa análise, chegou-se a conclusões referente ao questionário e as páginas diagramadas.

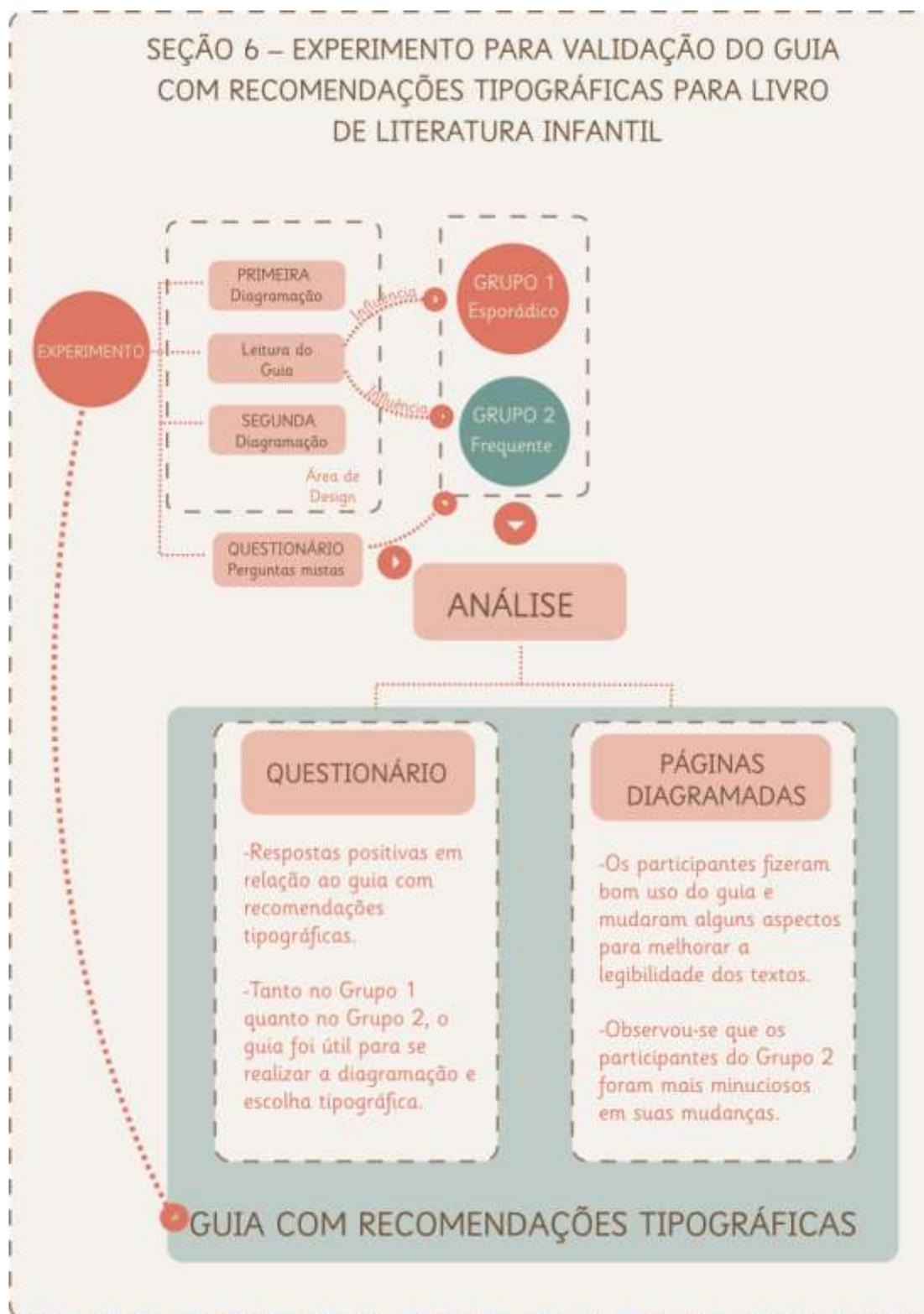


Figura 173: Mapa conceitual da seção 6 desta pesquisa. (Fonte: DO AUTOR)

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou auxiliar os designers gráficos na diagramação e escolha tipográfica dos livros literários infantis. Com isso, esperava-se obter soluções em relação à legibilidade dos livros literários infantis, ou seja, criando um material de apoio aos designers (guia com recomendações tipográficas) os livros infantis que são disponibilizados para as crianças poderão apresentar uma maior qualidade em relação à leitura.

Os livros literários infantis são muito utilizados nas escolas e além de propiciar entretenimento apresentam a função de promover a aquisição de conhecimento para os pequenos leitores. A vivência com a leitura propicia o desenvolvimento do pensamento organizado, levando a criança a uma postura consciente frente à realidade que vive e atua.

É importante destacar que a criança que lê passa a ser agente ativo que constrói sua própria cultura e serve de contribuição para o mundo adulto. Portanto a leitura do livro infantil pode propiciar às crianças inúmeros aspectos positivos para o seu desenvolvimento tanto dentro da escola quanto fora dela.

Sendo assim essa pesquisa se trata de uma contribuição que afeta diretamente os pequenos leitores, ou seja, auxiliando designers na diagramação e escolha tipográfica, os textos infantis apresentados a elas, irão apresentar uma melhor qualidade.

O problema da pesquisa se centrou na construção de um guia com recomendações tipográficas voltado para designers, ou seja, sobre as questões de verificar como se dá a relação da tipografia na construção do livro infantil, mais precisamente nos livros de literatura, destacando que a criança necessita para estímulo à leitura, de um material pertinente com os princípios da legibilidade, considerando as características dos desenhos tipográficos.

Levando em conta o problema exposto foi gerada a seguinte questão no início desta pesquisa: **A criação de um guia com recomendações para a escolha tipográfica e diagramação de livros literários infantis constitui uma forma de benefício para o trabalho dos designers que atuam nesse segmento de mercado?**

O experimento realizado nesta pesquisa com designers apontou para uma resposta positiva a esta questão, ou seja, pôde-se perceber que os designers, tanto

os que auxiliaram na readequação do guia, quanto os que participaram do experimento, apontaram vários fatores positivos em relação ao guia com recomendações tipográficas.

Alguns desses fatores puderam ser vistos nas análises das páginas diagramadas realizadas nesta pesquisa (Seção 6), ou seja, os participantes do experimento utilizaram conceitos explorados no guia para realizar a composição da página. Outros aspectos positivos foram às próprias opiniões dos participantes em que apontaram o guia como um material de apoio e facilitador para a diagramação e escolha tipográfica nos livros infantis.

Os designers entrevistados que auxiliaram na readequação do guia, também contribuíram com seus conhecimentos e opiniões referentes ao guia. Apontaram que o material pode beneficiar na editoração dos livros infantis e auxiliaram apontando aspectos que poderiam ser mudados no guia para melhorar o seu desempenho.

A seguir serão apontadas algumas considerações divididas por tópicos.

- **Quanto ao Objetivo Geral**

O objetivo geral dessa pesquisa foi elaborar um guia com recomendações tipográficas sobre os livros de literatura infantil, para auxiliar tanto os designers gráficos em geral como os que já atuam no seguimento de editoração infantil, considerando os impactos da tipografia, particularmente dos aspectos relacionados à legibilidade e as características dos desenhos tipográficos.

Acredita-se que este objetivo foi cumprido com sucesso e o material criado nessa pesquisa irá ser de grande auxílio na editoração dos livros literários infantis e ajudará na leitura das crianças, já que o guia desde seu início visou à melhora da legibilidade dos textos.

Cada característica tipográfica foi bem elaborada e explorada para apontar quais os caminhos existentes e considerados mais adequados para o designer seguir ao diagramar um livro, assim como, escolher uma tipografia. Todavia, não apenas se trata de um material de apoio para designers que atuam no mercado como também para pesquisadores que desejam se aprofundar nessa área de estudo.

- **Quanto aos Objetivos Específicos**

Um dos objetivos específicos desta pesquisa se tratava em determinar no referencial teórico quais eram as condições ideais de legibilidade em relação aos projetos de obras literárias voltados ao público infantil.

Este objetivo também foi cumprido. Foram evidenciadas várias pesquisas existentes com crianças em que o foco principal era a legibilidade e conseqüentemente a melhoria da leitura realizada por elas.

Também foram analisados livros infantis premiados no universo literário e livros muito utilizados nas escolas (como livros escritos por Ziraldo e Eva Furnari) para demonstrar como estavam sendo realizadas a escolha tipográfica e diagramação nestes livros.

É importante apontar também que existem muitas pesquisas que foram realizadas e que estão sendo realizadas referentes à leitura das crianças que esta pesquisa não levou em consideração. Entretanto acredita-se que grande parte das pesquisas foram citadas, discutidas e evidenciadas.

Em relação ao segundo objetivo específico, a investigação de como os aspectos tipográficos funcionam e apresentam relações um com os outros para proporcionar uma leitura com maior legibilidade para as crianças, acredita-se que também foi cumprido.

Tanto no referencial teórico quanto no experimento essas relações foram percebidas. No experimento foram realizadas as análises das páginas diagramadas e viu-se que as características tipográficas apontados no guia, quando bem utilizadas podem favorecer para uma boa legibilidade.

Quanto ao ultimo objetivo específico, ou seja, estabelecer parâmetros e recomendações para os designers que atuam no segmento de projeto gráfico para obras literárias infantis, também foi cumprido. Com a criação do guia com recomendações tipográficas, foi criado um material de apoio com parâmetros e recomendações para a diagramação e escolha tipográfica para os designers.

- **Contribuição ao Design**

Em relação à contribuição ao Design, essa pesquisa apresenta uma grande compilação das pesquisas existentes sobre legibilidade voltada para os textos infantis.

Assim como um material criado com o resumo e as principais contribuições dessas pesquisas, o guia com recomendações tipográficas.

É importante destacar também que ainda não existe no mercado brasileiro um guia, ou até mesmo, materiais que fazem aprofundamentos no tema desta pesquisa, diagramação e escolha tipográfica para livros literários infantis, e que esta pesquisa apresenta uma importante compilação de diversos estudos existentes pelo mundo.

- **Trabalhos realizados**

Durante o desenvolvimento desta pesquisa foram publicados artigos. O primeiro deles foi no 5º Congresso Internacional de Design (2009), com o nome de **Livro Infantil: Análise sobre a Diagramação e o Uso da Tipografia.**

Foi publicado um artigo nos anais no III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade – Desafios para a Transformação Social, UTFPR, com o nome de **Legibilidade: um estudo sobre o uso de serifas em textos de livros infantis.**

Também foram publicados 2 artigos no Congresso P&D Design no ano de 2010: **Aspetos tipográficos: os caracteres infantis, o estilo caligráfico das letras e os espaçamentos; Fatores culturais relacionados com pesquisas sobre a leitura feita pelas crianças.**

Acredita-se que seja possível realizar outras publicações com as outras seções desta pesquisa, principalmente as referentes à compilação teórica e ao experimento e seus resultados.

- **Continuidade**

Acredita-se que esta pesquisa se trata apenas de um pequeno começo dentro de um grande projeto de estudo relacionado à leitura infantil.

Espera-se realizar com as crianças brasileiras o mesmo que outros pesquisadores apontados no guia realizaram em seus respectivos países, ou seja, realizar pesquisas com as crianças referentes à leitura considerando as diferenças culturais brasileiras.

É importante destacar que no Brasil as condições culturais são muito diferentes em relação aos outros países apontados nesta pesquisa, e que considerar

estes aspectos em pesquisas futuras é um fator de extrema importância para saber como os desenhos dos caracteres e outros aspectos da legibilidade podem afetar o rendimento da leitura das crianças em início de aprendizagem.

Espera-se, portanto, no futuro realizar pesquisas diretamente com crianças brasileiras em início de aprendizagem para buscar novos conhecimentos relacionados a cada característica tipográfica apresentada nesta pesquisa, ou seja, criar parâmetros importantes considerando a cultura infantil no Brasil.

## 8. REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira. Leitura em crise na escola: as alternativas do professor. **Leituras para o 1 grau: critérios de seleção e sugestões**. Mercado Aberto, Série Novas Perspectivas, Porto Alegre, 1985.

ALDRICH, Ruenzel e FENNELL, John. **Producing Consistently Readable and Beautifully Printed Type**. In Designer's Guide to Typography. Watson-Guptill Publications, Nova Iorque:1991.

ARAÚJO, Emanuel. **A Construção do Livro**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A. 1986.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. Coleção Magistério – 2º Grau. 4ª Edição. Série Formação do professor. São Paulo: Cortez, 1991.

BAINES, Phil e HASLAN Andrew. **Type & Typography**. Segunda Edição. Laurence King Publishing, London. 2005.

BAHIA, Maria Carmem Batista. **A Construção visual do livro infantil**. Dissertação (Mestrado em Artes Plásticas). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

BINNS, Betty. **Better type**. EUA: Watson-Guptill Publications, 1989.

BLAKE, Quentin (selec.). **Magic Pencil. Children's book illustration today**. London: The British Library, 2003.

BOCCHINI, Maria Otília. **Legibilidade visual e projeto gráfico na avaliação de livros didáticos pelo PNLD**. Universidade de São Paulo. 2007.

BRINGHURST, Robert. **Elementos do estilo tipográfico**. Tradução de André Stolarsk. 3. ed. São Paulo: Cosacnaify. 2005.

CATTANI, Maria Izabel; AGUIAR, Vera Teixeira. Leitura em crise na escola. **Leitura no 1º grau: A proposta dos currículos**. Mercado Aberto, Série Novas Perspectivas, Porto Alegre, 1985.

CLAIR, Kate e BUSIC- SNAYDER, Cynthia. **Manual de Tipografia, a história, a técnica e a arte**. Segunda edição. Tradução de Joaquim da Fonseca. Bookman. 2009.

COELHO, Luis Antônio. **A Criança e o livro infantil**. Dissertação (Mestrado em Design) Departamento de Artes e Design Puc Rio, Rio de Janeiro, 2005.

COGHILL, Vera. Can children read familiar words set in unfamiliar type? **Information Design Journal**. P 254- 260. 1980.

CORDEIRO, Xênia Lacerda. **Da invenção da imprensa ao livro infantil: um enfoque editorial**. Faculdade de Biblioteconomia e Documentação Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, São Paulo, 1987.

COUTINHO, Solange Galvão; SILVA, José Fábio Luna. Linguagem Visual em livros didáticos infantis. **15º Encontro Nacional da ANPAP. Anais do 15º Encontro Nacional**. Arte: limites e contaminações. Salvador, 2006.

DELGADO, Ana Cristina Coll e MULLER, Fernanda. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. **Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 125**, p. 161-179. 2005.

FILHO, João Gomes. **Gestalt do Objeto. Sistema de Leitura Visual da Forma**. 6ª edição. São Paulo: Escrituras Editora. 2000.

FOUCAMBERT, Jean. **A Leitura em questão**. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FONTOURA, Antonio. **Vade-mécum de Tipografia**. Coleção Exatas,3. 1ª Edição. Editora Champagnat. Curitiba, 2004.

FRASCARA, Jorge. Optometry, legibility and readability in information design. Select Readings of the Information Design International Conference. **SBDI/ The Brazilian Society of Information Design**. 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. Editora Paz e Terra. São Paulo, 1996.

FREITAS, Neli e ZIMMERMANN, Anelise. **A ilustração de livros infantis: uma retrospectiva histórica.** UDESC, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 5ª Edição. Editora Atlas. São Paulo, 1999.

HEITLINGER, Paulo. **Escolar: uma fonte contemporânea para aprender a escrever e a ler.** Cadernos de tipografia e design, nº 14. Portugal, 2009.

JOUBE, Vincent. **A leitura.** Tradução: Brigitte Hervot. Editora Unesp. São Paulo, 2002.

JUNIOR, Odácio Andrade Antônio. **O Uso da Comunicação e Expressão Visual na Etapa de Planejamento do Projeto Gráfico de uma Coleção de Livros Didáticos.** Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Catarina. 2003.

LAJOLO, Marisa. Leitura em crise na escola: as alternativas do professor. **O texto não é pretexto.** Mercado Aberto, Série Novas Perspectivas, Porto Alegre, 1985.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira.** 2006.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes e MARQUES Maria Hubner. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor. Ao pé do texto na sala de aula.**

LIMA, Raymundo. **O Maniqueísmo: o Bem, o Mal e seus efeitos ontem e hoje.** Revista espaço Acadêmico. Ano 1, nº 7. Maringá. 2002.

LINS, Guto. **Livro Infantil?** 2ª edição. São Paulo: Rosari, 2004.

LOURENÇO, Daniel Alvares. **Design Editorial de livro infantil: projeto gráfico e ilustrações.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Desenho Industrial da Universidade Estadual de Londrina. Ano: 2007.

LUND, Ole. **Knowledge construction in Typography: the case of legibility research na the legibility of sans serif typefaces.** Tese de doutorado do Department of Typography & Graphic Communication. 1999.

LUPTON, Ellen. **Pensar com tipos.** Tradução de André Stolarski. São Paulo: Cosacnaify. 2008.

MANOEL, Marise. **Para pensar o texto como discurso**. Revista FAE. v. 6, n. 1. Curitiba, 2003.

MAIA, Gill. Entrelinhas: quando o texto também é ilustração. **3º ENCONTRO Nacional [1º Internacional] de Investigadores em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração; Instituto de Estudos da Criança** – Universidade do Minho. 2002.

MENESES, Estera, SILVA, Edna Lúcia. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração da Dissertação**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.

MERCADO ABERTO, Série Novas Perspectivas, Porto Alegre, 1985. Histórias e Histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.

MIALARET, Gaston. **A aprendizagem da leitura**. Coleção Técnicas de Educação. Tradução de Eduardo Saló. 2ª Edição. Editorial Estampa. São Paulo, 1974.

MIQUELETTO, Elisane. **Importância da literatura na educação infantil**. Monografia ao curso de especialização em Educação Infantil, UFPR. 2001.

MIRANDA, Márcio. Souza, Silvane. VANCONCELLOS, Leonardo. O livro didático infantil na escola pública: Análise gráfica para um bom projeto gráfico. **Anais do 4º Congresso Internacional de Design da Informação/ 3º InfoDesign Brasil**. Rio de Janeiro, 2009.

MORAES, José. **A arte de ler**. Tradução Álvaro Lorencini. Editora Unesp. São Paulo, 1994.

MUNARI, Bruno. **Fantasia, invenção, criatividade, imaginação**. Lisboa, Editorial Presença/ Martins Fontes, 1981.

NECYK, Bárbara Jane. Texto e imagem: **um olhar sobre o livro infantil contemporâneo**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós- Graduação em Design do Departamento de Artes & Design do Centro de Teologia e Ciências Humanas. PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2007.

NIEMEYER, Lucy. Tipografia: **Uma apresentação**. 3ª Edição, Editora 2AB, Rio de Janeiro. 2003.

NODELMAN, Perry. **Words about images. The Narrative art of Children's Picture Books**. 1988.

OSGOOD, C. E., SUCI, G. J., e TANNENBAUM, P. H. **The measurement of meaning**. Chicago: University of Illinois Press, 1957.

POULTON, E. C. Letter differentiation and rate of comprehension in reading. **Journal of Applied Psychology**. 1965.

RABAN, B. **Survey of teachers' opinions: children's books and handwriting styles**. Londres: Heinemann, p. 123-29. 1984.

ROCHA, Cláudio. **Projeto tipográfico. Análise e produção de fontes digitais**. 2. ed. São Paulo: Edições Rosari. 2003.

RUMJANEK, Letícia. Tipografia para crianças: estudos de legibilidade. **Artigo Completo para P&D Design**. Escola Superior de Desenho Industrial-Esdi/UERJ, Rio de Janeiro. 2008.

RUMJANEK, Letícia. Tipografia para crianças: **um estudo de legibilidade**. Dissertação de Mestrado em Design da UERJ. 2009.

SASSOON, Rosemary e WILLIAMS, Adrian. **Why sasson?** Artigo completo. 2000.

STRUNCK, Gilberto. **Viver de Design**. Rio de Janeiro: 2AB. 1999.

SCHRIVER, K. A. **Dynamics in document design**: John Wiley & Sons. 1997.

SILVA, Maria Ângela Garghetti e FONTANA, Nauria. **Leitura em sala de aula**. Artigo: 2003.

SILVEIRA, R. **Ela ensina com amor e carinho, mas toda enfezada, danada da vida**. In: Cultura, mídia e educação: Educação e Realidade, Rio Grande do Sul: v.22, n.2, jul/dez 1997.

ZACHRISSON, B. **Studies in the legibility of printed text**. Uppsala: Almqvist & Wicksell, 1965.

ZILBERMAN, Regina. Leitura em crise na escola: **as alternativas do professor. A leitura na escola**. Mercado Aberto, Série Novas Perspectivas, Porto Alegre, 1985.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Editora Objetiva. Rio de Janeiro, 2004.

TYPOGRAFIA CL. Tcd Cotona: **Tipografia para el aprendizaje de la lecto-escritura infantil**. Santiago do Chile, 2006.

TWYMAN, Michael (1986). Articulating Graphic Language: **A Historical Perspective**. In Merald E. Wrolstad and Dennis F. Fischer (Eds.). *Toward a New Understanding of Literacy*. New York: Praeger Publishers.

WALKER, Sue. **The songs the letters sing: typography and children's reading**. Typographic design for children. National Centre for Language The University of Reading. 2005.

WALKER and REYNOLDS. Serifs, sans serifs and infant characters in children's reading books. **Information Design Journal** 11, 2/3, pp.106-22. 2003.

WILLBERG, Hans Peter. FORSSMAN, Friedrich. Qual é o seu tipo: **Primeiros socorros em tipografia**. Tradução: Hans Dürrich. Editora Rosary. SWão Paulo: 2007.

## Sites

LAGO, Ângela. O livro para criança (online). Disponível em:

**<http://www.angelalago.com.br/codice.html>**.

Acesso em novembro de 2009.

MARTINS, et. al. A importância da literatura infantil no desenvolvimento cognitivo da criança. VII Ciências Humanas. 2004. Disponível em:

**<http://www.sitedeliteratura.com/Noticias/2003/vitm.htm>**

Acesso em: Outubro 2009.

SAWULSKI, V. Fruição e / ou aprendizagem através da Literatura Infantil na escola 1.2002. Disponível em:

**<http://www.cce.ufsc.Br/neitezal/literaturainfantil/verena>**.

Acesso em: Abril 2009.

STRIZVER, Ilene. Typography for Children. Disponível em:

**<http://www.fonts.com/aboutfonts/articles/fyti/typography+for+children.htm>**

Acesso em: Fevereiro 2010.

TASSI, Adelaide da Rosa. A importância da Literatura Infantil para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. Disponível em:

**<http://www.cce.ufsc.br/~neitzel/literinfantil/adelaide.htm>**.

Acesso em: Maio 2009.

TYPOGRAFIA CL. Tipografia Grafitto. Disponível em:

**<http://filete.cl/tipografia/tcl-grafito/>**

Acesso em: Fevereiro de 2010.

Informação sobre a leitura no Brasil. Disponível em:

**<http://www.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u58816.shtml>**

Acesso em: Outubro de 2009.

Informações sobre o índice de leitura no Brasil. Disponível em:

**<http://www.cbl.org.br/#>**

Acesso em: Abril de 2009

WIKCIONÁRIO. Definição de manual. Disponível em:

**<http://pt.wiktionary.org/wiki/manual>**

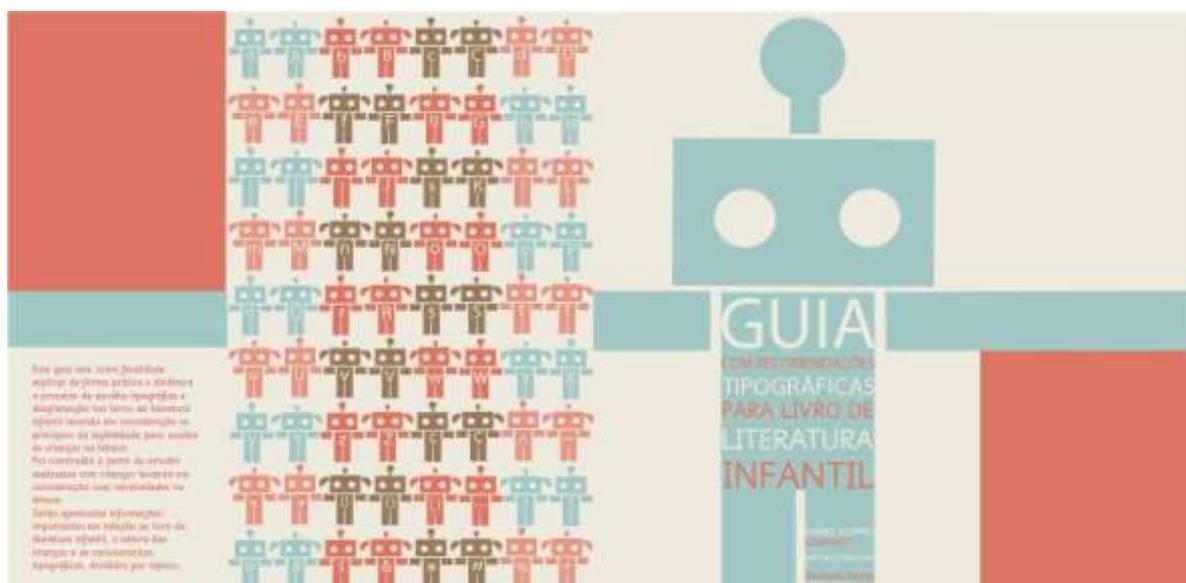
Acesso em: Fevereiro de 2011

WIKCIONÁRIO. Definição de guia. Disponível em:

**<http://pt.wiktionary.org/wiki/manual>**

Acesso em: Fevereiro de 2011

## APÊNDICE A- Guia Tipográfico



# INTERESSE PELO LIVRO

É importante destacar que os conceitos apresentados neste guia, principalmente em relação aos livros de literatura infantil, são apenas uma parte de muitos estudos existentes. Portanto a intenção deste material é apenas destacar algumas teorias existentes e que apresentam aspectos para criar o leitor sobre o assunto.

Originalmente, os livros infantis tinham uma intenção pedagógica, as histórias infantis eram um meio para o ensino didático ou tinham impregnados de valores morais a serem incluídos nas crianças.

Um enfoque importante a respeito da literatura infantil é que esta se refere à linguagem, ou seja, contribui para o processo de criar uma nova linguagem. MARTINS et. al (2004)

Quando uma criança reinventa uma linguagem, sonha com o fantástico e o encantamento, ou ainda, quando ela se dedica levar pelo prazer da palavra para si mesma, é porque existe nela o gosto e a procura de palavras ainda desconhecidas em seu repertório.

Sendo assim, a literatura como arte é um processo a ser desenvolvida na sala de aula, e deve ocorrer com sensibilidade e emoção, porém com análise crítica. MIQUELETO (2001)



Em relação ao interesse das crianças pelo livro infantil tem-se:

- o sentimento de ser capaz de dominar o livro sozinho;
- os livros que estão de acordo com seus interesses pessoais;
- os livros devem ser escritos com clareza, ser emocionantes e compreensíveis;
- a criança quando está com o livro quer fugir da monotonia, ou seja, exige o novidade e a libertação da vida a dia;
- espera superar a solidão;
- as crianças sentem prazer em colocar-se no lugar do personagem do livro infantil, em sentir e viver com eles;
- muitas crianças gostam de exercitar seus poderes de fantasia e deliciam-se com sua alta capacidade de imaginação;
- ler para desenvolver hobby, em contraste com a leitura como hobby. SCHLIEBE - LIPPERT & BEINLICH (1987)

Entretanto é importante destacar que o livro literário infantil não apresenta somente a função de entreter, mas sim de aprendizagem e conhecimento.



A literatura apresenta conhecimento a nós e a abundância, e como método apresenta-se como mais um recurso para a educação construído a criança à aquisição de conhecimentos, desenvolvendo nela várias habilidades e despertando o gosto pela leitura e pela linguagem de uma forma prazerosa e dinâmica.

A literatura infantil pode ser decisiva para a formação de crianças em relação a si mesma ou ao mundo à sua volta. MIQUELETO (2001)

Portanto, além das crianças desenvolverem habilidades relacionadas ao conhecimento (visual, como domínio de vocabulário e da interpretação dos textos, elas também ganham habilidades, sustentam sua imaginação, socializam, tiram valores da conduta humana e etc.

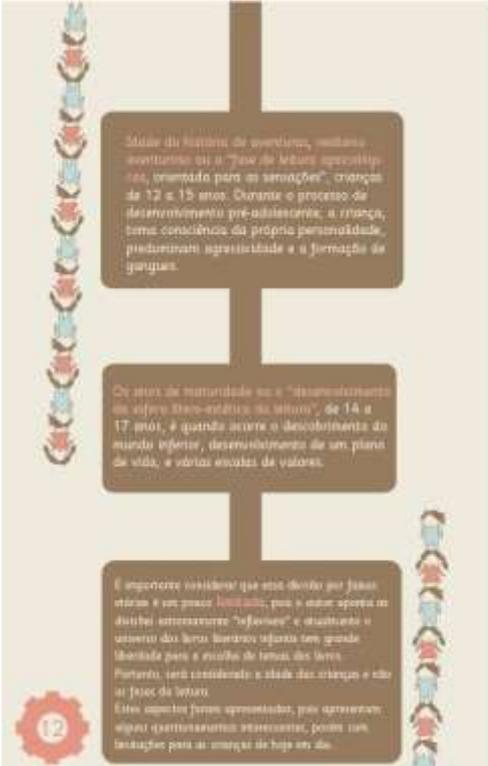
É importante destacar que a leitura deve praticar o desenvolvimento do pensamento organizado, pois de levar a jovem a uma postura consciente, reflexiva e crítica frente à realidade social em que vive e atua.



É importante ressaltar que o estudo do livro literário infantil serve de escopo para a próxima seção, a importância da leitura, e como esta se relaciona de imediato com o foco principal deste material, que é como melhorar a legibilidade e fazer uma escolha adequada tipográfica nos livros infantis.







**12**

Sidde da história de eventos, muitas vezes chamados de "livro de horas apostólicas", orientada para as crianças, crianças de 12 a 15 anos. Durante o processo de desenvolvimento pré-adolescente, a criança tem consciência da própria personalidade, predominantemente agressividade e a formação de gangues.

Os anos de maturidade ou o "desaparecimento do livro-estado do livro", de 14 a 17 anos, é quando ocorre o descolamento da mente inferior, descolamento de um plano de vida, e outras escolhas de valores.

É aparência visível que está dando por isso: a criança é um pouco limitada, mas a mão aponta os detalhes estruturais "reflexos" e estabelece o sistema de livros, livros infantis em grande liberdade para a escolha de temas, dos livros. Portanto, será considerado a idade das crianças e não as fases de livros.

Esses aspectos foram apresentados, pois apresentaram alguns questionamentos interessantes, porém com limitações para as crianças de hoje em dia.

# TIPO- grafia

**13**



**14**

Letras de ascender

Alcega

Letras de descender

Corpo de tipografia

Tipografia

Diagrama representativo das características tipográficas.

O livro infantil requer mais cuidados para ser elaborado que os demais, seja digital ou a um computador pessoal e ter por finalidade despertar o gosto pelo livro. Os primeiros contatos entre a criança e o livro devem ser feitos em boas circunstâncias, sem quaisquer dificuldades, objetivando o gosto da aprendizagem infantil. Não basta elaborar um documento legível.

Uma característica importante para a escolha da tipografia é a relação entre a tipografia, o propósito do documento, seu gênero, as características, design e objetivos.

Isto é importante para que a tipografia influencie a leitura como as letras, palavras, frases e parágrafos e a qualidade dos documentos.

**15**

# TIPO- grafia infantil

A principal questão levantada pelos pesquisadores é a de que os dados sobre os parâmetros próprios para crianças são feitos por adultos, sejam eles educadores, ou um conhecimento maior sobre desenhos de letras, ou designers, que tendem a privilegiar as questões estéticas em detrimento da percepção e das intuições de crianças.

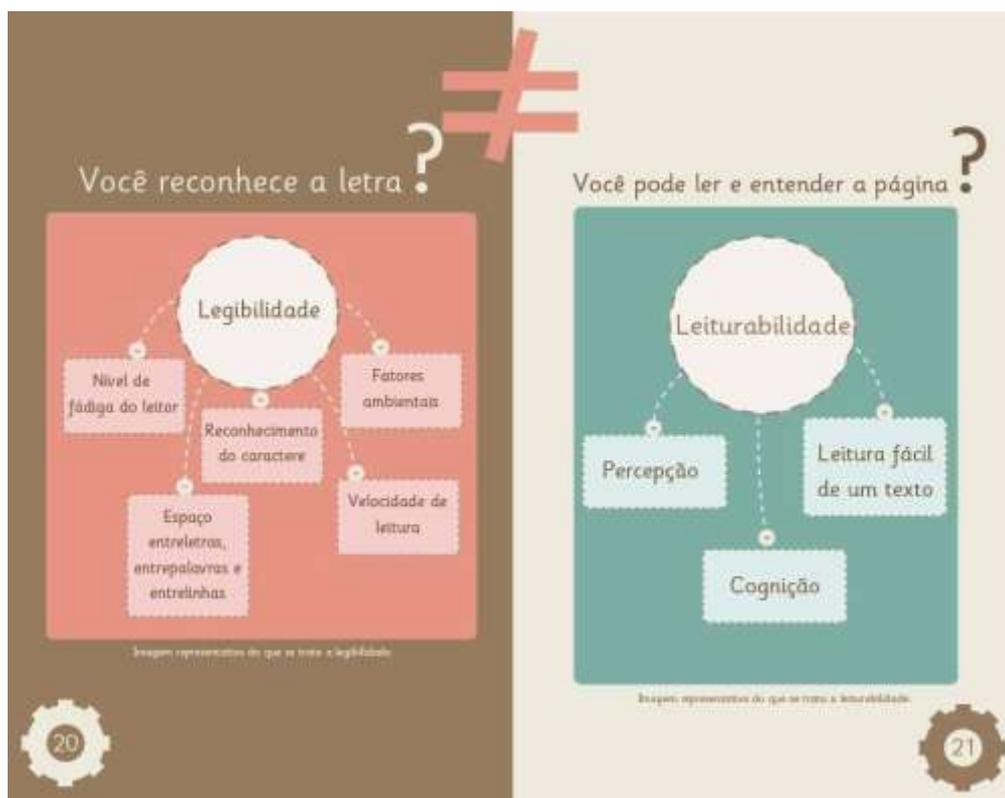
Não existe uma regra estabelecida quanto ao uso de uma tipografia adequada para as crianças. Muitos autores apontam que se devem expor as crianças às variações para que haja uma familiaridade com diversos textos e mensagens encontradas no cotidiano. COUTINHO, SILVA (2006)

Existem diversos estudos relacionados ao desenvolvimento de tipos próprios ao aprendizado infantil, como fontes regulares que acompanham o traçado natural das letras. Apesar de não existir um consenso, o uso de fontes consideradas "infantis" ou irregulares não são para fins didáticos. HEITLINGER (2007)

O uso de "fontes fantasias" é quase proibido no caso de livros infantis. A leitura deve ser fácil e direta. FACCHINI (2010)

Existem dois aspectos importantes para se tratar quando o assunto é tipografia: legibilidade e inteligibilidade.





## CARACTERÍSTICAS TIPOGRÁFICAS

Neste que já foram apresentadas alguns conceitos básicos da tipografia, como legibilidade e leiturabilidade, além disso foram apontados aspectos importantes da leitura, ou seja, como ela é realizada e em que fases da leitura relacionados com a idade das crianças.

A seguir serão apresentadas as características tipográficas, sendo consideradas características tipográficas, aquelas que são importantes na composição tipográfica, como exemplo: serifas, entrelinhas, tamanho das ascenderes, comprimento da linha e etc.

A diagramação será considerada uma característica tipográfica neste que por ela está baseada em um dos aspectos importantes para compor o bom layout visual.

Algumas das características apresentadas neste material serão mais evidenciadas como o uso do serifo, já que muitos designers encontram sua primeira dificuldade neste ponto. Sendo assim, a ênfase em relação ao uso de serifo será mais completa do que as outras características.

Porém, cada característica tipográfica será abordada em etapas, e estas etapas serão feitas uma breve explicação e logo após uma definição de que uma mais adequada para facilitar a leitura de forma de sistemas legíveis para crianças.

22

23

## Caracteres Infantis

Em relação à tipografia voltada para as crianças é importante ressaltar que existem situações específicas, muitas especialmente para melhorar a legibilidade das letras infantis, e que são chamadas de **caracteres infantis**.

São utilizados para descrever as letras projetadas de acordo com as necessidades percebidas nas crianças. Algumas vezes as letras são redimensionadas para parecer com a manuscrita, e outras são especificamente desenhadas para ser distinguidas das letras similares. WALKER (2005).

Existem estudos que apontam que para crianças de 5 a 6 anos de idade o uso de caracteres infantis é bastante relevante, porém quando se trata de crianças mais velhas já não existe uma grande percepção. RABAN (1984).

É importante destacar que para as crianças existe uma grande diferença entre a a e o e g infantil. Ou seja, algumas crianças descrevem que a "a infantil" é a que elas escrevem, e o "a adulto" é a que elas lêem (Imagem abaixo). WALKER (2005).

Para as crianças a a e o e g adulto é a letra que elas costumam ler.

Para as crianças a a e o e g infantil é a letra que elas costumam escrever.

É muito importante destacar que, se for usado o caractere infantil, deve existir uma diferenciação entre as letras a, o e g, para podermos reconhecer as crianças. Como exemplo, em se a tipografia Arial Gothic Gothic que não possui essa diferenciação (Imagem abaixo). WALKER (2005).

Neste caso o uso de caracteres infantis na digitação de textos para livros de literatura infantil será considerado eficiente, principalmente em relação às letras a e g, que apresentam grande diferenciação em relação aos caracteres adultos.

No entanto, um maior cuidado deve ser considerado com letras similares para não causar confusão na leitura realizada pelas crianças.

# Portanto...

De acordo com as pesquisas, as crianças preferem os caracteres infantis;

As letras a e g, são as que mostraram maior diferenciação;

Cuidados com desenhos de caracteres similares devem ser considerados.

Imagem representativa do falho de diferenciação entre as letras A letra simples, descreve a realidade entre as famílias dos caracteres.

Caracteres Infantis

É importante destacar que existe uma preferência das crianças pelo uso dos caracteres infantis, já que estes são mais fáceis de ler, ou seja, apresentam uma melhor legibilidade das letras. RABAN (1984) e WALKER (2005).



# SERIFAS

Este livro discute em relação ao uso de serifa em letras infantis. Alguns autores apontam que a serifa constitui um elemento dificultador da leitura e outros apontam que ela facilita a leitura por apresentar maior diferenciação entre as letras. COGHILL (1980) Alguns autores apontam que a tipografia sem serifa não é clara e direta. Outros destacam pelo o fato de algumas combinações de letras causarem esta problema. WELBURG e FORSSMAN (2007)

Abaixo exemplos de combinações de letras que causam problemas de leitura (WELBURG e FORSSMAN, 2007)

**Espelhar:** Para as crianças, as diferenças de espelhar a direita e a esquerda, não estão totalmente definidas. Não conseguem distinguir se as letras estão viradas, em pé ou invertidas. Sendo assim, deve-se providenciar que essas letras não sejam parecidas. (imagem abaixo)

|    |    |    |
|----|----|----|
| ab | ab | ab |
| db | db | db |
| qp | qp | qp |

Attila font: Times New Roman Times New Roman

Imagem de espelhar. Adaptado de WELBURG e FORSSMAN (2007, 74)

Na imagem acima, tem-se três exemplos de uso tipográfico. Perceba-se que o uso de serifa neste caso causa uma diferenciação maior entre as letras.

30

**Similaridade aparente:** l e L, i e j não têm ou só possuem diferenças mínimas. Em tipos para crianças devem ser claramente diferenciados. A figura abaixo evidencia este exemplo.

|    |    |    |
|----|----|----|
| ll | ll | ll |
| ij | ij | ij |

Attila font: Times New Roman Times New Roman

Exemplos de letras que apresentam diferenças mínimas em sua direção. Adaptado de WELBURG e FORSSMAN (2007, 74)

**Imprecisões:** Na tipografia para crianças, deve-se evitar que dois caracteres se fundam formando outro caractere. (Imagem abaixo)

|    |    |    |
|----|----|----|
| rn | rn | rn |
|----|----|----|

Attila font: Times New Roman Times New Roman

Outros exemplos de imprecisões, as letras r e n que se fundem, dificultando a legibilidade. Adaptado de WELBURG e FORSSMAN (2007, 74)

31

**SERIFIAS**

**A Com ou sem?**

A seguir será apresentada uma compilação de resultados de pesquisas sobre o uso de serifas para textos voltados para as crianças. Existem opiniões diferenciadas entre os diversos pesquisadores.

32

Quadro sobre o uso de serifas em tipografia para textos voltados para crianças.

| Investigador | Tipo de Pesquisa                     | Conclusões   | Resultados   |
|--------------|--------------------------------------|--|--|
| A favor      | Capaldi (1962)                       | Realizou um experimento de leitura com crianças de 7 anos em relação ao uso de serifas e sem serifas em textos de leitura. Os resultados mostraram que as crianças leram mais rapidamente com serifas. | A tipografia com serifas é mais adequada para textos voltados para crianças. |
|              | Willing e Foxworth (1982)            | Os autores avaliaram a leitura de crianças de 7 anos em relação ao uso de serifas e sem serifas em textos de leitura. Os resultados mostraram que as crianças leram mais rapidamente com serifas.      | Preferência de que as crianças leram mais rapidamente com serifas.           |
|              | Willing e Foxworth (1983)            | A tipografia com serifas é mais adequada para textos voltados para crianças.   | Preferência de que as crianças leram mais rapidamente com serifas.           |
| Contra       | Boat (1979)                          | Mostrou que não há diferença de velocidade de leitura entre textos com e sem serifas.  | Não há diferença de velocidade de leitura entre textos com e sem serifas.    |
|              | Posner (1982)                        | A partir de testes com crianças, os autores concluíram que a tipografia com e sem serifas não afeta a velocidade de leitura.   | Não há diferença de velocidade de leitura entre textos com e sem serifas.    |
|              | Boat (1980)                          | Realizou um experimento de leitura com crianças de 7 anos em relação ao uso de serifas e sem serifas em textos de leitura. Os resultados mostraram que as crianças leram mais rapidamente com serifas. | Preferência de que as crianças leram mais rapidamente com serifas.           |
|              | Chenail (1982)                       | Os autores avaliaram a leitura de crianças de 7 anos em relação ao uso de serifas e sem serifas em textos de leitura. Os resultados mostraram que as crianças leram mais rapidamente com serifas.      | Preferência de que as crianças leram mais rapidamente com serifas.           |
|              | Torres (1992)                        | Realizou um experimento de leitura com crianças de 7 anos em relação ao uso de serifas e sem serifas em textos de leitura. Os resultados mostraram que as crianças leram mais rapidamente com serifas. | Preferência de que as crianças leram mais rapidamente com serifas.           |
| Neutro       | Costa de Saes e Costa de Saes (2003) | Realizou um experimento de leitura com crianças de 7 anos em relação ao uso de serifas e sem serifas em textos de leitura. Os resultados mostraram que as crianças leram mais rapidamente com serifas. | Preferência de que as crianças leram mais rapidamente com serifas.           |
|              | Walker e Reynolds (2003)             | Realizou um experimento de leitura com crianças de 7 anos em relação ao uso de serifas e sem serifas em textos de leitura. Os resultados mostraram que as crianças leram mais rapidamente com serifas. | Preferência de que as crianças leram mais rapidamente com serifas.           |
|              | Johnson (1962)                       | Realizou um experimento de leitura com crianças de 7 anos em relação ao uso de serifas e sem serifas em textos de leitura. Os resultados mostraram que as crianças leram mais rapidamente com serifas. | Preferência de que as crianças leram mais rapidamente com serifas.           |

Tabela com resumo dos resultados de estudos dos pesquisadores.

33

**SERIFIAS**

É importante destacar que existem as preferências dos educadores, que muitas vezes produzem seus próprios caracteres, pois para eles a letra da leitura tem que ser similar com a letra da escrita, ou seja, sem serifas. WALKER e REYNOLDS (2003)

Nesta guia será levado em conta que a mais importante seja a clareza dos caracteres assim como a sua similaridade com a escrita caligráfica.

Após serem apresentadas algumas características em relação ao uso de serifas em livros infantis, este material consideramos que para a escolha tipográfica, o uso de serifas não apresenta tanta importância em relação a legibilidade para as crianças.

\*É importante destacar que vários fatores influenciam para uma boa legibilidade, como um bom espaçamento entrelinhas, entreparágrafos e entreletras.

\*Outro aspecto é o estilo do livro. Muitas vezes, dependendo do assunto que o livro aborda e as características das ilustrações, o uso de uma fonte serifada pode ser mais adequada.

Portanto o uso de serifas fica ligado a outros fatores da tipografia. Admita-se que na maioria das vezes o bom senso do designer no momento da elaboração do livro é o caminho mais adequado de escolha de uma fonte com ou sem serifas.

34

É importante destacar o trabalho de Rosemary Sassoon e Wilbur que em uma pesquisa realizada em 2000, com crianças identificaram que elas tinham em comum a desejo por tipos sem serifas. A partir dos resultados de sua pesquisa, desenvolveram uma família tipográfica própria para esse grupo de leitores, a seguir uma imagem que demonstra os caracteres desta família, chamada de Sassoon®.

**Sassoon Primary Infant**

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0 # \$ % & ' ( ) \* + , - . : ;

Imagem de fonte tipográfica Sassoon.

\*Este guia foi gerado com o tipografia Sassoon.

\*As decisões do material serão apresentadas tipografias criadas especialmente para o leitor infante pelas crianças.

35

## TAMANHO DA TIPOGRAFIA E DA LINHA



Um aspecto muito importante e que também causa dúvidas é em relação ao tamanho da tipografia e da linha no texto editado para crianças.

É esta uma tabela (imagem a seguir) em relação ao tamanho da tipografia criada por Burt em 1959 que aponta para:

- os primeiros anos de leitura, todos os livros devem ser impressos em letras grandes;
- para o primeiro ano, até corpo 16, para o segundo em corpo 14, e terceiro e quarto, em corpo 12.

Esta modo se assegura movimentos fáceis e corretos nos olhos, e toda também deve ser a mais curta possível. O progresso nas habilidades de leitura pode ser afetado pela rapidez com que as crianças se acostumam com os tipos maiores mais compridos e menos espaçadas. BURT (1959).

| Idade        | Alargura | Distância da linha para cima | Alargura | Distância da linha para baixo |
|--------------|----------|------------------------------|----------|-------------------------------|
| Menor que 7  | 26       | 32                           | 12,7     | 0,66                          |
| 7-8          | 18       | 28                           | 10,16    | 0,432                         |
| 9-8          | 16       | 25                           | 8,25     | 0,406                         |
| 9-10         | 14       | 22                           | 6,35     | 0,38                          |
| 10-12        | 12       | 18                           | 5,16     | 0,328                         |
| Menor que 12 | 11       | 15                           | 4,43     | 0,291                         |

Parâmetros tipográficos para livros infantis, recomendados por BURT (1959, apud COULIBAK, 2004).

A tipografia para as crianças funciona melhor quando se tem apenas poucas palavras na página. Porém, quando se tem muitas palavras as crianças preferem uma tipografia ligeiramente inclinada. SASSOON (2003)

Em relação ao comprimento da linha, é recomendável que ela deve ser pensada em um único olho e que tenha ao redor cerca de 50 traços por linha. A quebra de linha deve ocorrer de acordo com o sentido das frases. WILLBERG e FORSSMAN (2007).

Nas próximas páginas serão apresentadas mais e mais exemplos em relação ao tamanho da linha e a quebra de linha.

37



### Exemplos:

Neste primeiro exemplo (imagem abaixo) a quebra de linha não considero a conexão, e ainda há repetição de palavras, desta modo ocasiona uma confusão na leitura.

Éra uma vez uma menina gata e religiosa que vivia cercada com sua mãe, e não o irmão mais o que comer. Então encontraram uma velhinha que entendia o que se passava e deu para a menina uma panelinha. A menina dava dade para a panela. "Panela, cozinhá!" e então a panela cozinhava um bom tempo. E quando falou: "Panela, para de cozinhá!" a panela parava.

Este exemplo de quebra de linha. Adaptado de WILLBERG e FORSSMAN (2007: 76)

Neste outro exemplo (imagem abaixo) a linha é longa demais até para um leitor adulto quanto mais para uma criança.

A página ficou o espetáculo muito, porque era um corte mais sutil que sempre falava e sua opinião sem ter papas na língua. Durante um tempo por lá, a página ficou branca e branca a fazer brincar não é fácil. Como quer ser alguém na fazenda não pode ser propalado.

Este exemplo de comprimento de linha. Adaptado de WILLBERG e FORSSMAN (2007: 76)

WILLBERG e FORSSMAN demonstram com exemplos quais seriam conceitos tipográficos considerados adequados para crianças de segunda e terceiro ano do primário.

Neste exemplo (imagem abaixo), o texto é redigido de modo que a criança sempre encontre uma conclusão ao final de cada linha e alcance um objetivo. Portanto, o quebra de linha ocorre de acordo com o sentido da frase, ou seja, sem se preocupar com a parte estética tipográfica.

"Tudo bem" disse a boneca, "mas não esqueça o vestido verde". Assim conversavam enquanto o pastor fazia uma peregrinação vermelha para a boneca. "É para eu ter olhos azuis?" perguntou para Sabine. "Não, verde", disse Sabine, "ela deve ser diferente das outras bonecas. Ela deve ter olhos verdes e um vestido verde". Quando a boneca estava quase pronta, o pastor disse que o rosto da boneca parecia um pouco branco. "Tu não está", disse Sabine, "Gosto dela assim". Então o pastor pagou toda verde e pintou a boneca.

Exemplo sobre os dois comprimentos de linha. Adaptado de WILLBERG e FORSSMAN (2007: 77)

38

39

Perto do **final da segunda** uma excitação há uma preocupação para texto justificado à esquerda sem preocupação com uma mensagem completa na linha, mas sem divisão de palavras. Assim, também ocorre para o **terceiro** ano escolar.

Exemplo sobre um bom aproveitamento do texto. Adaptado de WILLIURG e FROESMAN (2007: 77).

Já no próximo exemplo, com uma crescente confiança da criança no processo de leitura, aparecem separações lógicas de palavras no texto alinhado à esquerda.

Um pedrinho e muitos e a cabeça para que possa ficar. Mas o garo não queria saber de brincadeira e foi muito, muito, muito e a uma coisa. Então ele se acabou muito e quase sem ninguém pelo porta dos jantares, mas o lito que estava dentro de outro e de repente a parte e quando ele precisava o pão ao lado de outro de outro, o pedrinho acabou de dar um corte com a parte trizena e pelo que tinha sido acordado pelo trabalho sobre os rios de galáxia e pizza. "Cabeça".

Seperação lógica das palavras. Adaptado de WILLIURG e FROESMAN (2007: 77).

No **final do terceiro** ano escolar, o texto se apresenta organizado como acontece normalmente em livros para adultos.

Neste se encontram depressa com o Avô, mesmo quando o caso dele era grande. Afinal o Avô já tinha visto muitos há muitos anos e não poderia reformar a casa por causa dele. Ele quase tinha um quarto próprio. Durante o dia o Avô costumava receber gente. A noite, para não espantar os porcos, ele sempre tinha que ir para os galinheiros do chão. Na maioria das vezes diferente de casa do Avô e comparada com as casas de outras pessoas. Mesmo das primeiras coisas tinha sido sempre dormir e se foi ao banheiro no lado de fora quarto. Se acordava normalmente quando via os dentes do Avô dentro de um lago com água. Não se atreveu a tirar nada por trás disso de lavar uma mordida. Na maioria das vezes ele perguntou: Desde quando a gente pode ficar os dentes de boca dentro e fora? Eu não tenho ideia.

Terceira página do final do terceiro ano escolar. Adaptado de WILLIURG e FROESMAN (2007: 77).



40

41

Portanto, em relação ao tamanho das letras da tipografia existem algumas diferenças.

Justamente que quanto menor a criança maior o tamanho da letra, já Willberg e Froesman apontam que existem duas escolas, uma que aponta para o que Just consideram adequada e outra que considera que uma letra grande pode fazer com que a criança desista de olhar e tenha que olhar novamente para o texto para identificar o término da palavra.

Sendo assim, este manual considera adequada uma tipografia com letras **grandes** e suficiente para que haja uma diferenciação entre as letras e para que as crianças consigam realizar a leitura silábica e silábica, geralmente acompanhadas com os dedos.

Acredita-se também, que com o tempo e principalmente com o treino da leitura, as crianças possam ser desafiadas sem afetar a legibilidade dos textos pelas crianças.

Em relação ao tamanho do livro, tem-se como mais adequada uma linha curta, para que não exista um comprometimento do pequeno leitor em relação à leitura do texto, ou seja, com linhas curtas é possível que a criança consiga ler o livro até o final sem retirar o olhar uma única vez.

Outro aspecto importante são em relação ao conteúdo do texto e a qualidade do livro. Quando se tem uma criança de menor idade é importante que o conteúdo do livro tenha um objetivo, ou seja, a qualidade do livro é feita de acordo com o conteúdo do texto e tem separação das palavras.

Com o aumento da idade da criança e da confiança na leitura, não existe uma maior preocupação com o conteúdo do livro e as palavras já vão sendo identificadas.

Ascendentes  
e  
Descendentes

Os ascendentes e descendentes na tipografia são as partes ascendidas para cima e para baixo da altura de x. As ascendentes são as partes das letras minúsculas que se projetam acima da altura de x e os descendentes são as que se projetam abaixo da altura de x, como representado na imagem abaixo.

abcdef

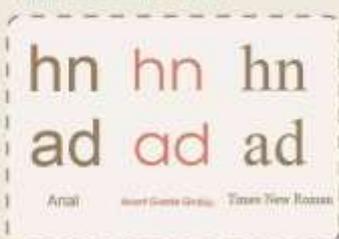
Ascendentes  
Altura de x  
Descendentes

Exemplo de ascendentes e descendentes.

42

43

Um aspecto muito importante é que as ascendentes devam ser suficientemente grandes para impedir a confusão entre as caracteres na leitura pelas crianças. WILLBERG e FORSSMAN (2007)



Na imagem acima tem-se exemplos de diferentes tamanhos de ascendentes, pode-se perceber que no caso da Avant Garde Gothic as ascendentes são pequenas, o que pode causar confusão de leitura.

Designers ou tipógrafos que trabalham com tipografia voltada para o público infantil devem saber quais são as características negativas quando escolhem uma tipografia. Como exemplo a escolha de uma tipografia com ascendentes e descendentes muito curtas é um exemplo de escrita "desagradável".

Muitas adições modernas utilizam ascendentes e descendentes muito pequenas para economizar o máximo de espaço em um espaço limitada. Entretanto para as crianças são necessárias letras "altas" e "amigáveis" de se reconhecer e que produzam um formato bem definido.

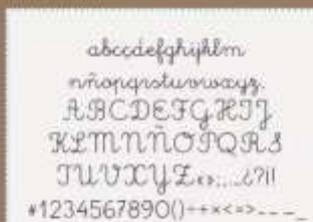
O princípio de longas ascendentes e descendentes define o formato das palavras e contribui consideravelmente para a legibilidade tanto no tela do computador quanto para texto impresso com letras de tamanho pequeno.

SASSOON e WILLIAMS (2000)

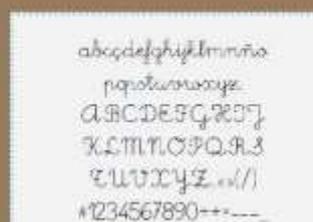


Sendo assim, fica mais clara a explicação sobre o uso correto de ascendentes e descendentes a partir de exemplos de tipografias existentes voltadas para o público infantil.

Em Portugal, no ano de 2004, foi criada por Paulo Hettlinger, uma fonte para suprir as necessidades das crianças em relação à aprendizagem da escrita. Essa fonte foi chamada de Escolar Portugal, e também apresentou algumas variações como a Portugal Brasil (Imagem a seguir). Mesmo sendo uma fonte voltada para a escrita infantil, apresenta características que favoreçam o ato da leitura.



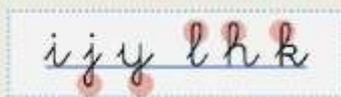
Fonte tipográfica Escolar Portugal, HETTLINGER (2004)



Fonte tipográfica Escolar Brasil, HETTLINGER (2004)



Os laços que correspondem às descendentes e ascendentes desta fonte são sempre idênticos facilitando a leitura.



Exemplo de ascendente e descendente da fonte Escolar Portugal, HETTLINGER (2004)

A tipografia Fabula (imagem abaixo), criada em 1999, apresenta inúmeras características importantes para a leitura das crianças incluindo as longas ascendentes e descendentes que ajudam a identificar o formato das palavras.



Exemplo da tipografia Fabula.

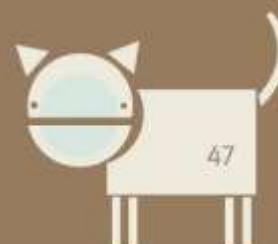


A partir dos aspectos apresentados pode-se considerar que para aumentar a eficácia da legibilidade dos textos, principalmente quando se trata de crianças, as ascendentes e descendentes devem sempre apresentar uma uniformidade, ou seja, devem ser do mesmo tamanho.

Outro aspecto positivo é que devem ter um maior prolongamento em relação ao corpo de x, pois assim, ajudam a criar uma identificação do formato das letras e também produzem um formato bem definido.



Ascendentes e descendentes uniformes e mais alongadas que o corpo de x.



# Estilo Caligráfico



Um dos aspectos mais discutidos em relação à escrita caligráfica para as crianças é sobre as letras remaneadas as formas caligráficas. A maior parte dos estudos aponta que as crianças apresentam maior facilidade ao lerem quando a tipografia se assemelha à forma escrita.

As necessidades das crianças para a escrita das letras correspondem em primeiro lugar às necessidades que elas apresentam com o movimento. Para os estudos, os melhores resultados foram obtidos e relacionados à utilização de um tipo que possa se representar caligraficamente que ainda não estava num modelo representativo. Normalmente neste tipo, a tipografia faz com que as crianças possam ler as letras das crianças, mesmo se movendo de uma maneira mais natural, facilmente a relação entre o tipo e a forma (imagem abstrata). SAISON e WILLIAMS (2000)

Outro aspecto importante da Saison é que as letras apresentam "exit strokes" (imagem abstrata) na letra de base, assim "exit strokes" mostram um agrupamento espontâneo e também mostram um espaço abstrato.

Em outras palavras, que representam a "exit stroke".

Na página seguinte serão apresentadas como exemplos algumas fontes para as crianças, que valorizam o estilo caligráfico no desenho das letras.

48

49

Em relação à fonte tipográfica Escolar Portugal, já citada anteriormente, as letras foram construídas ligadas para facilitar a criança a construção de sílabas e palavras simples e para dar um traço no espaçamento correto. As formas das letras foram criadas de movimentos simples, evitando desenhos desnecessários. Elas são compostas por elementos arredondados e são evitadas as formas diagonais. (Imagem abstrata) HEITINGLER (2009)

Outra tipografia que segue os traços da caligrafia é a fonte Tel Cotona, desenvolvida no Chile pelo grupo tipográfico e especificamente para livros escolares.

Nesta tipografia os desenhos de cada caractere se encontram sobre elementos auxiliares. Sendo assim, o designer deve organizar manualmente cada desenho para formar as palavras (imagem abstrata). TYPOGRAFIA CL (2006)

Exemplo das junções da fonte Escolar Portugal.

Os ritmos regulares do estilo caligráfico da fonte Escolar Portugal auxiliam a criança a desenvolver uma boa forma de letra, e a alcançar um espaçamento ideal cuja uniformidade favorece a legibilidade dos textos.

Exemplo dos ritmos regulares da fonte Escolar Portugal.

Fonte tipográfica Tel Cotona, desenvolvida no Chile.

50

51

Com tipografia ótima, made por Kate Sain e Felipe Casares e o Gráfico (casares@casares.com.br). Tudo se dá uma importância mais consistente e com novos detalhes no tamanho e proporção das ilustrações. Os caracteres são baseados nos modelos originais para facilitar a educação infantil. Esta tipografia apresenta mais de 50 ligaduras que melhoram a leitura das palavras. SOTO e CÁCERES (2001)



Tipografia Gráfico



Outra característica que aparece quando se escolhe uma tipografia para crianças é em relação à inclinação das letras. Quanto mais forte aparecer em uma página mais apropriada se torna o uso de uma tipografia com uma leve inclinação. Pesquisas mostram que crianças preferem uma leve inclinação das letras quando se tem um corpo de texto. SAISON e WILLIAMS (2000)

## Portanto...



A partir das opções e exemplos que foram mostrados acima, este manual leva em consideração a grande importância da tipografia que temete em trazer possibilidades para a criança aprender uma nova habilidade de leitura.

É importante destacar que a esta tipografia tem uma melhor legibilidade nos textos voltados para as crianças já que tem uma simetria com a forma com que se escreve. Outro aspecto a se considerar é a inclinação dos caracteres, uma leve inclinação é considerada mais adequada principalmente quando a quantidade de texto é maior, além de facilitar a legibilidade dos textos.



## Entreletras e Entrepalavras

Para compreender melhor quais os espaçamentos entreletras e entrepalavras mais adequados para melhorar a legibilidade dos textos de literatura infantil, será realizado a seguir um experimento realizado por Sue Walker no ano de 2005.

Nesta pesquisa, a autora afirma que as crianças utilizam mais atenção no espaçamento das letras do que no das palavras.

Para esta pesquisa, ela utilizou quatro tipos de espaçamentos entreletras: justo, normal, grande e muito grande. Imagem abaixo:

ela. Neste que se trata utilizado nos exemplos da pesquisa foram modificados. Foram utilizados textos em português para facilitar a compreensão.



54

Justo

Os robôs são máquinas que ajudam em diversas tarefas. Quando podemos ter um dadas em nossa casa?

Normal

Os robôs são máquinas que ajudam em diversas tarefas. Quando podemos ter um dadas em nossa casa?

Grande

Os robôs são máquinas que ajudam em diversas tarefas. Quando podemos ter um dadas em nossa casa?

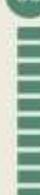
Muito grande

Os robôs são máquinas que ajudam em diversas tarefas. Quando podemos ter um dadas em nossa casa?

Exemplo de espaço entreletras utilizado na pesquisa de Walker. Adaptado de WALKER (2005: 14)

A maioria das crianças pesquisadas apontaram que o espaçamento mais justo apresentava dificuldade de leitura e até mesmo que as letras pareciam mais escritas, mais espessas e menores. WALKER (2005)

55



Justo: Os robôs são máquinas que ajudam em diversas tarefas. Quando poderemos ter um desses em nossa casa?

Normal: Os robôs são máquinas que ajudam em diversas tarefas. Quando poderemos ter um desses em nossa casa?

Grande: Os robôs são máquinas que ajudam em diversas tarefas. Quando poderemos ter um desses em nossa casa?

Muito grande: Os robôs são máquinas que ajudam em diversas tarefas. Quando poderemos ter um desses em nossa casa?

Exemplo dos espaços entrepalavras utilizados no projeto de Walker Adaptada da WALKER (2005-14)

Para finalizar sobre a opinião das crianças, é importante apontar que os espaçamentos entrelinhas e entrepalavras maiores do que os menores afetam as suas visões em relação ao tamanho, textura, e nível de dificuldade de leitura.

E o aspecto que mais importa é que as letras e palavras mais próximas causaram maior dificuldade e maior confusão na leitura. Algumas crianças acharam que um espaçamento maior apresenta facilidade de leitura e apontam para o fato de obter um espaço que ajudam a soletrar a palavra.

Entretanto, um problema que se apresenta quando existe espaçamento entrelinhas nas palavras é que estas podem parecer fragmentadas e para compensar é necessário que o espaçamento entrepalavras e entrelinhas sejam ajustados proporcionalmente. WALKER (2005)

56

Em relação à percepção do espaço entrepalavras, os resultados são muito conclusivos. WALKER (2005)

57

Para concluir...



Para que as "imagens dos pilares" sejam captadas sem equívocos pelas crianças, as palavras devem estar bem espaçadas, sendo assim, os espaços entre as palavras devem ser maiores do que na tipografia normal (vozada para adultos), sem esquecer que o espaço entre as linhas deve ser maior que o espaço entre as palavras. WILLBERG e FORSSMAN (2007)

Sendo assim, fica claro que para as crianças existe uma real necessidade de um espaçamento maior entrelinhas e entrepalavras do que para um adulto. Entretanto é importante considerar que um espaçamento muito grande, principalmente quando se trata de entrepalavras pode causar confusão tanto quanto um espaçamento justo. De acordo com as opiniões das crianças, um entrelinhas muito justo causa bastante dificuldade de leitura, e o mesmo ocorre com o entrepalavras, mas em menor escala.

Outra característica importante é em relação às diferentes visões que espaçamentos pequenos ou grandes causam nas crianças, como textura, percepção do tamanho dos caracteres e até intensidade das cores.

Nesta pesquisa será considerado mais adequado um espaçamento maior entrelinhas e entrepalavras para textos de literatura infantil, porém também a precaução de não exagerar, pois como já explicitado acima, se houver um espaçamento muito grande as linhas podem se tornar maiores e afetar a legibilidade dos textos.

Outro aspecto importante a ser considerado quando se fala em legibilidade part. os textos de literatura infantil é o espaçamento entrelinhas.

A seguir mais um exemplo da pesquisadora Sue Walker de sua pesquisa realizada em 2005.

# Entre-linhas

58

59



As crianças analisadas apontaram uma preferência por espaçamentos normais e grandes (imagem abaixo), geralmente relacionados ao tamanho ou ao espaço aparente da tipografia.

No caso de tipografia para crianças o emalinhado deve ser suficientemente grande para se ter uma boa legibilidade nos textos. Abaixo um exemplo em que existe a violação para o entrelinhas, entrepalavras e entreletras. De acordo com este exemplo, o espaço entreletras valoriza a imagem das palavras, o espaço entrepalavras é suficiente para a captação das palavras como um todo. O grande espaço entrelinhas impede o desvio do olhar para outra linha. WELLBERG e FORSSMAN (2007)

Exemplo de bom espaçamento entrepalavras e entreletras. Adaptado de WELLBERG e FORSSMAN (2007)

Esta modo será considerado adequado que para uma boa legibilidade dos textos voltados para as crianças, o espaço entrelinhas deve ser grande o suficiente para haver uma diferenciação de uma linha a outra. Em relação às opiniões das crianças tem-se que um espaço entrelinhas maior cria a percepção de que as caracteres são maiores e impede o desvio do olhar para outra linha.

61

# Diagramação

Um aspecto importante que está relacionado ao posicionamento do texto na página do livro juntamente com a diagramação é que afeta a legibilidade e a diagramação.

Nesta parte do guia será abordada a relação espacial entre a ilustração e o texto, a partir da concepção de regras de mancha gráfica. A mancha gráfica representa a área ocupada por letras de texto, ilustrações, fotografias e etc.

As ilustrações no livro infantil podem aparecer como uma figura colocada sobre o fundo ao qual pertencem o texto e o próprio fundo, gerando várias relações espaciais com o texto.

A relação entre as palavras e o espaço branco tende a refletir em que lugar os leitores de um livro podem se encontrar, assim a relação física do texto com a imagem é muito significativa de que o do espaço em branco com a imagem.

A concepção espacial da página da ilustração, em relação ao texto pode se dar em quatro maneiras principais: 1- a ilustração é aplicada numa área separada do texto; 2- a ilustração é aplicada parcialmente em, sobre o texto; 3- o texto é aplicado de modo a intermediar as se relacionar com a forma da ilustração; 4- o texto é aplicado dentro da área da ilustração. NOODLIAN (1980)

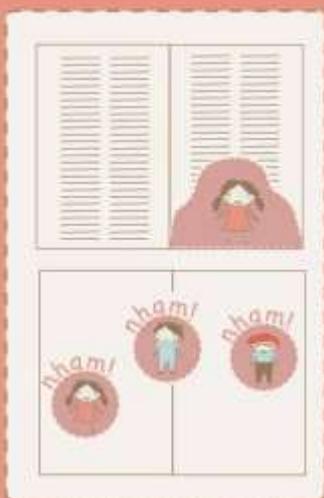
Os primeiros livros infantis obedecem a uma configuração em que a ilustração era aplicada numa área separada do texto. Quando a ilustração é aplicada parcialmente em sobre o texto, configura-se denominada estado na qual continua a ocupar uma área delimitada num retângulo, mas dentro da mancha de texto, ou seja, parcialmente unida ao texto.

Essas configurações e sua diagramação foram adaptadas de NOODLIAN (1980)

62

63

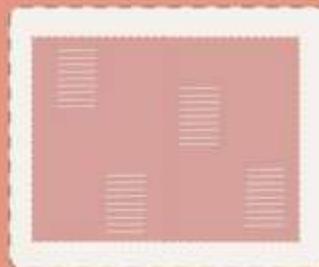
O terceiro tipo é quando o texto intermedeia a ilustração, isto é, pode aparecer entre partes da ilustração, criar uma forma para circundar a ilustração, ou ainda se comportar-la como uma letra que reproduz sua forma (imagens abaixo).



Divisão irregular do texto diagramático infantil.  
Nasquiere de NICOLLE PERE OLIVEI

64

No último tipo, a ilustração abraça todo o fundo da página e, em geral, a imagem se apresenta em sangramento. O texto fica inserido dentro do espaço da ilustração.



Divisão irregular do texto diagramático infantil. Adaptação de NICOLLE PERE OLIVEI

A interação do texto e das imagens causa influência na leitura da página, e do livro como um todo. Uma maneira pela qual se pode reduzir tal influência da leitura é pelo equilíbrio na parte central da página visual de cada página, do livro, em que páginas com poucos elementos tendem a gerar maior valor gráfico para cada um deles.

65

Em relação à diagramática dos livros, vale aqui considerar importante os estudos de NICOLLE PERE OLIVEI, em que apresenta quatro tipos de relação de texto em relação à ilustração, como já explicado acima. Entretanto, quando o assunto é diagramática existe uma grande liberdade de criação para o designer, e cabe a ele equilibrar harmonicamente com uma composição que facilite a legibilidade.

Muitos outros aspectos compõem o assunto diagramação, como a relação do livro como um todo, o livro como objeto e etc. É importante ressaltar que estes assuntos não fazem parte do escopo desta pesquisa e por isso não serão analisados. Os aspectos de relevância desta pesquisa se restringem aos que estão relacionados à legibilidade.

Outras características que também é muito importante é quando o texto se torna imagem. Em muitos casos o texto é tratado e usado desta maneira na diagramação, e abaixo será feita uma seleção sobre este aspecto e serão demonstrados alguns exemplos infantis.

# TIPOGRAFIA COMO imagem

66

Existe uma parte na escrita tipográfica do livro infantil que está relacionada mais diretamente com a diagramação que é quando a tipografia se apresenta como um elemento composicional, ou melhor, a tipografia se apresenta como elemento pictórico.

Este recurso é muito utilizado por designers que trabalham na diagramação dos livros infantis, e apesar de muitas vezes ser considerado mais simplesmente a parte estética, também deve ser utilizado de acordo com os princípios da legibilidade.

Atualmente a tipografia é muito usada para converter significado. Neste segmento, o texto expresso transmite a mensagem codificada por meio do alfabeto, além disso, pode através do efeito visual criar significados simbólicos da mesma forma que a imagem.

O texto permanece com sua função, mas a tipografia é consequentemente sua forma se apresentam como um sistema que se relaciona com o restante da parte gráfica. (NECYK (2007))



67

A propagação do design deve ir além da parte estética. Ou seja, deve também se preocupar com a funcionalidade do texto, neste caso, tanto a relação subjetiva (psicológica) do texto quanto a parte da legibilidade. É importante destacar que por mais leve que o design final esteja é necessário que haja uma compreensão pela criança de que está escrito.

## a linha

É importante destacar estes parâmetros que estão relacionados com o tipo de letra: a linha. Nos livros de literatura infantil, a linha tem a ver com a percepção individual, mas, antes e sobretudo de pensar de múltiplas possibilidades gráficas de que se utilizem são estas NICN (2007). A seguir serão apresentados sete exemplos em que a linha apresenta uma natureza relevante. Estes exemplos são baseados na classificação criada por C&M Mais em 2002.

68

### Linhas desalinhadas ou fora da linha

Estas linhas são as que deixam a harmonização com outros parâmetros e com muitas resoluções diferentes. Nestas situações, muitas vezes, o designer busca fugir da monotonia (imagem abaixo).

O robô que  
tinha  
Olhos  
grandes e  
esquisitos!



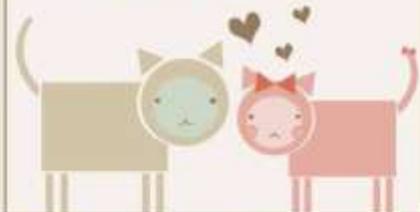
Exemplo de linhas desalinhadas ou fora da linha.

69

### Linhas arco-íris

São linhas em que a cor funciona como um elemento cognitivo e mais, ou seja, obtém uma maior atenção do leitor (imagem abaixo).

Os gatinhos se olharam.  
Chegaram perto um do outro.  
E se apaixonaram.



Exemplo de linhas arco-íris.

70

### Linhas de extensão oscilante

São as linhas que causam uma ruptura através do desalinhamento de maneira gráfica (imagem abaixo).

Muitas crianças criam histórias fantasmas, como os cachorros que comem os trabalhos da escola, ou como são aterrizantes as manobras das armadas, as criaturas que amedrontam os mares, os dragões que respiram fogo. Porém existe uma menina que conta histórias que qualquer pessoa duvidaria, a pequena e meiga Laura, que morava na outra rua do lado esquerdo da padaria do seu Joaquim.



Exemplo de linhas de extensão oscilante.

71



### Linhas invertidas

São linhas que se apresentam invertidas para o leitor.  
(Imagem adaptada)



Exemplo de linhas invertidas



A linha é um aspecto muito importante a se considerar. Em relação aos exemplos acima, todos são de grande auxílio para a diagramação de livros voltados para crianças. A seguir será feita uma análise da legibilidade sobre o projeto gráfico de livros literários infantis.

## ANÁLISE DE LIVROS LITERÁRIOS INFANTIS



A partir de que foi apresentado até o momento neste material, optou-se por apresentar e discutir projetos gráficos considerados muito bons e outros considerados ruins. Essa relação entre ruim e bom será feita através dos aspectos discutidos neste guia com recomendações tipográficas.

Desde assim, esta análise será realizada a partir dos conceitos definidos pelo guia, a partir das pesquisas existentes.

Esper-se que com esta parte prática de análise de projetos gráficos, haja uma compreensão mais ampla de todos os aspectos discutidos neste material.

A seguir seguem os livros e alguns aspectos relacionados à escolha tipográfica e diagramação.

77

### Livro: “Lampião e Lancelote”



Livro da Editora Cosacnaify, do ano de 2006.  
Escrito e ilustrado por Fernando Vilela, capa e projeto gráfico por Luciana Facchini.



Capa do livro “Lampião e Lancelote”

Este livro já foi premiado diversas vezes entre eles: 18º Prêmio Fernando Fajó de Serenidade Gráfica, Capa (19º Prêmio Jabuti), Melhor Diagramação de Livro Infantil ou Juvenil (19º Prêmio Jabuti), Melhor Livro Infantil (19º Prêmio Jabuti), Prêmio Bestanga Raydon, Escrito (revelação) Prêmio PMLD, Melhor Ilustração Prêmio PMLD, Melhor livro poesia Prêmio FNLIJ, Melhor projeto editorial Prêmio FNLIJ, Catálogo White Room (BRVO), Melhor site – ilustrador (BRVO). Ainda figura na capa e de uma ilustração de rosto.

78

As ilustrações são em silhuetas e apresentam cores escuras no momento, preto e branco.

Tudo o interior do livro tem ilustração com “silhuetas”, se seja, projetos com muita informação visual e pouco espaço para o texto (ilustração e texto).

Em relação à escolha tipográfica e seu uso no projeto do livro, a diagramação utilizada de livro resultou:

a) Legibilidade. A tipografia utilizada foi a Verdana, uma fonte serifa. Não tem por se tratar de uma família com quatro e apresenta variações diversas e com grande quantidade de informações visuais, o uso da tipografia serifa se adequa ao estilo do livro. Porém, é importante apresentar as suas características que fundamentam o bom uso da tipografia no texto.

b) Características infantis. A tipografia utilizada no livro não apresenta características infantis.

c) O uso do tempo. Como já explicado sobre a tipografia serifa, no entanto o uso de serifa neste livro apresenta uma boa integração visual entre texto e ilustração.



Página do livro “Lampião e Lancelote” com o exemplo de fonte utilizada.

79

d) **Tamanho da tipografia e da linha:** As linhas são pequenas, em média 3 a 5 palavras por linha. De acordo com Ilari (1999, apud COUTINHO, 2006), a linha deve ser o mais curta possível, para facilitar a leitura das crianças, ou seja, neste texto as linhas curtas apresentam um aspecto favorável para a leitura das crianças.

Outro aspecto favorável é o tamanho da tipografia, no livro esta informação não aparece, porém as letras são grandes e suficientes para se ter um reconhecimento da forma de cada caractere.

e) **Ascendentes e Descendentes:** A tipografia apresenta um bom tamanho dos ascendentes e descendentes, facilitando a diferenciação entre as letras e de uma linha a outra.

f) **Estilo Caligráfico:** A tipografia utilizada no livro não apresenta nenhuma similaridade com o estilo caligráfico.

g) **Entrelinhas, entrepalavras e entreletras:** Os espaçamentos na tipografia utilizada no livro se apresentam em um bom tamanho. De acordo com Walker (2005) as crianças apresentam preferências por espaçamentos maiores que auxiliam na diferenciação entre as letras e palavras. O espaço entreletras também foi bem utilizado facilitando a diferenciação entre uma linha e outra.

h) **Diagramação:** Pode-se perceber que o designer utilizou de um espaço entreletras grande o suficiente para uma boa diferenciação entre uma linha e outra. As linhas são curtas e todas apresentam um começo e fim bem definido, ou seja, a criança entende o conteúdo de cada linha separadamente sem uma quebra de contexto.

Outro aspecto bem utilizado foi o espaço entrepalavras, as palavras estão bem espaçadas e criam uma boa legibilidade. A designer ainda aproveitou a inclinação da ilustração para compor com o bloco de texto, de forma diferenciada. Abaixo mais uma imagem de como o texto foi bem colocado e utilizado de maneira que causou uma maior legibilidade.

80

## Livro: "Um Garoto chamado Rorbeta"



Capa do livro "Um Garoto chamado Rorbeta" de Gabriel O Pensador.

O livro de 2005, da editora Casacafay, escrito por Gabriel O Pensador, ilustrado por Daniel Boemo e projeto gráfico por Luciano Fachini. Apresenta alguns prêmios: 48º Prêmio Jabuti (Melhor livro infantil), FNLIJ (Altamente recomendável criança) e IBBY (Catálogo White Ravens).

As ilustrações do livro são coloridas, e grande parte da composição se dá entre ilustração e bloco de texto, ou seja, a tipografia neste livro se trata de uma parte importante na construção visual. A seguir exemplo das páginas de interior do livro.

81



Na hora do aperto de mão,  
A outra criança sorria.  
E, olhando pra mão de Rorbeta,  
Sentiu que ela estava mais fria.  
Tremia, essa mão, de nervoso,  
Com medo de ser descoberta,  
Enquanto a galera dizia:

Composição de página do livro "Um Garoto chamado Rorbeta" de Gabriel O Pensador

a) **Legibilidade:** Foi utilizada uma fonte serifada. Filosofia, porém como visto acima o uso de serifas não apresenta tanta diferença em relação à legibilidade do texto, sendo mais quando bem utilizado. Ou seja, linhas curtas, palavras de tamanho grande (que apresentem uma boa leitura para as crianças), entrelinhas, entrepalavras e entreletras com um ótimo espaçamento para o pequeno leitor. A seguir uma descrição mais detalhada de cada característica tipográfica.

82

b) **Caractere infantil:** A tipografia utilizada não apresenta caracteres infantis.

c) **O uso de serifas:** A tipografia apresenta serifas. Nesta caso o uso de serifas tem relação com todo o projeto gráfico do livro, incluindo na composição de títulos e texto.

d) **Tamanho da tipografia e da linha:** As linhas são pequenas e tem poucas palavras, auxiliando na compreensão do conteúdo. A tipografia tem um bom tamanho, e em alguns momentos os tamanhos variam para criar uma variação em algumas frases.

e) **Ascendentes e Descendentes:** A tipografia apresenta um bom tamanho dos ascendentes e descendentes, facilitando a diferenciação entre as letras e linhas.

f) **Estilo Caligráfico:** A tipografia não apresenta estilo caligráfico.

g) **Entrelinhas, entrepalavras e entreletras:** A tipografia apresenta um entrelinhas homogêneas e de bom tamanho, criando uma diferenciação de uma letra para outra, assim como no espaçamento entrepalavras. O entreletras também apresenta em bom tamanho.

h) **Diagramação:** Como se pode perceber acima, a ilustração e o bloco de texto se complementam. Além disso, foi utilizada tipografia para compor a imagem de composição da página do livro.

Neste livro de texto tem-se uma aplicação de esta tipografia horizontalizada, que serve como um "jeito" para o leitor. A alternância de estilos (normal e variável) estabelece ritmos entre as parágrafos.

Este livro apresenta um ótimo exemplo de como usar ilustração e diagramação, como se pode ver abaixo. O texto, que tem um jogo de palavras bastante interessante, e muito bem utilizado na direção da página, ou seja, a alternância de formatos de tipografia e o contraste entre a fonte em negrito e a normal criam uma ótima imagem de excelente composição.

83

## Livro: "Na Noite Escura"

Livro escrito e ilustrado por Bruno Munari, publicado pela primeira vez em 1956, com reedição pela editora Cosacnaify. Tradução de Nelson Meulen e diagramação de Luciana Foches.



Capa do livro "Na Noite Escura" de Bruno Munari.

o) **Legibilidade:** Apesar das linhas de texto serem pequenas, com poucas palavras, pode-se afirmar que a maneira que a tipografia foi utilizada está pouco adequada. No entanto os questionamentos sobre o uso de serifas na fonte não apresentam muita importância. Neste livro a tipografia utilizada é uma fonte sem serifas, histórica, porém esta característica não criou qualquer melhoria na legibilidade do texto, pois este encontra diversos aspectos que não são considerados adequados de acordo com os princípios da legibilidade e com as recomendações do guia tipográfico. A seguir uma explicação mais detalhada de cada característica tipográfica.

84



as razões de um animal pré-histórico morto após ter caído em uma fossilização

Exemplo de diagramação do livro "Um Dinossauro Morto" de Nelson Meulen.

ii) **Caracteres serifados:** A tipografia utilizada não apresenta caracteres serifados.

ii) **O uso de serifas:** A tipografia não apresenta serifas.

ii) **Tamanho da tipografia e do texto:** Apesar das linhas serem curtas, elas apresentam um espaço entrelinhas muito pequeno, este espaço deveria ser mais bem explorado, já que existe espaço suficiente na página.

Quanto ao espaçamento entre palavras e a formatação do texto, a maioria apresenta sempre 10 espaços de espaçamento entre as palavras e 10 linhas.

85

ii) **Acidentes e Descendentes:** A tipografia utilizada apresenta acidentes e descendentes muito curtos, o que causa uma confusão visual entre as linhas, já que a entrelaçada é muito pequena.

ii) **Estilo Cartográfico:** A tipografia não apresenta relações com o estilo cartográfico.

ii) **Entrelaçada, entrelaçadas e entrelaçados:** A tipografia utilizada apresenta um entrelaçado de boa tamanho, entretanto, o espaço entrelaçado é muito pequeno podendo causar confusão na reconhecimento das formas das letras no ato de leitura feita pelas crianças. Apresenta também um entrelaçado pequeno.

ii) **Diagramação:** Apesar das linhas de texto serem pequenas, com poucas palavras, pode-se afirmar que a maneira que a tipografia foi utilizada está pouco adequada.

Portanto apesar de ser um livro com um histórico de sucesso, sua escolha tipográfica e a maneira que o texto foi utilizado não está adequada. Muitos fatores apontam para aspectos pouco adequados de legibilidade tornando-se os estudos dos pesquisadores apontam para uma melhoria visando desconforto e confusão na leitura.

Com medidas simples toda o projeto gráfico do livro poderia ter mais adequação para as crianças, como o aumento da altura das letras, um espaçamento entrelinhas e entrelaçado adequados seria suficiente.

86

## Livro: "Cacoete"

Livro escrito e ilustrado por Eva Furnari, no ano de 2000 editado pela Editora Atlas, apresenta espaço mínimo disponível em relação ao uso da tipografia. Projeto gráfico de Eva Furnari e Claudio Furnari.



Capa do livro "Cacoete" de Eva Furnari.

o) **Legibilidade:** No livro foram utilizadas diversas tipografias. E muitas delas, foram utilizadas para a legibilidade das crianças. A seguir uma descrição mais detalhada das características tipográficas.

ii) **Caracteres serifados:** A tipografia não apresenta caracteres serifados.

87



## Referências

ALDRICH, Kuznetz e FERRILLI, John. Producing Consistently Readable and Beautiful Printed Type. In: *Designer's Guide to Typography*. Watson-Guptill Publications, Nova York, 1983.

ARAÚJO, Emanuel. A Construção do Livro. 4ª edição. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira S.A., 1982.

BAHES, Phil e HAZAM, Andrew. *Type & Typography*. Segunda Edição. Laurence King Publishing, London, 2005.

BENCHERST, Robert. *Elementos de arte tipográfica*. Tradução de André Góes. 3. ed. São Paulo: CosacNaify, 2008.

CLAIR, Kate e BUSTIC-SWAYDER, Cynthia. *Manual de Tipografia, a história, a técnica e a arte*. Segunda edição. Tradução de Joaquim da Fonseca. Bookman, 2009.

COOPER, Vero. Can children read junkier words set in variable type? *Information Design Journal*. P. 254-260, 1998.

COUTINHO, Solange Sakito, SILVA, José Fábio Luis. Linguagem Visual em livros didáticos infantis. 15º Encontro Nacional do ANIMP. Anos de 15º Encontro Nacional. Arts, letters & representations. Salvador, 2006.

FOLKANGERT, Jean. *A Letra no espaço*. Trad. Bruno Charlo. Mogi, Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FRASCARA, Jorge. Consistency, legibility and readability in information design. *Select Readings of the Information Design International Conference*. SEDS: The Brazilian Society of Information Design, 2005.

HOTUNGAR, Paulo. *Escritas: uma fonte interdependente para escrever e escrever a si*. Cadernos de tipografia e design. Vº 14. Portugal, 2009.

JOUVE, Vincent. *A Letra*. Tradução: Brigitte Neves. Editora Unesp, São Paulo, 2002.



MAPA, Os. *Escrituras, quando a letra também é imagem*. 1º ENCONTRO Nacional (1º Internacional de Investigadores em Letras, Literaturas Infantis e Literatura) Médica de São José do Rio Preto - Universidade do Oeste, 2002.

MORAES, José. *A arte de ler*. Tradução Álvaro Lemos. Editora Unesp, São Paulo, 1994.

MUARET, Geza. *A aprendizagem da leitura*. Colecção Técnicas de Educação. Tradução de Eduardo Sora. 2ª Edição. Editora CosacNaify São Paulo, 1974.

MIOUETTO, Eliana. *Importância da literatura na educação infantil*. Monografia do curso de especialização em Educação Infantil, UFPR, 2001.

NETO, Barbara Jose. *Texto e imagem: um olhar sobre o livro infantil contemporâneo*. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Design do Departamento de Artes & Design do Centro de Tecnologia e Ciências Humanas, FUC-Rio. Rio de Janeiro, 2007.

RIEMER, Lucy. *Tipografia: Uma apresentação*. 3ª Edição. Editora SAE, Rio de Janeiro, 2003.

ROBINSON, Perry. *Words about images*. The Narrative art of Children's Picture Books, 1988.

RUBIN, E. *Survey of teachers' opinions, children's books and handwriting styles*. *Journal, Hermon*, p. 123-29, 1984.

SOPHIANE, Lucie. *Tipografia para crianças: um estudo de legibilidade*. Dissertação de Mestrado em Design de 1987, 2004.

SANSOON, Rosemary e WILLIAMS, Adrian. *Why zoom?* *Amiga complete*, 2000.

TYPOGRAFIA CL. *Tô Corina*. *Tipografia para a aprendizagem da leitura-escrita infantil*. Santiago de Chile, 2006.

ZACHARISSON, B. *Studies in the legibility of printed text*. *Uppsala, Almqvist & Wiksell*, 1965.

ZILBERMAN, Regina. *Letras em obra na escola: as alternâncias do professor*. *A Letra no espaço*. Mercado Aberto. São Paulo: Perspectiva, Porto Alegre, 1985.



WALKER, Sue. *The songs the letters sing*. *Typography and children's reading*. *Typographic design for children*. National Centre for Language The University of Reading, 2005.

WILLBERG, Hans Peter; FORSMAN, Friedrich. *Qual é o teu tipo*. *Principais aspectos em tipografia*. Tradução: Hans Dürrig. Editora Rocco, São Paulo, 2007.

MARTINS, et. al. *A importância da literatura infantil no desenvolvimento cognitivo da criança*. VII Ciências Humanas, 2004. Disponível em:

<http://www.15de4literatura.com/Noticias/2005/v7m.htm>.

Acesso em: Outubro 2009.

TYPOGRAFIA CL. *Tipografia Grafitti*. Disponível em:

<http://tcl.com.br/typografia-cl-grafitti/>

Acesso em: Fevereiro de 2010.



## **APÊNDICE B- Questionários respondidos pelos designers sobre o guia tipográfico**

Abaixo segue o questionário da designer Luciana Facchini Loneto:

- 1- Quando você diagrama um livro literário voltado para as crianças, recorre a algum tipo de material de apoio (livros, revistas, artigos...)? Caso afirmativo, qual/is?

Dependendo do tema, sim. Mais para pesquisa e embasamento estético/histórico do que tipográfico.

- 2- Qual a sua opinião em relação à criação de um manual específico para tipografia voltado às crianças?

Acho útil, porém como todo manual, é restritivo para o lado criativo. Como o universo infanto-juvenil é muito rico em possibilidades, um manual tb serve para ser transgredido.

- 3- Você poderia relatar qual o seu processo de escolha tipográfica para livros de literatura infantil?

Particularmente, me atendo mais ao diálogo do tipo com a ilustração.

Preocupada também com a legibilidade.

O uso de “fonte fantasia” é quase proibitivo no caso de livro infantis.

A leitura deve ser fácil e direta.

Mesmo dentro desses parâmetros há uma infinidade de possibilidades.

- 4- A idade interfere na escolha tipográfica?

Sim.

- 5- Em relação à legibilidade dos textos, existe algum critério que você segue para escolha tipográfica para auxiliar a leitura dos textos pelas crianças?

Em relação à fonte serifada ou sem serifa: não. Não acho que importa tanto assim.

6- Em relação à diagramação, existe mais liberdade de acordo com determinada faixa etária?

Sim, quanto maior a criança, mais texto e mais possibilidades na diagramação.

7- Você encontrou dificuldade para entender algum conceito do manual? Caso afirmativo, qual/is é/são este conceito?

Achei o começo do manual um pouco confuso, com conceitos um pouco polêmicos e sem explicação de onde vêm, de como se chegou nisso... Depois achei claro.

8- Existe alguma característica tipográfica que ficou mal explicada? Ou então que faltaram informações para realizar determinada tarefa: como escolher o tamanho certo do caractere ou tamanho dos ascendentes e descendentes.

Eu achei claro.

9- Existe alguma característica tipográfica que você acredita não constar no manual? Caso afirmativo, qual/is é/são ela/s?

Não.

10- Você gostaria de colocar alguma informação importante nesse manual? Caso afirmativo, qual/is é/são ela/s?

Não.

Sinto falta de exemplos, livros que foram muito bem sucedidos e são paradigmas pro mundo dos livros infantis.

11- Para finalizar, gostaria de saber quais são os aspectos positivos e negativos do manual?

Achei interessante. Na verdade como foi demonstrado não há um consenso em relação ao uso tipográfico em livros infantis.

Mas aponta caminhos muito interessantes e que são proveitosos.

Abaixo segue o questionário do designer e ilustrador **Daniel Bueno**:

1- Quando você diagrama um livro literário voltado para as crianças, recorre a algum tipo de material de apoio (livros, revistas, artigos...)? Caso afirmativo, qual/is?

Assim como no ato de criar ilustrações, ao conceber o projeto gráfico de uma publicação e diagramar não é raro eu folhear livros para buscar inspiração. Nesses casos, recorro aos diversos livros e revistas que tenho em casa, de artes, design, ilustração, e é claro, livros infantis.

Não tenho o costume de consultar livros técnicos e teóricos na hora de diagramar, mas é evidente que leio eventualmente obras sobre tipografia e design, como “O tipo da gráfica” (Claudio Ferlauto), “Livro Infantil?” (Guto Lins), “Elementos do estilo tipográfico” (Robert Bringhurst), “O design do livro” (Richard Hendel), “Novos Fundamentos do Design” (Ellen Lupton e Jenifer Cole Philips)etc.

2- Qual a sua opinião em relação à criação de um manual específico para tipografia voltado às crianças?

É pertinente e será útil, pois a tipografia voltada para livros infantis ainda é assunto pouco difundido.

3- Você poderia relatar qual o seu processo de escolha tipográfica para livros de literatura infantil?

Busco adequação ao conjunto do projeto gráfico, ou seja, procuro escolher uma fonte que leve em consideração o projeto e aspectos que o definiram: a faixa etária, o tom (leve ou pesado, sóbrio ou divertido, etc), peculiaridades do tema e do texto (como por exemplo, um período histórico citado no texto, um movimento ou postura ideológica, características dos personagens e do ambiente em que se encontram etc), a diagramação (cheios e vazios, o modo como o texto se relaciona com a página e imagens).

#### 4- A idade interfere na escolha tipográfica?

Sim. Mas no meu caso nunca fiz um livro para o público mais novo, até 6 anos. Costumo ilustrar livros infanto-juvenis, e os livros infantis que elaborei foram, de modo geral, feitos para crianças mais velhas, de 10, 11 anos.

#### 5- Em relação à legibilidade dos textos, existe algum critério que você segue para escolha tipográfica para auxiliar a leitura dos textos pelas crianças?

Fico atento ao tamanho da tipografia, da linha e às quebras de linha. Existem momentos especiais também, como quando a história pede que o texto e a fonte apareçam de modo inusitado: mais de uma vez, já desenhei à mão as letras para compor uma frase importante de uma história (histórias essas que tinham relação com o universo escolar e com questões de escrita).

Não acho que exista uma regra muito rígida quanto ao uso de serifa, cada caso é um caso. Sei que artistas gráficos de formação moderna como o Ziraldo são contrários ao uso de serifa, por exemplo. Mas no livro “Um Garoto chamado Rorbeto”, de Gabriel o Pensador – ilustrado por mim, e com design da Cosac Naify – a escolha foi por uma fonte serifada (Filosofia), que se mostrou bastante legível pelo modo leve como foi diagramada nas páginas, sempre integrada às ilustrações. O manual pontua de modo muito interessante as diversas posturas e aspectos da legibilidade em fontes serifadas e sem serifa.

#### 6- Em relação à diagramação, existe mais liberdade de acordo com determinada faixa etária?

Existe um tipo de liberdade peculiar encontrado em muitos livros infantis que decorre da pouca quantidade de texto e da grande presença da ilustração: de algum modo, tais livros abrem oportunidade para uma diagramação bem solta, com as palavras interagindo com as ilustrações. Mas é questionável concluirmos que o livro para os mais pequenos tenha maior liberdade de diagramação. Publicações para crianças mais velhas podem ter maior quantidade de texto, mas propiciam caminhos para

novos tipos de experimentação – livres de algumas preocupações de legibilidade para crianças pequenas.

7- Você encontrou dificuldade para entender algum conceito do manual?  
Caso afirmativo, qual/is é/são este conceito?

Não. O livro expõe tudo de modo claro.

8- Existe alguma característica tipográfica que ficou mal explicada? Ou então que faltaram informações para realizar determinada tarefa: como escolher o tamanho certo do caractere ou tamanho dos ascendentes e descendentes.

Não.

9- Existe alguma característica tipográfica que você acredita não constar no manual? Caso afirmativo, qual/is é/são ela/s?

Não identifiquei.

10-Você gostaria de colocar alguma informação importante nesse manual?  
Caso afirmativo, qual/is é/são ela/s?

Faltou, talvez, abordar um pouco no assunto “diagramação” a relação com o conjunto do livro, o livro como objeto, a relação entre as páginas, as possibilidades na sucessão de páginas.

11-Para finalizar, gostaria de saber quais são os aspectos positivos e negativos do manual?

O manual é claro e de modo geral bem organizado, mas em determinados momentos poderia ser mais conciso, ou dar um espaço mais sutil a alguns aspectos bastante elementares e mais destaque às questões mais complexas.

Também pode ser interessante esmiuçar ainda mais o assunto das tipografias caligráficas, especialmente as elaboradas a partir da escrita cursiva, pois sei que determinadas linhas educacionais – aplicadas em

algumas escolas – começaram a educar as crianças pequenas com a letra de forma para posteriormente introduzirem a letra cursiva.

## APÊNDICE C- Modelo de questionário utilizado para realizar o experimento

### Dados do entrevistado

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Profissão:

### QUESTIONÁRIO

1- Qual o seu nível de atuação com diagramação e tipografia?

( ) Nenhum                      ( ) Esporádico                      ( ) Freqüente

2- É a primeira vez que você diagrama um texto voltado para o público infantil? Qual o nível de dificuldade que você encontrou?

3- Em relação à primeira parte do teste, que consistiu na diagramação da página do livro sem a leitura do guia, como você se sentiu? Marque com x nos espaços.

|                       | + | +/- | - | <b>N</b> | - | +/- | + |                        |
|-----------------------|---|-----|---|----------|---|-----|---|------------------------|
| <b>Mais criativo</b>  |   |     |   |          |   |     |   | <b>Menos criativo</b>  |
| <b>Mais confiante</b> |   |     |   |          |   |     |   | <b>Menos confiante</b> |
| <b>Pressionado</b>    |   |     |   |          |   |     |   | <b>Relaxado</b>        |
| <b>Com medo</b>       |   |     |   |          |   |     |   | <b>Com coragem</b>     |

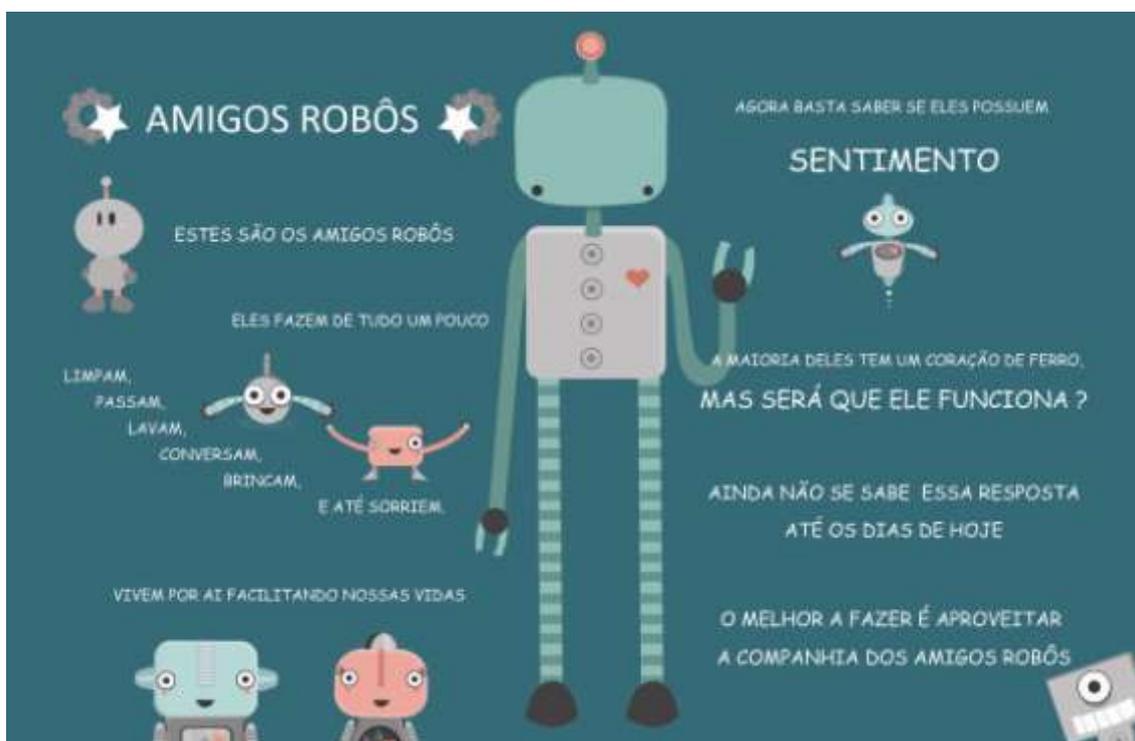


- 7- De forma geral, qual a sua opinião sobre o guia com recomendações tipográficas? Você acredita que o material te auxiliou ou prejudicou a tarefa? Justifique.

## APÊNDICE D- Resultado das páginas diagramadas dos participantes do experimento

- GRUPO 1 (Grupo que atua com diagramação esporadicamente)

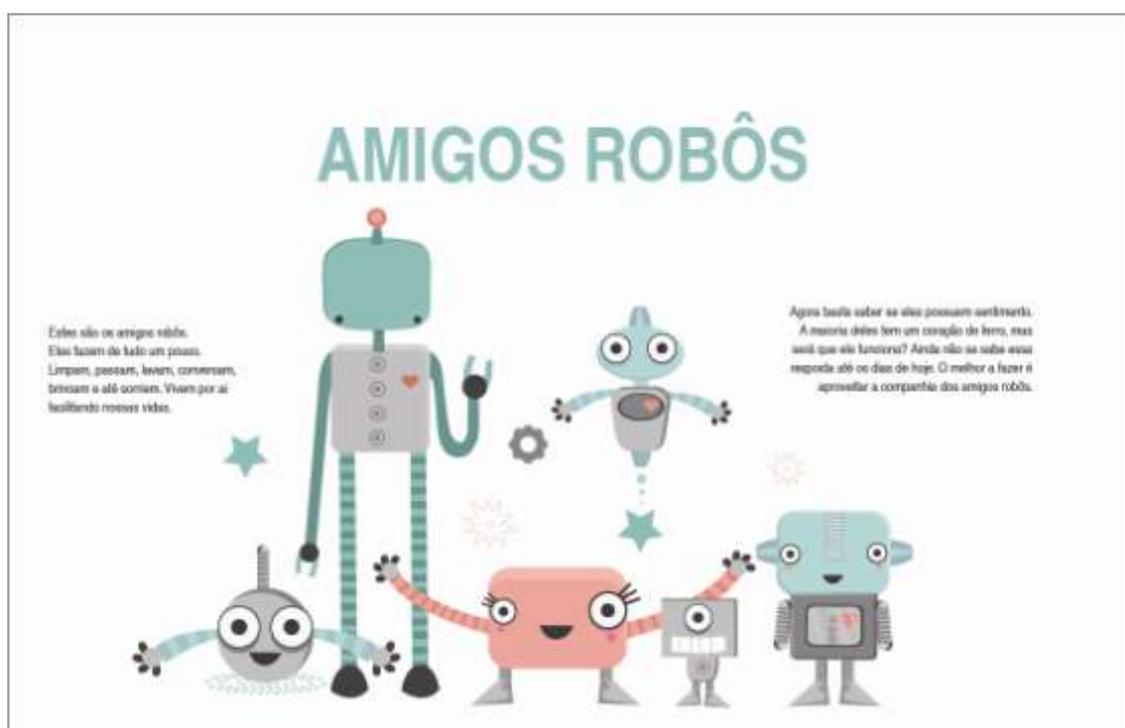
1ª Parte do teste (sem a leitura do guia com recomendações tipográficas).



2ª Parte do teste (com a leitura do guia com recomendações tipográficas).



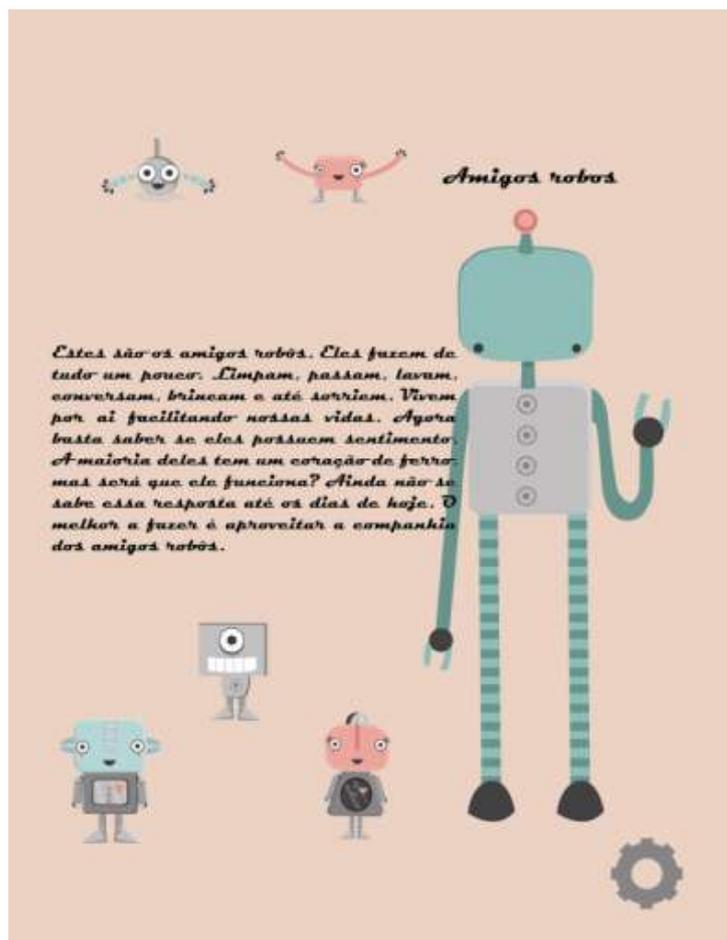
1ª Parte do teste (sem a leitura do guia com recomendações tipográficas).



2ª Parte do teste (com a leitura do guia com recomendações tipográficas).



**1ª Parte do teste** (sem a leitura do guia com recomendações tipográficas).



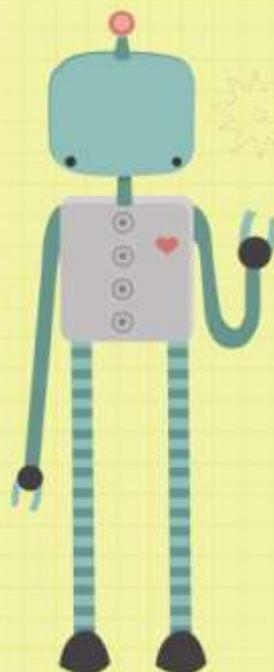
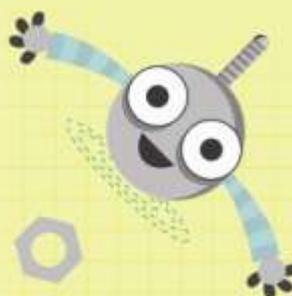
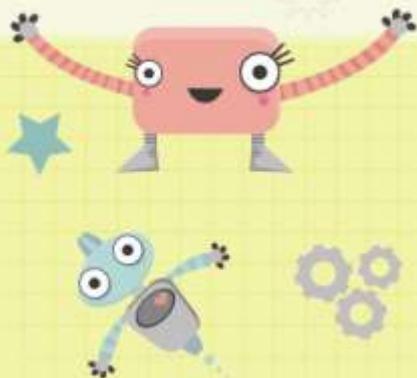
## 2ª Parte do teste (com a leitura do guia com recomendações tipográficas).



## 1ª Parte do teste (sem a leitura do guia com recomendações tipográficas).

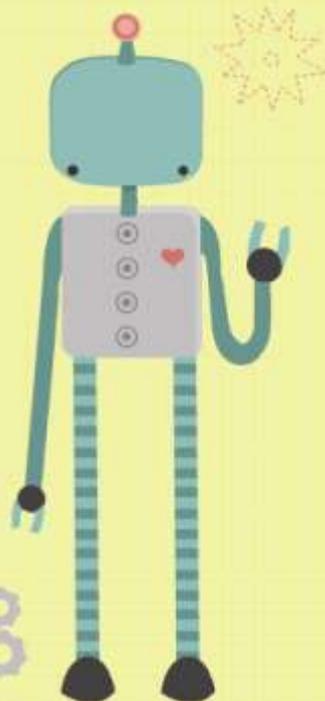
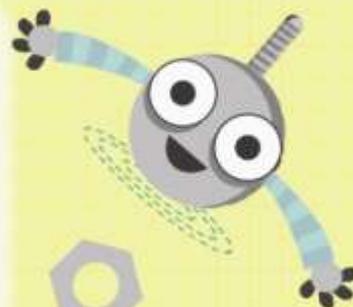
### Amigos Robôs

Estes são os amigos robôs. Eles fazem de tudo um pouco. Limpam, passam, lavam, conversam, brincam e até sorriem. Vivem por aí facilitando nossas vidas. Agora basta saber se eles possuem sentimento. A maioria deles tem um coração de ferro, mas será que ele funciona? Ainda não se sabe essa resposta até os dias de hoje. O melhor a fazer é aproveitar a companhia dos amigos robôs.



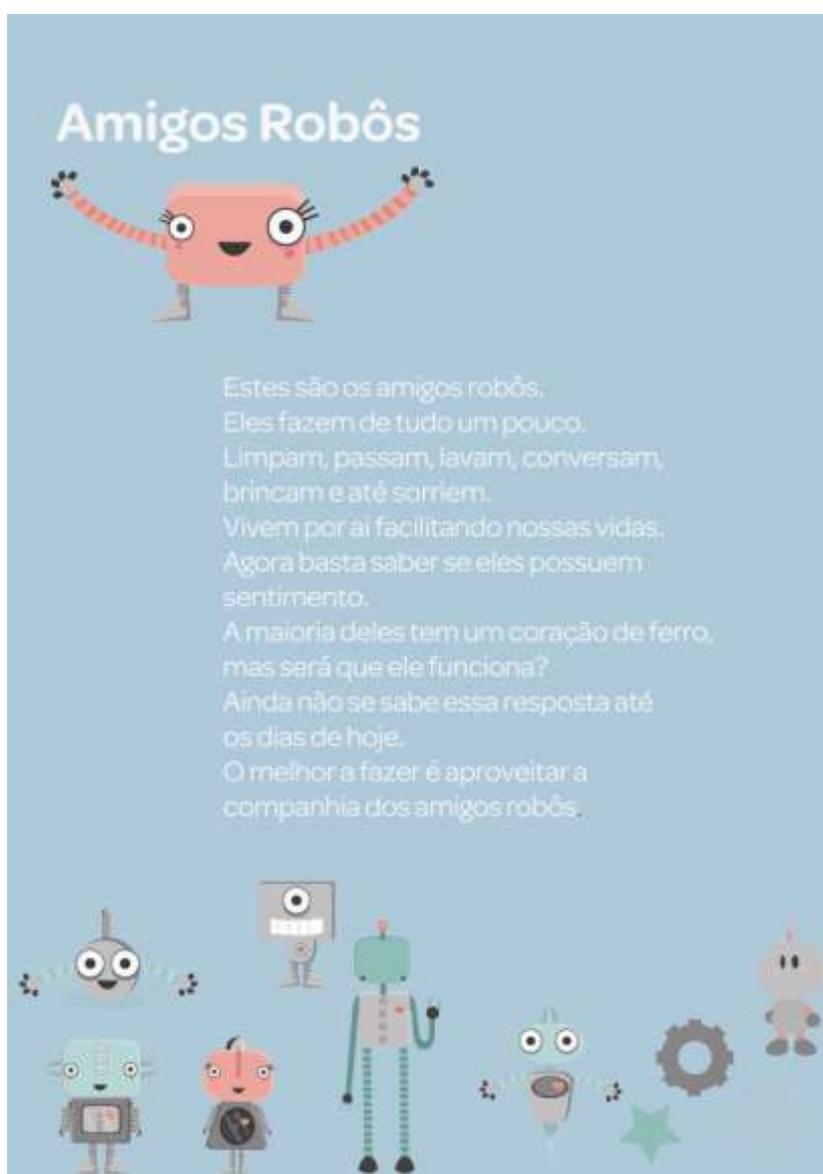
### Amigos Robôs

Estes são os amigos robôs. Eles fazem de tudo um pouco. Limpam, passam, lavam, conversam, brincam e até sorriem. Vivem por aí facilitando nossas vidas. Agora basta saber se eles possuem sentimento. A maioria deles tem um coração de ferro, mas será que ele funciona? Ainda não se sabe essa resposta até os dias de hoje. O melhor a fazer é aproveitar a companhia dos amigos robôs.

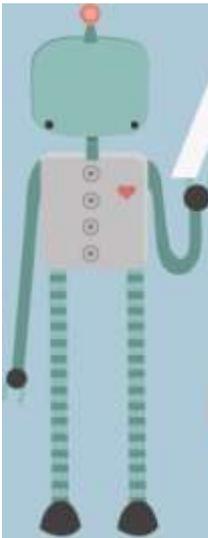


- GRUPO 2 (Grupo que atua com diagramação freqüentemente)

**1ª Parte do teste** (sem a leitura do guia com recomendações tipográficas).



**2ª Parte do teste** (com a leitura do guia com recomendações tipográficas).



# Amigos Robôs

Estes são os amigos robôs.



**Eles fazem de tudo um pouco.**

Vivem por aí facilitando nossas vidas.



**Limpam, passam, lavam, conversam, brincam e até sorriem.**

Agora basta saber se eles possuem sentimento.



A maioria deles tem um coração de ferro, mas será que ele funciona?

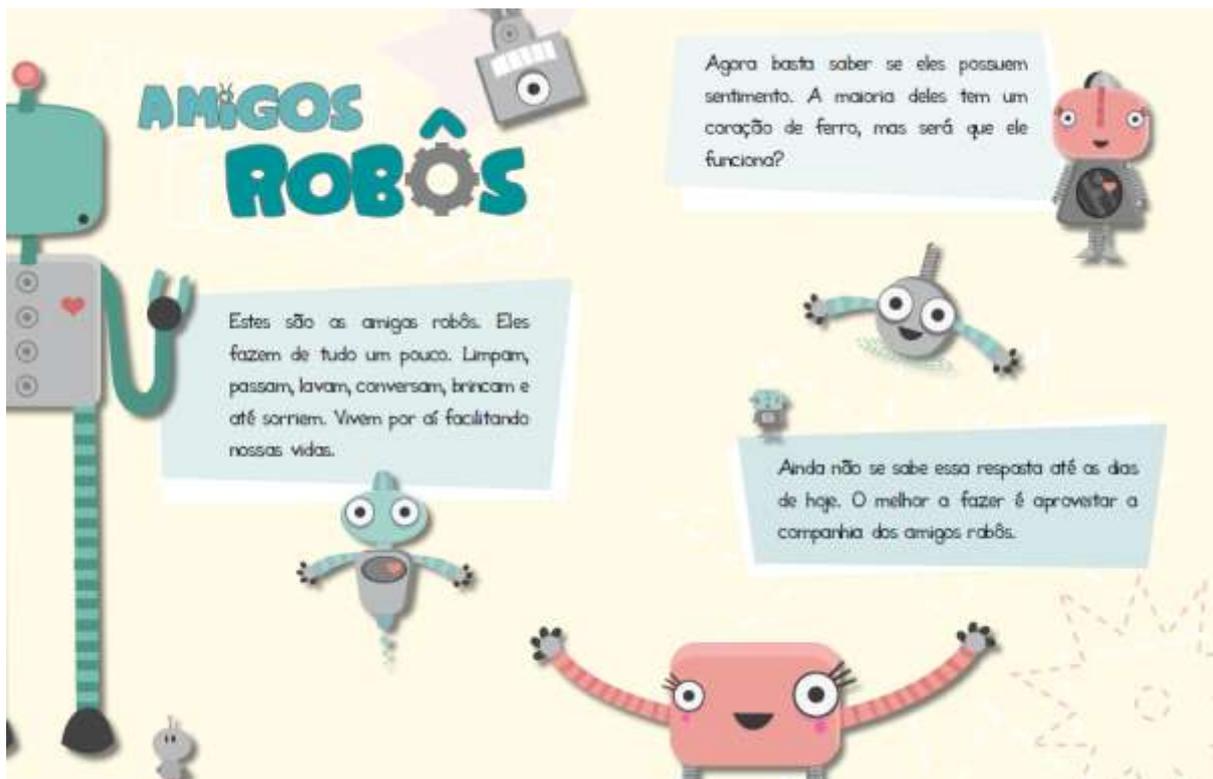
**Ainda não se sabe essa resposta até os dias de hoje.**



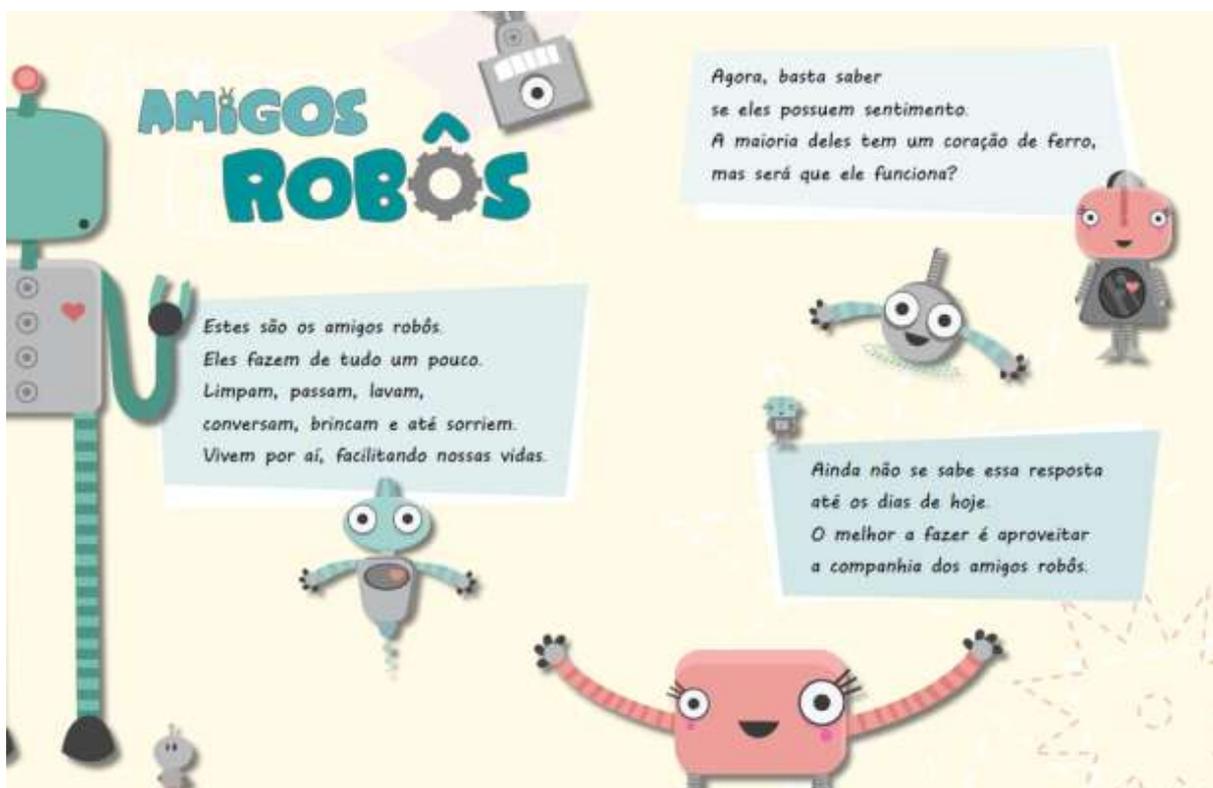

O melhor a fazer é aproveitar a companhia dos amigos robôs.



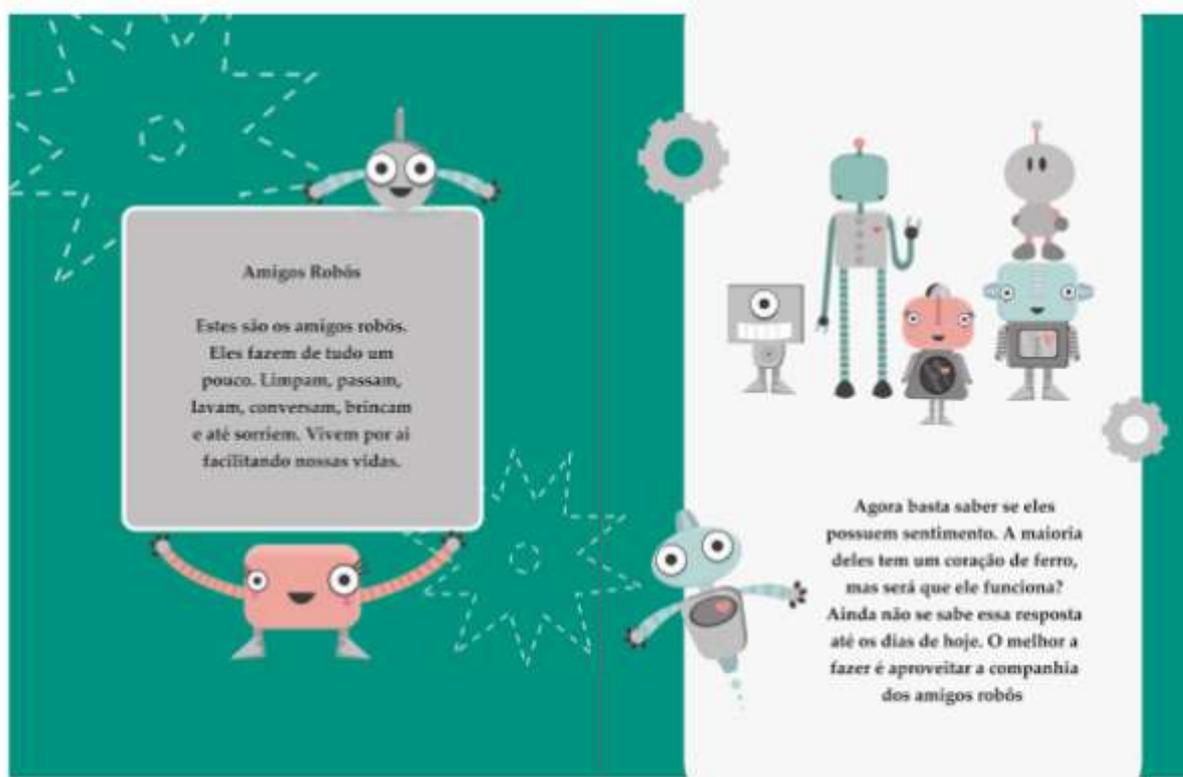
**1ª Parte do teste** (sem a leitura do guia com recomendações tipográficas).



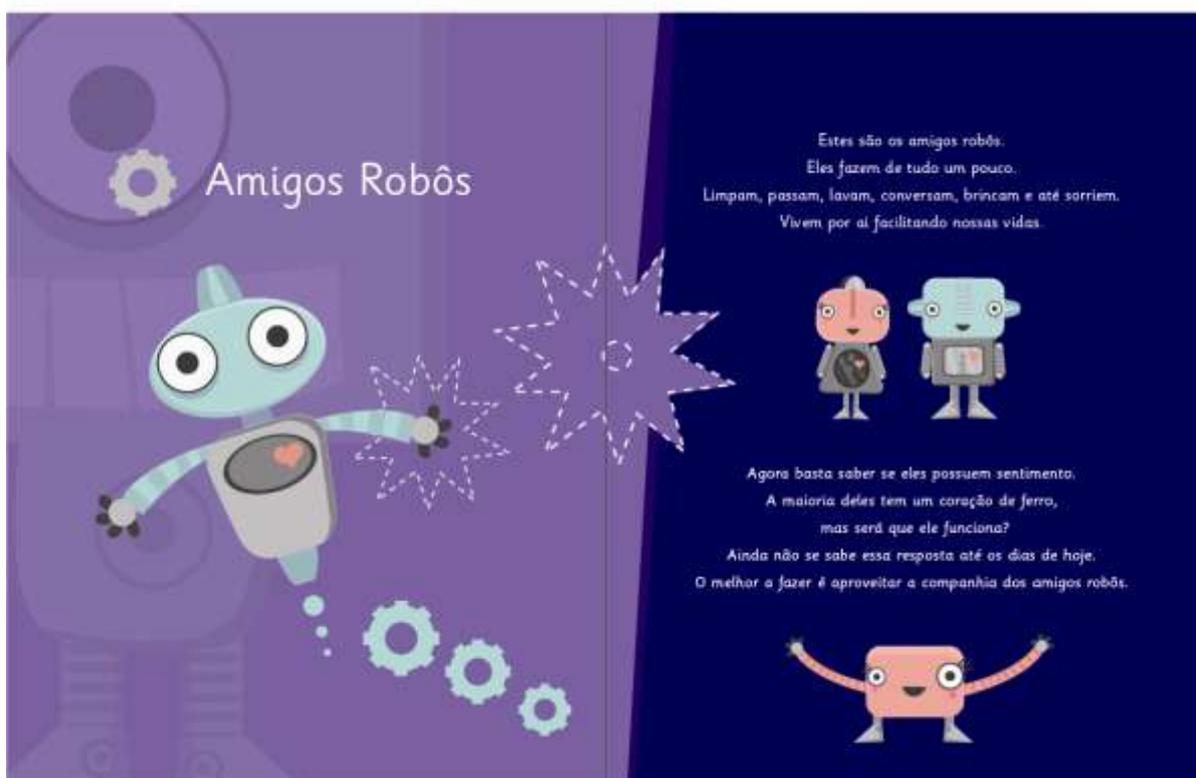
**2ª Parte do teste** (com a leitura do guia com recomendações tipográficas).



**1ª Parte do teste** (sem a leitura do guia com recomendações tipográficas).



2ª Parte do teste (com a leitura do guia com recomendações tipográficas).



1ª Parte do teste (sem a leitura do guia com recomendações tipográficas).

## Amigos Robôs

Estes são os amigos robôs.

Eles fazem de tudo um pouco.

Limpam, passam, lavam, conversam, brincam e até sorriem.

Vivem por aí facilitando nossas vidas.

Agora basta saber se eles possuem sentimento.

A maioria deles tem um coração de ferro, mas será que ele funciona?

Ainda não se sabe essa resposta até os dias de hoje.

O melhor a fazer é aproveitar a companhia dos amigos robôs.



**2ª Parte do teste** (com a leitura do guia com recomendações tipográficas).

